

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**OS CONFLITOS HOMOFÓBICOS NA ESCOLA E A
TEORIA DO RECONHECIMENTO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

GRASIELA CRISTINE CELICH DANI

Santa Maria, RS, Brasil

2011

OS CONFLITOS HOMOFÓBICOS NA ESCOLA E A TEORIA DO RECONHECIMENTO

Grasiela Cristine Celich Dani

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa Práticas Escolares e Políticas Públicas, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha

Santa Maria, RS, Brasil

2011

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a dissertação de mestrado

**OS CONFLITOS HOMOFÓBICOS NA ESCOLA E A TEORIA DO
RECONHECIMENTO**

Elaborada por

Grasiela Cristine Celich Dani

Como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação

COMISSÃO EXAMINADORA

Jorge Luiz da Cunha, Dr. (UFSM) (Presidente/Orientador)

Fabiana Marion Spengler, Dr^a. (UNISC)

Elisete Medianeira Tomazetti, Dr^a. (UFSM)

Amarildo Luiz Trevisan, Dr. (UFSM) (Suplente)

Santa Maria, RS, Brasil, 06 de setembro de 2011

Dedicatória

Dedico este trabalho para:

minha mãe, Lúcia, que trabalha com a conflitolgia e violências na escola;

meus avós, Filippo (*in memoriam*) e Lisabella, que sempre me apoiaram;

minha namorada, Tatiana, que gostou da Teoria do Reconhecimento;

meu tio, Miguel, que sempre me ajudou;

meus primos, Caroline e Guilherme, pelas nossas filosofias.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é dar; ser grato é dividir. Esse prazer que devo a você não é apenas para mim. Essa alegria é a nossa. Essa felicidade é a nossa. [...] O que a gratidão dá? Ela dá a si mesma: como um eco de alegria, dizia eu, pelo que ela é amor, pelo que ela é partilha, pelo que ela é dom. É prazer somado ao prazer, felicidade somada à felicidade, gratidão somada à generosidade (COMTE-SPONVILLE, 2004, p.146).

Agradeço, primeiramente, a mim mesma e também:

- à minha família, que sempre esteve ao meu lado e me apoiou;
- ao meu orientador, prof. Jorge, que conhece e reconhece meu trabalho;
- aos membros da banca: prof^a Fabiana, prof^a Elisete e Prof. Amarildo por terem aceitado partilhar deste trabalho;
- à colega Juliana, por ter aplicado os questionários;
- à Coruja de Minerva, que alça seu voo na escuridão e encontra a luz.

Coruja de Minerva

*Ó bela Coruja,
Companheira de Minerva,
Que espera o crepúsculo
Para seu voo alçar.
Linda tempestade provoca,
Na alma escura da humanidade.
Desafia ela a amar,
Que não desejando,
Tenta escapar.
Mas seus olhos a perseguem.
Não há como fugir.
Você adentra no coração,
Expulsa a escura alma
Que sucumbe ao mal
Criado por ela mesma.
Espaço há, Coruja!
Que, agora, habitante de meu ser,
Deixa entrar Minerva,
Neste amanhecer.
Agora, que há luz,
Descansa em seu ninho,
Esperando o próximo crepúsculo,
Para seu voo continuar.*

Grasiela Cristine Celich

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria

OS CONFLITOS HOMOFÓBICOS NA ESCOLA E A TEORIA DO RECONHECIMENTO

AUTORA: GRASIELA CRISTINE CELICH DANI

ORIENTADOR: JORGE LUIZ DA CUNHA

Data e Local da Defesa da Dissertação: Santa Maria, 06 de setembro de 2011

A presente dissertação trata acerca dos “Conflitos homofóbicos na escola, e a teoria do reconhecimento”. Pertence à linha de pesquisa “Práticas Escolares e Políticas Públicas” do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Tal dissertação tem por objetivo discutir de que modo a teoria do reconhecimento pode contribuir para compreender e solucionar os conflitos homofóbicos na escola, entre alunos do Ensino Médio. Para alcançar tal proposta temática, optou-se pelo método interativo, fundado no processo dialético-hermenêutico. Como instrumento de pesquisa, tem-se a aplicação de um questionário para coletar a opinião dos estudantes do Ensino Médio acerca da homoafetividade, do preconceito, da homofobia, bem como sobre o reconhecimento dos homossexuais, com o intuito de solucionar os conflitos homofóbicos. Cabe mencionar que os resultados da pesquisa são avaliados tomando por base uma abordagem qualitativa e quantitativa. Na análise dos dados, é possível verificar como a homofobia se forma. Com base nisso, é mostrada maneiras de como o conflito homofóbico escolar pode ser trabalhado e enfrentado, com o intuito de compreendê-lo e solucioná-lo. Sendo assim, conclui-se a dissertação com uma resposta positiva ao que tange à tentativa de solucionar os conflitos homofóbicos na escola. Tal tentativa é possível pela teoria do reconhecimento de Hegel (2008) e Honneth (2009).

Palavras-chave: Homoafetividade. Conflitos Homofóbicos. Reconhecimento. Educação. Direitos.

ABSTRACT

Master Dissertation
Post-Graduate Program in Education
Universidade Federal de Santa Maria

HOMOPHOBIC CONFLICTS IN SCHOOL, AND THE THEORY OF RECOGNITION

AUTHOR: GRASIELA CRISTINE CELICH DANI
HOMING: JORGE LUIZ DA CUNHA

Date and Place of Defense of Dissertation: Santa Maria, 06 of September of 2011

The present dissertation talks about “Homophobic conflict in school, and the theory of recognition”. It belongs to the research line “Scholastic Practices and Public Policies” of the Post-Degree Program in Education of the Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Such dissertation has as a goal to discuss in which way the theory of recognition can contribute for the understanding and solution of homophobic conflicts in school, among High School students. In order to achieve such thematic propose it was chosen the interactive method, founded on the dialectic-hermeneutical process. As a research tool, it is used the application of a questionnaire to collect the opinion of High School students concerning homoaffection, prejudice, homophobia, as well as the recognition of the homosexuals, with the intention of solving the homophobic conflicts. It’s important to mention that the results of the research are evaluated taking in consideration a qualitative and quantitative approach. In the data analyses, it is possible to ascertain how the homophobia is formed. Based on that, it is shown ways of how the scholastic homophobic conflict can be worked and confronted, with the intention of comprehending and solving it. Thus, it is possible to conclude the dissertation with a positive response when it comes to the attempt of solving homophobic conflicts in school. Such attempt is possible through the theory of recognition of Hegel (2008) and Honneth (2009).

Keywords: Homo-affection. Homophobic conflicts. Recognition. Education. Rights.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1 DOS MÉTODOS: MOLDANDO A PESQUISA	17
1.1 Tema.....	17
1.2 Questões de pesquisa	18
1.3 Explicação dos termos da pesquisa	18
1.4 Método eleito	21
1.5 Instrumento da pesquisa.....	22
1.6 O contexto e os colaboradores da pesquisa	23
2 DA CERTEZA SENSÍVEL: O CASO OUROBOROS	26
2.1 De Hegel a Honneth: uma reatualização da teoria do reconhecimento.....	26
2.2 A falsa verdade	29
2.3 O conflito	40
2.4 A violência	55
2.5 Diversidade e igualdade: uma proposta de atividade	62
3 DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA; CONSCIÊNCIA-DE-SI	73
3.1 O oposto	73
3.2 A passagem para o oposto	76
3.3 O mundo invertido	88
3.4 Uma atividade: colocando-se no lugar do outro	92
4 DA LEI SINGULAR À LEI UNIVERSAL	108
4.1 A lei	108
4.2 O princípio do espírito: início da construção da identidade social	114
4.3 Da lei de um coração à lei de todos os corações	133
4.4 Reconhecendo a lei universal: respeitando as diferenças	141
5 RECONHECENDO CONCEITOS: BUSCANDO CONSOLIDAÇÕES	148
5.1 A alienação espiritual	148
5.2 O encontro do conceito através das potências do Bem e do Mal	151
5.3 A confissão	158

5.4 Fé e inteligência: exercitando questionamentos	163
6 A MORAL	169
6.1 A representação da consciência moral	169
6.2 A dissimulação	176
6.3 O agir: a mudança	181
6.4 Agir para reconhecer: uma atividade	187
7 A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE ESPIRITUADA	189
7.1 A revolta	189
7.2 No panteísmo de espíritos, ninguém quer ser animal	195
7.3 O artesão constrói o cristal	202
7.4 A realidade espirituada	208
8 A RECONCILIAÇÃO	219
8.1 O representar	219
8.2 Da morte ao novo espírito	223
8.3 Da rememoração à infinitude	227
CONSIDERAÇÕES FINAIS	232
REFERÊNCIAS	237
ANEXO A – Questionário.....	241
ANEXO B – Termo de Esclarecimento da Pesquisa.....	244
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	246

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade hodierna parece ter muita preocupação em aventar sobre a igualdade, dignidade e cidadania dos indivíduos. Nessas discussões e exposições, prima por respeito a todos, não deseja nenhum tipo de exclusão e marginalização. As pessoas dizem que não se deve discriminar ninguém, seja lá qual for o motivo, que não se deve alimentar preconceitos, entre outras palavras.

Apesar de tais exposições, parece que esta mesma sociedade, quando se depara em conceder direitos, em acolher, em respeitar e fazer com que os vários grupos minoritários fiquem longe de discriminações, inclusive, os homossexuais, está muito distante disso. Parece que os homossexuais não têm direito à dignidade, igualdade e cidadania, ficando longe de marginalização como quaisquer outras pessoas.

Se ocorrem situações de desrespeito para com os homossexuais na sociedade, na escola isso não é diferente. Ou seja, no ambiente escolar existe preconceito contra os homossexuais e, como consequência, há discriminação. Este tipo de discriminação é denominado homofobia.

Diante do exposto, tal trabalho versa acerca do tema homofobia na escola. A escolha por este assunto provém de dois motivos: o primeiro deles é a minha¹ vida escolar; o segundo, as pesquisas realizadas ao longo da graduação.

Principio a falar de minha vida escolar. Lembro que entrei na escola com quatro anos de idade, em 1990. Até o ano de 1994, pelo que recordo, não tive grandes problemas. Porém, quando estava na quarta série do primeiro grau (atualmente Ensino Fundamental), no ano de 1995, comecei a sofrer o que hoje se conhece por *bullying*, por parte dos colegas de aula. Estudava no turno da manhã e das 7h40min (horário de entrada) até às 12 horas (horário de saída) sofria gozações dos colegas. Isso perdurou até o ano de 1998. Para mim, ir para a escola e estar nela tornou-se um sacrifício e um suplício imenso. Como se não bastasse o *bullying* por parte dos colegas, a equipe diretiva nada fazia a respeito.

A partir disso calei-me. Fui ficando introvertida e muito tímida. Talvez por isso passei a detestar ir para a escola e, ainda, odiar a própria escola. Opinião esta que mantenho até hoje. Porém, mesmo passando por tudo que passei dentro da escola, tive de continuar

¹ Coloca-se na primeira pessoa do singular, posto que, será exposto fatos e vivências pessoais na escola. Porém, ao longo da dissertação, utilizar-se-á a terceira pessoa do singular.

freqüentando-a, pois era o único modo de “ser alguém na vida”, como se dizia. Foi uma espécie de obrigação. A escola, para mim, foi a época mais triste e infeliz da minha vida.

Anos mais tarde, já no Ensino Médio, entre os anos de 2000 e 2002, voltei a sofrer *bullying* por parte dos colegas de aula: desta vez por ser tímida e muito calada. Lembro-me de que passava os intervalos das aulas na biblioteca lendo, pois se ia aonde os colegas estavam, sofria mais gozações, além das que tinha que ouvir dentro da sala de aula. Novamente a escola, em nada me ajudou. A equipe diretiva não dava a mínima atenção, argumentando que as gozações que sempre sofri eram “brincadeiras de criança”. Isso me fez odiar mais ainda a escola.

Recordo-me que quando as aulas iniciavam, eu começava a ir contando os dias que faltavam para as férias. As férias eram a coisa mais maravilhosa que podia existir, somente porque eu não precisava ir à escola. Quando chegou o último dia de aula do Ensino Médio, em algum dia do mês de dezembro de 2002, senti muita alegria e felicidade. Eu estava livre da escola! Livre no sentido de que não precisa mais ver aqueles colegas que tanto me prejudicaram, livre também porque estava livre da equipe diretiva que nunca me ouvira e também porque não precisava mais voltar àquele lugar.

Um ano depois de ter terminado o Ensino Médio, em 2004, ingressei na faculdade de Direito. A época da graduação, se comparada à escola, foi muito boa. Pelo menos não passei pelo tão conhecido *bullying*.

Durante o tempo da faculdade (2004-2009) dediquei-me a realizar dois projetos de pesquisa. Um deles versava sobre a violência doméstica contra a criança na cidade de Santa Maria. Desenvolvi esse projeto durante os anos de 2004 e 2005, entretanto, resolvi concluí-lo, pois durante a coleta de dados, todos os dados estavam relacionados com a área de Direito Penal; área esta que, pelo fato de dar muitos benefícios aos que cometem crimes, não me chamava a atenção.

Concluindo este projeto, é que iniciei, em 2006, o meu segundo projeto de pesquisa, desta vez na área de Direito Civil, mais especificamente, Direito de Família. Esse novo projeto versava acerca das uniões homoafetivas. Desenvolvi-o até o ano de 2008, quando optei por tratar sobre a possibilidade jurídica do casamento homoafetivo no Brasil, em minha monografia de graduação.

Esse tema (uniões homoafetivas) surgiu, incrivelmente, de dois ambientes com os quais eu não tinha nenhuma afinidade. Poderia dizer que foi a antítese da minha vida. Tais ambientes, por coincidência ou não, são a escola e uma aula de Direito Penal sobre excludentes de ilicitude, no terceiro semestre da faculdade. O papel da escola foi no segundo

ano do Ensino Médio, quando descobri a homossexualidade. Já o papel da aula de Penal foi por eu ter ficado das 8 h até as 11 h15 min de uma sexta-feira ouvindo sobre as tais excludentes. Faltavam uns 20 minutos para o término da aula, quando decidi ir embora. Porém, não saí da faculdade aquele dia. Fui à biblioteca. Neste lugar, olhando alguns livros, encontrei um de Direito de Família, de autoria de Maria Berenice Dias, cujo título era: “União Homoafetiva: o Preconceito & a Justiça”.

Lendo esse livro, tive a ideia de desenvolver o segundo projeto de pesquisa, mencionado acima. Com esse projeto, coletei dados mediante um questionário, para saber a opinião de juristas acerca da união e do casamento homoafetivo, propriamente dito. O questionário continha 17 afirmativas sobre tais uniões, partindo de assuntos como direito, justiça, fatos históricos, religiosos e psicologia. Esse questionário foi respondido por 268 acadêmicos do Curso de Direito, sendo que somente seis responderam ao questionário da forma que eu mesma faria caso estivesse respondendo-o. Constatei que o preconceito era muito grande e, por isso, preferi trabalhar com tais dados no trabalho de conclusão de curso.² Desse modo, concluí o Curso de Direito, mas antes mesmo de concluí-lo, já pensava em fazer mestrado. Tentei, desde 2008, encontrar algo na área do Direito, mas, absolutamente, nada me vinha à mente, não encontrava um jeito de fazer um projeto. Foi assim que ao ler em um jornal acerca da homofobia escolar, no ano de 2009, tive a ideia de fazer o mestrado em Educação.

A escolha por tal curso se deu pela minha própria experiência de vida: pelo *bullying* sofrido durante o período escolar, embora ele não fosse por eu ser homossexual, como também pelo trabalho de pesquisa desenvolvido ao longo da graduação em Direito. Ao final de 2009 ingressei no curso de mestrado em Educação. Durante a realização do mestrado desenvolvi um projeto sobre a homofobia na escola, com base na teoria do reconhecimento de Hegel (2008) e Honneth (2009), visando à solução dos conflitos homofóbicos na escola.

A escolha por Hegel (2008) e Honneth (2009) proveio da sugestão de uma examinadora de minha monografia, que me sugeriu, para que eu ampliasse meus estudos, ler Axel Honneth, mais especificamente a obra: *Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Lendo esse livro, encontrei *A Fenomenologia do Espírito*, de Hegel. Esses autores, portanto, embasam este trabalho.

² Celich (2011).

Diante disso, cabe mencionar que foi realizada uma pesquisa no site do IBICT,³ mais especificamente na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, com o intuito de procurar trabalhos acerca do tema homofobia na escola. Ali foram encontrados 13 documentos, dentre os quais, cita-se, logo abaixo, alguns para o presente trabalho. Entretanto, dentre eles, não foi encontrado nenhum que tenha como base a teoria do reconhecimento de Hegel (2008) e Honneth (2009) na solução de conflitos homofóbicos na escola. Este trabalho trata-se também de um tema único e, portanto, não pesquisado e nem desenvolvido em outras investigações até o presente momento.

Como explicitado, apresentar-se-ão, a seguir, algumas pesquisas (teses e dissertações) acerca do tema homofobia na escola, que foram realizadas em muitas universidades brasileiras. Joca (2008) debateu acerca do

Desenvolvimento de práticas educativas de reconhecimento e defesa da identidade de gênero e da diversidade sexual, [procurando] contribuir para a constituição de uma educação sexual escolarizada de enfrentamento à homofobia, no sentido de pensar práticas educativas que proporcionem relações sociais positivas com LGBTTT no ambiente escolar.

Na investigação realizada por Souza (2008), o autor se preocupou em olhar os conflitos interpessoais na escola, a partir da perspectiva de gênero, pesquisando também sobre os sentimentos dos indivíduos que sofrem e/ou que presenciam situações de discriminação contra homossexuais na escola.

Longaray (2010, p. 7) analisou, em sua dissertação, as “narrativas de adolescentes sobre a diversidade sexual e de gênero”, na qual procurou

Problematizar a homofobia como uma construção social, cultural e histórica [...] buscando compreender em que medida os/as adolescentes participantes da pesquisa não sendo interpelados pelos discursos acerca da diversidade sexual e de gênero, enfatizando a importância dessa discussão no espaço escolar. [...] para a formação dos sujeitos e de suas identidades.

No mesmo sentido, Quartiero (2009), em sua investigação, aduz que, na escola, há “diferentes discursos [...] para manter o diferente em um lugar distanciado”. Deste modo, há sempre uma regra a ser seguida: a de que todas as pessoas devem ou deveriam ser heterossexuais. A autora aduz, ainda, que, mesmo o poder judiciário tendo deferido direitos aos homossexuais, a escola se apropria de tal discurso para tentar acabar com as diferenças,

³ IBICT: Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia. Tem por objetivo “promover a competência, o desenvolvimento de recursos e a infra-estrutura de informação em ciência e tecnologia para a produção, socialização e integração do conhecimento científico-tecnológico do Brasil”. Cabe mencionar que a “Biblioteca Digital de Teses e Dissertações utiliza as mais modernas tecnologias do Open Archives e integra os sistemas de informação de teses e dissertações nas instituições de ensino e pesquisa brasileiras.” Além disso, o IBICT é reconhecido pela CAPES e CNPq. (Fonte: <http://www.ibict.br/secao.php?cat=0IBICT>. Acesso em: 04 set. 2010).

dizendo que todos têm direito à escolarização. Nesse viés, parece que a escola inclui o homossexual na esperança de que ele “aprenda a ser normal”.

Por outro lado, Silva (2010, s.p.), em sua tese, estudou

A noção de respeito aos direitos humanos, presentes nas políticas públicas de educação, [...] em relação à garantia do reconhecimento do direito à não discriminação das diferenças sexuais no espaço escolar. [...] [ainda assim, fala sobre] o reconhecimento cultural [...] a defesa simultânea dos direitos à igualdade e à diferença.

Com base nesses trabalhos, é pertinente dizer que a presente dissertação, para avançar nos estudos acerca da homofobia nas escolas, traz como discussão a solução dos conflitos homofóbicos nesse ambiente. Para isso, utiliza-se da teoria do reconhecimento que se ancora em Hegel (2008) e Honneth (2009). É pertinente mencionar que não é objetivo deste trabalho discutir a cultura escolar, nem sua organização e nem voltar o olhar para discursos que são ali prolatados nessas instituições, até porque já há outras teses e dissertações com esse objetivo. O foco deste trabalho é analisar e refletir acerca dos conflitos homofóbicos que estão presentes e/ou são produzidos pela própria escola, por meio de textos acerca da teoria do reconhecimento, uma vez que a ciência da conflitologia permite buscar e discutir uma nova maneira de solucioná-los. Essa teoria, como parte de conflitos originados entre grupos sociais que buscam o reconhecimento por sua identidade particular, vem a ser utilizada como ferramenta para discussão e solução de conflitos. Para alcançar esse foco, ao longo da dissertação serão mostrados, trabalhados e discutidos os dados coletados.

Esta dissertação está estruturada em oito capítulos. O primeiro deles, “Dos métodos: moldando a pesquisa”, descreve a metodologia, apresenta o tema, sua delimitação, bem como as questões de pesquisa, a explicação dos principais termos usados no trabalho, o método, instrumento de pesquisa e os sujeitos.

O segundo capítulo, “Da certeza sensível: o caso Ouroboros”, trata sobre a certeza sensível. Primeiramente é apresentada a reatualização de Hegel feita por Honneth. Após, apresenta-se um caso fictício de conflito homofóbico na escola, bem como os fundamentos acerca do que seja conflito e violência escolar.

O terceiro capítulo, “Da tomada de consciência; consciência-de-si”, expõe sobre a tomada de consciência dos sujeitos quando estão perante seu parceiro de interação. Trabalha com a ideia dos sujeitos se colocarem um no lugar do outro para poder compreenderem a si mesmos, passando pelo “Mundo Invertido” de Hegel, para chegar na consciência-de-si..

O capítulo chamado de “Da lei singular à lei universal” é o quarto capítulo da dissertação e trabalha com a questão de os sujeitos conseguirem conhecer aquilo que

necessitam para evoluir e chegarem ao reconhecimento. Neste momento, é apresentado o que realmente a homoafetividade é e significa. Seria a busca do conhecimento, da informação, como também o respeito às ideias de diferença no âmbito jurídico, já que essa é a segunda forma de reconhecimento exposta por Honneth (2009).

O quinto capítulo, “Reconhecendo conceitos: buscando consolidações”, trata sobre a consolidação da relação ética. Os sujeitos dão mais um passo na formação e no fortalecimento de uma identidade social e coletiva.

O sexto capítulo trata acerca da moral. A consciência se depara com o dever moral, com a tolerância para com o outro. Falar-se-á acerca da ação, do agir e da mudança para que os sujeitos possam reconhecer-se mutuamente.

O sétimo capítulo, “A construção da realidade espirituada”, trata das mudanças que os sujeitos passam dentro de si para evoluir, deixando o preconceito afastado de si, construindo uma relação solidária com o oposto.

O último capítulo, “A reconciliação”, trabalha com a questão de que os sujeitos morrem, deixando para trás qualquer atitude má que possa ter tido com seu parceiro de interação. Eles renascem com um novo espírito para, posteriormente, lembrarem pelo que passaram e seguirem rumo à união, através do reconhecimento mútuo, à infinitude.

Por fim, são apresentadas as considerações finais.

1 DOS MÉTODOS: MOLDANDO A PESQUISA

A temática deste trabalho versa acerca da homofobia nas escolas. Porém, da maneira como descrito acima, torna-se um tema por demais amplo, pois muitas questões podem ser nela colocadas. Desse modo, faz-se relevante delimitar e fundamentar tal temática.

Neste primeiro capítulo do trabalho, será apresentado o tema da pesquisa, bem como sua delimitação, questões de pesquisa, explicação dos termos principais utilizados e método eleito. Ainda se falará sobre os instrumentos da pesquisa e os sujeitos de tal.

1.1 Tema

Sabe-se que a escola, como está inserida na sociedade, acaba reproduzindo, muitas vezes, o pensamento que os indivíduos têm acerca da homoafetividade/ /homossexualidade. Este pensamento que grande parte da sociedade possui sobre os homossexuais acaba sendo uma ideia negativa. Diz-se ideia negativa, posto que os homossexuais são tidos, como pessoas perversas, doentes, imorais, entre outras características pejorativas.

Frente a isso, afirma-se que dentro da escola, os estudantes, na maioria das vezes, não possuem outro pensamento acerca da homossexualidade. Por tal motivo, acabam reproduzindo este pré-conceito no ambiente onde estudam. Tal questão é exposta por Maya (2005, p. 82) que diz que muitos alunos “agem repetindo esquemas de conduta aprendidos em sociedade”. Por repetir tais condutas aprendidas em sociedade é que é perpetuam a homofobia nas escolas.

Por existir a homofobia nas escolas, é que se resolveu pesquisar este assunto neste trabalho. Pode-se dizer que o agir homofóbico é um conflito escolar. Assim, é bem possível aliar a conflitologia com o tema homofobia na escola.

Cabe mencionar que a conflitologia também se preocupa com a solução dos conflitos na escola. Desse modo, a procura de solução para os conflitos homofóbicos na escola também contempla a temática da pesquisa. Já que se fala em solução de conflitos, é necessário tomar algo como parâmetro para que possa ocorrer essa solução. O parâmetro escolhido é a teoria do reconhecimento de Hegel (2008) e Honneth (2009). Esta teoria está fundamentada nas obras: A Fenomenologia do Espírito (Hegel) e Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos

Conflitos Sociais (Honneth). Nesse sentido, escolheu-se por pesquisar: OS CONFLITOS HOMOFÓBICOS NA ESCOLA E A TEORIA DO RECONHECIMENTO.

Diante disso, passa-se às questões de pesquisa.

1.2 Questões de pesquisa

Frente ao tema exposto anteriormente, serão apresentadas as questões que embasarão a pesquisa. Tem-se:

❖ **Questão principal:**

De qual modo a teoria do reconhecimento pode contribuir para compreender e solucionar os conflitos homofóbicos na escola entre alunos do Ensino Médio?

❖ **Questões secundárias:**

- Como o preconceito é formado, tendo por base a certeza sensível?
- É possível um indivíduo, ao se colocar no lugar do outro, começar a compreender este outro?
- Quando um indivíduo sai de si, isto é, coloca-se no lugar do outro e retorna para si, modificado, pode-se dizer que houve o reconhecimento do outro?
- De que modo a escola pode trabalhar com os conflitos homofóbicos, na tentativa de solucioná-los, utilizando-se a teoria do reconhecimento?

Exposto isso, passa-se à explicação dos termos da pesquisa.

1.3 Explicação dos termos da pesquisa

Conforme visto, este trabalho tem como tema os conflitos homofóbicos na escola, e a teoria do reconhecimento de Hegel (2008) e Honneth (2009). Neste item, cabe estudar como os termos explicitados, no tema do presente trabalho, serão tratados. Assim, passa-se à sua verificação:

- ❖ **Homofobia:** provém do grego, por meio da junção dos radicais HOMO (igual) e FOBIA (medo, ódio, aversão). Dessa forma, pode-se dizer que homofobia é:

um termo utilizado para identificar o ódio, a aversão ou a discriminação de uma pessoa contra homossexuais e, conseqüentemente, contra a homossexualidade, e que

pode incluir formas sutis, silenciosas e insidiosas de preconceito e discriminação contra homossexuais. (HOMOFOBIA, 2010).

Para este trabalho, o termo homofobia será usado para designar o preconceito, o desrespeito, a aversão que se tem contra os homossexuais.

- ❖ **Preconceito:** De acordo com o dicionário Aurélio (2004), este termo provém do latim (*praeconceptu*) e significa:

Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos, idéia preconcebida. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta o fato que os conteste.

Como o termo “preconceito” significa uma opinião, ideia antecipada de algo, neste trabalho ele terá este mesmo significado. Além do mais, também será encontrada a expressão **pré-conceito** para designar a palavra preconceito, visto que também tem por objetivo significar o conhecimento antecipado de algo ou o não-conhecimento. Deste modo, tais termos (preconceito e pré-conceito) significam a falta de informação, o não conhecimento acerca do que é a homoafetividade/homossexualidade bem como os homossexuais.

- ❖ **Homoafetividade/Homossexualidade:** o termo **homoafetividade** foi cunhado pela desembargadora aposentada do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, Maria Berenice Dias. Tal expressão designa o amor, o afeto entre pessoas do mesmo sexo. Já **homossexualidade** quer dizer o modo de ser, a orientação sexual de um indivíduo.

Sendo assim, neste trabalho, que não pretende tratar de matrimônio, nem união estável entre homossexuais, os termos homoafetividade e homossexualidade serão utilizados como sinônimos.

- ❖ **Conflito Escolar e Conflito Homofóbico Escolar:** por **conflito escolar** tomar-se-á como base, para seu entendimento as ideias de Belmar (2005), Burguet (2005), Darino e Oliveira (2007), entre outros autores. Em resumo, conflito escolar pode significar a interação de duas partes que têm pensamento opostos, interesses, bem como opiniões contrárias a respeito de algo ou de alguma situação. Diante disso, para este trabalho, falar-se-á em conflitos quando os alunos e/ou professores tiverem pensamentos contrários sobre determinado assunto.

Por **conflito homofóbico escolar** entende-se que é a opinião, o pensamento, o entendimento entre indivíduos que pensam de maneira contrária sobre a

homoafetividade/homossexualidade, bem como acerca dos homossexuais. Em outras palavras, o conflito homofóbico escolar significará as diferentes opiniões acerca do tema desta dissertação. Ainda assim, por tal termo, pode-se entender que seria o agir preconceituoso, com a intenção de prejudicar, seja verbal ou fisicamente, um colega homossexual ou que defenda um homossexual, na escola.

- ❖ **Reconhecimento:** para este trabalho, utilizar-se-ão as ideias de Hegel e Honneth. Tais autores aduzem que reconhecimento é quando um indivíduo conhece e reconhece um outro tal qual como este é em suas características, essência e personalidade. Reconhecimento, neste trabalho, é quando o indivíduo deixa de lado seu preconceito contra a homossexualidade e também contra os homossexuais, tomando-os como igual a si, o seu oposto. Pode-se dizer que seria a síntese dos opostos.
- ❖ **Solução:** a palavra solução permite pensar em um modo de resolver conflitos, sejam eles positivos ou negativos. O conflito desinstala, desequilibra o sujeito. A busca pelo equilíbrio e restauração do *status quo ante* implica no encontro de uma solução. Desta forma, neste trabalho, tal termo tem um objetivo muito forte, que seria a solução dos conflitos homofóbicos na escola. A palavra solução encontra-se entrelaçada com a ideia de luta por reconhecimento. Em Honneth (2009), os conflitos que lhe interessam são aqueles provenientes de experiências de desrespeito e injustiça social. Assim, esses conflitos precisam desafiar os sujeitos, colocá-los em ação de forma tal que sua luta e possível solução através do reconhecimento reconcilie/restaure as relações intersubjetivas. Para isso, a teoria do reconhecimento será bem vinda para trabalhar tais conflitos na escola.
- ❖ **Dialética:** nesta dissertação, utiliza-se a dialética hegeliana, por constituir-se “em um movimento pelo qual realidades novas de explicitam, se deduzem, graças à contradição, à oposição que existe na realidade anterior [Ainda assim, pode-se dizer que a dialética hegeliana] tem três unidades que ele denomina de Tese, Antítese e Síntese”. (NÓBREGA, 2009, p. 43).
- ❖ **Alfa e Ômega:** personagens desta dissertação que representam tanto o indivíduo quanto um grupo social que age de modo homofóbico (Alfa), quanto o indivíduo que é homossexual, bem como todas as pessoas que têm essa orientação sexual, ou, então, aqueles indivíduos e/ou grupos sociais que

defendem os homossexuais (Ômega). Ainda se pode conferir que os próprios colaboradores da pesquisa, por vezes, possuem pensamentos que se parecem mais com Alfa e outros com Ômega. Nesse sentido, como Alfa e Ômega evoluem para o reconhecimento mútuo e isso é demonstrado através dos colaboradores, percebe-se que os alunos também podem ser esses grupos sociais, aos quais são denominados de Alfa e Ômega.

Isso será exposto no próximo item, que trata acerca do método.

1.4 Método eleito

Quando se trabalha com opiniões opostas acerca de um determinado tema, está-se diante da dialética, denominação atribuída a Hegel. Este conceito pode ser atribuído ao tema desta dissertação, uma vez que a homofobia na escola engloba também a homoafetividade e a homossexualidade, temas que geram diversidade de opiniões. Algumas julgam a homossexualidade como doença, crime, perversão, pecado, enquanto outras, discordando, julgam-na apenas como uma orientação sexual, da mesma maneira que a heterossexualidade, um sentimento de amor.

A dialética é um dos processos utilizados para este trabalho, posto que, “primitivamente, a dialética era conhecida como a arte do diálogo”. (OLIVEIRA, 2007, p. 121). Segundo Oliveira (2007, p. 122), Aristóteles a definiu como “a arte de argumentação e da negação [...] a arte de construir um conhecimento verdadeiro [enquanto Hegel a entende como] realidade humana”. A dialética permite que se busque o conhecimento verdadeiro, pois se ela parte de ideias opostas – tese e antítese – para buscar a síntese – fusão dos opostos, o conhecimento, o conceito.

Além da dialética, é pertinente também utilizar-se o processo hermenêutico. A hermenêutica provém da era pré-socrática e é “considerada como arte e técnica da interpretação”. (OLIVEIRA, 2007, p. 122). Também se pode dizer que a hermenêutica é a busca da compreensão.

A fusão dos processos dialético e hermenêutico levam à configuração de uma metodologia interativa. Dessa forma, o tipo de pesquisa proposta para esta dissertação constitui-se em uma metodologia interativa, ancorada no processo hermenêutico-dialético, uma vez que é compreendendo e interpretando as opiniões dos indivíduos que se chega à síntese. Quando se está na síntese, pode-se saber que houve a construção do conhecimento e, como consequência, o reconhecimento, a fusão dos opostos. Oliveira (2007, p. 122) afirma

que “para se construir o conhecimento, é necessário reconhecer o fato, a opinião (tese); identificar a opinião contrária (antítese); fazer o reconhecimento total do objeto (síntese)”.

O método interativo: hermenêutico-dialético (processos) serve para “entender e interpretar a fala e depoimento dos autores sociais em seu contexto e analisar conceitos [por isso é] a interpretação da realidade em seu movimento (dialética)”. (OLIVEIRA, 2007, p. 124). É por esses motivos que se utiliza do método interativo hermenêutico-dialético para interpretar os resultados da pesquisa.

O procedimento de abordagem desta pesquisa é qualitativo, por facilitar a utilização do método interativo hermenêutico-dialético, visto que a interpretação, a compreensão e o conhecimento somente podem ser mais bem trabalhados se houver esse tipo de abordagem. A abordagem qualitativa também facilita a descrição, a análise e a compreensão de “determinados processos sociais” (OLIVEIRA, 2007, p. 59), afinal é assim que há o oferecimento de “contribuições no processo das mudanças, criação ou formação de opiniões de determinados grupos e interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos”. (OLIVEIRA, 2007, p. 59).

Aliada à abordagem qualitativa, utilizar-se-á também a abordagem quantitativa, já que permite “quantificar dados obtidos por meio de informações coletadas através de questionários”. (OLIVEIRA, 2007, p. 61). O questionário foi o instrumento de pesquisa escolhido, como se verá mais adiante.

Justifica-se a utilização das abordagens quali e quantitativa porque, segundo Oliveira (2007, p. 60), elas “não são excludentes e até [...] se complementam, visto que existem fatos que são do domínio quantitativo e outros de domínio qualitativo”.

Esta pesquisa tem como norteadores os direitos e garantias fundamentais elencados na Carta Magna; os princípios, como o da dignidade da pessoa humana (art. 1º, III/CF), igualdade (art. 5º, caput/CF), cidadania (art. 1º, II/CF), sem olvidar alguns objetivos fundamentais como, por exemplo, a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, conforme o artigo 3º da Constituição Federal. Esta pesquisa se norteia pela vedação a qualquer tipo de preconceito e discriminação, o conhecimento e o reconhecimento.

1.5 Instrumento da pesquisa

Como foi explicitado no item anterior, o método escolhido é o interativo hermenêutico-dialético. Para contemplar tal método, tem-se como instrumento de pesquisa a aplicação de um questionário para coletar a opinião dos estudantes do Ensino Médio acerca da

homoafetividade, do preconceito, da homofobia, bem como sobre o reconhecimento dos homossexuais, com o intuito de solucionar os conflitos homofóbicos.

Trabalha-se com questionário, pois ao aliar com o método interativo hermenêutico-dialético, bem como com a abordagem qualitativa e quantitativa, isso possibilita um estudo detalhado e profundo de “um determinado fato, objeto, grupo de pessoas”. (OLIVEIRA, 2007, p. 60). O questionário ainda pode ser descrito como técnica para obter “informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado”. (OLIVEIRA, 2007, p. 83). É por isso que se usa o questionário como instrumento de coleta de dados para esta pesquisa. Cabe mencionar que o questionário conta com questões fechadas e abertas.

Exposto isso, passa-se ao próximo item, no qual serão explicitados os colaboradores da pesquisa.

1.6 O contexto e os colaboradores da pesquisa

Tal pesquisa tem como colaboradores estudantes do Ensino Médio de uma escola pública estadual, localizada no centro da cidade de um município da região central do estado do Rio Grande do Sul. Ela é bem organizada e ampla, possui pátio, ginásio de esportes, biblioteca, sala de vídeo e sala de informática. A escola tem em torno de 30 professores e 900 alunos e, por ser a única de Ensino Médio, recebe alunos de outras cidades próximas e de vilas.

Os colaboradores da pesquisa (86 colaboradores) têm idades que variam dos 14 aos 21 anos, sendo considerados, pela Lei nº. 8.069/90, adolescentes e adultos. Para todos eles, foram escolhidos nomes fictícios, a fim de que se pudesse desenvolver a discussão dos resultados. Pela grande quantidade de alunos que responderam ao questionário, os nomes eleitos são elementos químicos, encontrados na tabela periódica. A escolha por esses nomes provém de suas próprias características. Para iniciar, os elementos químicos são divididos em três classes principais: não-metais ou ametais, metais e gases nobres. Os primeiros apresentam propriedades contrárias à dos segundos e, estes, como consequência, são opostos a eles. Para demonstrar isso, afirma-se que os ametais são péssimos condutores de calor e eletricidade; não apresentam ductibilidade (grau de deformação suportado até o momento de sua fratura) e nem maleabilidade (flexibilidade); são opacos, não apresentando brilho, bem como têm grande tendência a ganharem elétrons, transformam-se em ânions, tornando-se negativos.

Os metais são bons condutores de calor e eletricidade, são dúcteis e maleáveis, bem como possuem brilho e refletem a luz. Tendem a perder elétrons e transformam-se em cátions, tornando-se positivos. Ao que tange aos gases nobres, pode-se inferir que eles são estáveis, pois têm a última camada de valência completamente preenchida. Fato esse que nem os ametais, nem os metais possuem.

Essas características podem ser lidas tomando por base a dialética hegeliana (ou o movimento dialético de Hegel) que está baseada em tese, antítese e síntese. Em outras palavras: afirmação, negação e negação da negação. Entende-se que os ametais são a tese ou que os metais são a antítese dos primeiros. O contrário também é verdadeiro: os metais podem ser entendidos como tese e os ametais como antítese daqueles. Ou seja, os opostos (tese e antítese) necessitam interagir para formar uma síntese. Como é próprio da química, tanto os metais, quanto os ametais interagem entre si, formando ligações para buscar a estabilidade. Essa estabilidade, para este trabalho, pode ser entendida como o reconhecimento das diferenças.

Como se sabe, metais e ametais possuem características opostas, além disso, dependendo do grupo em que se encontram na tabela periódica, os primeiros, por exemplo, podem ter um ou dois elétrons na sua última camada de valência, e oito elétrons na penúltima. Já os segundo (ametais) têm seis, sete elétrons na última camada. Para eles alcançarem a estabilidade (oito elétrons), necessitam interagir entre si. Essa interação, essa procura pela estabilidade, pode ser entendida como um movimento dialético, em que aquele que tem um elétron na última camada o doa para um que tenha sete elétrons. Quando os átomos fazem isso, interagem entre si e, como consequência, ficam estáveis, tal como os gases nobres. Por ficarem estáveis, os opostos alcançam a síntese, quando se tornam tese e buscam novas ligações químicas, vivendo em um eterno movimento de reconhecimento por suas diferentes características. É por isso que, para Hegel, sua dialética pode ser enunciada em “um movimento pelo qual realidades novas se explicitam, se deduzem, graças à contradição, à oposição que existe na realidade anterior”. (NÓBREGA, 2009, p. 43).

Tomando por base esse pressuposto, verifica-se que a análise dos dados desta pesquisa contém esse movimento. Principia pelos ametais que, com suas interações com os metais, vão formando ligações e buscando estabilidade. Dessa maneira, tese/antítese e antítese/tese unem-se encontrando uma síntese.

Ainda se pode dizer que essas interações representam as personagens Alfa e Ômega que, como opostas entre si, passam a interagir, buscando uma conciliação. É por isso que enquanto Alfa for Carbono, Cloro, Flúor, Fósforo (ametais) ele possui aquelas características

negativas. Após, quando ele for Potássio, Frâncio (metais), acaba passando para o seu oposto e já apresenta características positivas em um eterno movimento dialético hegeliano, onde ele e Ômega tornam-se uma unidade. Porém, é uma unidade em que os seres diversos são iguais, permanecendo iguais, mas ao mesmo tempo, diferentes um do outro.

Ainda assim, para alcançar o objetivo desta dissertação, que é a solução dos conflitos homofóbicos na escola, trabalha-se com um caso fictício de homofobia dentro deste ambiente. Esse caso tem duas personagens fictícias: Alfa e Ômega, e uma sala de aula ou mesmo pode ser a própria escola, Beta.

Assim, finaliza-se o primeiro capítulo, passando ao segundo e, como consequência serão mostrados os resultados da pesquisa.

2 DA CERTEZA SENSÍVEL: O CASO OUROBOROS⁴

No presente capítulo será mostrada como a homofobia é construída e entendida a partir das ideias da certeza sensível de Hegel, diante de um caso fictício de discriminação contra os homossexuais na escola. Serão discutidas as noções de conflito e violência escolar. Por fim, será apresentada uma atividade para que possa começar a ser trabalhado o conflito homofóbico na escola.

2.1 De Hegel a Honneth: uma reatualização da teoria do reconhecimento

O indivíduo, quando nasce e na medida em que cresce, vai recebendo educação, seja por parte da família, da escola, e até mesmo de outros segmentos sociais para que assim possa ir construindo sua personalidade, seu caráter e características. Nas construções que o sujeito vai elaborando, além de se incluir a sua orientação sexual, que pode ser para uma pessoa do sexo contrário, do mesmo sexo ou para ambos, ele também aprende que existem alguns entendimentos (que podem ser negativos ou positivos) sobre a orientação sexual de uma pessoa. O sujeito aprende, por exemplo, que ter sentimentos heteroafetivos é o “correto”, o “bom”, o “normal” e, do contrário, aprende que ter sentimentos homoafetivos é “errado”, “ruim”, “anormal”, bem como que um indivíduo que é homossexual é doente, pecador, sem-vergonha, entre outras características negativas. Isso ocorre, posto que,

A maior parte da sociedade [...] considera os gays e as lésbicas pessoas doentes, pecadoras, perversas, antinaturais, perigosas, contagiosas para crianças, uma vergonha para a família [...]. A homossexualidade é considerada inferior à heterossexualidade, principalmente porque os casais gays e lésbicos não podem procriar. (SPENCER, 1999, p. 369).

Quando ocorre uma construção negativa a respeito de algo ou alguém, como acontece com a homoafetividade/homossexualidade e/ou os homossexuais e se estabelece de outro lado, que somente a heteroafetividade/heterossexualidade e os heterossexuais estão “corretos”, pode-se aduzir que, o sujeito que está recebendo esta aprendizagem não está recebendo um conhecimento verdadeiro sobre a orientação sexual de alguém (para este trabalho, conta-se homoafetividade) e, não consegue acolher, reconhecer o outro indivíduo

⁴ Ouroboros, também conhecido por Ourobo, significa a eternidade, bem como a continuidade. É representado por um dragão ou por uma serpente, em movimento circular, engolindo o próprio rabo. Este símbolo mostra a união dos opostos, bem como o conhecimento e o reconhecimento de si mesmo e do outro em um eterno movimento de retorno a si através do outro, sempre partindo de um ponto mais alto em que se encontrava.

que tem sentimentos homoafetivos. Desta maneira, nas construções, nas aprendizagens desses conhecimentos que o sujeito está recebendo, é necessário trazer as ideias de Hegel, reatualizadas por Honneth (2009).

Honneth (2009) principia expondo que Hegel, para realizar a sua teoria do reconhecimento, baseou-se em Fichte. Este filósofo “havia concebido o reconhecimento como ‘uma ação recíproca’ entre indivíduos”. (HONNETH, 2009, p. 46). Isso significa que entre os indivíduos precisa haver uma consciência comum. Tendo em vista tal pensamento, Hegel, através de uma filosofia transcendental, aplica esta teoria sobre a ação recíproca entre os indivíduos. Quando faz isso, Hegel “projeta o processo intersubjetivo de um reconhecimento mútuo para dentro das formas comunicativas de vida”. (HONNETH, 2009, p. 46). Esta questão (formas comunicativas de vida) possui relação com a eticidade humana, isto é, com as relações éticas de uma sociedade. Tais relações representam, para Hegel (apud HONNETH, 2009, p. 46-47),

As formas de uma intersubjetividade prática na qual o vínculo complementar e, com isso, a comunidade necessária dos sujeitos contrapondo-se entre si são assegurados por um movimento de reconhecimento. A estrutura de tal relação de reconhecimento recíproco é para Hegel, em todos os casos, a mesma: na medida em que se sabe reconhecido por um outro sujeito em algumas de suas capacidades e propriedades e nisso está reconciliado com ele, um sujeito sempre virá a conhecer, ao mesmo tempo, as partes de sua identidade inconfundível e, desse modo, também estará contraposto ao outro novamente como um particular..

Por meio desses questionamentos, Hegel avança a partir das ideias de Fichte. Ele passa a entender que os indivíduos, quando há uma relação ética estabelecida “vêm sempre a saber algo mais acerca de sua identidade particular, pois trata-se em cada caso até mesmo de uma nova dimensão do seu Eu que vêm confirmada”. (HONNETH, 2009, p. 47). Ocorre que, para acontecer este conhecimento, sempre haverá o abandono da etapa da eticidade que foi alcançada. E isso se dá de modo conflituoso, pois, somente, assim, chega-se ao reconhecimento. Hegel, no entendimento de Honneth (2009), preocupa-se mais com a relação entre os indivíduos. Porém, para haver o reconhecimento, os indivíduos precisam abandonar e superar a eticidade que haviam conquistado, pois não viam “plenamente reconhecida sua identidade particular”. (HONNETH, 2009, p. 48). Para isso, Honneth (2009) tenta reatualizar Hegel para um tempo pós-metafísico e, ao fazer isso, insere-se na “Escola de Frankfurt”, que trata sobre a “Teoria Crítica”. Essa teoria, após muitos debates, desde a sua criação em 1930, sofreu muitas reformulações, que, embora relevantes, não cabe discuti-las neste trabalho. No entanto, é necessário mencionar que, atualmente, a Teoria Crítica trabalha com “as questões sobre os ideais de uma sociedade justa, colocados pelas lutas contemporâneas, pelo reconhecimento social e jurídico das identidades particulares e formas de vida culturais [ou

seja é possível dizer que] os pressupostos teórico-explicativos e crítico-normativos estão ancorados no processo social de construção intersubjetiva da identidade (pessoal e coletiva)". (WERLE; MELO, 2008, p. 183-184).

Por se preocupar com a questão da justiça dentro da sociedade, com a identidade particular de cada pessoa, Honneth (2009) propõe “pensar os fundamentos [da Teoria Crítica] [...] segundo as experiências de injustiça e os conflitos que se seguem a tais experiências”. (WERLE; MELO, 2008, p. 184). Quando faz isso, o filósofo percebe que esse conflito

Não pode ser um conflito pela pura autoconservação de seu ser físico; antes o conflito prático que se acende entre os sujeitos é por origem um acontecimento ético, na medida em que objetiva o reconhecimento intersubjetivo das dimensões da individualidade humana. (HONNETH, 2009, p. 48).

Nessa senda, em que Honneth (2009) toma o conflito como um acontecimento ético, é possível dizer que a Teoria Crítica do reconhecimento

Deve servir tanto para uma descrição empiricamente relevante das relações sociais e conflitos vigentes como também deve tornar o comportamento crítico diante da realidade social e apontar para a emancipação e as patologias e obstáculos que impedem a sua realização. (WERLE; MELO, 2008, p. 191).

Frente a isso, Honneth retira o conceito de eticidade que acompanha os conflitos e tem por escopo uma “avaliação das lutas sociais”. (WERLE; MELO, 2008, p. 191). Aduz ele que a eticidade é um

Todo das condições intersubjetivas das quais se pode demonstrar que servem à realização individual na qualidade de pressupostos normativos’. [...] Esse conceito [...] de eticidade pretende ser uma ampliação da moralidade no sentido de incluir ‘todos os aspectos que constituem o objetivo de um reconhecimento não distorcido e deslimitado’, o que significa integrar um mesmo quadro tanto a universalidade do reconhecimento jurídico moral da autonomia individual quanto a particularidade do reconhecimento ético da realização pessoal. Nas sociedades modernas, os sujeitos têm de encontrar reconhecimento como seres tanto autônomos quanto individualizados. A concepção [...] de eticidade reúne todos os pressupostos intersubjetivos que precisam estar preenchidos para que os sujeitos se possam saber protegidos nas condições de sua auto-realização. (WERLE; MELO, 2008, p. 191).

Quando Honneth (2009) propõe a reatualização, tomando o conflito, a luta social como um acontecimento ético, com vistas ao reconhecimento da realização individual, ele afasta da teoria do reconhecimento o forte pensamento metafísico, fundado na relação sujeito-objeto. O filósofo passa a basear a referida teoria na relação intersubjetiva (sujeito-sujeito), próximo de um pensamento pós-metafísico, pois somente entre pessoas consideradas como sujeitos de uma relação ética é que pode haver o mútuo reconhecimento. Honneth (2009, p. 107-108) fala em relação intersubjetiva, pois é a partir dela que os indivíduos

Podem saber-se reconciliados uns com os outros justamente sob a medida de um reconhecimento recíproco de sua unicidade – o respeito de cada pessoa pela

particularidade biográfica de todo outro formaria de certo modo o fermento habitual dos costumes coletivos de uma sociedade.

Diante disso, neste trabalho, será abordada a teoria do reconhecimento de Hegel, reatualizada por Honneth (2009), com o intuito de tentar solucionar os conflitos homofóbicos na escola. Para isso, no próximo item, será mostrado como se forma o preconceito contra os homossexuais, e se verá que eles, muitas vezes, quando estão na escola, não são tratados como sujeitos dignos de reconhecimento, e sim como objetos.

2.2 A falsa verdade

No item anterior, foi exposta como ocorre a reatualização de Hegel por Honneth e mostrou-se que, houve uma mudança do paradigma sujeito-objeto para uma relação intersubjetiva, ou seja, entre sujeitos. Tomando-se por base algumas relações sociais que estão presentes na escola, como, por exemplo, a homoafetividade, ver-se-á que a maioria das pessoas não olha com bons olhos este sentimento por terem, dentro de si, uma construção equivocada a respeito da homossexualidade bem como acerca dos homossexuais. Essa construção equivocada é chamada por Honneth (2009, p. 44) de “equilíbrio destruído”.

Fala-se em equilíbrio destruído porque ao realizarem a referida construção negativa, muitos indivíduos acabam por ter um pensamento que, conforme a sua ação, poderá ferir um outro sujeito. Isto é, poderá não o reconhecer em sua identidade particular. Quando não há tal reconhecimento, um sujeito trata o outro como se fosse um objeto. Ao conceder um tratamento indigno para uma pessoa, fazendo com que não haja uma relação de eticidade, de reconhecimento, há, para esta dissertação, a homofobia, o preconceito contra os homossexuais.

Nesse momento, assim como ao longo do trabalho, cabe começar a analisar e discutir os dados obtidos na pesquisa. Essa pesquisa, conforme já fora explicitado, foi realizada em uma escola pública de um município do estado do Rio Grande do Sul. Os alunos que responderam o questionário são estudantes do Ensino Médio. Foram coletados 86 questionários. Como está sendo apresentada a formação da homofobia, menciona-se que, por enquanto, será discutida a primeira pergunta do questionário:

Questão 1.A) *“Qual o seu pensamento, sua opinião acerca dos homossexuais, bem como sobre a homoafetividade/homossexualidade?”*

Para responder esta questão, foram escolhidos 14 alunos de um total de 86 que foram pesquisados. O critério de escolha dessas 14 pessoas deveu-se ao fato de elas não terem demonstrado nenhum ou pouco respeito para com os homossexuais. Isso pode ser verificado nas palavras do aluno que, para este trabalho, recebe o nome de Carbono. Ele se identificou como sendo estudante do 3º ano do Ensino Médio, tem 16 anos, é do sexo masculino e pertencente à classe socioeconômica “C”: *“Tem que matar tudo, ou são homens ou são mulheres”*.

Na mesma linha de Carbono, aparece o estudante Nitrogênio. Nitrogênio, estudante do 2º ano do Ensino Médio, declarou-se sendo do sexo masculino, com idade de 17 anos e pertencente ao nível socioeconômico “alto”. Em sua resposta para a primeira indagação, assim se pronunciou: *“Eu matava”*.

Transpondo as ideias de Honneth (2009) para analisar os dados expostos acima, verifica-se que, quando Carbono e Nitrogênio procedem na resposta que deram para a questão 1.A, está havendo o que o referido filósofo chama de “equilíbrio destruído”. Ou seja, parece que esses alunos construíram um entendimento equivocado a respeito da homossexualidade.

Para ilustrar que os alunos possuem uma ideia distorcida acerca dos homossexuais, apresenta-se as respostas de mais sete colaboradores, a começar por Oxigênio e Flúor. Ambos os alunos são estudantes do 1º ano do Ensino Médio, são do sexo masculino e se declararam pertencerem ao nível socioeconômico “médio”. Entretanto, o primeiro tem 17 anos e o segundo 15 anos.

Que são viados. (Oxigênio).

Que são viado. (Flúor).

O mesmo raciocínio é explicitado nas respostas de Iodo, Silício e Boro. Esses três alunos também parecem externar a homofobia, não procurando construir uma relação ética que vise ao reconhecimento da identidade dos grupos sociais que estão tanto na escola, quanto na sociedade. Eles se apegam em palavras preconcebidas que não buscam incluir nem reconhecer o outro. Iodo é estudante do primeiro ano do Ensino Médio, tem 15 anos, é do sexo masculino e declarou-se como sendo do nível socioeconômico médio. Já Silício e Boro são estudantes do segundo ano do Ensino Médio, ambos tem 16 anos e pertencem à classe média. Porém, Silício é do sexo masculino e Boro do sexo feminino:

Eu acho uma falta de vergonha. (Iodo).

É estranho. (Silício).

Acho nojento, estranho... (Boro).

Resta clara a discriminação contra os homossexuais, quando Selênio, estudante do primeiro ano do Ensino Médio, que tem 15 anos, é do sexo masculino e declarou pertencer ao nível socioeconômico “médio”, responde, para a questão 1.A, as seguintes palavras: *“Eu acho que tinha que ter um mundo só para eles”*.

Tendo em vista essa resposta, percebe-se que os homossexuais, tanto na sociedade quanto na escola, são discriminados. Verifica-se isso no momento em que Selênio responde que deveria “ter um mundo só para eles [homossexuais]”, parece que o estudante não reconhece que os homossexuais são indivíduos como quaisquer outros, formando uma minoria oprimida e que busca o reconhecimento por sua identidade. Quando o referido aluno afirma a resposta concedida, parece que marginaliza esse grupo social e, ao fazer isso, relega-os à invisibilidade, tentando criar uma escola que não tenha espaço para a diversidade, colaborando, assim, com o discurso homofóbico que ali se sustenta.

Germânio também apresenta uma ideia equivocada a respeito da homossexualidade. Esse colaborador estuda no primeiro ano do Ensino Médio, tem 16 anos, é do sexo masculino e declarou pertencer ao nível socioeconômico “médio”. Em resposta à pergunta 1.A, ele assim se expressou: *“Eles são homossexuais porque querem e eu não acho certo isso”*.

Elencou-se essa resposta para se configurar entre as ideias equivocadas a respeito da homossexualidade, afinal, será que um indivíduo, diante do preconceito e da discriminação seja ela de qual cunho for, optaria, escolheria ser homossexual e fazer parte, de livre e espontânea vontade, de uma minoria social que é vítima de preconceito?

Uma resposta para essa indagação que esclarece o equívoco da resposta de Germânio, encontra-se em Dias (2006, p. 42), quando afirma que,

Ainda que não se saiba se a homossexualidade decorre de fatores biológicos ou genéticos, sociais ou comportamentais, o certo é que não é uma opção livre. Enquanto a homossexualidade em si não é considerada uma escolha, pode-se dizer que o indivíduo de fato escolhe ser gay quando atravessa o rito de passagem: processo através do qual o homossexual revela sua orientação sexual a outras pessoas, tornando-se visível, culturalmente inteligível e desafiando abertamente o discurso sexual hegemônico. O sujeito faz a opção de ser ‘socialmente’ homossexual, não de ‘desejar’ homossexualmente. [...]. Ser homossexual não é uma preferência, como não o é ser heterossexual. A heterossexualidade também não é uma escolha, embora seja uma sexualidade mais cômoda, mais adaptada [...] afinal: quem quer escolher uma sexualidade que leva a discriminação?

Diante disso,

Se tivessem opção, muitos homossexuais prefeririam não o ser – o que é uma boa prova de que não existe opção. Assim como a atração por uma pessoa do mesmo sexo não nasce de um ato de vontade, nada justifica o desrespeito às expressões minoritárias da sexualidade, revelando-se de todo desarrazoada a total indiferença diante da diferença. (DIAS, 2006, p. 41).

Por tal motivo, verifica-se que a homossexualidade não é opção, que alguém possa realizar de livre consciência. A sexualidade faz parte do ser humano, integra a sua natureza, desse modo, “ninguém pode realizar-se como ser humano se não tiver assegurado o respeito ao exercício da sua sexualidade, conceito que compreende tanto a liberdade sexual como a liberdade à livre orientação sexual”. (DIAS, 2006, p. 73). Em outras palavras, seja a homossexualidade

Fruto de um determinismo psicológico, seja resultado de um condicionamento biológico, indubitável que a identidade sexual é um atributo inalterável. Em se tratando de desígnio involuntário, descabe ser taxado como um desvio de conduta ou mera escolha pessoal. Não decorrendo de uma opção livre, não pode ser alvo da marginalização social nem ensejar reprovabilidade social ou jurídica. (DIAS, 2006, p. 153).

Fernandes (2004, p. 31), na mesma linha de Dias (2006), assim se manifesta:

Não podemos dizer que a homossexualidade seja uma opção, uma alternativa, escolha, tampouco um desvio da personalidade do indivíduo. Trata-se de uma simples variante natural da expressão sexual humana, uma forma diferente, porém normal de vida, merecedora de todo o respeito e compreensão.

Assim, “não representa [...] uma questão de ‘escolha’. Muito pelo contrário, [...] a homossexualidade é uma orientação sexual inevitável, e os que são assim, serão assim, inexoravelmente”. (FERNANDES, 2004, p. 99). No mesmo sentido, Müller (2000, p. 34-35) aduz que a “tendência homossexual também não é o resultado de nenhuma decisão consciente. Não é modificável, como tantas decisões momentâneas que se tomam durante a vida”. Nesse sentido, se a homossexualidade não é algo que se decida livremente, então não há como modificá-la. Além do mais,

As pessoas homossexuais são capazes de amizades que possibilitam aos eventuais parceiros um crescimento integral e verdadeiramente humano então [...] as pessoas que são constitutivamente homossexuais devem aceitar sua orientação e viver de acordo com ela. (MÜLLER, 2000, p. 94).

Diante disso, é pertinente trazer à baila um pouco das ideias de Hegel, pois, para um sujeito poder reconhecer e ser reconhecido por outro, precisa ter conhecimento de onde e como se formou o preconceito. Somente assim, poderá deixar isso de lado e alcançar uma relação ética com outros indivíduos.

Como foi mencionado, sabe-se que muitas pessoas têm um conhecimento equivocado acerca da homoafetividade/homossexualidade. Portanto, este não seria um conhecimento capaz de proporcionar ao sujeito o reconhecimento pela particularidade de outrem, com o intuito de gerar uma relação ética consolidada. Percebe-se, pelas palavras de Carbono e Nitrogênio na questão 1.A, que se caso tivessem um colega, na escola, que fosse

homossexual, eles não reconheceriam a identidade dele. Aduz-se isso, posto que o referido conhecimento equivocadamente é exterior à relação intersubjetiva, à qual ambas as partes se encontram. É um conhecimento antecipado, dado por um terceiro que, provavelmente, aprendeu este saber de outro alguém e assim por diante. Já que este conhecimento não foi pensado e muito menos refletido pelas pessoas, mas somente colocado para dentro delas, sem haver questionamento e somente aceitação pacífica, ele, na linguagem comum, é chamado de preconceito. O preconceito seria um conceito antecipado, um pré-conhecimento daquilo que ainda não é conceito e nem conhecimento ou saber de/sobre algo ou de/sobre alguém capaz de proporcionar o reconhecimento. O indivíduo que aprendeu as características negativas acerca da homoafetividade/homossexualidade e/ou homossexuais possui um conhecimento não-reflexionante, não-pensado, mas somente aceito, não se constituindo em um conhecimento verdadeiro. Esse parece ser o caso de Carbono, Nitrogênio, Oxigênio, Flúor, Iodo, Silício, Boro, Selênio e Germânio.

Diferente não é o caso de outros alunos que responderam ao questionário. Para a indagação 1.A, da qual está se analisando nesse momento, verifica-se que três alunos não conseguem construir uma relação intersubjetiva e, posteriormente, reconhecidora das diferenças. Eles se apegam ao pensamento religioso para justificar seu preconceito e, como consequência, gerar o que Honneth (2009) chamou de “equilíbrio destruído”.

O primeiro desses três colaboradores mencionados recebeu o nome de Fósforo. Fósforo é estudante do segundo ano do Ensino Médio, tem 16 anos, é do sexo feminino, declarou que seu nível socioeconômico é médio e respondeu a questão 1.A da seguinte forma: *“Errado. Deus criou Adão e Eva, homem e mulher. Se o plano de Deus fosse pessoas do mesmo sexo então ele criaria um só sexo”*.

Já o estudante cujo nome é Enxofre, não se afasta do pensamento de Fósforo. Ele, que é do sexo masculino, estuda no primeiro ano do Ensino Médio, tem 16 anos e declarou que pertence à classe média, assim se expressou: *“Acho que Deus criou o homem e a mulher e não homossexuais, portanto se nasceu masculino deve levar sua vida no lado das pessoas masculinas”*.

O terceiro estudante chama-se Cloro. É do sexo feminino, tem 17 anos, estuda no segundo ano do Ensino Médio, declarou que pertence ao nível socioeconômico baixo e assim se pronunciou: *“Deus fez o homem e a mulher para ambos se relacionarem”*.

Analisando as respostas dos alunos mencionados até o momento, pode-se perceber que o pensamento religioso é um entendimento que não reconhece as diferenças, seja entre indivíduos e, como consequência, entre grupos sociais. Como não reconhecedor das

diferenças, não reconhece a identidade intersubjetiva de grupos sociais, como os homossexuais. Entretanto, o pensamento de Fósforo, Enxofre e Cloro, ao que tange à pergunta em discussão (1.A), pode ser facilmente contestado.

Tomando por base o pensamento religioso colocado pelos referidos alunos, tem-se de concordar que Deus realmente criou o homem e a mulher. Homem e mulher, dois tipos de seres humanos, sendo cada um deles completos em si mesmos. Entretanto, para demonstrar o equívoco das palavras dos referidos colaboradores, pode-se dizer que, em momento nenhum, Deus disse que o homem deve se unir com a mulher e que a mulher deve se unir com o homem. Ainda assim, é possível mencionar que o ser humano (seja homem ou mulher) completa-se por si próprio e basta-se por si mesmo.

É pertinente dizer que, se caso esses alunos se refiram ao fato de que o homem homossexual ou a mulher lésbica não sejam homens e mulheres, respectivamente, suficientes, por preferirem alguém do mesmo sexo, esses colaboradores carecem de informações, pois um homem gay não é menos nem mais homem do que um homem que é heterossexual, ele é igual. E uma mulher homossexual não é menos nem mais mulher do que uma mulher heterossexual, ela é igual. A única coisa que vai diferenciar em um indivíduo que é homossexual ou heterossexual é o seu objeto de desejo. Aquele prefere pessoas do mesmo sexo, e este de sexo diverso ao seu. Mas isso jamais dá para dizer que um ser humano do sexo masculino vai deixar de ser homem por amar outro homem e que um ser humano do sexo feminino vai deixar de ser mulher por amar outra mulher.

Portanto, pode-se concordar em parte com Fósforo, Enxofre e Cloro, afinal, realmente Deus criou o homem e a mulher. O que ocorre é que algumas pessoas são menos ignorantes e preconceituosas do que os referidos alunos acima e vão demorar menos para entender que ser homossexual é algo absolutamente normal e saudável e, por isso, esse grupo social busca o reconhecimento por sua identidade e diferença.

Tendo por base o raciocínio anterior, para ilustrar uma interpretação do que se pode entender por “equilíbrio destruído”, tem-se as respostas de Astató e Bromo, outros dois colaboradores da pesquisa. Astató é estudante do segundo ano do Ensino Médio, tem 16 anos, é do sexo masculino e declarou sendo da classe média quando lhe foi indagado acerca do seu nível socioeconômico. Ele assim respondeu à questão 1.A: *“Acho uma vergonha, se fosse para gostar do mesmo sexo não haveria dois tipos de ser humano”*.

Já Bromo, também do segundo ano do Ensino Médio, tem 16 anos. É do sexo masculino e declarou pertencer à classe média ao que tange o nível socioeconômico. Ele respondeu à indagação da seguinte maneira: *“Acho estranho, nojento, sou contra pois cada*

um nasceu com seu sexo definido e acho que é um absurdo que tem uns que gostam de pessoas do mesmo sexo”.

Analisando ambas as respostas (de Astató e Bromo), percebe-se que eles recaem no que se chama de “equilíbrio destruído”. Como já explicitado, há dois tipos de seres humanos: o homem e a mulher. Portanto, concorda-se com Bromo quando este aduz que cada pessoa nasce com seu sexo definido (masculino, se homem; e feminino, se mulher). É nesse momento que o preconceito e o discurso de intolerância e do não reconhecimento para com os homossexuais se apresenta, posto que a maioria das pessoas, inclusive Astató e Bromo, pensa que os homossexuais não são nem homem nem mulher. As palavras pronunciadas por eles se conflitavam, afinal, é justamente por haver dois tipos de seres humanos (o homem e a mulher) é que pode haver pessoas que se sintam afetivamente atraídas por indivíduos que têm o mesmo sexo que o seu.

Percebe-se que as respostas dos alunos colaboradores expostas até o momento causam o chamado “equilíbrio destruído”. Esse pensamento é responsável por destruir a relação ética que os sujeitos tinham até o momento. Seria dizer que, nesse caso, o que os colaboradores da pesquisa possuem é um conhecimento antecipado, ou seja, preconceito, bem como um conhecimento que é exterior à relação intersubjetiva. Nas palavras de Hegel (2008, p. 71), pode-se dizer que este conhecimento antecipado

Não é instrumento de nossa atividade, mas de certa maneira um meio passivo, através do qual a luz da verdade chega até nós; nesse caso também não recebemos a verdade como em si, mas como é nesse meio e através dele.

Entretanto, a capacidade de (re)conhecer que esse conhecimento, dado de um terceiro, para o indivíduo que, comporá a relação ética, ele não o possui. Ele pensa que tem a total certeza de que o conhecimento que possui acerca da homoafetividade/homossexualidade e/ou homossexuais é o verdadeiro, e tudo o que contrariar este conhecimento está errado, isto é, não merece ser reconhecido.

Isso ocorre porque alguns indivíduos ainda não tiveram a oportunidade de se fazerem sujeitos de uma relação ética, isto é, ainda não conseguiram se comunicar, dialogar com outros sujeitos, pois não entraram em contato com pessoas que podem ser o vir-a-ser de uma relação intersubjetiva que leve ao reconhecimento. Portanto, somente interagindo com outras pessoas que pensem de maneira diversa de si é que um indivíduo tem a possibilidade de alcançar o reconhecimento das particularidades de outro sujeito e também se ver reconhecido na sua diferença.

Sendo assim, já que há a necessidade de interação, a escola, e até mesmo a sala de aula, torna-se um meio propício para isso. É neste local que se dará, para este trabalho, a interação entre os sujeitos.

Para que isso fique mais claro, toma-se por base uma situação que, embora para este trabalho seja fictícia ela, muitas vezes, ocorre no ambiente escolar. Supondo-se que haja, na escola, a turma de alunos Beta e que, nesta turma, tenha, pelo menos, um aluno ou mais estudantes que tenham sentimentos homoafetivos, isto é, que sejam homossexuais ou, então, que pensem de maneira a aceitar as diferenças existentes nas pessoas (chama-se de Ômega). Imagine-se também que nesta mesma turma tenha, pelo menos, um ou mais alunos que tenham recebido um conhecimento equivocado acerca da homoafetividade/homossexualidade e/ou homossexuais da maneira que foi exposta anteriormente (chama-se de Alfa). Supondo-se que esses alunos irão estudar e conviver juntos durante todo o ano letivo e que, por isso, seja necessária a interação entre Alfa e Ômega.

Exposto este caso fictício, pode-se ir para o próximo passo, que é a interação quase que diariamente de Alfa e Ômega em Beta.⁵ Alfa e Ômega encontram-se na sala de aula para que consigam buscar o reconhecimento intersubjetivo de suas identidades. No entendimento de Honneth (2009, p. 29), a interação se faz relevante, pois,

Resulta [...] uma luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de sua identidade. [...] Trata-se da pretensão dos indivíduos ao reconhecimento intersubjetivo de sua identidade, inerente à vida social.

Para ocorrer o reestabelecimento do equilíbrio que fora destruído pelas ideias preconcebidas, deverá haver o reconhecimento intersubjetivo de Alfa e Ômega. Entretanto, Hegel (2008) alerta para o fato de que, neste momento, quando Alfa vê Ômega e, imediatamente, todo o seu anterior conhecimento a respeito de seu parceiro de interação vem para a sua mente. E ele acha que tudo sabe sobre o outro sujeito. Diz-se que:

O conteúdo concreto da *certeza sensível* faz aparecer imediatamente essa certeza como o *mais rico* conhecimento, e até como um conhecimento de riqueza infinda, para o qual é impossível achar limite; nem *fora*, se percorrermos o espaço e o tempo onde se expande, nem [dentro], se *penetramos* nele pela divisão no interior de um fragmento tomado dessa plenitude. Além disso, a certeza sensível aparece como a mais *verdadeira*, pois do objeto nada ainda deixou de lado, mas o tem em toda a sua

⁵ Escolheram-se estes nomes (Alfa, Ômega e Beta) para serem as personagens deste trabalho, visto que, Alfa e Ômega são, respectivamente, a primeira e a última letra do alfabeto grego. Optou-se por elas, pois para se soletrar todo o alfabeto grego, para se chegar em Ômega, parte-se de Alfa. Assim, Alfa é a primeira letra que se pronuncia e Ômega a última. Porém, se soletrar o alfabeto em forma decrescente, iniciando em Ômega e terminando em Alfa, Ômega será a primeira letra a ser falada e Alfa a última. Quando isso acontece, Alfa vai para o “lugar” de Ômega e este para o “lugar” de Alfa. Nesse momento, dispendo-se todas as letras do alfabeto grego, de maneira que feche um círculo, Alfa e Ômega estarão lado-a-lado. Quando estas letras se unem, tem-se a união dos opostos, o reconhecimento. Em outras palavras, encontra-se Ouroboros.

plenitude, diante de si. Mas, de fato, essa *certeza* se faz passar a si mesma pela *verdade* mais abstrata e mais pobre. Do que ela sabe, só exprime isto: ele *é*. Sua verdade apenas contém o *ser* da Coisa; a consciência por seu lado, só está nessa certeza como puro *Eu*, ou seja: *Eu* só estou ali como puro *este*, e o objeto, igualmente apenas como puro *isto*. Eu, *este*, estou certo *desta* Coisa; não porque Eu, enquanto consciência, me tenha desenvolvido, e movimentado de muitas maneiras o pensamento. (HEGEL, 2008, p. 85).

Em razão disso, quando Alfa encontra-se com Ômega, ele sente e experiência, em si, aquilo que parece ser o mais nobre e total conhecimento sobre o seu parceiro de interação. Ele se lembra do conhecimento que proveio de outras pessoas acerca de outro sujeito. Alfa lembra-se que aqueles indivíduos que têm sentimentos homoafetivos, que são homossexuais, tal qual como Ômega o é, são “pecadores”, “doentes”, entre outros caracteres negativos. Alfa pensa que tudo sabe sobre Ômega, porquanto ele o viu. Assim, ele crê que a sua experiência, poder-se-ia dizer, a sua sensibilidade (sentidos), captaram a totalidade de Ômega. E, por isso, Alfa o entende como a mais absoluta verdade; como o mais verdadeiro conhecimento e não consegue, nesse momento, manter uma relação de reconhecimento com o outro.

Nesse momento, cabe discutir a questão 1.B do questionário. Tal pergunta assim foi feita:

Questão 1.B – *“Tomando por base a sua resposta na ‘letra A’ [questão 1.A], exponha, agora, de onde ou de quem você aprendeu o seu pensamento, a sua opinião acerca dos homossexuais, bem como da homoafetividade/homossexualidade.”*

Observou-se que muitos colaboradores da pesquisa responderam à referida indagação da mesma maneira. Porém, por enquanto, será transcrita e analisada a resposta de alguns estudantes. Mais adiante, em momento oportuno, serão trabalhadas mais algumas respostas. Para iniciar, escolheu-se o colaborador cujo nome é Carbono, que assim se expressou: *“Mas não precisa dos outros estarem ensinando, a gente mesmo tem que ter a cabeça no lugar e pensar de modo certo, ou ser homem ou ser mulher, não ser homem e sair liberando para todo mundo”*.

Bromo, Flúor, Selênio e Silício, manifestaram-se com opiniões convergentes, da seguinte forma:

Principalmente com a sociedade (com os meus pais, e família principalmente) pois de uma forma ou de outra a sociedade é e pensa que sempre será preconceituosa em relação à isso. (Bromo).

Aprendi com o pai, colegas. (Flúor).

Do meu pai porque eu e ele somos contra isso. (Selênio).

Com a sociedade. (Silício).

Outros exemplos provêm dos estudantes Iodo e Boro. Ambos se encaixam perfeitamente no pensamento de Hegel (2008) para ilustrar uma atitude de não reconhecimento para com o outro. Suas respostas para a questão 1.B assim se apresentaram:

Eu olhei pra um puto e até hoje tenho raiva e nojo deles. (Iodo).

Através da TV onde mostram fotos de homem com homem se beijando. (Boro).

Percebe-se que esses colaboradores viram o outro (para este trabalho, toma-se, como exemplo, Ômega) e captaram o que havia no sujeito. De acordo com a resposta de ambos para a questão 1.A (que já fora analisada para esses alunos), verifica-se que eles não conseguem reconhecer o outro em sua diferença, porquanto o pensamento anterior ao encontro com o outro lhe vem à mente.

Além desses estudantes, por enquanto, ainda se escolhe quatro alunos, devido às suas respostas. Esses quatro alunos (Germânio, Oxigênio, Astató e Enxofre) responderam de maneira semelhante:

Eu tenho opinião própria. Não aprendi com ninguém. (Germânio).

De mim mesmo. Gayzinho e viado. (Oxigênio).

Eu penso assim por mim mesmo. (Astató).

Aprendi comigo mesmo, pois, eu não gosto deles, e também aprendi com a comunidade mas também por ver algumas diferenças. (Enxofre).

Ao que parece, esses quatro estudantes aprenderam ou formularam a sua opinião acerca dos homossexuais de maneira própria, ou seja, ninguém lhes disse o que era para pensar. Porém, nesse caso, percebe-se, pela teoria hegeliana, que esses alunos não refletiram por vontade própria sobre o que é a homoafetividade. Isso pode ser verificado consultando as respostas que eles forneceram para a questão 1.A.

No momento em que eles acham a homoafetividade “uma vergonha” ou, então, que os homossexuais “são viados” e que “não haveria dois tipos de seres humanos”, eles estão externando aquilo que a maioria das pessoas pensam e falam. Portanto, ao fazerem isso, não refletiram realmente sobre o outro e, mais ainda, não dialogaram e em nenhum momento estão procurando construir uma relação intersubjetiva de reconhecimento para com os colegas homossexuais. O que realmente ocorre com esses alunos é uma falsa aparência de que tiveram a opinião exposta na questão 1.A, pensada por si mesmos ao que tange à resposta da pergunta 1.B. Nesse sentido, necessita dizer que o conhecimento e a opinião acerca dos homossexuais proveio de outras pessoas e não de si mesmos. Dessa forma, não reconhecem nem reconheceriam o colega que tivesse sentimentos homoafetivos em sua diferença.

Além desses alunos, resposta interessante para a questão 1.B proveio do estudante Nitrogênio. Ele disse que aprendeu o pensamento que expôs na pergunta 1.A:

“*Na escola*”.

Diante de tal resposta, percebe-se que, na escola, as relações entre os alunos, por exemplo, podem rumar para atitudes violentas. Quando isso ocorre, cabe utilizar a ideia de Charlot (2002, p. 435), ao afirmar que “uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam [...] (atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...)”. Isso quer dizer que a homofobia pode ser gerada na própria escola.

Diante das respostas colocadas até o momento, verifica-se que as opiniões dos estudantes analisados parecem ser provenientes de outras pessoas. Assim, não são refletidas pelos próprios alunos. No entendimento de Hegel (2008), é uma ideia que, somente para esses alunos, é a verdade. Porém, nada mais é do que uma “verdade” abstrata e pobre. Isso quer dizer que qualquer conhecimento antecipado ou, no dizer popular, um preconceito, seria uma “verdade” pobre, abstrata, sem base que a fundamenta. Adjetiva-se como pobre o pensamento de Alfa, pois ele ainda não alcançou a consciência, não interagiu com Ômega para que possam, juntos, fortalecer sua relação intersubjetiva. Ele não se movimentou porque aceitou, passivamente, um conhecimento que veio externamente a si próprio. Conhecimento este que proveio de outro meio e com as características deste meio. Sendo assim, não há o (re)conhecimento de um sujeito pelo outro, posto que um deles (Alfa) vê o outro (Ômega) como um objeto. Pode-se trazer a ideia de Dani (1999) acerca do pensamento heterônimo. Afirma-se isso, visto que, o preconceito é um pensamento heterônimo pois ele provém de fora de Alfa. Ele não é refletido pelo sujeito, mas sim, dado por outrem. Aliás, este pensamento, bem como a própria heteronomia,

Deriva-se de dois termos gregos: *heteros*, outro; e *nomos*, lei. Na ordem social, fundada sobre ela, a *lei*, o pensamento não é próprio, mas é de outrem, que tem poder e prestígio. [...] Sua forma de pensar não se orienta por si mesmo, pois as relações sociais são estabelecidas pela coação e não pela cooperação. (DANI, 1999, p. 90).

Com isto, parece que é possível retirar uma pequena conclusão acerca daquele encontro entre os sujeitos. Esta conclusão é como se deu o surgimento do preconceito. Aduz-se isso porque um dos sujeitos (Alfa) toma a experiência e seu anterior conhecimento, sem refletir sobre estes pontos e faz, para com o outro indivíduo, um exame que “Consiste em aplicar ao que é examinado um padrão aceito, para decidir, conforme a igualdade ou desigualdade resultante, se [...] [ele] está correto ou incorreto.” (HEGEL, 2008, p. 77).

Isso quer dizer que Alfa ao entrar em contato com Ômega, observa-o e aplica-lhe um padrão já anteriormente definido, isto é, enquadra um sujeito, seu parceiro de interação, no

padrão do “doente”, do “pecador”, “do sem-vergonha” e, portanto, daquele que não se enquadra dentro dos padrões tidos como “corretos” pela sociedade. Esse parece ser o pensamento de Fósforo e Cloro. Em resposta à questão 1.B, os estudantes assim se pronunciaram:

Pensamento lógico! Não é necessário pesquisar muito para ver que realmente homossexuais não são certos. (Fósforo).

Dentro da família, aprendi que é errado, mas não desprezá-los, pois são seres humanos normais, além de tudo. (Cloro).

Diante de tais respostas, bem como tomando por base o que os referidos colaboradores disseram na questão 1.A, ao utilizar a ideia de Honneth (2009), pode-se afirmar que não está ocorrendo o reconhecimento intersubjetivo da identidade, seja de uma pessoa ou de um grupo social. O que ocorre é a reificação, ou seja, o grupo minoritário que busca o reconhecimento por sua identidade é excluído por essa particularidade, por essa diferença que possui dos demais. Tal grupo, para esta dissertação, são os homossexuais. Esses sujeitos são tratados como objetos quando estão na escola, por exemplo. Por acontecer tal exclusão e não o reconhecimento proposto por Hegel (2008) e Honneth (2009), fica caracterizado, para este trabalho, o agir homofóbico de Alfa para com Ômega, o agir com um conhecimento não verdadeiro, ou seja, sem ter o reconhecimento subjetivo, sendo, portanto, a falsa verdade.

2.3 O conflito

No item anterior, foi visto que o preconceito é uma falsa verdade, algo que, apesar de ser um conhecimento, não é um conhecimento capaz de ensejar o reconhecimento intersubjetivo da identidade de grupos sociais minoritários. Cumpre esclarecer que algumas pessoas mantêm as suas ideias sobre a homossexualidade provindas de outros indivíduos, que não a si mesmas, portanto, acabam adotando tal pensar (certeza sensível hegeliana). Prendem-se à “falsa verdade”, ao preconceito. Quando, dentro da escola, por exemplo, encontram com um colega que é homossexual ou alguém que pense diferente de si, acabam promovendo, para com estes colegas, situações de conflitos na escola. Como o conflito é feito visando à orientação sexual de alguém (neste caso, a homossexualidade), ele é chamado de conflito homofóbico.

Como o próprio nome já diz, um conflito homofóbico não deixa de ser um conflito. Por conflito entende-se como “a interação de duas partes que têm propósitos incompatíveis”. (BELMAR, 2005, p. 102). Ou seja, “o conflito é uma situação de oposição consciente entre duas partes”. (BELMAR, 2005, p. 111). Para Burguet (2005, p. 47), “quando há

incompatibilidade de interesses ou necessidades, surge o conflito”. Já Darino e Oliveira (2007, p. 14) aduzem que conflito “*significa discrepância, choque, intereses contrapuestos en relación con una situación o un tema determinado*”.

Diante desses conceitos, há autores que classificam o conflito em negativo ou positivo. Por conflito negativo, Darino e Oliveira (2007, p. 16) entendem que “*son los que deterioran las relaciones, por los resentimientos, las inculpaciones*” e por conflito positivo, que “*son los aspectos constructivos, que mejoran las relaciones. Movilizan a un cambio y se intenta una solución*”.

Com essa classificação e sabendo-se que o conflito “é um fenômeno universal inerente ao ser humano” (MAYA, 2005, p.77), será mostrado, neste trabalho, como um conflito homofóbico escolar pode ser resolvido, utilizando-se da teoria do reconhecimento. Ao se falar em conflitos e, como se apontou, em reconhecimento, é pertinente dizer que tais termos (conflitos e reconhecimento) estão entrelaçados. Tanto Hegel (2008), em *Fenomenologia do espírito*, quanto Honneth (2009), em *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*, trabalham sobre a ideia de reconhecimento, mais especificamente, acerca do reconhecimento social. Para que este reconhecimento ocorra, Honneth (2009) parte de Hegel (2008), pois ele “une pretensões estritamente universalistas com a preocupação permanente com o desenvolvimento do indivíduo” (HONNETH, 2009, p. 17-18).

Como há uma preocupação com o desenvolvimento dos sujeitos, como pessoas que possuem uma identidade própria, como, por exemplo, os homossexuais também, é necessário, para que haja o reconhecimento, haver também uma preocupação com o conflito. Para buscar o (re)conhecimento intersubjetivo das partes envolvidas em um conflito, Honneth (2009, p. 17) parte “dos conflitos e de suas configurações sociais e institucionais”. Porém, nesse contexto, cabe uma ressalva, pois, para Honneth (2009), não é qualquer conflito que merece ser estudado sob a ótica do reconhecimento, até porque alguns não valorizam a luta social, prendendo-se à autoconservação e ao aumento de poder. Os conflitos que interessam para Honneth (2009, p. 18) são aqueles:

Que se originam de uma experiência de desrespeito social, de um ataque à identidade pessoal ou coletiva capaz de suscitar uma ação que busque restaurar relações de reconhecimento mútuo ou justamente desenvolvê-las num nível evolutivo superior.

Ao se analisar essas palavras de Honneth (2009), ver-se-á que o conflito homofóbico na escola encaixa-se perfeitamente na ideia do filósofo. Para ele, o conflito é a “base da

interação social [...] e a gramática moral desse conflito é a luta por reconhecimento”. (WERLE; MELO, 2008, p. 186). Honneth (2009) se ancora no “fato de que há uma suposição básica de reconhecimento social à qual os sujeitos se vinculam com suas expectativas normativas quando entram em relações comunicativas” (WERLE; MELO, 2008, p. 186). Essa relação comunicativa é a base para o reconhecimento de grupos sociais, como os homossexuais. Afirma-se isso porque, para o referido filósofo, a relação comunicativa não pode ser desenvolvida em “termos de uma teoria da linguagem, mas com base nas relações de reconhecimento formadoras da identidade, isto é, da constituição intersubjetiva da identidade pessoal e coletiva”. (WERLE e MELO, 2008, p. 186).

Honneth (2009) parte dessa concepção de conflito, pois há, nos relacionamentos entre as pessoas, situações eivadas de desrespeito e injustiça. Um exemplo disso são os conflitos homofóbicos na escola, justamente porque agridem a identidade (ser homossexual e ter orientação sexual voltada para alguém do mesmo sexo) de uma pessoa e, como consequência, a todo um grupo social que tenha esta mesma orientação. Este conflito ocorre, porque os indivíduos desrespeitados – e que assim se sentem –, no entendimento de Honneth (2009), construíram uma imagem positiva de si mesmos frente ao ambiente social onde se encontram. Agora esses mesmos indivíduos, quando são vítimas de um conflito homofóbico, têm violada a sua identidade, bem como a possibilidade de serem eles mesmos, seja na escola, seja na sociedade. É por isso que Honneth

Destaca a idéia fundamental de que os indivíduos só podem se formar e construir suas identidades pessoais quando são reconhecidos intersubjetivamente. O indivíduo só pode ter uma relação positiva consigo mesmo se for reconhecido pelos demais membros da comunidade. Quando esse reconhecimento não é bem sucedido (pela ausência ou falso reconhecimento), desdobra-se uma luta por reconhecimento na qual os indivíduos procuram estabelecer ou criar novas condições de reconhecimento recíproco. (WERLE e MELO, 2008, p. 188).

Tomando tais ideias por base, verifica-se que o reconhecimento pode ser o fundamento para a solução dos conflitos homofóbicos na escola, pois é essa teoria, desenvolvida por Hegel (2008) e Honneth (2009), que proporciona, com base em relações éticas, que um indivíduo que tenha sentimentos homoafetivos possa ser tomado como sujeito da referida relação, e não como objeto da mesma.

Se o sujeito homossexual for tomado como um objeto pelo seu parceiro de interação e recair sobre ele a reificação, ele será vítima do conflito homofóbico, posto que esta nasce do preconceito que há contra os homossexuais. Fala-se em desrespeito social e, por isso, a tentativa de encontrar a restauração da relação através do reconhecimento. Ainda assim, a

escolha de reconhecer tal espécie de conflito provém de Hegel, pois este, segundo Honneth (2009, p. 25), defendeu

A convicção de que resulta de uma luta dos sujeitos pelo reconhecimento recíproco de sua identidade uma pressão intrassocial para o estabelecimento prático e político de instituições garantidoras da liberdade; trata-se da pretensão dos indivíduos ao reconhecimento intersubjetivo de sua identidade.

Entretanto, para que haja o reconhecimento, chegando-se à solução dos conflitos homofóbicos na escola, é necessário adotar a classificação positiva dos conflitos. É ela quem proporciona um entendimento, uma solução que pode levar para a unidade dos opostos. Tem-se tal entendimento posto que o conflito “não deve ser visto como algo negativo. Graças aos conflitos, as sociedades progridem e são alcançadas melhoras para os seres humanos” (MAYA, 2005, p. 77). Para isso,

O conflito é um processo natural da sociedade e um fenômeno necessário para a vida humana, podendo ser um fator positivo para a mudança e o crescimento pessoal e interpessoal. [...] É como uma força natural que, controlada e em sua justa e equilibrada medida, pode desenvolver a natureza, produzir energia e estimular a vida [...]. (BELMAR, 2005, p. 101).

Tal ideia é corroborada por Burguet (2005, p. 42), quando afirma que

Os processos de crescimento têm sua origem em situações de conflito. Aí está a razão de valorizar positivamente o conflito quando há violência, como ferramenta de mudança, de desafio para desenvolver respostas novas e soluções criativas.

Mesma ideia é exposta por Honneth (2009, p. 63-64), ao entender que, para haver o reconhecimento, é preciso o conflito, pois somente

Através da violação recíproca de suas pretensões subjetivas os indivíduos podem adquirir um saber sobre se o outro também se reconhece neles como uma ‘totalidade’: ‘mas eu não posso saber se minha totalidade, como de uma consciência singular na outra consciência, será esta totalidade sendo-para-si, se ela é reconhecida, respeitada, senão pela manifestação do agir do outro contra minha totalidade, e ao mesmo tempo o outro tem de manifestar-se a mim como uma totalidade, tanto quanto eu a ele’. [...] A consciência permite-lhe agora transferir os motivos do começo do conflito inequivocadamente para o interior do espírito humano, o qual deve estar constituído de modo que ele, para realizar-se integralmente, tem de pressupor um saber sobre seu reconhecimento pelo outro, a ser adquirido somente de maneira conflituosa: o indivíduo só pode ser reconhecido por seu parceiro de interação mediante a experiência da reação prática com que aquele responde a um desafio deliberado, ou mesmo a uma provocação.

Isso quer dizer que uma situação de conflito na escola, e até mesmo dentro da sala de aula, não pode ser descartada. É a partir do conflito que se estará começando a trabalhar o interior, o pensamento e a alma humana. Somente através dele que os alunos poderão começar a se realizar integralmente. É diante do trabalho positivo de um conflito que o indivíduo

principiará por entender a subjetividade e a totalidade do outro, para, posteriormente, reconhecê-lo como (e nesta) totalidade.

O conflito, como o homofóbico, por exemplo, precisa ser trabalhado. É através de situações como estas que, havendo o diálogo, os sujeitos integrantes da relação poderão se reconhecer um no outro. Entretanto, para que isso ocorra, Alfa necessita ver Ômega como uma totalidade, assim como ele também precisa ver o seu oposto como alguém completo.

Somente quando isso ocorrer é que ambos os sujeitos terão a sua identidade reconhecida. É relevante destacar que esse reconhecimento somente enseja, pois há o conflito, há o sentimento de desrespeito e injustiça para com os grupos minoritários. Isso tornará a relação de reconhecimento “eticamente mais madura” (HONNETH, 2009, p. 57), o que leva ao desenvolvimento de “uma ‘comunidade de cidadãos livres’”.

Desse modo, essa comunidade ética e de cidadãos livres e reconhecentes um do outro necessita ser formada. É isso que a escola precisa fazer quando se depara com um conflito homofóbico.

Olhando sobre esse prisma, toda essa questão do reconhecimento, para Hegel, poderia ser o espírito. Porém, para Honneth (2009, p. 63), em sua reatualização, essa comunidade ética, de sujeitos reconhecentes, vai se efetuar

Através da série de mediações próprias dos meios linguagem, instrumento [...], por cujo emprego a consciência aprende a conceber-se pouco a pouco como uma ‘unidade imediata de singularidade e universalidade’ e, por conseguinte, chega à compreensão de si mesma como ‘totalidade’. No novo contexto, o termo ‘reconhecimento’ refere-se àquele passo cognitivo que uma consciência já constituída ‘idealmente’ em totalidade efetua no momento em que ela ‘se reconhece como a si mesma em uma outra totalidade’, em uma outra consciência.

Fica claro, diante do exposto até agora, que é do conflito, desde que trabalhado de maneira positiva, que se dará o (re)conhecimento. É ali o início do processo de formação dessa comunidade ética, pois os sujeitos vão se reconhecendo por etapas até se realizarem e sentirem-se reconhecidos pelo seu parceiro de interação. Pode-se dizer que, concordando-se com Honneth (2009, p. 64),

O conflito representa uma espécie de mecanismo de comunitarização social, que força os sujeitos a se reconhecerem mutuamente no respectivo outro, de modo que por fim sua consciência individual da totalidade acaba se cruzando com a de todos os outros, formando uma consciência ‘universal’. Essa consciência que veio a ser ‘absoluta’ fornece [...] a base intelectual para uma coletividade futura e ideal: proveniente do reconhecimento recíproco como um *medium* da universalização social, ela constitui o ‘espírito do povo’ e, nesse sentido, também ‘a substância viva’ de seus costumes.

É por isso que a escola necessita promover a comunitarização entre os sujeitos de maneira que possa desencadear nos alunos uma luta por reconhecimento. Afirma-se isso, pois

é ela “que permite desenvolver nos indivíduos um sentimento racional para suas comunidades intersubjetivas, na mesma medida em que ela progressivamente chama a atenção deles para suas pretensões subjetivas”. (HONNETH, 2009, p. 65).

Esse reconhecimento e, como consequência, a formação de uma comunidade ética, necessita do conflito. É ele que permite a divergência de ideias e pensamentos. E, para que haja opiniões diversas, precisa-se de duas partes que pensem de forma diferente sobre o mesmo assunto, como, por exemplo, Alfa e Ômega. Nas palavras de Belmar (2005, p. 102), “o conflito, se apresenta quando se encontram dois atores em oposição consciente, em uma situação em que se perseguem objetivos incompatíveis, o que leva a um confronto ou a uma luta”.

Dessas palavras, pode-se retirar que, quando ocorre o conflito homofóbico escolar, há um não reconhecimento de Ômega por parte de Alfa e, como consequência, a não formação de uma comunidade reconhecente. E isso provém das ideias negativas que um indivíduo recebe acerca da homossexualidade/homoafetividade, bem como dos homossexuais. Tal ideia é encontrada em Honneth (2009, p. 213), quando aduz que

Na autodescrição dos que se veem maltratados por outros, desempenham até hoje um papel dominante categorias morais que, como as de ‘ofensa’ ou de ‘rebaixamento’, se referem a formas de desrespeito, ou seja, às formas do reconhecimento recusado. Conceitos negativos dessa espécie designam um comportamento que não representa uma injustiça só porque ele estorva os sujeitos em sua liberdade de ação ou lhes inflige danos; pelo contrário, visa-se àquele aspecto de um comportamento lesivo pelo qual as pessoas são feridas numa compreensão positivas de si mesmas, que elas adquiriram de maneira intersubjetiva.

Quando ocorre o conflito homofóbico, o autor do ato, além de possuir o preconceito e não reconhecer seu oposto, fere-o na alma; fere-o de maneira intersubjetiva. Ao fazer isso, prejudica o conceito de homoafetividade que o outro (ser ferido) possuía de si mesmo e que, neste caso, era algo positivo. Pode-se dizer que esta situação é “vivenciada pelos atingidos como um processo que os priva de reconhecimento social e, por isso, os vexa no sentimento de seu próprio valor”. (HONNETH, 2009, p. 263). Quando tal situação de maltrato e não-reconhecimento ocorre, mesmo que seja o cerne do conflito homofóbico na escola, percebe-se que não deixa de haver uma interação entre as partes conflitantes. No momento em que isso acontece, faz-se necessário cuidar que este conflito não seja tratado como um conflito negativo e sim como um conflito positivo. Se o conflito homofóbico for tratado como um conflito negativo, a escola estará promovendo a homofobia, porquanto estará “abafando” tal confronto, permitindo que Ômega seja marginalizado em seu ambiente de estudos. Por outro lado, se o conflito homofóbico for tratado pela escola como um conflito positivo, no qual se possa ouvir Ômega dialogar acerca da homossexualidade, e promover estudos sobre este

tema, a escola estará promovendo a dignidade, o respeito e a igualdade entre todos os alunos, independente de qual orientação sexual possuam e, como consequência, o reconhecimento.

Se a escola procurar solucionar o conflito homofóbico de maneira positiva, ela estará fazendo com que os estudantes passem a deixar de lado os aspectos que a certeza sensível lhes proporcionou. Assim, é possível dizer que um conflito de tal teor “se apresenta [como] [...] uma oportunidade onde a pessoa poderá contribuir, através do empenho particular, para a superação da situação problema, [...] bem como na melhoria das relações com o contexto social onde vive e convive”. (DANI, 2003, p. 65).

Desse modo, se seguir com a ideia de buscar solucionar o conflito homofóbico, que é algo negativo, positivamente, Alfa, após interagir com Ômega, necessitará se movimentar para poder conhecer e reconhecer seu colega. Quando Alfa fizer isso, além de abandonar a certeza sensível, incorrendo para sua evolução e crescimento, ele irá superar a “situação problema” (conflito homofóbico), afinal o

Desenvolvimento da identidade pessoal de um sujeito está ligado fundamentalmente à pressuposição de determinadas formas de reconhecimento por outros sujeitos, pois, com efeito, a superioridade da relação interpessoal sobre a ação instrumental consistiria manifestamente em que ela abre reciprocamente para os sujeitos comunicantes a possibilidade de se experienciar em seu parceiro de comunicação como o gênero de pessoa que eles reconhecem nele a partir de si mesmos. (HONNETH, 2009, p. 78).

Isso significa que “um indivíduo que não reconhece seu parceiro de interação como um determinado gênero de pessoa, tampouco pode experienciar-se a si mesmo integral ou irrestritamente como um tal gênero de pessoa”. (HONNETH, 2009, p. 78). Assim, a ocorrência do conflito homofóbico há porque Alfa não consegue perceber Ômega como um sujeito que possui uma identidade própria e que lhe é inerente à sua condição de indivíduo digno, capaz de ser reconhecido. Alfa vê Ômega como um objeto e, no momento em que o maltrata, por ter sentimentos homoafetivos, não o reconhece em sua identidade e particularidade. Isso faz com que Alfa perca o direito de ser reconhecido em sua essência, justamente porque não reconhece o seu parceiro de integração e não procura formar uma comunidade ética que seja capaz de consolidar todas as identidades inerentes aos sujeitos. Surge, para tanto,

Uma pressão para a reciprocidade, que sem violência obriga os sujeitos que se deparam a reconhecerem também seu defrontante social de uma determinada maneira: se eu não reconheço meu parceiro de interação como um determinado gênero de pessoa, eu tampouco posso me ver reconhecido em suas reações como o mesmo gênero de pessoa, já que lhe foram negadas por mim justamente aquelas propriedades e capacidades nas quais eu quis me sentir confirmado por ele. (HONNETH, 2009, p. 78).

Por isso é importante Alfa o (re)conhecer(-se), pois o que ele sabia até então acerca de Ômega não seria a verdade, mas sim o seu saber sobre ele. Como apenas Alfa utiliza o que conhece sobre o seu parceiro de interação devido o que foi lhe dado por um meio externo a si, ele não conseguiu dialogar e nem interagir realmente com Ômega.

Nesse momento, cabe analisar mais 16 questionários dos colaboradores da pesquisa. A escolha por esses 16 estudantes aparecerem agora, deve-se pelo fato de alguns, na questão 1.A, apesar de terem demonstrado preconceito em relação aos homossexuais, já conseguirem ter respeito para com eles. Embora isso ocorra, ver-se-á também que a maioria dos alunos, ao responderem à questão 1.B, mostraram que obtiveram esse pensamento de outras pessoas. Quando isso ocorre, percebe-se que, se os colaboradores persistirem com a ideia que receberam de outros indivíduos, terão mais dificuldade de se abrirem para o diálogo e reconhecer os outros, como se verá mais adiante pelas palavras de Hegel (2008) e Honneth (2009).

Diante disso, trazem-se os pensamentos dos alunos que correspondem às palavras acima. Inicia-se por Tungstênio. Tungstênio tem 15 anos, é do sexo feminino, estudante do segundo ano do Ensino Médio, e declarou pertencer à classe média quando lhe foi perguntado acerca do seu nível socioeconômico: *“Cada um, cada um; Mas dos bem homossexuais não gosto muito, mas aprenderia a conviver com eles”* (questão 1.A) e *“Aprendi com a sociedade, pais...”* (questão 1.B).

Já Háfnio, tem 16 anos, é do sexo feminino, estudante do segundo ano do Ensino Médio e declarou pertencer à classe média. Em resposta para a pergunta 1.B, ela assim se expôs: *“Através de todos, mas principalmente a família”*. Quanto a questão 1.A, Háfnio aduziu que *“respeito os homossexuais, mas não sou muito a favor”*.

Na mesma linha de Tungstênio e Háfnio, encontram-se Cromo, Ferro e Tálío. Esses alunos expõem que não acham a homoafetividade normal, mas respeitam. O primeiro desses três últimos colaboradores (Cromo) estuda no terceiro ano do Ensino Médio, tem 17 anos, é do sexo feminino, e declarou-se como sendo pertencente à classe média e assim expôs seu pensar ao que tange à questão 1.A: *“Eu respeito as escolhas dos outros, porém, assim, como a maioria da sociedade, eu não vejo isso como algo tão normal, mas respeito”*.

Já Ferro e Tálío são colaboradores do segundo ano do Ensino Médio. Ambos são do sexo feminino e pertencem à classe média. Porém, Ferro tem 15 anos e Tálío 16 anos. Como resposta, para a indagação 1.A, assim escreveram:

Acho estranho, nojento, mas respeito a escolha dessas pessoas. (Ferro).

Respeito e acho que todos deveriam respeitar. Mas não gosto muito daquelas 'biba loca'. (Tálio).

Frente às respostas expostas pelos colaboradores, percebe-se que, realizando uma comparação com os outros estudantes já analisados (Carbono, Flúor, Bromo, Iodo, Nitrogênio, Fósforo, entre outros que pensam da mesma maneira) que Cromo, Ferro, Tálio, Tungstênio e Háfnio, externam um pouco de respeito em relação aos homossexuais. Fato esse que não ocorre com os outros alunos. Entretanto, a ideia de respeito colocado por tais alunos não quer dizer que reconheçam os homossexuais. Podem respeitar e tolerar a diferença, porém não reconhecem a diversidade. Para isso, verifica-se o que esses colaboradores responderam na questão 1.B:

Desenvolvi isso por mim mesma, meus pais aceitam homossexuais, eu já aceito, mas até certo ponto. (Tálio).

Aprendi isso com a sociedade, TV. (Ferro).

Aprendi com minha família de que se deve gostar do sexo oposto, ou seja, eles me ensinaram conforme aprenderam ao longo de sua vida junto de seus pais, mas hoje, juntos, vemos que este pensamento mudou. (Cromo).

Transpondo tais respostas para as ideias de Hegel, verifica-se que, principalmente, Cromo traduz o pensamento do filósofo quando afirma que no momento em que se encontra com seu parceiro de interação, todo o seu pensamento proveniente de outras pessoas (pais, família, neste caso) vem à mente. O mesmo vale para Ferro e Tálio. Igual raciocínio tem Molibdênio, Cobre, Samário, Paládio, Titânio, Estanho, Ouro, Prata, Níquel, Cobalto e Manganês. Esses onze colaboradores, embora não sejam tão agressivos quanto os outros, ainda assim, não reconhecem os homossexuais. Percebe-se isso em Cobre. Cobre é uma aluna do terceiro ano do Ensino Médio, tem 18 anos, é do sexo feminino e declarou-se como sendo da classe média. Para a questão 1.A, ela assim se expressou: *“Não tenho nada contra, mas a gente vê duas pessoas de mesmo sexo é muito estranho. Como duas pessoas do mesmo sexo se atraem eu não consigo imaginar. Se essas pessoas querem viver juntas, eu que não vou discriminar”*.

O mesmo vale para Molibdênio. É um aluno do terceiro ano do Ensino Médio, tem 17 anos, é do sexo masculino e pertence à classe média. Quanto à questão 1.A, ele afirmou: *“Não gosto de homossexuais, mas eles que cuidem da sua vida e eu da minha, por isso não sou contra, só não gosto”*.

Samário, Ouro, Prata e Manganês são todos do sexo masculino, estudantes do primeiro ano do Ensino Médio, e declararam pertencerem ao nível socioeconômico de classe

média. Entretanto, os dois primeiros estudantes têm 16 anos; o terceiro, 15 anos e o último, 17 anos. Ao que toca a questão 1.A, eles assim responderam:

Não desprezo ninguém, apenas não gosto dos homossexuais que extravasam muito com o vestuário, etc. (Samário).

Eles nasceram assim. (Ouro).

Que são assim, porque nasceram assim ou as vezes, por influência dos amigos. (Prata)..

Porque eles não gostam da mesma coisa que eu. (Manganês).

Quanto à questão 1.B, esses mesmos alunos encaixam-se no pensamento exposto por Hegel, quando afirmam:

Eu presenciei na escola, com meus amigos. Rua. (Manganês).

Por causa da sociedade. (Prata)..

Da família. Os homossexuais devem ficar sem se expor na sociedade. (Ouro).

Depois que vi um pouco do que era homossexualismo em vídeos da internet e TV peguei nojo, não gostei, por isso não gosto, mas não sou contra que sejam homossexuais. (Molibdênio).

Ainda assim, cabe verificar as respostas de Cobre e Samário para a questão 1.B. Embora eles digam que “aprenderam sozinhos”, isso ainda não caracteriza um reconhecimento, afinal, mesmo para refletir, precisariam ter, pelo menos, ouvido a ideia de homossexualidade/homoafetividade de terceiros:

De ninguém, o que penso é apenas uma opinião formada por mim no que acho certo e errado. Mas tem dois lados de pensar sobre os homossexuais. Não discrimino, mas acho que não conseguiria conviver com pessoas assim. (Cobre).

Apreendi comigo mesmo, tenho amigos e colegas assim. (Samário)

Para ilustrar, apresentam-se também as respostas de Estanho, Níquel, Paládio, Titânio e Cobalto para a questão 1.B. O primeiro desses alunos é estudante do terceiro ano do Ensino Médio, tem 20 anos, é do sexo masculino e declarou pertencer ao nível socioeconômico baixo. Níquel, Cobalto e Titânio também são do sexo masculino. Os dois primeiros estudam no segundo ano do Ensino Médio; e o terceiro, no primeiro ano do Ensino Médio. Os três declararam pertencer ao nível socioeconômico médio. Níquel e Titânio têm 16 anos, enquanto Cobalto tem 18 anos:

Não sei, nunca gostei de homossexuais. Penso assim, eu mesmo já devo ter minha opinião própria. (Níquel).

Eu cheguei a uma conclusão sozinho, sem ninguém me influenciar. (Titânio).

Com o meu pai que me falou a sua opinião e falou para não discriminar os homossexuais. (Cobalto).

Não sei, meus pais e parentes pensam assim, mas desde pequeno sempre que vejo um putto fico furioso. Eles mancham a imagem dos homens. (Estanho).

Percebe-se que Estanho, em alguns momentos, de acordo com a resposta para a pergunta 1.A, que será transcrita logo a seguir, demonstra aceitação dos homossexuais e, em outros, externa sua agressividade para com eles. Mesmo entendimento pode ser encontrado em Níquel, embora não com a mesma homofobia do primeiro estudante.

Dois homens que se gostem e queiram manter uma relação afetiva como um casal normal, nada contra a isto. Mas, as bichas que andam se fresquiando pelas ruas, adoraria vê-las apanhando em praça pública. (Estanho)

Não gosto de homossexuais, no caso odeio aqueles homossexuais estéricos ou escandalosos. Nada contra lésbicas. (Níquel).

Já Cobalto corrobora um pouco com o entendimento de Níquel ao que tange à questão 1.A. Diz ele: “*Não gosto daqueles que se vestem de mulher, se quer dar por aí, que seja sem ninguém ver.*”

Para Titânio, não é muito diferente, uma vez que ele que: “*Eu acho isto um pouco estranho. Só que eles querem assim, vai ser do jeito deles*”.

Ainda não se pode esquecer de Paládio. Paládio é estudante do terceiro ano do Ensino Médio, tem 16 anos, é do sexo feminino e declarou pertencer à classe média. Em resposta às questões 1.A e 1.B, ela assim se manifestou:

Questão 1.A: *Eu acho que cada um sabe do que gosta, eles não são assim porque querem, para mim, eu não tenho nada contra, mas é meio esquisito.*

Questão 1.B: *Sei lá, quando a gente é pequeno aprendemos com nossos pais, e as pessoas em volta de que isso não é certo.*

Ao longo da exposição das respostas dos estudantes apresentados até o momento, verifica-se que muitos deles aprenderam o seu pensamento a respeito dos homossexuais de fontes externas a si próprios. Porém, mesmo aqueles que disseram terem aprendido sozinhos, não captaram o seu entendimento do “vazio”, mas precisaram, pelo menos, terem ouvido ou visto algo sobre a homoafetividade. Nesse sentido, mesmo aqueles alunos que responderam não discriminar e respeitar, ainda não quer dizer que reconheçam a diferença existente entre as pessoas. É relevante trabalhar com tais ideias, porque, para haver o reconhecimento, é necessário que os indivíduos deixem de lado qualquer padrão de comportamento que tenha recebido de um meio exterior a si, pois somente assim poderão considerar o outro como um sujeito igual a si e reconhecê-lo. Nas palavras de Hegel (2008, p.79),

Não precisamos trazer conosco padrões de medida, e nem aplicar na investigação *ossos* achados e pensamentos, pois deixando-os de lado é que conseguiremos considerar [...] [o outro] como *é em si e para si*.

Isso quer dizer que, se Alfa persistir nas ideias advindas de fora de si, ele não conseguirá conhecer e nem reconhecer Ômega. Alfa parece que permanecerá a ter a ideia de que o seu conhecimento é a verdade absoluta, e também não conseguirá reconhecer que está equivocando em seus pensamentos. É por isso que ele possui preconceito e necessita deixar de lado este padrão para conhecer e reconhecer seu parceiro de interação, bem como ser reconhecido por ele na sua identidade. Somente assim Alfa poderá analisar a situação em que se encontra. Para isso, ele necessita deixar de lado seus padrões que adquiriu antes de interagir com Ômega. Nesse momento, os sujeitos de uma relação que vise ao reconhecimento não poderão se utilizar do exame (que seria a aplicação de um determinado padrão para decidir se o comportamento de um indivíduo é correto ou não). Há esse entendimento porque a consciência, nesse caso, é consciência do parceiro de interação (portanto de um dos sujeitos da relação ética), bem como consciência de si mesma. Em outras palavras, diz-se que: “é consciência do que é verdadeiro para ela, e consciência de seu saber da verdade”. (HEGEL, 2008, p. 79).

O pensamento de Alfa, nesse momento, bem como o saber sobre o seu próprio pensamento, provém da observação. A observação e, como consequência, a experiência que Alfa realiza, faz com que Ômega se pareça,

Para a consciência, ser somente tal como ela o conhece. Parece também, que a consciência não pode chegar por detrás [dele] [...], [para ver] como ele é, *não para ela*, mas como *é em si*; e que, portanto, também não pode examinar seu saber em geral sobre [ele], já está dada a distinção entre [um momento de] algo que é, *para a consciência*, o *Em-si* e um outro *para a consciência*. O exame se baseia sobre essa distinção que é uma distinção dada. (HEGEL, 2008, p. 79).

Quando Alfa observa Ômega, ele retira características dele. Essas características não são totais, completas, posto que quem observa algo, não consegue ver a totalidade do ser observado, mas somente uma parte. Porém, quando Alfa retira as características de Ômega, ele já tem condições de consolidar a relação com seu parceiro de interação, ou seja, pelo menos tem condições de dialogar com ele. Quando isso ocorre, surge, para Alfa, um “novo” Ômega, mas este novo sujeito é feito através de uma pré-compreensão que Alfa possuía sobre ele e que não era essa consolidação visando à construção da identidade pessoal e coletiva. Para Hegel, portanto, ocorre o que se conhece por movimento dialético. Pode-se aduzir que “esse movimento dialético que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu [...] [parceiro de interação], *enquanto dele surge o novo [parceiro de*

interação] verdadeiro para a consciência, é justamente o que se chama experiência”. (Hegel, 2008, p. 80). Portanto, quando Alfa encontrou Ômega, ele experienciou um outro sujeito. Retirou características e tentou formular um conceito, mas este não é um conceito reconhecente, visto que somente é o pensamento e a ideia de Alfa. E este sujeito, enfim, neste momento, pensa que a experiência lhe proporcionou o todo e o mais verdadeiro saber acerca de Ômega. No entendimento de Hegel, surge um novo parceiro de interação para o sujeito. Isto quer dizer que, para Alfa, surge e há um novo Ômega.

Nesse momento, cabe trabalhar com mais quatro questionários. Os alunos que o responderam, embora ainda demonstrem um pouco de preconceito para com os homossexuais, já conseguem perceber que é necessário a escola aceitar as diferenças e conviver com elas. Para isso, elegeram-se os colaboradores de nomes: Érbio, Gadolínio, Irídio e Amerício. Os dois primeiros colaboradores são estudantes do primeiro ano do Ensino Médio e são do sexo feminino. Entretanto, Érbio declarou ser do nível socioeconômico “pobre” e ter 15 anos. Já Gadolínio, tem 16 anos e pertence à classe média. Desse modo, assim responderam:

Questão 1.A: *Não tenho nada contra, mas nada a favor também.* (Érbio).

Questão 1.B: *Não sei. Talvez com meus amigos.* (Érbio).

Questão 1.A: *Sei lá, é estranha a personalidade de cada um deles. Mas, são pessoas iguais a nós fisicamente, mas com pensamentos diferentes.* (Gadolínio).

Questão 1.B: *A minha opinião surgiu de acordo com o comportamento da sociedade.* (Gadolínio).

Analisando-se as respostas de Érbio e de Gadolínio, tomando como base o pensamento filosófico exposto até o presente momento, ver-se-á que as duas alunas já não se apegam mais tanto à certeza sensível de Hegel, se comparadas aos colaboradores Carbono e Nitrogênio, por exemplo. Mesmo que elas ainda possam estranhar a homoafetividade, começam a perceber que surgiu, no dizer de Hegel, “um novo parceiro de interação”, ou seja, Érbio e Gadolínio, mesmo que, ainda ligadas à certeza sensível, já são capazes de experienciar o outro para além do que lhes foi falado. Nota-se isso quando Gadolínio afirma que, mesmo achando os homossexuais estranhos, admite que eles são pessoas iguais a qualquer outra. Portanto, essa colaboradora consegue retirar as características do seu parceiro de interação e realizar a experiência.

Ideias idênticas possuem outras duas colaboradoras já mencionadas: Irídio e Amerício. Como dito, são do sexo feminino e estudam no segundo ano do Ensino Médio.

Ambas têm 16 anos e declararam ser do nível socioeconômico médio. Em resposta para a questão 1.A e 1.B, as colaboradoras assim se expressaram:

Questão 1.A: *Acho estranho, nojento. Claro que acho que é possível aceitar as diferenças, mas não gosto dessa ideia, mas cada um tem sua opção.* (Irdio).

Questão 1.B: *Acho que através do que a própria sociedade impõe e não necessariamente por causa da família ou influência de professores.* (Irdio).

Questão 1.A: *O meu pensamento sobre a homossexualidade, bem como a homoafetividade é de que, segundo minhas crenças religiosas e biológicas, o correto seria que homem se relacionasse com mulher, porém, também, penso que, somos livres para escolher o que queremos e se o amor, a lealdade e o respeito entre o casal funcionam bem, então nós devemos respeitá-los pois são humanos como nós.* (Amerício).

Questão 1.B: *Aprendi estas ideias ouvindo de uma professora em especial, na televisão e na família, e pela consciência própria.* (Amerício).

Apesar de Irdio e Amerício terem experienciado o parceiro de interação – posto que, mesmo se apegando a ideias religiosas, ainda conseguem tentar um diálogo com o outro e aceitar as diferenças – essa experiência exposta por Hegel parece que não concede o conhecimento total, bem como o reconhecimento acerca dos homossexuais, pois o conhecimento que tais alunas possuem é resultado da experiência realizada na interação delas com o outro. Nas palavras de Hegel (2008, p. 80), fala-se que o parceiro de interação (Ômega – para este trabalho – e, para tanto, o novo sujeito proveniente da experiência) é, em verdade:

Uma representação não de um [sujeito] [...], mas apenas de seu saber do primeiro [...] [sujeito]. Só que, [...] o primeiro [sujeito] se altera ali para a consciência, deixa de ser o Em-si e se torna para ela um objeto tal, que *só para a consciência é o Em-si*. Mas, sendo assim, *o ser-para-ela desse Em-si é o verdadeiro*; o que significa, porém, que ele é a *essência*, ou é seu [sujeito]. Esse novo [sujeito] contém o aniquilamento [natividade] do primeiro; é a experiência feita sobre ele.

Quando Alfa passa por esta movimentação (conhecer seu parceiro de interação partindo da experiência), passo pela *certeza sensível*, no entendimento de Hegel. Frente a isso, Alfa está diante de um universal que é “de fato, o verdadeiro da certeza sensível”. (Hegel, 2008, p. 87). Ao ocorrer isto, ele, que experienciou Ômega e nele apreendeu a sua verdade, percebeu o seu parceiro de interação.

É por isso que se pode dizer que os últimos alunos analisados, no momento em que afirmam ter aprendido que “o correto seria o relacionamento entre homem e mulher”, bem como que “acham estranho ou nojento”, admitem ser possível “aceitar as diferenças” ou, então, “se há amor e lealdade entre o casal, deve-se respeitar”, pois são “pessoas iguais” como as outras, sempre há uma ressalva, que pode ser vista como a experiência feita sobre o parceiro de interação.

Usando a história de Alfa e Ômega em Beta, pode-se dizer que Alfa percebe Ômega. Ao fazer isso, conhece-o com suas características e o percebe como um indivíduo oposto a si. Isso é o que ocorre com Irídio, Amerício, Érbio e Gadolínio. De outro modo, pode-se dizer que Alfa consegue perceber, em seu entendimento, que quem possui sentimentos heteroafetivos é quem está correto. O contrário a isso é conhecido como oposto, ou seja, aquele colega (Ômega, de acordo com o exemplo deste trabalho) que tem sentimentos homoafetivos. Frente a esta ideia, surge o Uno, que seria a unidade excludente, no dizer de Hegel (2008, p. 97), o “uno é o momento da negação tal como ele mesmo, de uma maneira simples, se relaciona consigo e exclui o Outro”. Transpondo estas palavras para o exemplo em tela, o “outro” que Hegel aduz é o parceiro de interação (para Honneth), portanto, Ômega. Como surgiu o uno, que é a unidade excluída, esta unidade, em verdade, é aquele indivíduo que é diferente daquilo que um sujeito entende por igual a si. Isto é, aquele que deve ser negado, marginalizado. Este, para tanto, no entendimento de Alfa, é seu oposto, Ômega. A consciência que percebe (consciência percebente) – portanto, seria a consciência de Alfa, e não a de Ômega – esta é passível de ilusão, pois, na universalidade, que é o princípio desta consciência percebente,

O *ser-Outro* é para ela, imediatamente: mas enquanto *nulo*, [como] supracomum. Portanto, seu critério de verdade é a *igualdade-consigo-mesmo*, e seu procedimento é apreender o que é igual a si mesmo. Como ao mesmo tempo o diverso é para ela, a consciência é um correlacionar dos diversos momentos de seu apreender. Mas, se nesse confronto surge uma desigualdade, não é então uma inverdade do [...] [parceiro de interação] – pois ele é igual a si mesmo -, mas [inverdade] do perceber. (HEGEL, 2008, p. 98-99).

As palavras acima parecem conduzir Alfa a perceber que o seu pensamento apreendido até então a respeito de Ômega é passível de ilusão. Ele ao observar Ômega, toma como parâmetro, para assimilar o seu pensamento, a igualdade consigo mesmo. Isto é, tem como ideia apreender o que é igual a si mesmo, mas mantendo a ideia pré-concebida, já exposta, sobre o que é, para-si, o seu igual e o seu diferente. Como para Alfa, Ômega é o seu oposto, ele o percebe como seu contrário e acredita ser ele o seu desigual. Isso provém – e aí é um dos motivos que ocorre a homofobia nas escolas – do fato de que um indivíduo não consegue perceber que o que há entre ele e seu parceiro de interação não é uma desigualdade, e sim uma diversidade. Diante desta não-percepção que Alfa realiza, surge a violência contra os homossexuais. Esta violência é o que se chama de homofobia. Assim, no próximo item, ver-se-á de onde e como ocorre a violência contra os homossexuais.

2.4 A violência

Como foi explicitado ao final do item anterior, nas próximas páginas será estudada a violência praticada contra os homossexuais na escola. Por violência entende-se “tudo aquilo que possa representar ou significar prejuízo, produzir por efeito ou falha um mal a outro, a si mesmo ou ao meio, seja realizado consciente, seja inconsciente”. (MAYA, 2005, p. 77).

Maya (2005) apresenta três espécies de violência: direta, estrutural e cultural. A primeira, *Violência Direta*, é entendida como aquela “que se refere à agressão física ou verbal, ao dano físico ou psicológico. É direta porque é consequência da ação visível de um autor sobre um receptor” (MAYA, 2005, p.77). Já a *Violência Estrutural*, provém de “Uma desigualdade de poder entre os alunos, pessoal não-docente, professores em geral, equipe de direção e administração, por falta de funcionamento efetivo e real de todos os órgãos democráticos das escolas”. (MAYA, 2005, p. 78), enquanto a terceira, a *Violência Cultural*,

É constituída pelo conjunto de valores, crenças, ideologias e ensinamentos que promove e justifica a violência estrutural e a direta, por exemplo, o conteúdo xenofóbico de um livro-texto ou a educação homofóbica. [...]. A violência que se dá nas escolas está sustentada em uma cultura que valoriza e justifica a opressão, o domínio do mais forte e violento, os maus-tratos, o rebaixar... (MAYA, 2005, p. 78).

Diante do exposto acima, percebe-se que Maya (2005) classifica a homofobia como sendo uma violência cultural, uma vez que, quando é interiorizada nos indivíduos, a homossexualidade recebe muitas características negativas que já foram, em outra oportunidade, mencionadas. Quando isso ocorre, acaba se tornando a crença de um indivíduo, e ele toma isso como um valor, algo verdadeiro. Foi o que ocorreu com os questionários dos alunos analisados até o presente momento. Por esse motivo é que quando encontra alguém que é homossexual, ele o maltrata. E isso acontece porque o indivíduo que interiorizou a falsa crença a respeito da homossexualidade e dos homossexuais acredita que eles (os homossexuais) são desiguais a si próprio, não percebendo que se trata de diversidade. Ao falar em desigualdade, está-se frente a uma violência estrutural.

O indivíduo homofóbico, por ter a crença da certeza sensível, acaba maltratando o colega, dentro da escola, por esse ser homossexual. Esse comportamento pode ocorrer por meio de violência física (tapas etc.), como de violência moral, também conhecida por psicológica (apelidos pejorativos). Nesses casos, há caso de violência direta, que surge, no entendimento de Maya (2005, p. 78), por “haver violência estrutural e violência cultural.

Para ilustrar essas formas de violência que Maya (2005) expõe, escolheram-se doze questionários. Metade deles, portanto, seis colaboradores, já foram mencionados em outra

oportunidade. Os outros seis foram escolhidos por apresentarem uma leve contradição entre as perguntas 1.A e 1.B em relação à pergunta 2.A, que será analisada neste momento. Cabe explicitar que será apresentada também a resposta da questão 1.A e 1.B para estes seis novos alunos: Cádmiio, Urânio, Zircônio, Alumínio, Praseodímio e Frâncio. Diante disso, apresenta-se a questão 2.A.

Questão 2.A – *“Se você tivesse, seja em sua sala de aula, ou até mesmo em sua escola um colega seu, que fosse homossexual e que estivesse sofrendo discriminações por parte de outros colegas, como você agiria?”*

Frente a isso, começa-se a mostrar o preconceito da aluna, cujo nome é Fósforo. Essa aluna já fora, em outra oportunidade, apresentada e, para a referida questão colocada acima, assim se pronunciou: *“Eu ajudaria. Mas se ele merecesse minha ajuda. Se toda escola já sabia do fato de ele ser homo, então não é necessário proteger, porque ele deve saber o que faz.”*

Percebe-se que Fósforo, de alguma maneira, discrimina os homossexuais, pois é explícita ao dizer que *“se toda a escola soubesse que tal colega é homossexual, não precisaria protegê-lo”*. É justamente nessa ideia que se apresenta a violência contra os homossexuais por parte da colaboradora. O mesmo raciocínio pode ser aplicado para o aluno Astato, que respondeu a questão 2.A da seguinte maneira: *“Ficaria quieto, ninguém mandou ele ser gay, talvez até xingaria junto.”*

Já Iodo aduz que *“ficaria quieto [no seu] canto, mas se ele [colega homossexual] complicar comigo, dou uma tunda nele”*. Semelhante resposta concedeu Carbono, quando disse que *“até ficaria em silêncio, mas ficaria contente com o que os outros estavam fazendo”*, bem como o colaborador Estanho, ao afirmar que *“manteria distância, pois me juntar aos que discriminam seria tentador.”*

Outra ilustração da homofobia que ocorre na escola provém de Níquel, ao aduzir, na questão 2.A, que *“não iria fazer nada, não mandei ele ser gay”*.

Conforme já mencionado, é pertinente mostrar, neste momento, os outros alunos que colaboraram com a pesquisa. Inicialmente traz-se o questionário de Cádmiio. Ela é aluna (portanto, sexo feminino) do primeiro ano do Ensino Médio, tem 14 anos e declarou como médio o seu nível socioeconômico. Como Cádmiio somente apareceu agora na análise dos dados, cabe expor, além da resposta dada para a questão 2.A, o pensamento exposto por ela nas questões 1.A e 1.B. Desse modo, as respostas de Cádmiio, ao que tange às indagações 1.A e 1.B, mostram-se acolhedoras das diferenças. Entretanto, ideia diversa parece ser apresentada na pergunta 2.A:

Questão 1.A: *Eu não tenho nada contra, só acho que eu não me imagino (como) no lugar dessas pessoas.* (Cádmio).

Questão 1.B: *Aprendi sozinha, porque eu sei o que é certo ou errado e não vejo nenhum problema em ser homossexual.* (Cádmio).

Percebe-se que Cádmio, tanto na questão 1.A quanto na 1.B, mantém a mesma linha de pensamento, dizendo que não tem nada contra, bem como aduzindo que não vê nenhum problema em ser homossexual. Entretanto, na questão 2.A, Cádmio entende que, se caso um colega estivesse sofrendo discriminação, não se intrometeria na discussão, pois “*cada um tem que saber o que é certo ou errado*”. Partindo dessa resposta, parece que Cádmio abre duas possibilidades de interpretação. A primeira delas é que a aluna não iria discriminar um colega homossexual (palavras que ela mesma coloca em resposta para a questão 2.A). Sendo assim, quando afirma que cada pessoa deve saber o que é certo ou errado, parece que ela se prende à questão de querer expor que o correto seria não discriminar nenhuma pessoa. Porém, essa resposta – e aí a segunda interpretação – pode abrir uma brecha para o fato de que, se alguém achar correto discriminar homossexuais, não se poderia interferir, posto que, pela resposta de Cádmio, cada um tem de saber o que é certo e errado.

Mesma ideia para a questão 2.A, aparece em Alumínio, quando aduz: “*Não sei. Se alguém está discriminando alguém, isso também é direito dele, pois a opinião dele deve ser o de ser contra ao homossexualismo. E nós não temos o direito de intervir em sua opinião*”.

Antes de analisar a resposta de Alumínio, cabe mencionar que ele é estudante do terceiro ano do Ensino Médio, tem 16 anos, é do sexo masculino e declarou como “C” seu nível socioeconômico. Ainda cabe expor o que Alumínio assim respondeu as questões 1.A e 1.B:

Questão 1.A: *Os homossexuais são pessoas como todas as outras e por isso devem ser tratados da mesma maneira. Ninguém tem o direito de criticar a sua opção sexual, todos temos livre arbítrio.*

Questão 1.B: *Parte da minha opinião tem influência de minha avó. A outra parte é pessoal minha.*

Nota-se certa contradição entre as respostas das questões 1.A e 2.A de Alumínio, apontando para um preconceito e para uma violência velada contra os homossexuais. Verifica-se isso no momento em que o referido colaborador afirma que “*ninguém tem o direito de criticar sua opção sexual*”. Se Alumínio parte do pressuposto que nenhuma pessoa tem direito ou, até mesmo, em outras palavras, que ninguém pode discriminar alguém por sua

orientação sexual, de que maneira esse mesmo aluno, em sua resposta para a questão 2.A, afirma que *“se alguém discrimina o outro, é direito dele, pois de acordo com sua opinião, ele é contra a homoafetividade e, por isso tem o direito de discriminar”*?

Pode-se dizer que, para Alumínio, se um indivíduo é contrário a homoafetividade, é opinião dele e, por ser opinião, tem direito de discriminar um homossexual. É isso que se observa na resposta de Alumínio para a questão 2.A. Analisando tal dizer, verifica-se que há uma violência contra os homossexuais. Tal violência torna-se explícita no momento em que Alumínio usa a palavra “opinião”. Em outras palavras, ele diz que o fato de alguém não aceitar a homossexualidade de outrem, dá-lhe o direito de discriminar esse homossexual. Tal atitude não prospera, pois ninguém tem o direito de discriminar outra pessoa, somente pelo fato de não aceitar a homossexualidade. Se for assim, ou seja, se servir de argumento para a homofobia a simples opinião, então todos os crimes, até mesmo os mais horrendos homicídios, seriam justificáveis sob o ponto de vista de se aceitar opiniões diversas que promovem a violência, tal como Alumínio deseja. Percebe-se que, por trás das palavras de Alumínio, há homofobia, mesmo que velada. Quem é contra a homossexualidade tem o dever de respeitar o homossexual e não pode utilizar-se da opinião para discriminá-lo, afinal, fazer isso é corroborar com a ideia de preconceito contra aquelas pessoas que amam outras do mesmo sexo. É por isso que, nas palavras de Alumínio, fica clara a violência, além de mostrar também certa contradição entre as respostas.

Ideias interessantes aparecem nas respostas de Cloro, Zircônio, Frâncio e Urânio para a questão 2.A. Cloro é bem clara ao dizer que: *“Se eu tivesse uma relação de amizade com esse homossexual, com certeza o defenderia”*. Já Urânio, Zircônio e Frâncio, assim se expressaram:

Não imagino minha reação no momento, mas tentaria ajudar de alguma forma se a pessoa discriminada fosse minha amiga. (Urânio).

Sei lá, acho que se fosse meu amigo(a) eu ajudaria, dando conselhos. (Zircônio).

Se fosse algum amigo, defenderíamos e se não tivéssemos contato com a pessoa não nos envolveríamos. (Frâncio).

Percebe-se que tais colaboradores dizem que, se caso a pessoa que estivesse sendo discriminada fosse seu(ua) amigo(a) iriam defendê-la. Isso remete ao pensamento de que há uma violência, mesmo que ela seja parcial, contra os homossexuais. Embora isso aconteça, nota-se que esses colaboradores não demonstraram terem preconceito com os homossexuais, o que pode ser verificado nas respostas para as questões 1.A e 1.B:

Questão 1.A: Não acho nada de mais. Cada um tem o direito de escolher a opção sexual que quer. Tenho amigos homossexuais e eles não tem nada de diferente de uma pessoa heterossexual. (Urânio).

Questão 1.B: *Tenho por base o que aprendi em minha vida, com a sociedade, apesar dos homossexuais não serem muito aceitos nela.* (Urânio).

Questão 1.A: *A minha opinião é que eu aceito eles, pois foi isso que escolheram para ser.* (Zircônio).

Questão 1.B: *Bem eu aprendi em casa e na escola a ter respeito para com todos, não importando a sua sexualidade.* (Zircônio).

Questão 1.A: *O nosso pensamento é que isso é pessoal de cada um, não temos preconceito algum e aceitamos normalmente.* (Frâncio).

Questão 1.B: *Aprendemos na escola e por nossa própria consciência.* (Frâncio).

Outro estudante, cujo nome concedido é Praseodímio, parece ser capaz, em um primeiro momento, de acolher e não discriminar aquelas pessoas que amam outras do mesmo sexo. Antes de verificar as suas respostas, cabe mencionar que Praseodímio é estudante do primeiro ano do Ensino Médio, tem 15 anos, é do sexo masculino e declarou-se como pertencente à classe média. Em resposta para as questões 1.A ele declarou: *“Eles são pessoas como todos nós, só gostam de gente do mesmo sexo, mas tem os mesmos direitos que todos nós”* e para a questão 1.B, o estudante afirmou: *“Eu aprendi sozinho porque eu sou um cara que gosta de aprender e nisso vi que ter preconceito não leva a nada”*.

Embora tenha concedido tais respostas para as referidas indagações, Praseodímio, em seu questionário, parece que apresenta um preconceito velado ao responder a questão 2.A, bem como a questão de nº 6. Aduz-se isso pois o referido colaborador parece reproduzir um discurso homofóbico que muitas pessoas, tanto na sociedade como na escola, possuem: *“Eu conversaria com meus amigos, mas sem me enturmar com a pessoa para que os outros não pensassem que eu era também”* (resposta para a questão 2.A).

Diante de tal resposta, pode-se perceber que, mesmo Praseodímio dizendo que os homossexuais têm os mesmos direitos que qualquer outra pessoa, o estudante tem receio de que, se for conviver e ser amigo de um colega que é homossexual, os outros vão pensar que ele também o é. No momento em que isso ocorre, há uma dupla forma de violência. Uma delas é contra o colega que tem sentimentos homoafetivos e a outra é contra aquele aluno que, de alguma maneira, aceita os homossexuais, mas que prefere não intervir e ficar longe do colega, por causa da aceitação dos outros amigos. Tal análise se corrobora com a resposta fornecida por Praseodímio na questão nº 6, cuja pergunta fora assim colocada:

Questão 6 – “Se você tivesse colega que fosse homossexual na mesma escola e/ou sala de aula em que estuda, como você se comportaria em relação a este colega?”

Em resposta, Praseodímio marcou a alternativa nº 2, ou seja, “*Evitaria de conviver com ele, mas também não o desprezaria nem o excluiria (seria indiferente)*”.

Tal resposta somente vem confirmar o que o aluno escreveu na questão 2.A. Verifica-se também que fica reforçado o entendimento de que alguns indivíduos não iriam ajudar o colega por receio do que os outros iriam pensar sobre si. No momento em que isso ocorre, há uma violência, mesmo que implícita, para com os homossexuais no ambiente escolar.

Sabendo que há violência na escola, Maya (2005, p. 77) procura uma causa para ela:

Seria explicada porque os diferentes autores sociais estariam reproduzindo o sistema de normas e valores da comunidade em que estão inseridos e da sociedade em geral. Os alunos estão sendo socializados em antivalores, tais como a injustiça, a falta de solidariedade, os maus-tratos físicos e psíquicos; em resumo, em um modelo de relação baseado na intolerância.

Essa reprodução de antivalores que os alunos homofóbicos (como Alfa) fazem dentro da escola ocorre devido ao não trabalho. Quando os alunos não procuram informar-se acerca do que realmente seja e represente a homossexualidade, a violência contra os homossexuais ocorre devido à objetificação que é realizada por indivíduos que não respeitam esse grupo social. Para Honneth (2009, p. 248-249), portanto, esta objetificação, que é tornar o referido grupo social um objeto, apenas por possuir uma diferença, representa:

Relações interativas que requerem dos dois lados, a negação e a preservação simultâneas de relações de reconhecimento recíproco, pois, para estar em condições de estabelecer alguma forma de interação social, [...] [aquele que agride (Alfa)] precisa reconhecer e ao mesmo tempo desrespeitar [...] [aquele que é agredido (Ômega)] como pessoa humana, tanto quanto este tem de ‘requerer e simultaneamente negar o *status* de um ser humano’.

Do fragmento, entende-se que a violência contra os homossexuais ocorre porque, de um lado, Alfa não respeita a diferença de Ômega e, como consequência, não o reconhece. De outro lado, a homofobia também está presente na escola, pois Ômega nega, na mesma medida, o seu *status* de ser humano. Porém cabe uma observação. Ômega somente é tratado como objeto, negando seu *status* de humano, “porque seu modo de vida e sua forma de autorrealização específica não são estruturalmente tolerados”. (HONNETH, 2009, p. 249).

Honneth (2009), para tanto, explicita que, em uma relação interativa, somente irá ocorrer o desrespeito (homofobia, para esta dissertação) por haver indivíduos que não toleram e não reconhecem a diferença que há em outras pessoas. Isso se coaduna com as formas de

violências já mencionadas por Maya (2005). É possível dizer que quando ocorre uma violência contra os homossexuais,

São tiradas, violentamente, de um ser humano todas as possibilidades da livre disposição sobre seu corpo, representam a espécie mais elementar de relacionamento pessoal. A razão disso, é que toda tentativa de se apoderar do corpo de uma pessoa, empreendida contra a sua vontade e com qualquer intenção que seja, provoca um grau de humilhação que interfere destrutivamente na autorrelação prática de um ser humano, com mais profundidade do que outras formas de desrespeito; pois a particularidade dos modos de lesão física, como ocorrem na tortura ou na violação, não é constituída, como se sabe, pela dor puramente corporal, mas por sua ligação com o sentimento de estar sujeito à vontade de um outro, sem proteção, chegando à perda do senso de realidade. Os maus-tratos físicos de um sujeito representam um tipo de desrespeito que fere duradouramente a confiança, [...] na capacidade de coordenação autônoma do próprio corpo; daí a consequência ser também, com efeito, uma perda de confiança em si e no mundo, que se estende até as camadas corporais do relacionamento prático com outros sujeitos, emparelhada com uma espécie de vergonha social. Portanto, o que é aqui subtraído da pessoa pelo desrespeito em termos de reconhecimento é o respeito natural por aquela disposição autônoma sobre o próprio corpo que, por seu turno, foi adquirida primeiramente na socialização mediante a experiência da dedicação emotiva; a integração bem-sucedida das qualidades corporais e psíquicas do comportamento é depois como que arrebatado de fora, destruindo assim, com efeitos duradouros, a forma mais elementar de autorrealização prática, a confiança em si mesmo. (HONNETH, 2009, p. 215).

Transpondo tais palavras para o conflito homofóbico que, por ventura, aconteça ou venha a ocorrer em sala de aula, percebe-se que, quando um aluno é agredido por causa de sua homoafetividade, ele é violentado não somente de maneira corporal, mas também de modo psicológico. Honneth (2009) aponta essas duas maneiras, pelo fato de que um indivíduo, para ser reconhecido e reconhecer outro sujeito, necessita ter a liberdade de poder dispor de seu corpo da maneira que melhor lhe convier. Isso significa que aquele sujeito que é homossexual vai se sentir bem se tiver a sua orientação sexual assegurada. De outro modo, se esse indivíduo não puder seguir com a orientação sexual que lhe é inerente, por causa de outro sujeito que lhe coage ou o violenta, não conseguirá ter e nem aproveitar a sua corporalidade, de maneira que fique longe de exclusão. Quando isso acontece, o sujeito violentado perde o poder sobre si mesmo e, como consequência, perde a autoconfiança que tinha adquirido. É por isso que se fala em violência psicológica, posto que o indivíduo é ferido em sua emoção, em seu desejo de querer ter a sua diferença reconhecida pelo parceiro de interação. Por causa disso, surge a desigualdade entre os sujeitos. Os alunos que são como Alfa, prejudicam Ômega, por ainda não conseguirem entender que a homossexualidade em relação à heterossexualidade é apenas uma diversidade, e não uma desigualdade. Como Alfa ainda não consegue ver Ômega como seu igual, surge o conflito, a violência. Tal é o pensamento de Burguet (2005, p. 47), quando aduz que

O conflito não surge por diferença, mas por desigualdade. Ele surge não tanto pela existência de diversidade, mas porque uma das diversidades quer impor algo a outra. Quando da diferença, se faz desigualdade, surge o conflito.

Se tomar como base que a homofobia ocorre porque há alunos, na escola, que pensam que os homossexuais são desiguais, este é um momento em que se pode começar a realizar um exercício. Far-se-á, então, uma explanação acerca do princípio jurídico da igualdade, pois isso permitirá que Alfa veja Ômega em sua totalidade, ou seja, veja-o como diverso, mas igual a si. Desse modo, ver-se-á que Alfa não mais verá Ômega como um objeto, e sim como sujeito, podendo os dois obterem reconhecimento por suas diferenças, porque “a diversidade é um valor. Somos diferentes. Devemos perder o medo do diferente”. (BURGUET, 2005, p. 47). Sabendo isso, para que se possa trabalhar com o princípio da igualdade, parte-se para o próximo item.

2.5 Diversidade e igualdade: uma proposta de atividade

Como foi explicitado no item anterior, neste momento será proposta uma atividade, aliada ao princípio da igualdade, para que Alfa possa entender Ômega em sua totalidade e, como consequência, ir superando a certeza sensível. Ela consiste em reunir a turma de alunos em pequenos grupos ou individualmente, caso haja algum aluno que assim o deseje, para que possam discutir, nos respectivos grupos, o que pensam a respeito da homoafetividade/homossexualidade bem como dos homossexuais. Realizado este procedimento, a opinião de cada grupo poderá ser exposta para a turma toda. A partir disso, de acordo com as respostas fornecidas pelos alunos, é possível traçar uma opinião geral da turma acerca da homossexualidade. Como exemplo, estariam as respostas para a questão 1.A, dos alunos cujo nomes são: Carbono, Selênio, Flúor, Bromo, Silício, Boro, Germânio, Oxigênio, Nitrogênio, Enxofre, Níquel, Estanho, Iodo, Astatina, Fósforo e Cloro.

Como já foi trabalhado, verifica-se que eles demonstraram forte preconceito contra os homossexuais e, portanto, transmitiram ideias negativas a esse respeito. Exposto isso, se houver muitas opiniões negativas a respeito dos homossexuais, bem como da homossexualidade, como, por exemplo, ser pecado, doença, crime, entre outras características, o professor pode indagar de onde os alunos retiraram tais características, de onde aprenderam isso. Outra questão a ser proposta é procurar saber se essas ideias foram pensadas e refletidas pelos próprios alunos. Frente a isso, se caso a resposta para a primeira

indagação vier de outros indivíduos, é sinal de que os alunos não refletiram acerca do conhecimento recebido e muito menos que conhecem a verdade tal como ela é.

Assim, o professor e os alunos poderão realizar pesquisas que procurem sanar as dúvidas e mostrar que a homoafetividade/homossexualidade e os homossexuais não estão imbuídos das características negativas que foram suscitadas pelos grupos. Esta pesquisa, para dar continuidade à atividade, deve ser trazida para a sala de aula. Realizado isso, a turma de alunos estará conseguindo refletir acerca do seu próprio pensamento, posto que estará percebendo que o seu pensar anterior à esta atividade parecia estar equivocado, constituindo-se em preconceito.

Quando a turma de alunos chegar a esse nível de entendimento, é relevante trabalhar o princípio da igualdade aliado à questão da diversidade, para que Alfa comece a ver Ômega como um sujeito capaz de ser reconhecido. O fato de Ômega ser diferente de Alfa não quer dizer que ele seja desigual para receber um tratamento desigual em relação à Alfa, que, para este trabalho, seria fazer de Ômega vítima de um conflito homofóbico, prejudicial, causando mal a outrem e, portanto, violento.

Para que os alunos consigam entender que a homossexualidade/ homoafetividade bem como os homossexuais é(são) diverso(s) e, portanto, igual(is) à heteroafetividade/heterossexualidade, busca-se o artigo 5º, caput da Carta Magna, que diz: “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” (BRASIL, 2009).

Visto tal letra da lei, cabe trazer à baila a discussão que se atém acerca deste princípio. É necessária esta questão, para que se possa se ver que o sujeito, quando designa seu “igual” alguém que não tem sentimentos homoafetivos, apenas se baseia em uma verdade infundada, uma representação, não conseguindo ter uma consciência que leve em consideração a diversidade.

Para começar a discussão, traz-se a máxima de Aristóteles (apud MELLO, 2004, p. 10), que assim afirma: “a igualdade consiste em tratar igualmente os iguais e desigualmente os desiguais”. Diante dessa questão, Celich (2011, p. 149) aduz que esta “assertiva [...] traz implícita uma pergunta: quem são os iguais e quem são os desiguais?”. A resposta para tal indagação aparece em Mello (2004, p. 11), quando afirma que:

O que permite radicalizar alguns sob a rubrica de iguais e outros sob a rubrica de desiguais? Em suma qual o critério legitimamente manipulável – sem agravos à isonomia – que autoriza distinguir pessoas e situações em grupos apartados para fins de tratamentos [...] diversos? Afinal, que espécie de igualdade veda e que tipo de

desigualdade faculta a discriminação de situações e de pessoas, sem quebra e agressão aos objetivos transfundidos no princípio constitucional da isonomia.

Diante disso, Celich (2011, p. 150) aduz que

Há grupos de pessoas sob um ponto de vista comum, que devem ser tratados de maneira igual, porque são iguais sob este referencial comum. E há outros grupos, sob outro ponto comum, que devem ser tratados de forma desigual se comparadas com aquele (grupo de pessoas iguais) porque estes são desiguais. [Desta forma], é aplicando-se de maneira correta essa máxima aristotélica que será encontrada a verdadeira igualdade entre os indivíduos.

De outro modo, Brandão (2002, p. 84), esclarece que

A regra da igualdade não consiste em quinhonar desigualmente os desiguais, na medida em que se desiguam. Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha verdadeira a lei da igualdade [...]. Tratar com desigualdade a diferença, ou a desiguais com igualdade, será desigualmente flagrante, e não liberdade real. O problema do reconhecimento das diferenciações que não podem ser feitas sem quebra de isonomia se biparte em duas questões. A primeira diz com o elemento tomado como fator de desigualação. A segunda reporta-se à correlação existente entre o fato erigido em critério de discriminação e a disparidade estabelecida no tratamento. Esclarecendo melhor, tem-se que investigar, de um lado, aquilo que é erigido em critério discriminatório e, de outro, se há justificativa para, a vista do traço desigualador adotado, atribuir o específico tratamento [...] constituído em função da desigualdade proclamada.

Tomando por base as ideias expostas, Dias (2006) compreende que, frente a um caso de desigualdade, é necessário investigar se existe diferença entre o que foi estabelecido com a desigualdade de análogo caso. Celich (2011, p. 151) aduz que

Poder-se-ia estar avaliando uma eventual afronta ao princípio da igualdade. Assim, será agredida a igualdade quando o fator diferencial escolhido para qualificar os indivíduos atingidos pela norma não guardar pertinência, seja de inclusão, seja de exclusão com o benefício concedido.

Em outras palavras, é necessário levar em consideração se a homossexualidade de Ômega pode ser tomada como fator justificável para que ele seja tratado de modo diverso de Alfa. Tal pensamento é corroborado por Rios (2001, p. 25), quando afirma que “trata-se de discutir se a orientação sexual (no caso, a homossexualidade) pode ser considerada como fator justificador de um tratamento [...] diferenciado ou não”. Celich (2011, p. 152) entende que isso

Implica verificar quem é aquela pessoa que irá receber o tratamento comum, normal, bem como analisar se é legítimo o critério adotado para desigualar os indivíduos, ou seja, proporcionar um tratamento diferenciado para homossexuais e heterossexuais.

Para saber, portanto, se Ômega (homossexual) deve receber tratamento diferenciado de Alfa (heterossexual), é preciso tomar por base o fator que diferencia Ômega de Alfa, isto é,

a sua orientação sexual. Ou seja, ela “será o fator de discriminação [...], o elemento de diferenciação que irá apontar se os homossexuais são diferentes dos heterossexuais, podendo aí serem tratados desigualmente”. (CELICH, 2011, p. 152).

Porém, para que Ômega receba tratamento diferenciado de Alfa no ambiente onde estuda, é necessário existir uma explicação lógica, racional e plausível para que ele receba este tratamento diverso. Mello (2004, p. 21), leciona que se tem de

Investigar, de um lado, aquilo que é adotado como critério discriminatório, de outro lado, cumprir verificar se há justificativa racional, isto é, fundamento lógico, para, à vista do traço desigualador acolhido, atribuir o específico tratamento [...] construído em função da desigualdade proclamada.

Celich (2011, 152-153), entende que

Somente se poderá tratar os homossexuais de forma desigual aos heterossexuais se houver alguma relação bem fundamentada [...] que dê autorização para que eles sejam tratados desigualmente. [...] Caso contrário, a máxima de Aristóteles [...] não se aplicará [...] [aos homossexuais] e, portanto, [...] os homossexuais, serão iguais aos heterossexuais, devendo receber tratamento igual àquele que é oferecido [...] [à eles].

É pertinente realizar tal afirmação, visto que “quando se trata acerca do princípio da igualdade, deve-se também observar o direito à diferença”. (CELICH, 2011, p.153). Lopes (2003, p. 30) diz que esta diferença pode ser “justamente aquilo que se quer preservar e não abolir”. Esse autor levanta um questionamento sobre o direito à diferença, afirmando que isso pode ser duas coisas distintas. A primeira,

Pode significar exatamente o mesmo que os direitos fundamentais implicam como programa democrático: que nenhuma característica individual seja levada em conta pelo legislador e pelos tribunais para restringir os direitos de alguém sempre que esta característica não se justifique como diferenciador suficiente. Diferenças de nascimento, de etnia, de gênero, e assim por diante são proscritas do ordenamento jurídico. Tratar alguém de forma diferente nestes termos significa não reconhecer a pessoa individualmente pelo que é. O remédio jurídico para a falta de reconhecimento individual é a proibição de tais atos pela regra da isonomia. (LOPES, 2003, p. 30).

A segunda coisa distinta, para Lopes (2003, p. 30), vai significar

A valorização positiva de certa identidade. Nestes termos, o direito do indivíduo não é apenas o de ser tratado como todos os outros, mas ver sua diferença específica positivamente valorizada, ou não desrespeitada. O direito ao reconhecimento, neste momento, adquire o aspecto distributivo [...] já que esta identidade não é exclusiva de um indivíduo, mas pertence a um grupo. Este bem comum (uma identidade) é que merece o respeito público.

Percebe-se que a homossexualidade de Ômega, em verdade, é uma diferença. E diferença não é desigualdade, isto é, uma diversidade nunca pode receber tratamento

desigualitário. Tal pensamento é defendido pelos estudantes Califórnia, Gálio e Argônio. O primeiro e o último são do segundo ano do Ensino Médio. Já Gálio é do terceiro ano do Ensino Médio. Entretanto, os três colaboradores são do sexo feminino e pertencem à classe média. Califórnia e Gálio têm 18 anos, e Argônio, 16 anos.

Já que se está trabalhando com o princípio da igualdade e o direito à diferença, esses alunos fazem jus ao que lhes foi indagado na questão 1.A, pois eles assim se expressaram:

Os homossexuais são seres e pessoas normais, iguais a nós, diferentes mais iguais. (Califórnia).

Considero os homossexuais pessoas iguais à qualquer ser humano. Cada um têm as suas diferenças, seja em qualquer situação ou caso. (Gálio).

Que são pessoas iguais à todos nós seres humanos, porém sentem atração por pessoas do mesmo sexo. (Argônio).

Verifica-se isso, pois, se a legislação preza pela igualdade, ou melhor, pelo tratamento igualitário para todas as pessoas, independente de qual seja a característica diferente que esta possua, é necessário que aquele indivíduo que tem alguma diferença (como Ômega, por exemplo) seja respeitado por esta diversidade. Nota-se que a escola e os professores, dentro de sua sala de aula, necessitam trabalhar, falar sobre a homoafetividade/homossexualidade. Sugere-se isso porque os indivíduos (se comparar as características de Alfa e Ômega) não são os mesmos, possuem características diversas, em que cada um tem a sua individualidade.

Como Ômega tem sua individualidade (que é ser homossexual), isso significa que ele pode ser diverso de Alfa, mas jamais desigual a ele. Além disso, Ômega, por ser homossexual, por exemplo, também tem direito à identidade. A identidade significa a preservação da diferença. Portanto, quando Alfa tem atitude de preconceito contra Ômega, ele está abolindo a identidade de seu colega, bem como o desrespeitando. Para que isso não ocorra, é necessário que a escola dialogue com seus alunos acerca do que é realmente a homoafetividade/homossexualidade para que tornem os estudantes, iguais a Alfa, mais respeitadores da diversidade, e para que tenham um agir mais igualitário para com os colegas que são homossexuais.

Honneth (2009) também possui o mesmo entendimento. Diz o filósofo que, para haver o reconhecimento dos sujeitos envolvidos na relação ética, é necessária a preservação da identidade. É ela quem proporciona Alfa a enxergar Ômega como um sujeito, e não como um objeto. Quando faz isso, deixa de lado a violência homofóbica contra o parceiro de interação. É pertinente dizer que

Tais expectativas estão ligadas [...] às condições da formação da identidade pessoal de modo que elas retêm os padrões sociais de reconhecimento sob os quais um sujeito pode se saber respeitado em seu entorno sociocultural como um ser ao mesmo tempo autônomo e individualizado. (HONNETH, 2009, p. 258).

Entretanto, na maioria das vezes, essa expectativa de ter reconhecida a sua identidade é frustrada por causa do sentimento de desrespeito que é desencadeado, tanto na sociedade, como na escola, para com os homossexuais. Isso, no entendimento de Honneth (2009), é uma lesão. Tal lesão é “a base motivacional de resistência coletiva quando o sujeito é capaz de articulá-las num quadro de interpretação intersubjetivo que os comprova como típicos de um grupo inteiro”. (HONNETH, 2009, p. 258). Isso quer dizer que, quando há homofobia na escola, o sujeito lesado, que tem sua identidade e diferença afetadas, cria uma resistência contra o agressor, que é transferida para um grupo inteiro de pessoas que possuem essa mesma diferença. Surge, para tanto, os movimentos sociais. Assim, a luta dos homossexuais, para ter sua diferença respeitada e reconhecida, não deixa de ser um movimento social, pois

O surgimento de movimentos sociais depende da existência de uma semântica coletiva que permite interpretar as experiências de desapontamento pessoal como algo que afeta não só o eu individual, mas também um círculo de muitos outros sujeitos. (HONNETH, 2009, p. 258).

É pertinente dizer que, quando há desrespeito pela diferença de um sujeito, de um grupo social, como ocorre com os homossexuais, há motivo para que esse grupo busque o reconhecimento. Honneth (2009, p. 260-261) complementa que os

Sentimentos de desrespeito formam o cerne de experiências morais, inseridas na estrutura das interações sociais porque os sujeitos humanos se deparam com expectativas de reconhecimento às quais se ligam às condições de sua integridade psíquica; esses sentimentos de injustiça podem levar a ações coletivas, nas medidas em que são experienciadas por um círculo inteiro de sujeitos como típicos da própria situação social. [...] O conflito que começa pelos sentimentos coletivos de injustiça é aquele que atribui o surgimento e o curso das lutas sociais às experiências morais que os grupos sociais fazem perante a denegação do reconhecimento jurídico ou social. [...] [Trata-se] de uma luta pelas condições intersubjetivas da integridade pessoal.

Entretanto, para que haja uma “luta coletiva por reconhecimento” (HONNETH, 2009, p. 259), é preciso que o objetivo dessa luta, que é o reconhecimento pela identidade de um grupo, seja levado “para além do horizonte das intenções individuais, chegando a um ponto em que eles podem se tornar a base de um movimento coletivo”. (HONNETH, 2009, p. 256). É preciso que Alfa enxergue Ômega como sujeito, capaz de ser reconhecido por sua diferença. Isso é possível utilizando-se do princípio da igualdade, como já foi mostrado.

Percebe-se, assim, que Ômega não é desigual em relação a Alfa. Diante do que foi visto e proposto até então e procurando finalizar tal atividade, para que a certeza sensível se

desvaneça, é pertinente expor algumas ideias de Hegel. Ao interpretar esse filósofo, tendo em vista a homofobia, pode-se dizer que quando Alfa deixa de enxergar Ômega como um sujeito desigual a si, não o tratando mais como objeto, é possível aduzir que a inverdade da qual Hegel (2008) fala recai sobre Alfa, enquanto ele for um ser percebente, e não sobre Ômega. Essa inverdade da qual Hegel expõe pode ser relida tomando-se por base o engano que Alfa comete contra si mesmo quando pensava que o seu parceiro de interação (Ômega) possuía todas as características negativas que foram projetadas sobre ele. Essa inverdade, portanto, não recaía sobre Ômega, no momento em que ele queria ter direito a ser diverso e igual, ter direito a ter sua identidade e orientação sexual preservada, mas recaía em Alfa, quando este conflitava com seu colega.

Diante disso, cabe trazer alguns questionários para serem analisados na pergunta nº 4, ao que tange a oito estudantes. Desses oito colaboradores escolhidos, sete deles (Boro, Zircônio, Praseodímio, Frâncio, Alumínio, Silício e Tungstênio) já foram mencionados em outras ocasiões. Para ilustrar a ilusão de Alfa, ou seja, a inverdade da qual Hegel aduz, começa-se expondo, justamente, o questionário de Boro. Esta aluna afirmou, na questão 1.A, que achava “estranha e nojenta” a homoafetividade e, agora, na questão 4, começa a perceber que está equivocada. Desse modo, mostra-se a quarta questão e, logo em seguida, a resposta da referida colaboradora.

Questão 4 – *“De acordo com a sua resposta, colocada na questão nº 1, letras ‘A’ e ‘B’, você já procurou refletir acerca de seu próprio pensamento e/ou ideia? Já pensou se o seu pensamento está equivocado ou não? Por quê? Justifique sua resposta”.*

Questão 4 – *Eu percebo que da forma que eu penso é errada, mas é mais forte aquela coisa, vendo duas pessoas do mesmo sexo se relacionando é muito estranho.*
(Boro).

Como foi explicitado, Boro tem razão no momento em que pensa que a sua ideia acerca da homoafetividade está equivocada. Mesmo que ela permeneça “achando estranho”, consegue olhar para si mesma e refletir. Embora não tenha explicitado, semelhantemente, como Boro, a estudante Tungstênio, ao que se refere à questão nº 4, assim colocou: *“Pensei sim, acho que está certo. Eu tento aprender e conviver com as diferenças”.*

Na resposta de Tungstênio, parece que ela consegue perceber que há diversidade na escola e que, por esse motivo, são necessários o respeito e a convivência pacífica. O mesmo pensamento vale para Silício. Esse estudante respondeu que “acha estranho” a homoafetividade, ao que se referiu à questão 1.A. Porém, mesmo pensando dessa maneira, no

que tange à indagação 4 do questionário, Silício preza pelo respeito quando fala: “*Sim, já parei para pensar e acho que estou correto porque todos devem ser respeitados*”. Quando os alunos começam a notar que poderiam estar equivocados em seu pensamento, principiam a respeitar o outro, passam a ver que o seu parceiro de interação é apenas diferente de si, porém não se desigualam. Isso quer dizer, usando as já mostradas palavras de Frâncio para a questão 1.A, que podem passar a aceitar “*normalmente e sem preconceito algum*”. Por pensar dessa forma é que a referida aluna entende, ao responder à questão nº 4, que “*Já pensamos, e no nosso ponto de vista é o que todos deveriam fazer*”.

Mesmo pensamento aparece em Praseodímio, Zircônio e Alumínio, uma vez que os estudantes assim se manifestaram em sua resposta para a questão 4:

Sim. Creio que meu pensamento está correto, pois eles são pessoas como todos nós.
(Praseodímio).

Já pensei sim e muito e, acho que meu pensamento não é equivocado porque nascemos, crescemos e escolhemos nossa sexualidade como queremos, pois ninguém não tem nada a ver com nossa vida. (Zircônio).

Sim. Porque cada pessoa tem o direito de fazer as suas próprias escolhas.
(Alumínio).

Ainda assim, traz-se a opinião de Radônio acerca da questão 4. Em sua resposta, essa estudante (sexo feminino, portanto) de 17 anos, do segundo ano do Ensino Médio, que declarou pertencer à classe baixa quanto ao nível socioeconômico, respondeu: “*Sim, porque muitas vezes acabamos por mudar de ideia...*”.

Analisando tal resposta, verifica-se que Radônio pode ter mudado de ideia a respeito da homossexualidade, pelas palavras colocadas na questão 1.A: “*Cada um tem o direito de se relacionar com quem acha que vai dar certo, ou seja, com quem quiser*”. A partir disso, pode-se notar que essa estudante é alguém que consegue perceber o outro como diferente de si, mas que é igual.

Transpondo as respostas dos colaboradores apresentados para corroborar a questão da igualdade e diferença, pode-se dizer, utilizando-se do caso fictício de Alfa e Ômega, que eles não são desiguais, mas diversos na igualdade. Alfa percebe que a sua verdade acerca do outro sujeito contém a possibilidade de ser ilusória, ou seja, poder-se-ia dizer que, muitas vezes, aquelas pessoas que pensam que as características negativas acerca dos homossexuais é que estavam corretas, acabam por perceber que, em verdade, eram elas mesmas que estavam equivocadas por terem preconceito. É por isso que o sujeito toma o seu parceiro de interação por verdadeiro e percebe que a inverdade recaiu sobre si mesmo. Ele percebe que o seu

apreender sobre Ômega não era correto, posto que sempre o excluía de si e o desrespeitava. Nas palavras de Hegel (2008, p. 100),

O perceber reconhece, [...], que a *inverdade* que ali ocorre recai nele. A consciência, porém, através desse reconhecimento é capaz, ao mesmo tempo, de supressumir essa inverdade: distingue seu apreender do verdadeiro, da inverdade de seu *perceber*; corrige-o.

Quando o sujeito percebe que recaiu em inverdade sobre o que havia observado, ele sai fora da sua percepção e retorna para si mesmo. Nesse retorno para dentro de si, ele confronta a sua observação com a descoberta de que a sua verdade, tida até este momento, era apenas ilusão. O indivíduo adquire consciência de seu erro e de que pode corrigi-lo. Alfa começa a perceber que Ômega não está imbuído daquelas características negativas que ele achava que seu parceiro de interação possuía. O sujeito volta-se para dentro de si e toma consciência de que, em verdade, a experiência tida com Ômega não era aquilo que ele tinha como verdade. Pode-se dizer que Alfa percebe que o seu anterior conhecimento que tinha sobre Ômega estava equivocado, pois o sujeito possui a consciência de que o que havia observado a respeito do outro proveio de sua reflexão e que esta não continha a verdade. Assim, o parceiro de interação somente tem “tal” característica porque Alfa observou e retirou, através de sua reflexão, tal característica. E isso, não necessariamente, pode representar e/ou fazer parte do outro sujeito. Então, “ao invés de considerar a homossexualidade como uma vergonha ou como uma doença mental e contagiosa” (CELICH, 2011, p. 229), Rios (2003, p. 93) entende que “a sociedade deveria encará-la como realmente é, ou seja, uma variação do impulso sexual, que é um dos possíveis resultados do desenvolvimento sexual humano”. Dessa forma, a homossexualidade “não pode mais ser tida como doença, bem como não é herdada e, muito menos, não é opção consciente”. (CELICH, 2011, p. 229). Nesse âmbito, ela é entendida como

Fruto de um pré-determinismo psíquico primitivo também estudado a partir das contribuições da etiologia sob a denominação de *imprinting* originado nas relações parentais das crianças desde a concepção até os três ou quatro anos de idade. Já aí, nessa tenra idade, constitui-se o núcleo da identidade sexual na personalidade do indivíduo, que será, mais ou menos corroborado de acordo com o ambiente em que ele se desenvolva, o que posteriormente determinará sua orientação sexual definitiva. Portanto, a homossexualidade não é opção livre, é determinismo psicológico inconsciente. (RIOS, 2003, p. 204).

Neste momento, cabe trazer a ideia de Hegel sobre coisa e coisidade. Por coisidade, ele entende como algo que engloba várias características de uma coisa. Como coisa, entende que é a

Universalidade passiva e indiferente, o *também* das muitas propriedades [...] [bem como]; a negação, igualmente como simples, ou o Uno – o excluir de propriedades

opostas; as muitas *propriedades* mesmas, o relacionamento dos dois primeiros momentos, a negação tal como se relaciona com o elemento indiferente e ali se expande como uma multidão de diferenças. (HEGEL, 2008, p. 98).

Ao notar que a verdade de Alfa era ilusória e que ela fora deixada de lado no momento que ele sai e retorna para dentro de si, percebe-se que um sujeito passa a ver o outro sujeito como algo que contém também características, e que estas são diversas de si, mas não desiguais. Sendo assim, a coisa é algo que abarca várias características e que estas são inerentes a si própria, pode-se afirmar que ela

É o verdadeiro – é em si mesma. O que nela está, está nela como sua essência, e não por causa de outros. Portanto, são propriedades determinadas – não só por causa de outras coisas e para outras coisas –, mas são na própria coisa. (HEGEL, 2008, p. 101).

Verifica-se que os sujeitos de uma relação ética, exposta por Honneth (2009), possuem características e que essas características são determinadas fazendo parte da Coisa e, dessa forma, como essência desta Coisa. Para tanto, Alfa, ao se defrontar com Ômega, que pode ser diverso de si, deve entender que esta diversidade de seu parceiro de interação, seja qual for, é inerente a ele, ou seja, faz parte da essência de Ômega. Em outras palavras, a homossexualidade faz parte de alguns indivíduos da população. No dizer de Hegel (2008, p. 103),

A coisa se determina como sendo ela mesma algo diferente, e tem nela a distinção essencial em relação às outras; [...] É para si uma determinidade simples, a qual se constitui seu caráter essencial, distinguindo-a das outras [coisas].

Honneth (2009, p. 75-76), ao realizar a reatualização da filosofia do reconhecimento de Hegel, entende que esta questão que envolve a Coisa serve apenas para que um sujeito “obtenha capacidade de ação mediante a adaptação à causalidade natural”. Isso significa que, embora Alfa tome Ômega não mais como alguém que deva ser excluído, recaindo sobre ele a reificação, ainda não o reconhece. Afirma-se isso pois, segundo Honneth (2009), a experiência de um sujeito perceber o outro como alguém igual a si, mas apenas diverso e que luta para ter reconhecida a sua diversidade, bem como a de um grupo social, ainda está

Longe de ser suficiente para chegar a uma consciência de si mesmo [...]; pois uma tal autocompreensão pressuporia no mínimo o aprendizado de conceber-se como ser intersubjetivo, que existe entre pessoas com pretensões correntes. (HONNETH, 2009, p. 76).

Tendo em vista tal exposição, Alfa necessitará começar a consolidar a relação em que se encontra com Ômega através do reconhecimento. Para que isso aconteça, ambas as partes dessa relação precisam conceber-se como sujeitos de uma relação ética. Desse modo, começa a haver o entendimento de que o fato de um indivíduo ser homossexual ou

heterossexual não é por causa de terceiros, nem por doença, entre outras questões; mas sim porque a orientação sexual de alguém faz parte da essência desse indivíduo. Para usar as palavras de Hegel, se o indivíduo for coisa, então, o fato de ele ser homossexual ou heterossexual está fazendo parte de si, parte da coisa. Por tais motivos é que as pessoas são diversas umas das outras. Assim, a orientação sexual de alguém não pode ser motivo de desigualdade e tratamento diferenciado, mas sim ser tratado como algo diverso, dentro da igualdade e, como consequência, ser passível de obter reconhecimento.

Se o professor conseguir realizar a atividade proposta com seus alunos, promovendo discussões, questionamentos, diálogo, ele e, como consequência, a escola estarão colaborando na educação e formação de indivíduos que consigam pensar e refletir sobre suas próprias ações. Estará a escola formando cidadãos que tenham uma consciência mais humana e menos preconceituosa. Entretanto, mesmo tomando como igual Ômega, Alfa ainda necessita conceber-se como ser intersubjetivo, pois quando entende que o parceiro de interação também é um sujeito, Alfa depara-se com a negação de si mesmo, posto que, até então, tratava o outro como objeto. No próximo capítulo, será visto como Alfa abandona a certeza sensível e passa a se conceber como ser intersubjetivo, para poder reconhecer a diferença do outro e ser reconhecido pelo seu parceiro de interação, na sua diversidade.

3 DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA – CONSCIÊNCIA-DE-SI

Neste capítulo será estudada a maneira como o sujeito se conscientiza sobre seu parceiro de interação e alcança a consciência-de-si. Mostrar-se-á também como aquele pode compreender este, a partir do momento em que um se coloca no lugar do outro. No último item deste capítulo, será apresentada mais uma atividade para continuar na busca pelo reconhecimento entre os sujeitos.

3.1 O oposto

Como foi exposto nos capítulos anteriores, Alfa ainda não conseguiu reconhecer Ômega pela sua diferença, visto que não conseguiu ter com ele uma relação de reconhecimento intersubjetivo. Alfa tem dificuldade para entender que o outro sujeito não é desigual a si, mas apenas diverso. Isso provém do fato de que ele pensa que Ômega, como é seu oposto, significa a negação de si mesmo. A negação de sua diferença. Sobre essa ideia foram encontrados dois alunos: Praseodímio e Samário. A escolha por eles deu-se em razão de passarem o pensamento acima exposto, ou seja, se eles acolherem o colega que tem sentimentos homoafetivos, os outros colegas pensarão que eles são homossexuais. E, em razão de os outros colegas poderem ter esse pensamento, Praseodímio e Samário entendem que terão a sua diferença (terem sentimentos heteroafetivos) negada em função de algo que não são. Embora já tenha sido exposta a resposta de Praseodímio para a questão 2.A, percebe-se que sua resposta serve, perfeitamente, para a discussão que se acentua neste momento: “[não vou] *me enturmar com a pessoa [aquele que é homossexual] para que os outros não pensem que eu era também*”. O mesmo vale para Samário que, na indagação 2.A, assim se pronunciou: “*Não me meteria, pois minha sala de aula é muito arriada, pensariam outras bobagens*”.

Da mesma maneira que Praseodímio, Samário tem receio de que, se for visto ao lado de alguém que é homossexual, ele também será tido como um. Isso parece, de alguma maneira, ilustrar o pensamento de que, se alguém que não é homossexual ser amigo e conversar com um, conviver com um homossexual, será interpretado pelos outros como sendo homossexual também. Quando isso ocorre, parece que, para o indivíduo que é heterossexual, ser visto como homossexual retira de si a sua diferença, ou seja, parece que a sua

heteroafetividade está sendo negada. Se permanecer com esse pensamento, nega-se a diferença do outro, isto é, está se negando a homoafetividade do parceiro de interação. Quando se fala em aceitação das diferenças, é preciso se atentar para a seguinte situação: de que homossexuais e heterossexuais são iguais em direitos, mas o que ocorre entre eles é uma diferença, não desigualdade. Sendo assim, nenhuma diferença pode ser negada e, portanto, adotando tal pensar, nenhum sujeito teria o seu modo de amar negado ou suprimido pelo(s) outro(s). Portanto, Praseodímio e Samário, mesmo convivendo com colegas homossexuais, não se sentiriam afrontados a serem negada a sua heteroafetividade em função do outro. O mesmo equivaleria ao colega, que, da mesma forma, não teria a sua homoafetividade negada ou suprimida pelo(s) outro(s).

Cabe, antes de adentrar no primeiro momento do reconhecimento, que é o amor, dizer que Alfa ainda se relaciona negativamente com Ômega, pois aquele vê este como um objeto e não como um sujeito merecedor de reconhecimento. Isso não deveria acontecer, até porque, quando se trata de reconhecimento entre sujeitos, por algo que é inerente a eles, como, por exemplo, a sua orientação sexual, parece que há um entendimento, por parte de Alfa, de que a diferença de seu parceiro de interação é a negação de seu próprio ser. Mas Hegel alerta que essa negação somente se relaciona com o próprio ser que a nega, afinal é o não-reconhecimento de si mesmo. Em outras palavras, é dizer que a diferença de um sujeito também implica na diferença do outro sujeito. Sendo assim, ambos os sujeitos envolvidos em uma relação ética começam a perceber que o que eles mantêm é uma relação de unidade, em que eles são um só. Porém, mesmo mantendo uma união, esses sujeitos são opostos um ao outro, bem como o são a si mesmos. Entende-se que eles são,

Sob o mesmo e o único ponto de vista, o oposto de si mesmo: para si, enquanto é para Outro; e para outro, enquanto é para si. E para si, em si refletido, Uno; mas esse para si, em si refletido, ser-Uno; está em unidade com seu oposto – o ser para um Outro. É portanto posto apenas como suprassumido, ou seja: esse ser-para-si é tão inessencial quanto aquele, que só deveria ser o inessencial, isto é, a relação com Outro. (HEGEL, 2008, p. 105).

Menciona-se que, se houver o reconhecimento entre Alfa e Ômega, um suprassume a inessencialidade do outro, tornando-se um ser universal. Porém essa universalidade proveio da experiência, da sensibilidade e é por ela condicionada. Os sujeitos tornam-se

Um universal a partir do ser sensível; porém, esse universal, por se originar do sensível, é essencialmente por ele condicionado, e por isso, em geral, não é verdadeiramente igual-a-si-mesmo, mas é uma universalidade afetada de um oposto. (HEGEL, 2008, p. 105).

Essa percepção feita por Alfa de que, em verdade, o conhecer do parceiro de interação, que adveio da experiência, é ilusão, bem como que Ômega também possui a sua

essência, está atrelada ao empirismo. Entretanto, mesmo assim, Alfa e Ômega são universais (cada um como universal). Quando isso ocorre, pode-se falar em **entendimento**. Ao alcançar o “reino do entendimento”, no dizer de Hegel, a certeza sensível se desvanece. Ômega é visto pelo seu parceiro de interação,

[...] como ele é *em si*, ou como universal em geral. A singularidade ressalta, pois, nele como a singularidade verdadeira, como *ser-em-si* do Uno, ou como *ser-refletido em si mesmo*. Mas ainda é um *ser-para-si condicionado*, ao lado do qual um outro *ser-para-si* aparece: a universalidade oposta à singularidade e por ela condicionada. (HEGEL, 2008, p. 105).

Embora Alfa já perceba Ômega como um universal, tendo, portanto, uma singularidade e que é verdadeira, tal qual é para si, ele ainda está condicionado em si; atrelado àquele ser para si mesmo, ou seja, ao senso comum. Alguns indivíduos, portanto, ainda pensam e são capazes de tomar uma atitude preconceituosa contra seus parceiros de interação, pois, mesmo que Alfa já tenha conseguido dissipar a certeza sensível de si, e tenha deixado de estar condicionado a um conhecimento que vem de fora de si ou, mesmo que tenha se comunicado, ainda permaneceu atrelado no conhecimento que não fora desenvolvido por si. Alfa chega ao que Hegel denomina de entendimento e, ele possui, diante de si, o universal incondicionado. Esse universal incondicionado de que Hegel fala, na reatualização de Honneth (2009), pode ser entendido como que o parceiro de interação é tido “como verdadeiro da consciência”. E ele está ali como apenas o outro da consciência de Alfa e, por isso, “não apreendeu o *conceito* como *conceito*”:

Importa fazer uma distinção essencial entre duas coisas: para a consciência, o [parceiro de interação] retornou a si mesma a partir da relação para com o outro, e com isso tornou-se *em-si* conceito. Porém a consciência não é ainda, para si mesma, o conceito; e por causa disso não se reconhece naquele [parceiro de interação] refletido. (HEGEL, 2008, p. 108).

Deduz-se, desse fragmento, que Alfa, embora já tenha se dissipado para além da certeza sensível, possuindo diante de si Ômega como seu universal incondicionado, ainda não compreendeu que o conceito do que é verdade a respeito de seu defrontante social é o que ele necessita para a sua evolução. O sujeito ainda não consegue entender que a homoafetividade é algo que não merece ser tratada com preconceito. Ele ainda não se reconhece no parceiro de interação, posto que “ainda está privado do *ser para si* da consciência”. (HEGEL, 2008, p. 109).

Mesmo privado do ser para si da consciência, Alfa deseja saber e aprender. Isto é, como ele percebeu que a certeza sensível não lhe dava a totalidade de Ômega e que, por isso, ele estava equivocado em seu conceito e conhecimento, agora, já sabendo disso, Alfa precisa

preencher “o vazio” que há dentro de si. Por este motivo é que se pode afirmar que há entre os integrantes da relação ética um desejo de se (re)conhecerem mutuamente.

3.2 A passagem para o oposto

Como foi mostrado no item anterior, Alfa já conseguiu dissipar-se da certeza sensível, pois o conflito escolar que existe “entre os sujeitos é por origem um acontecimento ético, na medida em que objetiva o reconhecimento intersubjetivo das dimensões da individualidade humana”. (HONNETH, 2009, p. 48). É por tais motivos que Alfa prefere abandonar a certeza sensível. Ele realiza este ato porque o fato de deixar as ideias sensíveis de lado permite que ele perceba a individualidade, como também a diferença entre si e o seu parceiro de interação social. Ao fazer isso, tem a possibilidade de reconhecer Ômega. Portanto, “os sujeitos precisam abandonar e superar as relações [...] nas quais eles se encontram originariamente, visto que não veem plenamente reconhecida sua identidade particular”. (HONNETH, 2009, p. 48).

Quando a certeza sensível é deixada de lado, Honneth (2009, p. 50) diz que as pretensões individuais “são arrancadas de suas convicções de validade meramente particulares e transformadas em pretensões de direito universais”. Isso quer dizer que, quando se procura solucionar o conflito homofóbico na escola, deve-se trabalhar com o conceito de “pessoa inteira”, ou seja, falar-se-á em reconhecimento quando “um indivíduo [...] obtém sua identidade sobretudo do reconhecimento de sua ‘particularidade’”. (HONNETH, 2009, p. 57).

Entretanto, até o presente momento, Alfa apenas conseguiu ver Ômega como a negação de si mesmo. Isto é, como o seu oposto. E, por ser seu contrário, ainda tinha dificuldade de enxergar Ômega como seu igual. Entretanto, ele deseja conhecer seu parceiro de interação em sua totalidade. Alfa busca uma maneira de saber o conceito, que é o entendimento, de acordo com Hegel. Ele necessita colocar-se no lugar do outro.

Como já foi explicitado anteriormente, entre Alfa e Ômega ocorre um conflito homofóbico. Entretanto, esse conflito, mesmo que ocorra, já pode começar a ser solucionado, pois, Honneth (2009, p. 126), quando realiza sua reatualização da obra hegeliana, ancora-se na psicologia social e entende que

São justamente as situações de problematização de ações que se tornaram habituais que o ser humano aproveita em suas operações cognitivas: para o sujeito [...], só surge um mundo de vivências psíquicas no momento em que, explicitando um problema prático preconcebido, ele entra de tal modo em dificuldades que suas interpretações da situação, até então objetivamente comprovadas, acabam sendo privadas de sua validade e separadas da realidade restante a título de meras

representações subjetivas: o ‘psíquico’ é de certo modo a experiência que um sujeito faz consigo próprio quando um problema que se apresenta praticamente o impede de um cumprimento habitual de sua atividade.

Transpondo o fragmento acima para se tentar solucionar o conflito homofóbico que possa acontecer na escola, vê-se que o preconceito contra os homossexuais, para Alfa, é habitual. Tal ideia pode ser ilustrada pelas respostas aos 18 questionários. Para isso, foi eleita a resposta da quarta indagação com relação aos 18 estudantes escolhidos. A fim de mostrar que, para alguns, agir com preconceito é uma forma habitual e, portanto, daí advém a resposta para a pergunta 4, levou-se em consideração o que esses 18 estudantes responderam para a questão 1.A, que já foi exposto anteriormente. Em razão disso, essas respostas não serão repetidas aqui, mas é dali que se parte para apresentar o que foi expresso na questão 4 e, como consequência, analisar e ilustrar que, para esses alunos, o agir homofóbico é costumeiro. Dessa forma, é pertinente passar para o que os colaboradores expressaram:

Sim. Já tentei mudar de ideia, porém vi que realmente, meu pensamento é o mais cabível. (Fósforo).

Nunca pensei, mas eu tenho minhas razões e sentimentos. Eu pessoalmente não gosto e não converso com puto. (Iodo).

Não, nunca pensei em um pensamento equivocado, pois é muito estranho, diferentes, nojentos pessoas do mesmo sexo um gostar do outro. (Bromo).

Não, porque eu acho que não devia existir isso. Homem tem que gostar de mulher e vice-versa. (Germânio).

Eu acho que homem é com mulher e vice-versa. (Selênio).

Não gostaria de pensar. Meu fraco é por mulher. (Flúor).

No meu ponto de vista está certo. (Nitrogênio).

Não está equivocado mas é só eu que penso assim. Também não é só contra os homossexuais que tenho raiva, mas é da juventude que usa brinco, quem usa brinco que eu saiba é as mulheres. (Carbono).

Perante a lei está errado, mas ainda assim não aceito essas bixas escandalosas. (Estanho).

Eu penso da forma mais correta. Quer sair dando para outro homem que dê, mas não precisa sair na rua com roupa de mulher e até tentando imitar a voz delas. (Cobalto).

Penso nisso e deu, é minha opinião. (Níquel).

Não. Mas a sociedade nos mostra o certo. (Ouro).

Não, porque é o que eu penso e se tá correto, ou não, ninguém vai mudar. (Astató).

Sei que meu pensamento não é certo, mas é o que eu penso e não mudarei. (Tálio).

Eu não, porque eu continuo achando que estou com razão e mesmo porque eu acho que tenho preconceito. (Enxofre).

Sim, questionar-me sobre assuntos desse tipo é normal e frequente. Com certeza não só eu mas como todas as pessoas tem a dúvida se estão realmente certos. (Cloro).

Não. Porque eu vejo assim e me ‘ensinaram’ a ver assim. Eu acho que poderia até mudar meu pensamento, mas eu menos acho muito nojento e estranho. (Ferro).

Eu acho que talvez eu esteja errado, mas é minha forma de pensar, e não consigo pensar diferente, respeito e quem aceita é por opção própria, mas eu tenho minha forma de pensar. (Iridio).

Como foi explicitado, antes de expressar o que os estudantes citados acima responderam, está-se falando que, para alguns, o preconceito contra os homossexuais é algo habitual. Isso pode ser percebido pelas primeiras respostas colocadas, como, por exemplo, as respostas de Fósforo, Iodo e Bromo. Porém, como está se falando também em solução dos conflitos homofóbicos na escola, nota-se que outros colaboradores citados, mesmo dizendo que não pretendem mudar sua maneira de pensar, reconhecem que estão equivocados ao agir com homofobia, como Tálío e Enxofre.

Já Ferro afirma, com muita dificuldade, que poderia mudar seu pensamento. Nesse sentido, quando começa a haver uma pequena reflexão e, como consequência, uma mudança na maneira de pensar, começa também a haver uma aceitação do que é diferente de si. Poder-se-ia dizer, utilizando-se do caso fictício de Alfa e Ômega, que, até o presente momento, Alfa sempre pensou que Ômega possuísse todas as características preconcebidas a respeito do seu parceiro de interação, e isso está perdendo a sua validade, isto é, deixa de ser verdade para Alfa. Com isso, ele percebe que era somente para si que as características imbuídas para Ômega existiam. Pode-se dizer que os alunos mencionados têm somente para si as características negativas a respeito dos homossexuais. Ou seja, Fósforo, Iodo, entre outros, pensam que os homossexuais têm as características negativas expostas no início desta dissertação, entretanto isso não significa que eles tenham realmente essas características negativas. Por tal motivo é que se pode falar que é somente uma representação subjetiva de tais estudantes e, no que tange ao caso fictício, de Alfa. Por isso que Alfa começa a deixar de lado o seu comportamento discriminatório, pois se vê impedido, pelas circunstâncias atuais, do cumprimento de seu agir preconceituoso. Alfa passa a ter condições de aceitar o que é diferente de si. Para isso, ele precisa colocar-se no lugar de Ômega. Belmar (2005, p. 106) entende que o fato de um aluno colocar-se no lugar de seu colega

Facilita o desenvolvimento da perspectiva social e da empatia [...]. [Ele] tem a possibilidade de se pôr no lugar de outras pessoas, tentando compreender suas posições, seus argumentos e sentimentos, e adotar perspectivas sociais a partir da representação dos diferentes [modos de pensar].

Analisa-se a pergunta 2, letras A e B, posto que tratam acerca dessa questão (de um colega colocar-se no lugar do outro). Embora para alguns estudantes já tenha sido trabalhado com a indagação 2.A, ela também se faz relevante nesse momento do trabalho em razão das respostas que os colaboradores forneceram. Para iniciar, optou-se pelos estudantes que já

foram analisados na questão 2.A. Desse modo, fica faltando somente a questão 2.B. Essa indagação foi formulada da seguinte maneira:

Questão 2.B – *“Agora, suponha que fosse você quem sofresse discriminações, por causa de sua orientação sexual, dentro da escola. Pergunta-se: o que você faria? Como você agiria? Você gostaria de ser excluído por causa de sua orientação sexual?”*

Primeiramente, para discutir a “passagem para o oposto”, escolheu-se o questionário de Fósforo, por ser a aluna que forneceu a resposta mais preconceituosa. Tal colaboradora aduziu que *“pensaria muito bem. Muita coisa é psicológico e com tratamento pode ser curado”*.

Verifica-se, assim como em alguns dos próximos questionários, que, na pergunta 2.B, apenas fala em orientação sexual, não dizendo se é a heteroafetividade ou a homossexualidade. Apenas diz como que um aluno se portaria se ele sofresse discriminação pela sua orientação sexual. Muitos colaboradores tomaram por base que seria a homossexualidade, fazendo com que seu pensamento a respeito dos homossexuais lhes viesse à mente, mas que, não necessariamente, precisariam ver-se como homossexuais para responderem a tal questão. Bastariam terem-se visto com a sua própria orientação sexual e responder, caso fossem discriminados por ela.

Para a resposta de Fósforo, percebe-se que ela não consegue se colocar no lugar daquela pessoa que está sofrendo a discriminação, posto que apega-se às suas ideias preconcebidas e, portanto, ao não reconhecer o outro, permanece na certeza sensível. Diz-se isso, pois como a própria ciência já provou, a homossexualidade não é doença e, por não ser doença, não se fala em cura. Diante disso, no entendimento de Matos (2004, p. 48), Fósforo é considerada uma proibicionista em relação à homoafetividade, pois considera

A homossexualidade uma doença a exigir cura. Para tal pensamento, as relações homossexuais são transgressões a merecer punição legal, por serem contrárias às [...] da natureza, que são estruturadas na divisão complementar macho-fêmea. Ou seja, há uma política de proibição à homossexualidade.

A ideia de Fósforo é equivocada, pois “foi comprovado cientificamente que a homossexualidade não é doença e, por isso, não pode ser curada. A homossexualidade não está relacionada a nenhum transtorno psicológico”. (RIESENFELD, 2002, p. 50). Ainda assim,

Estudos recentes descobriram novos fatores que produzem uma crescente de que a homossexualidade, longe de ser uma doença, pecado, perversão ou algo antinatural, é saudável, natural, uma forma assertiva de sexualidade para algumas pessoas, um

fato natural em uma parte significativa das pessoas e é imutável [...]. A orientação sexual nos foi dada. É algo que descobrimos por nós mesmos, não que escolhemos. (RIESENFELD, 2002, p. 180-181).

De acordo com a Resolução nº 1/95, do Conselho Federal de Psicologia, a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão. Além disso, Fernandes (2004, p. 33), aduz que “a homossexualidade em si não é atitude de agressão a ninguém. Terrivelmente agressivos são o preconceito e a rejeição de que são alvos os homossexuais”.

Percebe-se, portanto, que a estudante Fósforo, ao afirmar que a homossexualidade é transtorno psicológico e doença que pode ser curada, encontra-se equivocada e demonstra preconceito para com os homossexuais. Mesmo preconceito tem Iodo, que assim respondeu para a pergunta 2.B: *“Eu nunca iria ser puto”*.

Ideia equivocada também tem Tálío. Embora na questão 2.A ele aduz que *“pediria aos outros colegas para pararem e não o discriminaria, embora não goste de gays”*, essa estudante, na questão 2.B, deixa transparecer o seu preconceito bem como a desinformação que tem em relação aos homossexuais, quando responde para a questão 2.B que: *“em primeiro lugar, se eu nascesse homem e quisesse ser mulher, ou vice-versa, eu faria cirurgia para mudar de sexo. Não gostaria de ser tirada por ser homo ou não, mas nem penso nisso porque sei que não nasceria assim”*.

Verifica-se, primeiramente, que Tálío confunde a homossexualidade com a transexualidade. Segundo, que tem o pensamento, já exposto no capítulo passado, acerca de que um homossexual não é homem nem mulher. Para isso, percebe-se o erro de Tálío, pois ignora que quem é homossexual sente-se bem com seu próprio sexo (se masculino ou feminino) e apenas sente desejo por pessoas do mesmo sexo que o seu. Já o transexual se sente melhor pertencendo ao sexo oposto que tem. Outro equívoco de Tálío é a sua afirmação de que não nasceria homossexual. Por acaso pode-se escolher a cor da pele? A cor dos olhos? É óbvio que não! Tálío, da mesma forma que Iodo e Fósforo, não consegue se colocar no lugar do seu parceiro de interação. Assim, eles não podem reconhecer o outro e, devido às suas ideias, permanecem na certeza sensível.

Ideia sensível, de alguma maneira, também apresentam Alumínio e Califórnia, afinal, mesmo afirmando ser os homossexuais pessoas iguais como todas as outras, quando é para se colocarem no lugar dos outros, passam a se verem como objetos, e não como sujeitos com capacidade de obterem reconhecimento por sua orientação sexual. Desse modo, parecem colaborar para que a imagem negativa a respeito dos homossexuais seja perpetuada enquanto

grupo social. Nota-se isso, nas palavras de Alumínio para a indagação 2.B: “*É como eu disse na anterior, cada um com sua opinião. Ninguém gostaria de ser discriminado.*”

Recuperando a resposta anterior, para Alumínio, quem discrimina homossexuais é porque tem direito a fazer isso (daquele que está discriminando). Pensamento equivocado, pelos motivos já expostos, afinal, permitir a discriminação com qualquer grupo social é permitir crimes e injustiças na sociedade brasileira. É por isso que a discriminação não se trata de mera opinião, assim como a homoafetividade não se trata de opção. Analisando-se a resposta da aluna para as questões 2.A e 2.B, percebe-se que ela, em vez de reconhecer os homossexuais como grupo social que busca sua identidade, faz com que esse grupo não seja reconhecido e, ainda, colabora para que o preconceito contra os homossexuais seja perpetuado.

Quanto ao estudante Iodo, cabe demonstrar que ele, ao responder de maneira equivocada à questão 2.B, toma-se por base uma pesquisa de Modesto (2006). A autora entrevistou homossexuais e concluiu que “*todos os entrevistados disseram ou insinuaram que não optariam pela homossexualidade e vários deles experimentaram sentimentos homossexuais desde a infância*”. (MODESTO, 2006, p. 77). Modesto (2006, p. 81) afirma que

Todos os entrevistados disseram ou insinuaram que a homossexualidade não foi uma opção: Por exemplo: **Tiago** – ‘ninguém opta por ser homossexual. A pessoa é ou não é.’ **Otávio** – ‘[...] Nunca escolhi – e ninguém escolhe – ser. [...].’

Outro entrevistado da autora afirma que:

Ser homossexual é alguma coisa natural. Não é uma opção, não é uma escolha. Não é opção porque a noção de opção implica, por exemplo: eu opto por beber água neste copo verde ou neste copo azul, essa é uma opção. Isso passa por uma escolha absolutamente voluntária e absolutamente consciente. E a opção e a escolha são palavras que a gente pode escolher outra coisa. (MODESTO, 2006, p. 150-151).

Resta claro que a homoafetividade e a heteroafetividade não são escolhas, opções que as pessoas fazem. Quando Iodo afirma que “nunca iria ser putto”, pressupõe, em um primeiro momento, que, para ele, homossexuais são “puttos” e que ele não escolheria ser homossexual. Porém, Iodo se engana, afinal, a homossexualidade não é opção e nem escolha. Ele está equivocado ao afirmar isso e, para tanto, fica claro que não consegue se colocar no lugar do seu parceiro de interação, permanecendo na ideia que a certeza sensível lhe proporciona. O mesmo se aplica para Níquel, ao afirmar, para a indagação 2.B: “*Não sei, só saberia se fosse gay*”.

Astato, por outro lado, aduz que “*iria procurar outros homossexuais para andar [com ele]*”. Já Carbono parece que não iria dar atenção se sofresse discriminação, pois disse: “*Ficaria na minha e deixaria eles ficarem falando*”.

Ainda assim, cabe expor o que Enxofre e Bromo responderam para as questões 2.A e 2.B. Ver-se-á que esses dois alunos não conseguem se colocar no lugar do outro, pois não se desvincilharam do pensamento original que expuseram na questão 1.A, porque, quando o sujeito coloca-se no lugar do outro, ele precisa ouvir o parceiro de interação, ou seja, necessita entender o que o outro dialoga consigo mesmo. É conceder um momento para que o parceiro de interação possa se expressar e, a partir disso, o sujeito poderá se colocar no lugar dele, pois, assim, compreenderá a sua realidade. Vejam-se as respostas destes dois colaboradores:

Questão 2.A: *Eu não me meteria na discussão, pois não tenho nada a ver com a conversa e também não gosto de homossexuais.* (Enxofre).

Questão 2.B: *Eu teria que aguentar quieto, pois os outros estariam com a razão.* (Enxofre).

Questão 2.A: *Não me meteria, pois foi uma escolha dele, então ele(a) deve saber o modo que a sociedade (colegas, ou amigos) iria agir diante disso.* (Bromo).

Questão 2.B: *Sim, pois se fosse escolher isso, deveria sofrer as consequências, ou seja, cada um tem que ser o que é, ou seja, homem é homem, mulher é mulher.* (Bromo).

Os estudantes não conseguem perceber que a homoafetividade não é escolha, opção, e, como foi mostrado em outro momento, um homossexual não deixa de ser homem, assim como uma mulher que tenha sentimentos homoafetivos não deixa de ser mulher por amar outra pessoa do mesmo sexo que o seu. Essas últimas palavras são importantes, pois se Enxofre e Bromo soubessem disso, poderiam mudar a visão que possuem da homoafetividade e, como consequência, colocar-se-iam no lugar do parceiro de interação, procurando resolver o conflito homofóbico que possa haver na escola. Além disso, no momento em que tais colaboradores afirmam que, se eles sofressem discriminação, os outros que os estariam discriminando são quem estariam com “a razão”, contribuem com o preconceito para com os homossexuais. Isto é, como estão ligados à certeza sensível e lá irão permanecer, não conseguem escutar e nem dialogar com o parceiro de interação, justamente, porque concedem razão ao preconceito e, principalmente, pelo fato de que, ao tentarem ver-se no lugar do outro, permitem que outras pessoas lhes discriminem em função de sua orientação sexual, sem ao menos conhecer a si mesmo e ao parceiro de interação.

Ainda há, para trabalhar essa questão, o estudante Califórnio. Somente para mencionar a pergunta 1.A, em relação a esse colaborador já foi exposta. Ao que tange à indagação 1.B, Califórnio afirmou que a ideia que tem acerca dos homossexuais foi de

noticiários de televisão, bem como conversas na escola. Agora, quanto às questões 2.A e 2.B, esse aluno se mostra solidário, porém, mesmo pensando que a homossexualidade seja uma escolha, ele entende que não se deve discriminar as pessoas. Dessa maneira, mesmo que pouco, já consegue começar a perceber a realidade do parceiro de interação e, assim expôs para a questão: *“Bom ajudaria, porque ele é uma pessoa como qualquer um, mas diferente”* e para a questão 2.B: *“Me sentiria muito mal porque foi eu quem quis ser diferente.”*

Mesmo pensamento tem Samário, pois, quando indagado sobre se fosse ele quem sofresse discriminação, o que ele faria, se gostaria de ser excluído (pergunta 2.B), respondeu que *“tentaria passar que sou feliz com minha opinião. E procuraria ficar com pessoas que gostassem de mim”*. Ideia parecida tem Urânio, afinal, de alguma maneira, consegue perceber a realidade do parceiro de interação. Esse aluno respondeu: *“Nunca parei para pensar nisso, mas com certeza me sentiria muito mal por ser motivo de piadinhas e também ser excluído de tal forma do grupo”*.

A melhor ideia para demonstrar que o ato de se colocar no lugar do parceiro de interação, até o momento, apesar de tudo, para as questões 2.A e 2.B vem de Selênio: *“Eu não iria me meter”*, para a questão 2.A, e *“Não. Porque eu sou humano igual a quem é contra isso”*, para a questão 2.B.

Selênio aduz, na indagação 2.B, que é humano, da mesma maneira daquele que discrimina homossexuais. Afirma também que não gostaria de ser discriminado, entretanto, apesar do referido estudante demonstrar isso, percebe-se que ele apenas tolera os homossexuais, afinal, por suas respostas nas questões 1.A e 4, há certa contradição, posto que afirma que *“homem é com mulher e vice-versa”*. Cabe uma indagação: como alguém pode dizer, ao se colocar no lugar do outro, que é tão humano quanto aquele que discrimina e não iria gostar de ser excluído, no entanto, é contrário à homoafetividade? Se ele se coloca no lugar do outro, é apenas para tolerar, e não reconhecer o parceiro de interação em sua diversidade.

Por outro lado, não há contradição na resposta da estudante Frâncio, posto que esta realmente consegue deixar de lado qualquer ideia advinda da certeza sensível e perceber a realidade que seu parceiro de interação se insere, quando responde a questão 2.B.: *“Se fossemos nós, iríamos querer viver sem discriminação e ser aceitos por todos”*. Frâncio consegue compreender que as características negativas expostas logo no início do trabalho não se aplicam à homossexualidade nem aos homossexuais. Pode notar também que não se trata de opção, mas apenas de diferenças que em nada são desiguais uma da outra. Tomando

por base o que a referida aluna escreveu, afirma-se que esta passagem para o oposto (que é o ato de se colocar no lugar do outro):

É uma condição necessária para o julgamento e o comportamento [...], na perspectiva de se alcançar a autonomia [...] necessária para se formar em valores, tais como a tolerância, o respeito e a solidariedade, princípios elementares para uma adequada convivência social e um adequado processo de resolução de conflitos. (BELMAR, 2005, p. 106).

Assim, é relevante que o professor, em sua sala de aula, e a escola trabalhem com as situações conflituosas. Isso proporciona que as distintas opiniões, os diversos modos de ser dos indivíduos possam se manifestar. Ou seja, os indivíduos precisam “ouvir”, interagir com os outros, sem preconceitos, e entender como é que o parceiro de interação se porta, como é a sua essência. É por isso que, quando um estudante afirma que a homoafetividade seria opção ou, então, que nunca iria ser *gay* e até mesmo se fosse aguentaria quieto ou, pior, afirmar que quando alguém discrimina outro, é pelo motivo de ter opinião contrária à homoafetividade, encontra-se equivocado, posto que não consegue ouvir e, portanto, não dialoga com o parceiro de interação. Por isso é relevante o trabalho em sala de aula com os conflitos homofóbicos, pois somente assim os alunos conseguirão deixar de lado seu preconceito e passar a acolher o outro. Diante do caso fictício de Alfa e Ômega, ao fazer isso, o primeiro apresenta-se à consciência como ser essente e a consciência é uma consciência concebente. Esta consciência, portanto, é capaz de principiar em conhecer e reconhecer os outros. Na busca pelo conceito verdadeiro, Dias (2004, p. 33) argumenta que

É descabido continuar pensando a [...] [homossexualidade] com preconceitos, isto é, pré-conceitos, conceitos fixados pelo conservadorismo do passado e engessados para o presente e o futuro. As relações sociais são dinâmicas. Não compactuam com preconceitos que ainda se encontram encharcados da ideologia [...] discriminatória, própria de um tempo já totalmente ultrapassado. Necessário é pensar com conceitos [...] atuais, que estejam a altura dos dias de hoje. Para isso, é imprescindível pensar novos conceitos.

Esse (re)conhecer, perceber, é um movimento, o qual é chamado de força. Aduz-se isso pois Alfa e Ômega são diversos e independentes, mas, mesmo assim, formam uma unidade que, quando se desdobra em partes (dois sujeitos com suas particularidades) independentes, retornam novamente para si mesmos. Nesse viés,

Esse movimento não é outra coisa que o movimento da percepção, no qual ambos os lados – o percebente e o percebido – são ao mesmo tempo, de uma parte, um só indistinto, como o *apreender* do verdadeiro; mas igualmente de outra parte, cada lado *reflete* sobre si, ou é para si. Aqui esses dois lados são momentos da força: formam também uma unidade, unidade essa que se manifesta como meio-termo em relação a extremos para si essentes, e se divide sempre de novo justamente nesses extremos, que são somente por isso. (HEGEL, 2008, p. 111).

Essas ideias parecem apontar para o fato de que, mesmo diversos e opostos, Alfa e Ômega são o mesmo. A exposição parece dizer que a ideia do entendimento seria a ação dos sujeitos perceberem e conhecerem a diversidade para, dessa maneira, aprenderem o conceito e, como consequência, reconhecerem os outros. Esse movimento de percepção, no qual os sujeitos formam uma unidade e depois se dividem novamente, indo para seus extremos em si, de onde partiram, chama-se jogo de forças. Este jogo de forças:

Consiste, pois, nesse ser-determinado oposto de ambas, em seu ser-para-um outro nesse determinação, e na absoluta troca imediata das determinações – uma passagem através da qual somente há nessas determinações em que as forças parecem apresentar-se *independentemente*. (HEGEL, 2008, p. 113).

Esse fragmento representa, portanto, que, quando os sujeitos inseridos em uma relação ética, saem de sua unidade e retornem para si, continuam como opostos. Porém eles são opostos um através do outro. É como se houvesse uma transição de um lado para outro. Para explicar isso, toma-se como base a oposição da identidade dos sujeitos. Hegel aduz que há neles, obviamente, diferenças que podem ser de conteúdo ou de forma. Será de conteúdo quando um destes extremos (Alfa ou Ômega) for “a força refletida sobre si mesma; mas o outro, o meio das ‘matérias’”. (HEGEL, 2008, p. 114). Já a diferença de forma consiste em dizer que uma das forças é solicitante (relacionada a um dos sujeitos) e outra ao solicitado (ao parceiro de interação, por exemplo). Entretanto, para este último caso, as forças são independentes e podem se separar uma da outra em sua relação e, o mais importante, elas são opostas uma para a outra. Quando se fala nesta oposição, este movimento dos dois extremos serem contrários um para o outro, pode-se afirmar que,

Para a consciência é isso que vem-a-ser [como resultado] na percepção do movimento da força: os extremos nada são em si, segundo esses dois lados; mas ao contrário, esses lados, em que deveria subsistir sua essência diferente, são apenas momentos evanescentes – uma passagem imediata de cada lado para o seu oposto. (HEGEL, 2008, p. 114).

Como já dito, os lados opostos podem transitar cada um para o seu contrário. Esta é a passagem da qual Hegel aduz no fragmento acima. Como existam duas forças contrárias a si e independentes, podendo, quando estão em unidade, separarem-se uma da outra, elas, podem, portanto, migrarem para o seu oposto, isto é, passarem do lado que se encontram, para o lado oposto a este que se encontravam. Quando isso ocorre, cada uma das forças que, opostas são, tem a possibilidade de entender e conhecer o seu oposto. Dessa maneira, a essência que, neste caso, constitui-se como característica tanto do sujeito, quanto do parceiro de interação, consiste em fazer com que cada ser seja ele mesmo através do outro, bem como deixar de si mesmo, para que o outro possa se manifestar em si e neste outro. Essas palavras, no que tange

ao caso em tela, significam dizer que, neste momento, Alfa e Ômega conseguem ver-se, cada um, no outro. Os sujeitos têm, cada um, sua própria essência, que são as características de suas personalidades. Eles conseguem “transportar” a sua própria essência para o outro; isto é, Alfa consegue ver que a homoafetividade/homossexualidade de Ômega é tão igual quanto a sua heteroafetividade/heterossexualidade, posto que são apenas nomes dados à essência de cada um. Mesmo Alfa e Ômega sendo opostos e diferentes um do outro, cada um consegue conhecer que a homossexualidade e a heterossexualidade provêm de uma mesma unidade e a ela se unem, como já dito, posto que ambas são o modo de ser de um indivíduo, quando elas estão em unidade. Alfa percebe que, quando separadas e opostas à sua unidade, permanecem com suas características; ou seja, continuam sendo modo de ser de alguém. Tal ideia é corroborada e também já serve de argumento para o questionário de Argônio, no que toca à pergunta 2.B. Em resposta, Argônio percebe a importância, mesmo sem saber, do pensamento de Hegel e Honneth, quando responde: *“Iria dizer à essa pessoa que tentasse se colocar em meu lugar”*.

Com tal visão, a aluna consegue, perfeitamente, perceber que a homossexualidade trata-se de uma orientação sexual e que merece respeito tal qual a heteroafetividade. Diante disso, as questões expostas até o momento levam Honneth (2009) a também se preocupar com essa interação dos sujeitos. O filósofo entende que isso vai estar implicado na consciência e, como consequência, no que Hegel chama de consciência-de-si. Porém, para um sujeito compreender o outro como alguém passível de reconhecimento, ele necessita que seu parceiro de interação também o compreenda da mesma maneira. Isso é o que Argônio pensa ao dizer que cada pessoa deve se colocar no lugar da outra. Quando houver isso, ambos os sujeitos estarão consolidando uma relação intersubjetiva capaz de proporcionar o reconhecimento. Para isso, devem se preocupar com a sua manifestação comportamental perante o outro. Isso significa dizer que,

Um sujeito somente dispõe de um saber sobre o significado intersubjetivo de suas ações quando ele está em condições de desencadear em si próprio a mesma reação que sua manifestação comportamental causou, como estímulo, no seu defrontante: do que meu gesto significa para o outro, eu posso me conscientizar ao produzir em mim mesmo, simultaneamente, seu comportamento de resposta. (HONNETH, 2009, p. 128-129).

Ou seja, um sujeito irá conseguir se conscientizar quando ele puder ter consciência de que sua ação para com os outros sujeitos poderá ferir (agir com preconceito) ou não esses parceiros de interação. Honneth (2009, p. 129-130) completa afirmando que

À constituição de uma consciência de si mesmo está ligado o desenvolvimento da consciência de significados, de sorte que ele lhe prepara de certo modo o caminho

no processo da experiência individual: através da capacidade de suscitar em si o significado que a própria ação tem para o outro, abre-se para o sujeito, ao mesmo tempo, a possibilidade de considerar-se a si mesmo como um objeto social das ações de seu parceiro de interação.

Quando Alfa consegue realizar este exercício (de se colocar no lugar do outro), ele deixa que Ômega se manifeste tal qual como ele é. Ocorrendo isso, Alfa apenas percebe que estava equivocado e que possuía preconceito contra Ômega e, assim, vai deixando para trás essa atitude. Ao fazer isso, começa a “recuperar valores como a tolerância e a aceitação do que é diferente [de si]”. (QUERA, 2005, p. 132). Tal visão é exposta por Neodímio, ao dar sua resposta para a indagação 1.A. Antes de verificar o que ela respondeu, cabe mencionar que a estudante Neodímio é do sexo feminino, tem 16 anos, estuda no primeiro ano do Ensino Médio e pertence ao nível socioeconômico médio: “*Eu não tenho preconceito e trato igual por que cada pessoa é de um jeito e não devia ser tratada diferente só porque é gay*”.

Essa ideia de aceitação do que é diferente também pode ser percebida nas respostas de Cromo e Amerício ao que tange à indagação de nº 4:

Em relação à homossexualidade, eu gosto do sexo oposto, mas como disse antes, respeito os que são homossexuais. (Cromo).

Ainda não tinha parado para pensar, mas refletindo penso que a homossexualidade é uma escolha de cada um e que deve ser respeitada. (Amerício).

Embora Amerício diga que a homossexualidade é uma escolha, o que é algo um tanto equivocado, afinal ninguém escolheria ser homossexual, sabendo de todo o preconceito que há contra eles, esse aluno afirma que é importante o respeito para com eles, da mesma maneira que Cromo. Percebe-se que, por parte de algumas pessoas, já há certo reconhecimento e aceitação da diversidade. Quando isso ocorre, neste jogo de forças, nesta passagem de um oposto para outro,

Desvanece toda a diferença entre *forças particulares* que deveriam estar presentes nesse movimento, uma frente à outra, em geral, já que tenham por base apenas aquelas diferenças. Igualmente, a diferença das forças converge, junto com as duas diferenças, numa diferença única. Assim, nessa mudança [...], não há nem força, [...] nem a determinidade do meio subsistente e da unidade em si refletida, nem algo singular para si, nem diversas oposições. Pois o que aí unicamente existe é a *diferença como universal*, ou como uma diferença tal que as múltiplas oposições ficaram a ela reduzidas. (HEGEL, 2008, p. 119).

Esse fragmento leva a refletir que, quando ocorre a passagem para os opostos, a diferença que existia no pensamento dos sujeitos inseridos em uma relação ética social desaparece. Entretanto, mesmo quando estes dois lados extremos se unem, deixando de lado a diferença que os separava, ainda haverá uma diferença para eles. Porém esta diferença não é entre eles (na sua relação), mas uma diferença a qual Hegel, com razão, denomina de única. Esta diferença é chamada de única, porque ela é uma diversidade, em verdade. Sendo uma

diversidade, ela não pode ser deixada de lado. Tanto é que esta diversidade pode ser entendida como uma diferença universal, até porque, como diz Hegel (2008), ela não pode se supressumir diante de todas as oposições possíveis à ela. Por tais motivos é que, em verdade, esta diferença exposta por Hegel, além de representar a diversidade, também representa o pluralismo.

O pluralismo engloba as diferentes orientações sexuais, por exemplo. É por isso que, quando se fala na diferença hegeliana, não está se falando em conceder tratamento diferenciado a quem é homossexual. Está-se dizendo que aquele que respeitar, integralmente, sem exceções a diversidade (inclusive o homossexual), está apto a ser um indivíduo universal. Portanto, a escola precisa formar seus alunos para que eles aprendam a conviver e, principalmente, a respeitar aquele indivíduo que for diverso de si. Assim, quando se fala nesta diferença universal, neste respeito, pode-se começar a buscar o reconhecimento.

Diante disso, é pertinente trazer os questionários de Laurêncio e Potássio, posto que corroboram com a ideia da diferença e do respeito. Ambas as estudantes são do sexo feminino, têm 16 anos e declararam-se pertencer ao nível socioeconômico médio. Entretanto, Laurêncio é do segundo ano do Ensino Médio e Potássio do primeiro ano do Ensino Médio. Cabe mencionar, ainda, que, em relação à indagação apresentada, será a 1.A:

Cada um tem seus gostos, não devemos discriminar os outros, temos que aceitar as diferenças. (Laurêncio).

As pessoas homossexuais, são pessoas como qualquer outras, pois merecem nosso respeito, nosso amor e respeito por serem seres humanos. (Potássio).

Como a estudante Potássio mencionou o amor em sua resposta, é pertinente dizer que, para que ocorra a primeira etapa do reconhecimento, que é o amor, como já foi mencionado, ainda se faz preciso discutir acerca da Teoria da Inversão dos Mundos de Hegel, visto que é nesse momento que Alfa começa a ter a possibilidade de se colocar no lugar de seu parceiro de interação. No momento em que Alfa conseguir se comunicar, ele passa a ver Ômega como um sujeito capaz de ser reconhecido por sua diferença e, para tanto, ter sua identidade preservada. Dessa forma, não o tratará mais como um objeto, como alguém desigual a si.

3.3 O mundo invertido

Conforme exposto no item anterior, há a teoria da Inversão dos Mundos. Estes mundos são: o mundo da Certeza Sensível e o mundo Suprassensível. A teoria mencionada

está ancorada no mundo *suprassensível*. Este mundo (mundo suprassensível) está acima da ação dos sentidos, isto é, acima da observação e da experiência que o mundo da certeza sensível pode proporcionar. O mundo suprassensível é o contrário do mundo percebido, posto que este (mundo da percepção) ainda está movido pelo sensível, mesmo que já tenha evoluído. Entretanto, é passando a consciência por este mundo suprassensível que ela terá capacidade de conhecer e reconhecer, realmente, seu parceiro de interação. Quando isso ocorrer, Alfa e Ômega (que são os opostos) alcançarão a unidade e poderão saber, na verdade, como um sujeito é para o outro. Neste ponto, a consciência já não é mais simples consciência, mas é consciência-de-si.

Segundo Honneth (2009, p. 130), um sujeito inserido na relação ética somente vai alcançar uma consciência-de-si reconhedora do outro no momento em que se coloca

Numa perspectiva [...], a partir da qual [...] [pode] obter uma imagem de [...] [si] mesmo e, desse modo, chegar a uma consciência de [...] [sua] identidade: ‘o fato de que [...] [o sujeito] pode estimular a si mesmo da mesma maneira que os outros e reagir aos seus estímulos da mesma maneira que aos estímulos dos outros insere em seu comportamento a forma de um objeto social da qual pode surgir um ‘Me’, a que podem ser referidas as assim chamadas experiências subjetivas’. O conceito de ‘Me’ [...] [colocado] aqui para caracterizar o resultado dessa autorrealização originária, deve tornar terminologicamente claro que *o indivíduo só pode se conscientizar de si mesmo na posição de objeto*; pois o *Self* que entra em seu campo de visão quando ele reage a si mesmo é sempre o parceiro da interação, percebido da perspectiva de seu defrontante, mas nunca o sujeito atualmente ativo das próprias manifestações práticas. Por isso [há a distinção] [...] do ‘Me’, que conserva [...] [a] atividade momentânea tão somente como algo já pensado, uma vez que ele representa a imagem que o outro tem [do sujeito], o ‘Eu’, que é a fonte não regulamentada de todas as [...] ações atuais [do sujeito]. O conceito de ‘Eu’ deve ser referido à instância na personalidade humana responsável pela resposta criativa aos problemas práticos, sem poder jamais entrar como tal, porém, no campo de visão, no entanto, em sua atividade espontânea, esse ‘Eu’ não só precede a consciência que o sujeito possui de si mesmo do ângulo de visão de seu parceiro de interação, como também se refere sempre de novo às manifestações práticas mentidas conscientemente no ‘Me’.

Desse modo, será mostrado como os sujeitos passam pela “inversão dos mundos”. Hegel (2008, p. 125-126) diz que o mundo suprassensível é

Um mundo *invertido*; e na verdade, enquanto um lado já estava presente no primeiro mundo supra-sensível, é o inverso desse primeiro. [...] Pois o primeiro mundo supra-sensível era apenas a elevação imediata do mundo percebido ao elemento universal, tinha seu modelo nesse mundo percebido, que ainda retinha para-si o princípio da mudança e da alteração.

Esse fragmento possibilita que se pense que quando houve a “passagem para o oposto”, exposta anteriormente, ocorreu o primeiro mundo suprassensível dito no fragmento acima. Neste mundo, apesar da percepção do outro como diferente, ainda não ocorreu a diferença universal tal como ela deve ser, isto é, como verdadeiramente um sujeito se vê no

outro e este em seu parceiro de interação tal qual como a si mesmo; até porque isso somente se dá no mundo invertido, embora se retire a ideia e o início desse movimento do mundo percebido (primeiro mundo). Caso se reflita acerca do conflito homofóbico ocorrido entre Alfa e Ômega em Beta, quando os sujeitos passaram ao seu oposto, vê-se que foram capazes de perceberem o parceiro de interação como diferente e que a orientação sexual do outro é como se fosse a sua. Assim, Alfa e Ômega estão aptos para se (re)conhecerem enquanto consciências que serão elevadas à consciência-de-si. Quando estão no mundo invertido, ambos os sujeitos

Tem, ao mesmo tempo, o outro mundo ultrapassado [primeiro mundo – o mundo da percepção], e dentro de si mesmo: é para si o invertido, isto é, o invertido de si mesmo; é ele mesmo o seu oposto numa unidade. Só assim ele é a diferença como interior, ou como diferença em si mesmo, ou como infinitude. (HEGEL, 2008, p. 128).

Isso quer dizer que, com a passagem do oposto para o seu oposto, dentro do mundo invertido, os dois extremos (Alfa e Ômega) alcançam a verdadeira unidade, porque cada um dos opostos percebe-se como a si mesmo dentro do outro (daquele que lhe é oposto). Isto é, Alfa, que é oposto a Ômega, percebe-o dentro de si e o tem guardado dentro de si, como a si mesmo. A mesma afirmação tem o mesmo valor para Ômega, pois tem Alfa dentro de si e para si mesmo. Este movimento de se ver no outro e ter este outro dentro de si mesmo leva ambas as partes dessa relação (Alfa e Ômega) a suprasumirem na unidade, posto que a essência que é de cada um está no outro. Tanto Alfa quanto Ômega não se necessitam a si mesmos existirem como são; mas precisam existir, pois possuem, dentro de si e para si, o outro que é ser como a si mesmo. Para melhor traduzir, citam-se as palavras de Hegel (2008, p. 129),

Seu ser consiste antes em pôr-se como não-ser, em suprasumir-se na unidade. Subsistem ambos [os termos] diferentes, são *em si* e são *em si como opostos*; isto é, cada qual é o oposto de si mesmo, *tem o seu outro nele*, e os dois são apenas *uma* unidade.

De outro modo, pode-se dizer que tanto Alfa quanto Ômega precisam existir e conviver juntos, pois somente assim a orientação sexual de cada um pode se manifestar. Isso quer dizer que Alfa não pode discriminar Ômega por sua orientação sexual, pois pode ser excluído por ela futuramente. Para ilustrar esse pensamento, trazem-se os questionários de Gadolínio, Radônio, Laurêncio e Potássio. Cabe mencionar que todos eles já foram caracterizados em outra oportunidade e que, neste momento, para analisar e argumentar os dados com a teoria do reconhecimento, será trabalhada, para os referidos colaboradores, as questões 2.A e 2.B:

Questão 2.A: *Eu tentaria ajudá-lo, porque ninguém merece ser discriminado.* (Gadolínio).

Questão 2.B: *Eu não gostaria de ser excluído, eu pediria ajuda, tipo diretor de escola, alguma entidade que me ajudasse.* (Gadolínio).

Questão 2.A: *Tentaria ajudar e daria força para a pessoa que estava sendo discriminada.* (Radônio).

Questão 2.B: *Não gostaria de ser discriminada, ficaria muito chateada.* (Radônio).

Questão 2.A: *Defender ele era o que eu iria fazer, demonstrando que cada um tem seus motivos para ser assim.* (Laurêncio).

Questão 2.B: *Não. Eu iria mostrar a eles que mesmo eu sendo homossexual, eu sou humano e a minha preferência não vai afetar a eles, isso é uma escolha minha.* (Laurêncio).

Questão 2.A: *Defenderia meu colega homossexual, pois essa pessoa que está o discriminando sem saber como a pessoa é, é por não ter um conhecimento a mais.* (Potássio).

Questão 2.B: *Tentaria explicar que posso ser amigo e não gostaria nada de ser excluído do grupo, porque sou igual a eles, independente de opção sexual.* (Potássio).

Percebe-se que os quatro colaboradores, acima citados, encaixam-se perfeitamente na teoria do reconhecimento, pelo fato de que há reciprocidade na resposta fornecida pelas questões 2.A e 2.B. Isto é, no momento em que os alunos aduzem que não gostariam de serem discriminados e excluídos por sua orientação sexual, conseguem se ver na condição do outro, pelo fato de que iriam defender o colega que estivesse sofrendo o mesmo tipo de discriminação (verificar resposta 2.A desses colaboradores).

No momento em que dizem que ajudariam o colega que fosse excluído por causa dos sentimentos homoafetivos e, da mesma maneira, sentir-se-iam excluídos por sofrer discriminação, serve de argumento para que, realmente, esses alunos se coloquem no lugar daquele que é homossexual e sofre preconceito. Quando isso ocorre, há a percepção da qual Hegel, em sua teoria menciona, ou seja, ambos os sujeitos precisam um do outro para poder existir e, posteriormente, reconhecerem-se um ao outro, para terem sua diferença preservada.

Verifica-se que, neste momento, entre os sujeitos da relação ética começa a surgir o que Honneth (2009) denomina de desejo. Desejo de verem a sua identidade, a sua diferença reconhecida pelo parceiro de interação. Pode-se aduzir que a

Essência simples da vida, a alma do mundo, o sangue universal, que onipresente não é perturbado nem interrompido por nenhuma diferença, mas que antes é todas as diferenças como também seu Ser-suprassumido; assim, pulsa em si sem mover-se, treme em si sem aquietar-se. É *igual-para-si-mesma*, pois as diferenças são tautológicas; *são diferenças que não são diferenças nenhuma*s. Portanto, essa essência igual-a-si-mesma só a si mesma se refere. *A si mesma*; eis aí o Outro ao qual a relação se dirige, e o *relacionar-se consigo mesma* é, antes, o *fracionar-se*, ou, justamente, aquela igualdade-consigo-mesma é a diferença interior. (HEGEL, 2008, p. 129).

Essa citação conduz à ideia de que, quando os opostos (Alfa e Ômega) passaram pelo Mundo da Inversão, formaram uma unidade, onde, mesmo que eles sejam diferentes um do outro, esta diferença não é diferença para eles, no sentido de aniquilar o outro; mas sim é uma diferença que faz com que eles tenham e mantenham a sua essência ou infinitude, que são preservadas dentro e fora de si mesmos. Com isto, pode-se aduzir que Alfa e Ômega “cada qual é um contrário – o contrário de um Outro – de forma que em cada um o Outro já é enunciado ao mesmo tempo que ele. [...] e, assim, cada um é, em si mesmo, o contrário de si”. (HEGEL, 2008, p. 129).

Por meio dessas palavras, pode-se concluir que, desde o momento em que Alfa começou a ver Ômega como um alguém igual a si próprio, ele principiou a ter a ideia da unidade. Isso significa aduzir que começou a entender que, mesmo diversos e opostos, Alfa e Ômega não são desiguais. Sendo detentores dessa ideia, os sujeitos passam pelo denominado “Mundo Invertido”, onde eles conhecem que a diferença que havia entre si se desvanece, posto que este momento conduz os integrantes da relação intersubjetiva a perceberem que a unidade aduzida por Hegel não é uma unidade homogênea, onde há um “enquadramento” de indivíduos a algo pré-determinado; mas sim, em realidade, é uma unidade heterogênea que abarca todas as diversidades existentes no mundo. Em outras palavras, a unidade dos opostos seria a diversidade, e esta seria a homogeneidade, a regra a ser respeitada.

3.4 Uma atividade: colocando-se no lugar do outro

Da mesma maneira que foi exposto no capítulo anterior, neste momento será mostrada uma proposta de atividade que poderá ser realizada em sala de aula. Tal exercício reflete o que antes foi explicado; isto é, consiste em fazer com que os alunos se coloquem no lugar daquele colega que sofre discriminações, para que, assim, de alguma maneira, possam refletir a partir da visão que este colega tem da realidade em que está inserido.

Honneth (2009, p. 69) entende que ao sujeito “cabe [...] a propriedade de autodiferenciação, no sentido de que ele é capaz de fazer de si o outro de si mesmo e retornar para si mesmo”. Desse modo, os sujeitos começam a construir a realidade, fazem o “duplo movimento de exteriorização e de retorno a si mesmo, em cuja repetição permanente [...] [os sujeitos] se realizam passo por passo”. (HONNETH, 2009, p. 69).

Assim, como no exercício proposto no capítulo anterior, a turma de alunos também poderá se reunir em grupos ou individualmente, para quem assim o quiser. Feito isso, o

professor e os alunos, na tentativa de chegar ao objetivo proposto – que é o reconhecimento do outro, colocando-se em seu lugar – podem partir de indagações, tais como:

- Se você tivesse sentimentos homoafetivos, como gostaria de ser tratado por seus colegas de escola?
- Você gostaria de ser excluído? Sentir-se-ia bem sofrendo discriminações providas de seus colegas da escola pelo fato de ter orientação sexual diferenciada dos demais?
- Se, por exemplo, o preconceito fosse contra aquelas pessoas que tivessem sentimentos heteroafetivos e não contra quem é homossexual e, você fosse heterossexual, o que faria?
- Se fosse você o excluído, por ser homossexual, como agiria, se todos os dias, quando estivesse na escola sofresse discriminação?

Diante disso, a turma de alunos necessita responder as indagações sempre se colocando no lugar daquele colega que está sofrendo a discriminação. Também pode ser proposta uma atividade no sentido de imaginar-se que a minoria da população fosse composta de heterossexuais e a maioria fosse de homossexuais, e que esta minoria de heterossexuais sofresse discriminação por causa de sua orientação sexual. Nesse sentido, o exercício também tem o objetivo proposto, que seria o de se colocar no lugar do outro. Além do mais, as perguntas propostas acima podem ser modificadas ou, então, podem ser criadas outras, tanto pelos alunos como pelo professor, conforme melhor convier para que a turma de alunos possa reconhecer como um igual aquele colega que tem sentimentos homoafetivos. Para demonstrar isso, selecionaram-se mais alguns questionários que representam essa questão de um se colocar no lugar do outro. As perguntas eleitas são as 2.A e 2.B. Para começar, tem-se as respostas de Cromo e Amerício, pois, em outra oportunidade, esses alunos já foram mencionados. Inicialmente, percebe-se que Cromo, na questão 1.A, que já foi trabalhada, dizia que não achava a homoafetividade tão normal, mas que a respeitava. Entretanto, tomando-se como base as respostas das questões 2.A e 2.B de Cromo, verifica-se que a estudante conseguiu evoluir para além da certeza sensível, posto que se colocou no lugar do outro (do seu colega):

Questão 2.A: Eu o defenderia, afinal ninguém tem o direito de discriminar o próximo por suas escolhas.

Questão 2.B: Bom, se este fosse o meu caso, eu assumiria e enfrentaria o preconceito, mas como dever, eu respeitaria e procuraria agir normalmente, sem que isso atrapalhasse o outro. Manteria as amizades para assim não ser excluída totalmente da turma.

O mesmo vale para Amerício. Ela, na questão 1.A, havia afirmado que, de acordo com suas crenças religiosas, o correto seria o relacionamento heteroafetivo, porém aduzia também que, se tivesse respeito, lealdade e amor entre o casal homoafetivo, a sociedade deveria respeitar. Essa aluna consegue evoluir em seu pensamento, posto que assim se expressou para as questões 2.A e 2.B:

Questão 2.A: *Eu agiria normalmente, como qualquer colega.*

Questão 2.B: *Se eu fosse excluído por minha opção sexual, eu tentaria deixar aquela pessoa ou grupo que me oprime e seguir longe de quem tenta me fazer mal.*

Nessa senda, embora desde a questão 1.A já tenha demonstrado não ter ideias preconceituosas, encontra-se a estudante Argônio. Essa aluna, que já teve a questão 2.B exposta no momento em que se trabalhou com a consciência, consegue adquirir uma consciência-de-si, pois, além de se colocar no lugar daquele que sofre discriminação, aduz, na pergunta 2.A, que *“defenderia, [o homossexual], pois [aqueles que o agridem] não estão sendo justos com essa pessoa”*.

A partir desse momento, para continuar ilustrando o ato de se colocar no lugar do outro, cabe analisar os outros questionários. Os colaboradores que serão colocados logo mais ainda não tinham sido retratados em nenhum outro momento. A escolha por Berílio, Ósmio, Rutênio, Neptúnio, Cério, Hélio, Neônio, Lítio, Hidrogênio e Criptônio, deu-se pelo fato de que esses colaboradores já começaram a demonstrar concepções que não estão tão imbuídas de preconceito. Isso significa que começa a haver, por parte deles e da comunidade escolar, bem como da sociedade, um pouco de reconhecimento pela diversidade.

A primeira estudante recebeu o nome de Berílio. É do sexo feminino, tem 18 anos, é aluna do segundo ano do Ensino Médio e declarou pertencer ao nível socioeconômico médio. Para poder entender o ato de se colocar no lugar do outro, é necessário conhecer o que Berílio respondeu na questão 1.A do questionário, que pergunta o que os colaboradores da pesquisa pensavam acerca dos homossexuais, bem como da homoafetividade, ao que ela respondeu: *“Nós pensamos que os homossexuais apenas de se relacionarem com pessoas do mesmo sexo, são pessoas como qualquer outra e por isso devem ser respeitados mesmo que a pessoa não goste.”*

Verifica-se que Berílio já não se encontra na certeza sensível, ou, pelo menos, não pensa da mesma maneira que Carbono, Flúor, por exemplo, que insistem em permanecer com ideias preconceituosas. Berílio, ao contrário dos colegas mencionados, já consegue transpor

esse pensamento e, para tanto, tem condições de reconhecer aqueles que são diversos de si, pois principia por se colocar no lugar do outro e, responde, para a questão 2.A: “*Se tivesse um homossexual na sala [de aula] nós particularmente o defenderíamos, pois essa atitude é mais sensata*”, e, para a questão 2.B: “*Nos sentiríamos no princípio ‘um peixe fora d’água’, mas depois nos acostumaríamos e lutaríamos pela nossa felicidade seja com quem for*”.

Outra colaboradora que não se apega às ideias preconcebidas é Ósmio. Ela é aluna do segundo ano do Ensino Médio, tem 16 anos, é do sexo feminino e pertence à classe média. Afirma ela, em relação à questão 1.A: “*Cada pessoa tem o direito de saber o que quer da vida, não tenho nada contra. Não é problema meu de quem gosta, desde que não faça nada para mim, por mim pode amar até um animal*”.

Antes de adentrar nas questões 2.A e 2.B ao que se refere à colaboradora Ósmio, é interessante mostrar a questão 1.B, posto que essa estudante afirma que, mesmo que tenha aprendido com a família acerca do que são os homossexuais e a homoafetividade, ela pensa que “*A gente deve aceitar a sociedade do jeito que ela é. Não ser preconceituosa com pessoas que tem um estilo diferente de viver. Aceitar as pessoas pelo que elas são e não por quem gosta*”.

Diante disso, Ósmio começa a reconhecer o outro, afinal, essa mesma ideia é corroborada com as respostas seguintes do questionário, para as indagações 2.A e 2.B: “*Iria xingar a pessoa porque desde que não faça nada para alguém, ninguém tem o direito de escolher o que é melhor ou pior para a vida de cada um*” (questão 2.A) e “*Ia ficar muito triste. Se me excluíssem só por ser diferente da maioria, gostaria que me aceitassem por eu ser uma pessoa boa*” (questão 2.B).

Mesmo raciocínio tem Lítio. Lítio é do sexo feminino, tem 15 anos, é estudante do primeiro ano do Ensino Médio e como nível socioeconômico disse ser da classe média. As respostas de Lítio tornam-se interessantes pelo fato de usar as mesmas palavras que a própria filosofia utiliza. Mas, antes disso, na indagação 1.A, Lítio aponta que não se deve discriminar as pessoas por causa da orientação sexual. Diz ela que “*Cada um sabe de si, os seres humanos tem a opção de escolher, e cada um sabe de sua escolha. Eu respeitaria, pois acho que não devíamos discriminar os outros por causa da opção deles*”. Embora Lítio fale em “opção”, assim como outros tantos, ela tem, ao que parece, capacidade de se colocar no lugar daqueles que sofrem discriminações e, olhando e compreendendo a situação que os outros se encontram, principia por reconhecê-los. Isso pode ser verificado nas questões 2.A e 2.B do questionário desta colaboradora: “*Deveria xingar os colegas que estão discriminando ele, pois se estivesse no lugar dele, com certeza não fariam isso*” (questão 2.A), e “*Não iria dar*

bola, não gostaria de ser excluído, por isso que é bom as pessoas se colocarem uma no lugar das outras” (questão 2.B).

Quando a turma conseguir realizar essa reflexão, procurando dar respostas para as perguntas que estimulem a acolhida do outro, será possível aduzir que a consciência já é consciência-de-si. Segundo Honneth (2009, p. 131),

Um sujeito só pode adquirir uma consciência de si mesmo na medida em que ele aprende a perceber sua própria ação da perspectiva, simbolicamente representada, de uma segunda pessoa. Essa tese representa o primeiro passo para uma fundamentação naturalista da teoria do reconhecimento de Hegel, no sentido que pode indicar o mecanismo psíquico que torna o desenvolvimento da autoconsciência dependente da existência de um segundo sujeito: sem a experiência de um parceiro de interação que lhe reagisse, um indivíduo não estaria em condições de influir sobre si mesmo com base em manifestações autoperceptíveis, de modo que aprendesse a entender aí suas reações como produções da própria pessoa.

Tal fragmento ensina que, quando um sujeito consegue se colocar no lugar do outro e perceber a sua própria ação (no caso, a homofobia) a partir da perspectiva do parceiro de interação, que é a segunda pessoa inserida na relação ética, começa o reconhecimento intersubjetivo do outro. Há o alcance da consciência-de-si, como também o refletir “a partir do ser do mundo sensível e percebido”. (HEGEL, 2008, p. 136). Pode-se dizer que houve “o retorno a partir do *ser-Outro*”. (HEGEL, 2008, p. 136). A consciência é consciência-de-si. Ainda assim, este ser-Outro, do qual Hegel menciona, é como se fosse um ser, bem como um momento diverso, mas que também é uma unidade com o ser diferente, em um segundo momento. Nas palavras de Hegel (2008, p. 136), “para a consciência-de-si, portanto, o ser-Outro é *como um ser*, ou como *momento diferente*, mas para ela é também a unidade, de si mesma com essa diferença, como *segundo momento diferente*”.

Para ilustrar esse pensamento, cabe trazer os outros colaboradores que foram citados. Trata-se de Criptônio, estudante do segundo ano do Ensino Médio, com idade de 16 anos, do sexo feminino e cujo nível socioeconômico é médio. Essa aluna, para a indagação 1.A do questionário, respondeu que crê que “*Cada pessoa sabe o melhor para sua vida, eu penso que todas as pessoas deveriam respeitar os homossexuais, pois eles tem o direito de escolher o que quiserem para suas vidas. Não tenho preconceito e admiro os que tem coragem de se assumirem nesta sociedade cruel*”. Essa resposta de Criptônio apresenta-se com o que a colaboradora responde na questão 2.A e 2.B:

Questão 2.A: *Ficaria do lado da pessoa que está sendo discriminada, pois acho um horror as pessoas serem tão insensíveis a ponto de não verem que estão julgando uma pessoa como todas as outras.*

Questão 2.B: *Nunca dei bola para o que os outros pensam ou falam. Mas, eu ficaria muito triste [...] [afinal] este tipo de escolha deve ser respeitado pois a sexualidade não faz a pessoa, mas sim o que esta pessoa tem no coração.*

Verifica-se que a referida aluna consegue se colocar no lugar do outro, posto que, no momento em que passa a se ver como sendo aquela que sofre a discriminação, fica triste; como consequência, deseja ajudar aquele que é excluído. O mesmo vale para o colaborador Hidrogênio. Ele tem 21 anos, é do terceiro ano do Ensino Médio, pertencente à classe média e é do sexo masculino. Entende ele, para as perguntas 2.A e 2.B, o seguinte: “*Normalmente, não vejo motivos para discriminar baseado em orientação sexual*” (questão 2.A) e “*Quase ninguém gosta de ser excluído, eu incluso. O sentimento deve ser dos piores. A reação depende de cada um*” (questão 2.B).

Outra colaboradora que consegue vislumbrar como o parceiro de interação se sente é Neônio. Ela tem 18 anos, é do segundo ano do Ensino Médio e declarou ser da classe média. Neônio confessa, na questão 1.B, primeiramente, que sua melhor amiga é homossexual. E, sabendo disso, responde, para a indagação 1.A, que sua “*Opinião é que eles têm o direito de gostar de pessoas do mesmo sexo. Ninguém pode obrigar alguém a gostar de uma pessoa do sexo oposto*”. No que tange às indagações 2.A e 2.B, a colaboradora assim respondeu: “*Tentaria ajudar essa pessoa no que precisasse, oferecendo minha amizade*” (questão 2.A) e “*Não gostaria de ser excluída pela minha opção sexual. Tentaria respeitar a opinião dos outros*” (questão 2.B).

Hélio, assim como Neônio, também diz que “*tem conhecimento dos homossexuais*” e, por isso, aduz na indagação 1.A, “*que não tenho nada contra, respeito, desde que me respeitem*”. Antes de adentrar nas questões 2.A e 2.B para demonstrar que Hélio consegue se colocar no lugar do outro e, a partir disso, principiar por reconhecer o que é diverso de si, cabe mencionar que Hélio é estudante do terceiro ano do Ensino Médio, tem 20 anos, é do sexo feminino e pertence ao nível socioeconômico médio. Verifica-se, logo mais, que essa colaboradora, ao que tange à indagação 2.A, expandiria a sua ajuda para qualquer outra pessoa que estivesse sofrendo discriminação. Correta se encontra Hélio, pois consegue, em sua consciência, perceber a diversidade de indivíduos e de grupos sociais que compõem a escola, bem como a sociedade:

Questão 2.A: *Não pelo fato dele ser ou não homossexual, mas qualquer outra pessoa que estivesse sofrendo algo parecido, eu procuraria ajudar.*

Questão 2.B: *Como já comentei, eu procuraria aos poucos, fazer com que todos entendessem este lado, e se isso não acontecesse no geral, ignoraria os outros, pois se estes me discriminam, eles não merecem minha amizade.*

Outro questionário que merece avaliação positiva é da estudante Cério. Ela é do primeiro ano do Ensino Médio, tem 18 anos, é do sexo feminino e nível socioeconômico

médio. Como resposta para as indagações 2.A e 2.B, a colaboradora “*exigiria respeito com os outros*” (questão 2.A) e “*não exigiria ser escolhida entre eles*” (questão 2.A). Parece que a resposta dessa colaboradora pode ser interpretada no sentido de que ninguém é obrigado a conviver com quem não queira, porém, necessita respeitar a pessoa e não a discriminar. Tal análise é corroborada com a resposta para a questão 2.B, posto que Cério afirma “*que não gostaria de ser excluída por ninguém e também, não gostaria que tivesse discriminação com as pessoas homossexuais*”.

Mesma ideia aparece em Rutênio e Neptúnio. Ambas as colaboradoras são do sexo feminino e do nível socioeconômico médio. Porém, Rutênio estuda no segundo ano do Ensino Médio e tem 16 anos, e Neptúnio, no terceiro ano do Ensino Médio e tem 17 anos. Verifica-se, em suas respostas, que conseguem perceber a realidade do parceiro de interação e, a partir disso, olhar a situação de uma maneira que o outro veria. Desse modo, já conseguem começar a reconhecer as diferenças e a dar uma possível solução para os conflitos homofóbicos que possam ocorrer na escola:

Questão 2.A: *Eu iria defender, ajudar a responder, pois cada pessoa tem o direito de escolher e quem é contra não deve discriminar, apenas ficar na 'sua'.* (Rutênio).

Questão 2.B: *Não. Pois eu iria tentar dialogar e mostrar a eles que todo mundo é humano, e que a minha escolha não irá interferir no gosto deles.* (Rutênio).

Questão 2.A: *Tentaria conversar com a turma, porque discriminar uma pessoa pela homossexualidade é não ter o mínimo de ética. Ninguém é perfeito que possa se achar no direito de julgar os outros.* (Neptúnio).

Questão 2.B: *Julgar os outros pela casca é fácil. Eu não saberia o que fazer se fosse discriminada, mas violência não seria a solução. Excluir alguém pela homossexualidade é assinar o atestado de ignorância.* (Neptúnio).

Pelo que se nota, nas respostas dos colaboradores apresentados para esse momento, verifica-se que eles conseguem perceber como é a realidade e a situação em que o parceiro de interação se encontra. Isso pode ser visto, pois a maioria dos alunos respondeu que não gostaria de ser excluído ou discriminado por sua orientação sexual e, por tais respostas, esses alunos compreendem como o colega que sofre discriminação gostaria de ser tratado. Quando fazem isso, promovem a discussão, o diálogo, no intuito de tentar solucionar os conflitos homofóbicos na escola. Dessa maneira, parece que passam a ajudar o grupo de colegas a aceitar as diferenças e a buscar o reconhecimento intersubjetivo. Transpondo esses questionários apresentados para a filosofia do reconhecimento, bem como para o caso de Alfa e Ômega na escola, pode-se perquirir saber que, quando os sujeitos conseguem se vir, um

através do outro, e ter consciência-de-si, Alfa passa a tratar Ômega não mais como um objeto e sim, como um sujeito, um indivíduo capaz de obter reconhecimento por sua diferença. Essa questão é trabalhada por Honneth (2009, p. 127), quando diz que os sujeitos têm:

Uma consciência imediata dos impulsos conflitantes da ação, os quais tiram do objeto seu caráter de objeto e, nessa medida, nos deixa numa atitude de subjetividade, durante a qual, porém, surge um novo objeto-estímulo em razão da nossa atividade reconstrutiva, que pertence ao conceito do sujeito Eu.

Esse fragmento parece apontar para o pensamento de que, quando os sujeitos se conscientizam de si mesmos, percebem que o seu parceiro de interação também atingiu a consciência-de-si. Porém, essa evolução somente ocorre porque a consciência-de-si do sujeito foi capaz de se extrusar de si mesma; isto é, ir para fora de si, pois se encontrou na essência daquele que é o outro para ela. Nesse caso, as ideias pré-concebidas a respeito de Ômega já começam a deixar de existir. Alfa passa a perceber que Ômega é apenas diverso de si, mas que, em momento algum, é desigual. A concepção que Alfa possuía acerca de seu parceiro de interação inverte-se, e ele passa a ver a homossexualidade/homoafetividade como algo normal. Para ilustrar essa mudança, traz-se o pensamento dos colaboradores Hidrogênio e Cério, ao que toca à indagação 1.A, quando dizem:

Acho que, no geral, homossexualidade não é uma opção e sim algo com o qual um indivíduo já nasce. Algumas pessoas gostam de pessoas do sexo oposto, outras gostam de pessoas do mesmo sexo. (Hidrogênio).

A minha opinião sobre os homossexuais para mim é normal, porque eu não tenho nenhum preconceito com homossexuais. (Cério).

Pode-se extrair a ideia de reconhecimento, pois, como o Outro é um ser, ou mesmo um momento diverso, representa o momento em que “a consciência-de-si é *em-si* e *para si* quando e por que é em si e para si para uma Outra”. (HEGEL, 2008, p. 142). Percebe-se que os momentos da consciência são mantidos afastados um do outro, porém, ao mesmo tempo, são preservados “como não-diferentes, ou seja, devem sempre ser tomados e reconhecidos em sua significação oposta”. (HEGEL, 2008, p. 143).

Isso quer dizer que Alfa e Ômega, mesmo sendo diferentes um do outro, são apenas diversos, não significando que um é desigual do outro por serem diferentes. Eles são e podem ser reconhecidos, até porque Honneth (2009, p. 127), ocupando-se das ideias de George Herbert Mead, entende que no reconhecimento intersubjetivo há uma dimensão social, pois há “a interação entre vários organismos”, várias pessoas, grupos sociais e, portanto, faz-se necessária uma “reconsideração [...] [sobre] o comportamento humano de interação [pois]

representa [...] um ponto de apoio particularmente apropriado, visto que força os sujeitos a se conscientizarem de sua própria subjetividade” (HONNETH, 2009, p. 127-128). Entretanto, para se chegar neste reconhecimento, Hegel (2008, p. 143) afirma que o

Sentido do diferente reside na [própria] essência da consciência-de-si: [pois tem a essência] de ser infinita, ou de ser imediatamente o contrário da determinidade na qual foi posta. O desdobramento do conceito dessa unidade espiritual [...] nos apresenta o movimento do *reconhecimento*.

Quando isso ocorre, pode-se dizer que Ômega,

é também uma consciência-de-si; um indivíduo se confronta com outro indivíduo. Surgindo assim *imediatamente*, os indivíduos são um para o outro, à maneira de [...] [sujeitos] comuns. (HEGEL, 2008, p. 144-145).

Quando ambos os parceiros de interação de uma relação ética enxergam-se como sujeitos, surge neles um desejo de verem, de maneira mútua, que a particularidade de cada um deles seja reconhecida pelo outro. Eles necessitam saber que a sua própria essência, a diferença de cada um, precisa também estar no parceiro de interação. Afirma-se que cada sujeito está certo de sua diferença. Porém, cada um precisa compreender que o outro também tem a certeza da sua própria diferença e quer vê-la confirmada por este outro. Para isso, os sujeitos precisam “suprassumir esse *seu-ser-outro*”. (HEGEL, 2008, p. 143). Quando Alfa e Ômega passarem por este processo, alcançarão, em um primeiro momento, “a certeza de si como essência”. (HEGEL, 2008, p. 143). Após isso, eles têm de “suprassumir[em] a *si mesmos*, pois, ela mesma, [...] [são] esse Outro”. (Hegel, 2008, p. 143). Assim, necessitam proceder frente a estes dois momentos. Quando estão no segundo momento, que é o suprassumir de si mesmo, adquirem um

Sentido duplo do seu ser-Outro de duplo sentido [que] é também um retorno, de duplo sentido, a *si mesmo*; portanto, em *primeiro lugar* a consciência retorna a si mesma mediante esse suprassumir, pois se torna de novo igual a si mesma mediante esse suprassumir do seu ser-Outro; *segundo*, restitui também a ela mesma a outra consciência-de-si, já que era para si no Outro. Suprassume esse *seu ser* no Outro, e deixa o Outro livre, de novo. (HEGEL, 2008, p. 143).

Dessa forma, ambos os sujeitos devem sair de si mesmos, irem até o outro, colocarem-se no lugar deste outro e retornarem para si. Mas quando se colocam um no outro, pensam que esse outro seja eles mesmos, ainda não reconhecendo a essência de seu parceiro de interação como verdadeiramente ele é. E, para que um sujeito veja o outro como realmente é, precisa suprassumir-se o seu ser no seu parceiro de interação. Ao fazerem esse processo, emerge a essência do outro e ambos os sujeitos são livres, como sempre foram. Menciona-se que os alunos, ao responderem as perguntas propostas pela atividade do reconhecimento, devem extrusarem-se de si mesmos e se verem no lugar do outro, sentindo o que o outro

sente. Somente assim, serão capazes de reconhecerem aquele que é diferente de si próprio, afinal,

Cada um de nós é um centro do universo e que o único método para que possamos aprender a cooperar e coordenar ações, devido a nossas muitas diferenças, é olhar para o outro com uma visão de amor, isto é, ver e reconhecer a legitimidade do outro. (QUERA, 2005, p. 127).

Quando isso ocorre, os sujeitos alcançam a razão, pois um sujeito é capaz de se perceber e se ver em seu parceiro de interação. Sua consciência-de-si, que via seu parceiro como algo desigual a si, passa a vê-lo como algo positivo, pois a consciência-de-si não se preocupava com o outro e, sim, somente consigo mesma. Passada esta fase, a consciência-de-si de Alfa, quando se coloca no lugar de Ômega, também se percebe a si própria como sujeito que deseja ser reconhecido. Através da razão, Alfa e Ômega podem colocar-se em seu lugar e dizer que

Eu sou Eu, no sentido de que o Eu para mim é [...] [sujeito]. Não no sentido de objeto da consciência-de-si em geral – que seria apenas um objeto *vazio* em geral; nem de objeto da consciência-de-si livre - , que seria somente um objeto retirado dos outros; que ainda são válidos *ao lado* dele; mas sim no sentido de que o Eu é [...] [sujeito], com a consciência do *não-ser* de qualquer outro[...] [sujeito]: é o objeto único, é toda a realidade e presença. (HEGEL, 2008, p. 173).

Através do fragmento acima exposto, entende-se que os sujeitos passam a compreender a realidade em que estão inseridos através do parceiro de interação. Alfa percebe como Ômega e como a realidade em que está inserido é realmente. Um sujeito passa a ver que o outro não possui nenhuma daquelas características negativas que a certeza sensível lhe proporcionava. Para ilustrar esse pensamento, escolheram-se os questionários de Chumbo, Itérbio, Hólmio, Térbio e Polônio, para a indagação 1.A do questionário.

Inicia-se com Chumbo, estudante do segundo ano do Ensino Médio, com 17 anos, da classe média e do sexo masculino, que assim respondeu: *“É uma questão de cada um. Ele não tem culpa que nasceu homossexual, que vem de nascença”*.

Mesmo raciocínio é exposto por Itérbio, estudante do primeiro ano do Ensino Médio, de 14 anos, do sexo feminino e de nível socioeconômico médio: *“Eu penso que cada pessoa já nasce com seu sexo, com o seu gosto e as pessoas devem respeitar a decisão dessas pessoas”*.

Já Hólmio, estudante do primeiro ano do Ensino Médio, tem 15 anos, é da classe média e do sexo feminino, e entende que os homossexuais são pessoas como quaisquer outras diferenciando-se apenas pelo objeto de desejo: *“Eu não conheço muito dos pensamentos de cada um dos homossexuais, mas são pessoas como nós, só possuem um jeito diferente”*.

Térbio, também estudante do primeiro ano do Ensino Médio, tem 15 anos, declarou pertencer ao nível socioeconômico médio, e é do sexo feminino, aduziu para a questão 1.A que os homossexuais “*São pessoas como qualquer outra. Andam, pensam, amam. Como cada um tem sua escolha, [...] temos que respeitar*”.

Polônio, estudante do segundo ano do Ensino Médio, com 17 anos, do sexo feminino, declarou ser do nível socioeconômico médio, e aduziu que “*Respeita [os homossexuais] porque cada pessoa é livre para ser e fazer o que quiser da sua vida*”.

Diante dessas respostas, percebe-se que Ômega não seria alguém doente, pecador e sem-vergonha, como Alfa concebia. Ainda assim, Alfa começa a se perceber como o outro sujeito, pois nota que o fato de ter agido com preconceito contra Ômega, agora lhe é um ato que não poderia ter feito. Alfa percebe que excluir aquele ser, que é diverso de si, somente lhe trouxe dor e faz perceber que o conhecimento que tinha por verdadeiro acerca de Ômega nada era, a não ser preconceito. Alfa percebe e tem a consciência de que o preconceito

É uma atitude negativa em relação a uma determinada pessoa ou grupo. Essa atitude é baseada em representações mentais deformadas ou incompletas, os estereótipos. Na maioria das vezes, o preconceito gera discriminação. A discriminação é a transformação do preconceito em atos: um olhar diferenciado, a hostilidade, um ato de violência. (CECHIN, 2006, p. 59).

A tomada de consciência que Alfa e Ômega conseguiram adquirir até o momento para poder compreenderem e reconhecerem-se mutuamente faz com que ambos passem a entender que o conflito homofóbico que havia entre eles é uma luta por reconhecimento de suas particularidades, de sua identidade e não “uma ‘luta por autoafirmação’”. (HONNETH, 2009, p. 87). Mesmo que o conflito, inicialmente, seja formado de maneira unilateral,

Sob o ângulo de visão que ocupam os sujeitos passivamente implicados; considerado a partir de sua perspectiva, esse ato [...] se dá a conhecer como um fenômeno por meio do qual eles próprios são excluídos de seu contexto de interação existente e, por conseguinte, passam à condição de meros indivíduos isolados, ‘sendo-para-si’: ‘pois ele [isto é, o sujeito passivamente implicado] é sendo-para-si porque ele não é para o outro, porque ele é excluído do ser pelo outro’. É particularmente decisivo nessa imagem inicial o fato de Hegel derivar a formação reativa dos sujeitos excluídos de uma constelação de motivos cujo núcleo é constituído pela desilusão das expectativas positivas em relação ao parceiro de interação: [...] o indivíduo reage aqui [...] não com o sentimento de medo de ser ameaçado futuramente em sua autoconservação, mas com a percepção de ser ignorado por seu defrontante social. (HONNETH, 2008, p. 87)

Na tentativa de transpor tais ideias para o conflito homofóbico em questão, o sujeito atingido em sua essência (Ômega, neste caso) somente passa a fazer parte da relação conflituosa porque se sente excluído da interação com os outros sujeitos. Esse sentimento de marginalização ocorre em razão de o parceiro de interação da relação intersubjetiva (Alfa, neste caso) não reconhecer o outro, posto que, justamente, esse outro é o seu oposto e,

portanto, muitos sujeitos o viam como o suprasumir de sua própria identidade. É nesse viés que surge a luta pelo reconhecimento. É aqui que a escola tem um forte papel: trabalhar as relações intersubjetivas com seus educandos, para que o sujeito que é excluído por ser homossexual possa ser conhecido novamente pelo parceiro de interação. É necessário tal conhecimento, pelo fato de que “o indivíduo socialmente ignorado não tenta lesar [o outro]”. (HONNETH, 2009, p. 88), mas sim, apenas ser reconhecido por ele.

É relevante mencionar que, quando os parceiros de interação ainda não se reconheciam mutuamente, surgia, para o sujeito que sofre a homofobia, a percepção de estar sendo tratado como um objeto. É possível falar isso, pois Alfa enxerga Ômega diferentemente de como ele se vê a si mesmo. Ou seja, Ômega se vê como um sujeito, ele percebe que a sua orientação sexual nada tem de errado e espera o mesmo de seu parceiro de interação. Porém, Alfa e muitos outros sujeitos o enxergam como alguém desigual e, portanto, alguém que devesse ser excluído por sua diferença, por ser homossexual. Nesse momento, Ômega e tantos outros indivíduos conscientizaram-se que o conflito homofóbico os agride como seres humanos que buscam o reconhecimento social de sua identidade particular. Isso culmina no reconhecimento da homossexualidade, um acontecimento ético e social. Nesse caso, a identidade particular

é posta como ser-para-si, ou como negação absoluta de todo ser-outro; portanto, como negação absoluta que só consigo se relaciona. Mas, a negação que se relaciona consigo é o suprasumir de si mesma; ou seja, é ter sua essência em um Outro. (HEGEL, 2008, p. 104).

Para Honneth (2009), isso desencadeia uma dependência social mútua entre os sujeitos. Para a particularidade de alguns sujeitos existir, é necessário que existam também as particularidades dos outros sujeitos. Desse modo, Alfa não poderia interagir com Ômega de maneira negativa, pois ao negar a particularidade do outro, nega a sua própria particularidade, que seria, na reatualização de Honneth (2009), sua própria identidade.

Se a interação dos sujeitos se der positivamente, ou seja, eles guardando em si a particularidade, a identidade do outro, tal como a sua, ambos se veem e se sentem como seres desejantes. Eles desejam serem reconhecidos por sua particularidade. Neste caso, ocorre o primeiro momento do reconhecimento. Esse é o amor. Honneth (2009) e Hegel (2008), designam o amor

Como um ‘pressentimento’ da eticidade [que] pode significar em nosso contexto que ele o considera o campo de experiência primário no qual o ser humano adquire um senso para a possibilidade de unificar sujeitos opostos entre si: sem o sentimento de ser amado, não poderia absolutamente se formar um referente intrapsíquico para a noção associada ao conceito de comunidade ética. (HONNETH, 2009, p. 80).

É possível dizer que, para haver o reconhecimento da identidade dos sujeitos integrantes de uma relação ética, cada indivíduo precisa se sentir amado pelo outro por sua diferença. Da mesma maneira, precisa amar o parceiro de interação pela sua particularidade, e ambos os parceiros terão um conhecimento comum acerca da particularidade do outro. Isto é o que Honneth (2009, p. 77), parafraseando Hegel (2008), chama de “saber-se-no-outro”. Como consequência, os sujeitos começam a se reconhecerem como seres que precisam preservar a identidade dos outros para ter a sua identidade preservada. Fala-se em reconhecimento quando

‘Cada um é igual ao outro justamente aí onde está oposto a ele; ou o outro, por aquilo que lhe é outro, é ele mesmo’. Mas essa experiência recíproca do saber-se-no-outro só se desenvolve até chegar a uma relação de amor real na medida em que é capaz de tornar-se um conhecimento das duas partes, intersubjetivamente partilhado, pois só quando todo sujeito vem a saber de seu defrontante que ele ‘igualmente se sabe em seu outro’, ele pode possuir a ‘confiança’ segura de que ‘o outro’ é ‘para mim’. Para designar essa relação mútua de conhecer-se-no-outro, Hegel emprega, agora, pela primeira vez, o conceito de ‘reconhecimento’: [...] escreve ele [que] [...] é o ‘si não cultivado, natural’, que é ‘reconhecido’. (HONNETH, 2009, p. 77).

Diante disso, faz sentido dizer que o amor, na teoria do reconhecimento, é concebido “como uma relação de reconhecimento mútuo na qual a individualidade dos sujeitos encontra primeiramente confirmação”. (HONNETH, 2009, p. 78). Através do amor, segundo Honneth (2009, p. 81), há o desenvolvimento da identidade pessoal de um sujeito por outro, pois dele amadurece

Uma primeira relação de reconhecimento recíproco, constituindo um pressuposto necessário para todo o desenvolvimento posterior da identidade, uma vez que confirma o indivíduo em sua natureza instintiva particular, propiciando-lhe com isso uma medida indispensável de autoconfiança.

Como o amor representa a primeira etapa do reconhecimento recíproco, é possível dizer que os sujeitos apenas se reconhecem, pois um precisa do outro para poder suprir a sua carência (desejo). Fica claro que Alfa e Ômega necessitam existir, pois, assim, a diferença do parceiro de interação também existirá. Porém, se um dos sujeitos negligenciar a diferença do outro, ele também terá de negar a sua própria diferença, até ser suprimida, assim como não reconheceu a particularidade do seu parceiro de interação. Nas palavras de Honneth (2009, p. 160),

[...] em sua efetivação os sujeitos confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências, reconhecendo-se assim como seres carentes na experiência recíproca da dedicação amorosa, dois sujeitos se sabem unidos no fato de serem dependentes, em seu estado carencial, do respectivo outro.

Por causa do desejo de ter a sua diferença reconhecida, tanto Alfa quanto Ômega precisam ver-se um no outro. Isso é o que Honneth (2009, p. 160), baseando-se em Hegel (2008), chama de “ser-si-mesmo em um outro”. Nesse sentido,

A forma de reconhecimento do amor, que Hegel havia descrito como ‘ser-si-mesmo em um outro’, não designa um estado intersubjetivo, mas um arco de tensões comunicativas que medeiam continuamente a experiência do poder-estar-só com a do estar-fundido: ‘referencialidade do ‘eu’ e a simbiose representam aí os contrapesos mutuamente exigidos que, tomados em conjunto, possibilitam um recíproco estar-consigo-mesmo no outro. (HONNETH, 2009, p. 175).

Tendo em vista tais palavras é que se confirma a adução de que um sujeito acaba encontrando sua essência no outro. Com isso, a relação que os indivíduos mantêm é uma relação de unidade, na qual eles são um só. Entretanto, mesmo estando ligados, cada um deles permanece único, como já mencionado.

Transpondo essas questões, para poder tentar solucionar algum conflito homofóbico que possa ocorrer na escola, percebe-se que quando Alfa nega e exclui Ômega, ele (esse sujeito que exclui o outro) marginaliza-se a si próprio. Afirma-se isso, posto que, quando Alfa se encontrou com Ômega, ele também encontrou a sua essência (que é ter sua diferença valorizada, assim como deve valorizar a diferença do outro sujeito) neste outro, pois encontrou a primeira forma de reconhecimento, que é o amor. Então, quando Alfa nega Ômega e age com preconceito contra este, ele nega a si mesmo, isto é, está suprassumindo a sua própria essência, posto que nega a essência do outro que, na verdade, mesmo diversa, não deixa de ser a própria e mesma essência de si. É pertinente trazer mais alguns questionários. A escolha por esses dados foi pelo fato de que esses alunos, no momento em que não participam da resolução de um conflito homofóbico, além de não reconhecerem o parceiro de interação, acabam negando a si mesmos. Verifica-se isso quando os colaboradores aduzem o seguinte, em relação à questão 2.A:

Normal. Ficaria quieto. (Flúor).

Não faria nada. (Neodímio).

Não me envolveria. (Prata).

Não me meteria. Deixaria tentar resolver os seus problemas. (Ferro).

Ficaria sem me envolver. (Ouro).

Não iria me meter, porque não era meu problema. (Nitrogênio).

Não me intrrometeria. (Silício).

Tendo por base essas respostas, é necessário analisar o que esses alunos responderam para a questão 2.B:

Ignoraria as pessoas. (Silício).

Não, porque é escolha de cada um. (Nitrogênio).

Ficaria quieto. Não [ao que tange ser excluído]. (Ouro).

Eu não gostaria de ser excluído e tentaria me enturmar, mesmo que para isso ocorrer seja difícil e que sofreria bastante gozação e discriminação. (Ferro).

Eu me defenderia das discriminações, xingaria e até poderia brigar com a pessoa e não gostaria nenhum pouco de ser excluída. (Prata).

Não porque ficar sozinho só ia piorar a pessoa vai se excluindo cada vez mais. (Neodímio).

Não ficaria quieto. (Flúor).

Analisando-se as respostas fornecidas pelas questões 2.A e 2.B, percebe-se, por exemplo, que Nitrogênio, no momento em que responde, na indagação 1.A, que “*matava*” os homossexuais e, depois, aduz, na questão 2.B, que não gostaria de ser excluído, mas entende que quando alguém é discriminado por sua orientação sexual, não é “*problema*”, demonstra preconceito e, para tanto, não consegue se colocar no lugar do outro. Fala-se isso porque o ato de somente se importar com a homofobia quando se é vítima, demonstra que quem age dessa forma, não consegue acolher e nem resolver o conflito que possa ocorrer em sala de aula ou na escola. Pode-se dizer que, quando,

Um indivíduo [...] não reconhece seu parceiro de interação como um determinado gênero de pessoa tampouco pode experienciar-se a si mesmo integral ou irrestritamente como um tal gênero de pessoa. Para a relação de reconhecimento, isso só pode significar que está embutida nela, de certo modo, uma pressão para a reciprocidade, que sem violência obriga os sujeitos que se deparam a reconhecer também seu defrontante social de uma determinada maneira: se eu não reconheço meu parceiro de interação como um determinado gênero de pessoa, eu tampouco posso me ver reconhecido em suas reações como o mesmo gênero de pessoa, já que lhe foram negadas por mim justamente aquelas propriedades e capacidades nas quais eu quis me sentir confirmado por ele. (HONNETH, 2009, p. 78).

Em uma relação de reconhecimento, é preciso existir a reciprocidade, isto é, se Alfa reconhecer Ômega pelo que ele é, Ômega reconhecerá Alfa pelo que também é. Mas se um sujeito negar o parceiro de interação, estará negando a si mesmo, conforme já foi explicitado. De outra maneira, pode-se utilizar as palavras de Honneth (2009, p. 160), quando concorda com Hegel, por dizer que

O amor representa a primeira etapa do reconhecimento recíproco, porque em sua efetivação os sujeitos se confirmam mutuamente na natureza concreta de suas carências, reconhecendo-se assim como seres carentes: na experiência recíproca da dedicação amorosa, dois sujeitos se sabem unidos no fato de serem dependentes, em seu estado carencial, no respectivo outro. (HONNETH, 2009, p. 160).

Realizada a primeira etapa do reconhecimento mútuo entre Alfa e Ômega, parte-se para a próxima etapa, que é o reconhecimento dos homossexuais como sujeitos de direito, já inseridos na sociedade.

4 DA LEI SINGULAR À LEI UNIVERSAL

Neste capítulo, serão estudadas e mostradas informações e conhecimentos do que realmente a homoafetividade é e significa. Isso faz com que os sujeitos consigam consolidarem a relação ética com vistas à ideia do respeito às diferenças no âmbito jurídico, já que este é a segunda forma de reconhecimento exposta por Honneth (2009).

4.1 A lei

Até o capítulo anterior foi visto como se dá o reconhecimento de Alfa por Ômega, a partir do momento em que aquele se coloca no lugar deste, passando pelo mundo invertido. Desvaneceu a certeza sensível que antes pairava sobre os sujeitos implicados em uma relação intersubjetiva e, assim, ambos se mostram seres desejantes de poderem ser reconhecidos um pelo outro. Alfa e Ômega se mostraram reconhecedores do desejo de terem, cada um, a sua identidade preservada. Entretanto, parece que, por certo, Alfa e Ômega, para serem (re)conhecidos, não poderiam realizar esta “passagem para o oposto”, visto que tal procedimento ainda se mantém unido ao mundo sensível, mesmo que eles já tenham passado por este mundo.

Para que ocorra o reconhecimento intersubjetivo entre Alfa e Ômega no âmbito social, para que os homossexuais possam ter seus direitos reconhecidos, é preciso que a escola, os professores e alunos desmistifiquem os conhecimentos antecipados que possuem acerca da homoafetividade/homossexualidade. Para isso, é necessário investigar as características negativas atribuídas aos homossexuais. Cechin (2006, p. 12) principia expondo que a população brasileira possui um pensamento preconceituoso acerca da homossexualidade:

Foi constatada pelo Instituto Data Folha, em 1997, ao realizar uma pesquisa sobre o comportamento sexual do brasileiro. Segundo essa pesquisa de opinião, para 33% da população, a homossexualidade é uma característica psicológica adquirida na infância ou adolescência. Outros 25% acham que a condição tem origem genética, acompanhando o indivíduo desde seu nascimento. Para 19%, trata-se de uma opção sexual feita pela pessoa e, segundo 10%, a homossexualidade é uma doença.

Dentro desta perspectiva, Celich (2011), em pesquisa realizada com acadêmicos do Curso de Direito, procurou investigar o que eles pensavam acerca dos homossexuais. Para

isso, a autora distribuiu um questionário com 17 afirmativas, em que a nona assim se apresentava:

Os homossexuais, ou a prática homossexual é (são) uma perversão, vício, pecado, crime, uma ‘sem-vergonhice’, algo imoral e doentio, um desvio de identidade, que atenta contra a ética, aos bons costumes e que levaria ao extermínio do gênero humano por não poderem procriar naturalmente e por agredirem padrões familiares pré-estabelecidos. (CELICH, 2011, p. 224-225).

Celich (2011) obteve as seguintes respostas a sua afirmativa: 32 estudantes concordaram com a afirmativa acima, 71 estudantes concordaram em parte com a questão, totalizando 103 acadêmicos, dos 268 acadêmicos que responderam ao questionário. Diante dessa estatística, é possível perceber que muitos indivíduos ainda pensam e possuem ideias negativas e pré-concebidas a respeito dos homossexuais bem como da homoafetividade/homossexualidade. Tal ideia é corroborada por Matos (2004, p. 48) quando diz que muitos

Consideram a homossexualidade uma doença a exigir cura. Para tal pensamento, as relações homossexuais são transgressões a merecer punição legal, por serem contrárias às [...] leis da natureza, que são estruturadas na divisão complementar macho-fêmea. Ou seja, há uma política de proibição à homossexualidade.

Por tais motivos, Dias (2006, p. 154) aduz que

Considerar a homoafetividade [homossexualidade] como um pecado, um vício ou um crime, tratá-la como um relacionamento marginal torna quase intransponível as barreiras para que seja vista como um fenômeno existente e real. Ignorá-la, por falso moralismo preconceituoso, configura verdadeira forma de opressão e real aos direitos humanos.

Visto isso, faz necessário desmistificar algumas dessas questões, afinal, para Cechin (2006, p. 96), “a falta de informação favorece o preconceito”. Isso faz com que muitas pessoas discriminem os homossexuais. Para que isso não aconteça, é preciso que a escola procure informar, conversar, dialogar com seus alunos a respeito da homossexualidade/homoafetividade bem como sobre os homossexuais. Aduz-se isso porque já “foi comprovado cientificamente que a homossexualidade não é doença e, por isso, não pode ser curada. A homossexualidade não está relacionada a nenhum transtorno psicológico” (RIESENFELD, 2002, p. 50). Ainda assim, para Riesenfeld (2002),

Estudos recentes descobriram novos fatores que produzem uma crescente convicção de que a homossexualidade, longe de ser uma doença, pecado, perversão ou algo antinatural, é saudável, natural, uma forma assertiva de sexualidade para algumas pessoas, um fato natural em uma parte significativa das pessoas e é imutável. [...] A orientação sexual nos foi dada. É algo que descobrimos por nós mesmos, não que escolhemos (RIESENFELD, 2002, p. 180-181).

Tal pensamento de defesa da homossexualidade está também exposto em Costa (1992 apud FERNANDES, 2004, p. 22-23), que diz que a perversão, a doença e o pecado estão “no comportamento preconceituoso e não na expressão da sexualidade minoritária. [Perversa, doente, pecadora] é a imposição pela violência do modo de satisfação de um indivíduo sobre outro”. Fernandes (2004, p. 33) ainda afirma que “a homossexualidade em si não é atitude de agressão a ninguém. Terrivelmente agressivos são o preconceito e a rejeição de quem são alvos os homossexuais”. Diante do exposto até agora, percebe-se que, em verdade, a homoafetividade/homossexualidade e os homossexuais não estão imbuídos de todas as características negativas que lhes são atribuídas por grande parte dos indivíduos.

No terceiro capítulo foi investigado o que realmente é a homossexualidade e, posteriormente, mesmo colocando-se no lugar do outro, houve uma espécie de reconhecimento. Neste momento, quando se busca saber o que a homossexualidade é, já se está deixando de lado o preconceito e, como consequência, ter-se-á a consolidação de uma relação ética entre os sujeitos. Porém, quando Alfa desmistificou seu pensar acerca da homossexualidade, ele o fez por conta própria, por sua capacidade de raciocínio, e não porque alguém lhe disse que era “deste ou daquele jeito”. Se Alfa conseguiu considerar a homossexualidade como algo positivo, ele não mais retorna para a certeza sensível, visto que ele já conseguiu evoluir. Para mostrar essa evolução, escolheram-se os dados fornecidos por Bário. Bário tem 14 anos, é do primeiro ano do Ensino Médio, é do sexo feminino e declarou pertencer ao nível socioeconômico médio. Fala-se em evolução para Bário, uma vez que essa estudante demonstrou, em suas respostas, a capacidade de deixar de lado as ideias da certeza sensível. Para isso, observa-se a resposta de Bário para a questão 1.B: *“Foi por uma amizade. Eu sempre achava que ele é homossexual e pensava: que nojo. Mas já tive amigos assim e mudei completamente meu pensamento”*.

Pelo fato de Bário ter se encontrado com o parceiro de interação (o amigo), ela conseguiu afastar de si o preconceito. Isso é o que se verifica também na sua resposta para a questão 1.A: *“Eu não tenho nenhum tipo de preconceito contra ser homossexual, pois eu até gosto de ter amigos assim”*. Essa aluna também demonstrou que consegue se colocar no lugar daquele que sofre discriminação. Veja-se a sua resposta para a pergunta 2.A: *“Eu o defenderia, falaria com meus colegas, que se não gostassem disso, que o deixassem no canto dele”*. Essa ideia é corroborada com a resposta fornecida na indagação 2.B, quando Bário diz que *“Agiria normalmente. Não iria gostar de ser excluída. Então, assumiria e quem não gostasse se afastaria e procuraria amizades novas”*.

Essa mesma ideia é apresentada por Sódio. Esse aluno é do sexo masculino, tem 16 anos, estuda no primeiro ano do Ensino Médio e declarou pertencer ao nível socioeconômico médio. Na indagação 1.A, assim escreveu: “*Não sei o porquê de discriminar eles*”. Já para as indagações 2.A e 2.B, que analisam o ato de se colocar no lugar do outro, Sódio demonstra que passou por essa etapa: “*Tentaria fazer com ele não fosse discriminado*”(questão 2.A) e “*Mandaria todos que me discriminassem para a p... E nem daria mais atenção*” (questão 2.B). Ao sentir que não gostaria de ser excluído, caso estivesse sofrendo discriminação por sua orientação sexual (questão 2.B), defende o colega que está sendo discriminado (questão 2.A). Sódio realmente consegue perceber o conflito homofóbico olhando através do parceiro de interação. Quando faz isso, passa a refletir sobre a situação em que se encontra e, como consequência, encontra a razão. Em outras palavras, a consciência-de-si de Alfa já possui razão e tem a consciência de que “atingiu em seus sistemas essa unidade na qual os próprios objetos da razão são de tal modo constituídos que tem neles uma essencialidade, ou um *ser-para-si*; e não apenas o acidente deste *momento* ou deste *lugar*”. (HEGEL, 2008, p. 183).

Frente a isso, para que realmente ocorra o reconhecimento entre os sujeitos, é necessário que eles vão “em busca da lei e do seu conceito”. (HEGEL, 2008, p. 185). Entretanto, para esta consciência, lei e conceito têm significados diferentes, mas, enquanto esse momento da consciência não se separar totalmente da experiência, o conceito se misturará com a lei, posto que esta (a lei) “tem verdade para a consciência”. (HEGEL, 2008, p. 186). Ou seja:

A consciência tem [...] na experiência o *ser* da lei, mas tem igualmente a lei como *conceito*; e é somente *por motivo das duas circunstâncias* conjuntamente que a lei é verdadeira para a consciência: vale como lei para ela porque se apresenta no fenômeno, e porque ao mesmo tempo é, em si mesma *conceito*. (HEGEL, 2008, p. 186).

Alfa, quando apreende dados de seu parceiro de interação, empiricamente, não realiza diferença entre lei e conceito. Ele visa, percebe o outro sujeito e o toma como verdadeiro, formulando uma lei para si que ele acredita ser a mais verdadeira acerca de Ômega. Isso quer dizer que, quando Alfa observou Ômega, retirou as características conforme o seu conhecimento anterior a esta experiência. Quando realizou este processo, Alfa fez deste conhecimento, lei. E, portanto, esta lei foi seu conceito. Isso pode ser verificado nas palavras de Hegel (2008, p. 186-187), da seguinte maneira:

A lei é ao mesmo tempo, *em si, conceito*, o instinto da razão necessariamente, mas sem saber que é isso que quer, procede a *purificar, em direção ao conceito*, a lei e seus momentos. Organiza-se experimentos a respeito da lei. A lei, logo que aparece,

apresenta-se impura, envolta no ser sensível singular; e o conceito, que constitui a natureza da lei, submerso na matéria empírica.

Isso parece apontar que como o conceito, neste caso, é a natureza da lei e Alfa organiza de acordo com a experiência tida, ele formula um conceito a partir desta lei que, para ele, é verdadeira. Assim, seu conceito, nesse momento, pode ser um pré-conceito, posto que provém da matéria sensível, experimentada por ele, a qual acha e, neste momento, engana-se, de ser a mais pura verdade.

Entretanto, como Alfa, nesta etapa de sua evolução já é dotado de um pouco de razão, posto que é capaz de se colocar no lugar do outro, torna-se mais fácil a busca pelo conceito. Outro fator que torna mais fácil esta busca é o fato de Alfa já conhecer Ômega. Este conhecer refere-se ao conhecimento acerca da homoafetividade/ homossexualidade expostos anteriormente. Alfa, para conseguir alcançar o conceito, precisa lançar mão dos conceitos de orgânico e inorgânico. O primeiro, para Hegel, é aquele que faz seu conceito, quando não necessita mais se colocar no lugar do outro. O segundo (inorgânico) ainda necessita do outro (nesse caso, Alfa precisa de Ômega) para atingir o conceito, posto que “tem a determinidade como sua essência, e por esse motivo só juntos com outra coisa constitui a plenitude dos momentos do conceito”. (HEGEL, 2008, p. 188). Este ser (Alfa), portanto, para Hegel (2008, p. 189), ainda está preso na lei, pois ela revela “de imediato uma pobreza que não corresponde à múltipla variedade orgânica”, isto é, Alfa ainda não conseguiu aceitar como igual o ser que é oposto a si, sem se colocar no lugar do outro.

Como Alfa se encontra preso à lei, ele ainda pensa que Ômega pode se “enquadrar” dentro daquilo que acredita e tem como verdade correta. Esta ideia parece levar ao fato que, mesmo que ele tenha conhecimento do que seja a homoafetividade, ainda nega este conhecimento e tenta se apegar àquele preconceito. Esse é o caso de Polônio, Irídio, Chumbo e Oxigênio, por exemplo. Esses alunos dizem ou representam dizer, para a indagação 2.A, que não iriam interferir se caso presenciassem um colega sofrendo discriminação por sua orientação sexual. Isso ocorre porque há uma forte presença da certeza sensível, ou seja, os alunos ainda se apegam às opiniões preconceituosas ou, então, mesmo que dizem respeitar os homossexuais e serem amigos, não o fazem no momento em que se omitem para ajudá-los. Isso demonstra apenas tolerância, e não reconhecimento para com eles. Dessa forma, os referidos alunos, assim responderam:

Questão 2.A: *Ficaria na minha.* (Polônio).

Questão 2.B: *Eu não iria gostar.* (Polônio).

Questão 2.A: *Eu não participaria das discriminações, mas ficaria indiferente, pois não saberia o que fazer, porque as pessoas ainda são muito preconceituosas.* (Iridio).

Questão 2.B: *Eu falaria com a pessoa responsável pela escola, e se não melhorasse, eu iria ignorar. Mas com certeza não gostaria de ser excluído.* (Iridio).

Questão 2.A: *Eu ficaria na minha, sem dar nenhuma opinião.* (Chumbo).

Questão 2.B: *Eu ficaria quieto, não daria bola com o que eles falam.* (Chumbo).

Questão 2.A: *Eu não faria nada, eles também não ia defender.* (Oxigênio).

Questão 2.B: *Eu ia me defender.* (Oxigênio).

Percebe-se que os alunos ainda se apegam àquele preconceito e, portanto,

Os momentos constitutivos do conteúdo da lei são, de um lado, a própria individualidade, e, de outro, sua natureza inorgânica universal, ou seja, as circunstâncias, situações, hábitos, costumes, religião, etc; que são ‘achados’ e em função dos quais a individualidade determinada tem de ser concebida. (HEGEL, 2008, p. 220).

Esse fragmento parece levar à conclusão de que Alfa, enquanto for Polônio, Iridio, Chumbo ou Oxigênio, como ainda não atingiu o conceito, apega-se aos costumes, aos hábitos da sociedade que são tidos como “corretos” e a partir daí tenta se moldar e moldar os outros que o rodeiam, desde que estes outros não estejam de acordo com o costume que ele (Alfa) pensa estar correto. Entretanto, o reconhecimento de Ômega não irá representar uma “frouxidão dos costumes, como querem os moralistas” (DIAS, 2006, p.21), mas é apenas o respeito a uma orientação sexual diferenciada da maioria. Mesmo que a homossexualidade não agrida ninguém, ela ainda é “considerada por muitos um ‘desvio sexual’ [...] todos como uma afronta à moral e ao que se consideram ‘bons costumes’. [...] É como se as pessoas que assim vivem não pudessem ter direitos”. (DIAS, 2004, p. 75). Quando Alfa está diante dessa realidade, ele ainda age de acordo com a lei; lei esta que é fruto da experiência, isto é, Alfa, mesmo que tenha passado pelo Mundo Invertido, ainda não consegue reconhecer Ômega sem se colocar em seu lugar. E, como neste momento, ele não possa mais realizar tal atitude, embora não tenha dela se esquecido, prefere fazer uso de sua própria convicção, ou seja, sua própria lei.

Porém, ao fazer uso de sua própria lei, legitima Ômega a também fazer uso de uma lei que seja válida somente para ele. Com isso, diz-se que, enquanto Alfa excluir e discriminar Ômega, estará provocando conflitos homofóbicos para tentar fazer valer a sua posição a respeito da homossexualidade. Ômega, para tanto, sendo e pensando diversamente de Alfa, também tentará fazer valer a sua lei particular, que seria defender a diversidade.

Surgem, desse modo, os dois momentos da lei opostos em si: a individualidade e o costume vigente. Porém, Alfa necessita seguir adiante para que se resolva, definitivamente, o

conflito homofóbico na escola. Para isso, ele precisa alcançar o conceito, mas, para que isso ocorra, Alfa deve deixar para trás a lei, pois esta lhe dá uma convicção, que não uma relação ética consolidada, e está longe de ser a união dos opostos. Assim, no próximo item, será mostrado e discutido mais um passo que a escola pode expor ou trabalhar com seus alunos para que estes possam alcançar o conceito.

4.2 O princípio do espírito: início da construção da identidade social

Como foi exposto no item anterior, neste momento será mostrado um modo como o professor pode tentar solucionar um conflito homofóbico. Este modo, por exemplo, é mostrar que quando se discrimina um indivíduo em razão de sua orientação sexual, também se discrimina o mesmo indivíduo em função de seu sexo; ou seja, está se discriminando alguém por ser do sexo masculino ou do sexo feminino.

Antes de demonstrar que tal discriminação é vedada, deve-se lembrar que, de acordo com o que foi dito no item antecedente, a homofobia escolar acontece porque muitos alunos se apegam aos hábitos e costumes da sociedade e, dessa maneira, reproduzem, sem refletir e questionar, o preconceito. Frente a isso, será necessário principiar a trabalhar a segunda etapa do reconhecimento exposta por Honneth (2009). Ele começa a se preocupar com o reconhecimento no âmbito jurídico, pois

A segunda dimensão do reconhecimento abrange as relações jurídicas próprias do campo do 'direito'. Essa esfera jurídico-moral assegura aqueles direitos que permitem que a pessoa seja reconhecida como autônoma e moralmente imputável, possibilitando assim o desenvolvimento dos sentimentos de auto-respeito. (WERLE; MELO, 2009, p. 188).

Honneth (2009) diz que Hegel defende que se forme um vínculo social entre os sujeitos, desde que isso possa levar à organização de uma sociedade ética, na qual todos os sujeitos possam se ver reconhecidos. Transpondo esta ideia para a escola, esta sociedade ética pode ser a sala de aula e o momento, quando os alunos, que agora estão na escola, irão para fora da instituição, ou seja, quando eles terminarem seus estudos e serem inseridos na sociedade. É preciso fazer com que estes estudantes entendam que as regras da sociedade e também as normas escolares não podem ser feitas visando apenas um modelo único. Pelo contrário, é relevante compreender que a regra deve ser feita atendendo o reconhecimento da intersubjetividade das pessoas. Segundo Honneth (2009, p. 41),

A vida pública teria de ser considerada não o resultado de uma restrição recíproca dos espaços privados de liberdade, mas, inversamente, a possibilidade de uma

realização da liberdade de todos os indivíduos em particular. [Isso significa dizer] Que nem as leis prescritas pelo Estado nem as convicções morais dos sujeitos isolados, mas só os comportamentos praticados intersubjetivamente e também efetivamente são capazes de fornecer uma base sólida para o exercício daquela liberdade.

A escola, segundo a teoria do reconhecimento, necessita educar o indivíduo para que, ao se tornar cidadão, ele saiba agir para com o outro, de forma a respeitá-lo. Mas este respeito não pode vir de uma convicção sensível, ele precisa vir de acordo com o comportamento intersubjetivo praticado, isto é, o fato. É importante que a escola valorize o comportamento que existe faticamente.

Frente a isso, é que Hegel, segundo Honneth (2009), toma a palavra “costume” de uma maneira diferenciada do exposto até então. Hegel, conforme Honneth (2009), entende que costume é a expressão individual de cada pessoa e deve ser respeitado, ou seja, a sua liberdade individual. É por isso que, quando se fala em costume, neste sentido, é necessário olhar para os fatos, para a vida de cada indivíduo, para o seu comportamento. Faz-se tal afirmativa porque o comportamento é a essência dos sujeitos que precisa ser entendido como costume; e não as convicções morais ou, então, a lei de poucas pessoas. Porém, se isso não for realizado e as pessoas entenderem como costume a convicção de poucas pessoas, ou até as ideias da certeza sensível, continuarão a não respeitar os homossexuais. Assim, por terem tal comportamento, aliado às ideias da certeza sensível, “alimenta[m] a discriminação e o preconceito, e até serve[m] de fundamento para legitimar os atos de violência de grupos homofóbicos”. (DIAS, 2004, p. 75).

Essa ideia aparece implícita nas respostas de Estrôncio, Európio, Túlio e Berquélio. Os três primeiros são do primeiro ano do Ensino Médio, enquanto o último é do segundo ano do Ensino Médio. Estrôncio é do sexo feminino, tem 16 anos e disse pertencer ao nível socioeconômico médio.

Para analisar os dados de Estrôncio, principia-se por sua resposta para a questão 1.A: *“É uma escolha que cada um faz de si. Se a pessoa quer isso mesmo, com certeza ela terá certeza que faz”*. Aparentemente, Estrôncio parece não ter preconceito e aceitar os homossexuais, pois não os trata com violência aparente, como, por exemplo, chamá-los por nomes pejorativos. Entretanto, ela demonstra preconceito quando usa as palavras: *“Se a pessoa quer isso mesmo...”*. Essa expressão parece representar uma mera escolha, como se o homossexual pudesse trocar a sua orientação sexual e “escolher” algo que o tornasse inferior aos outros. O mesmo vale para as questões 2.A e 2.B dessa mesma aluna, que assim se posicionou: *“Ajudasse ele a enfrentar os problemas e dificuldades, porque nós sempre temos*

que nos colocar no lugar da pessoa, se é chato para si mesmo, não faça aos outros” (questão 2.A) e “Preferia estar excluída do que ser discriminada toda hora, mas ficaria na minha e se passasse do ponto de paciência eu trocava de escola ou ia para outro lugar que eles aceitem pessoas assim” (questão 2.B). Analisando-se as respostas de Estrôncio, percebe-se o seu preconceito implícito, posto que ela prefere “trocar de escola, se sofresse preconceito. Iria ir para um lugar que aceitasse pessoas assim”. Nesse momento, cabe uma indagação: por que um aluno necessita ou deseja trocar de escola devido ao preconceito que poderia sofrer de seus colegas? Ou seja, parece que a escola, quando um aluno chega ao ponto de ter de “trocar de escola”, não está conseguindo trabalhar com os conflitos. Estrôncio pensa que a solução para o conflito seria trocar de escola. Entretanto, essa não é a solução. O ato de trocar de escola, somente irá aumentar a homofobia, tanto na própria escola, quanto na sociedade, pois cada vez que surgir um conflito como esse, e o prejudicado ter de trocar de escola, fica claro que não houve trabalho com o conflito e, ainda, que o aluno vitimizado não tem a oportunidade de ser reconhecido e, como consequência, estará perdendo a sua identidade. Essa questão da identidade, também é negada por Estrôncio, quando diz que “procuraria lugar que aceitasse pessoas assim”. A análise que se faz sobre isso recai no fato da marginalização dos estudantes homossexuais. Isto é, porque um estudante homossexual não pode permanecer na escola em que se encontra, sem ser alvo de discriminação? Por que ele necessita ficar somente com outros homossexuais? De outra maneira, parece que Estrôncio, ao dizer que os homossexuais deveriam ir para lugares que aceitassem somente outros homossexuais, está demonstrando que tanto a escola, quanto a sociedade deveriam ser segregacionistas, ou seja, deveria haver escolas para heterossexuais e escolas para homossexuais, onde essas pessoas não se misturassem. Então, no momento em que Estrôncio afirma o que disse na indagação 2.B, ela promove uma homofobia implícita para com os colegas homossexuais.

O mesmo vale para a resposta de Cádmiio na questão 2.B, que assim se manifesta: “Acho que eu sairia da escola porque ninguém gosta de sentir excluído e de ser zoadado”.

Essa ideia também é exposta por Tungstênio, ao responder, na indagação 2.B, que “iria me sentir muito mal. Dependendo até sairia do local e tentaria achar alguém que me aceitaria”.

Háfniio afirma, no mesmo sentido dos outros colaboradores, que se “sentiria sozinho, excluído, e pediria aos pais para mudar de escola”.

Já Zircônio tomaria uma atitude mais radical, haja vista a sua resposta para a questão 2.B: *“se fosse eu que estaria sofrendo a discriminação eu agiria da seguinte forma: tentaria levar numa boa, mas se não conseguisse eu excluiria-me ou até pararia de estudar”*.

Idêntico pensamento tem Berquélio. Berquélio é do sexo feminino, tem 18 anos e disse pertencer ao nível socioeconômico “médio. Na indagação 1.A, ela respondeu: *“A minha opinião de que cada um tem direito de fazer o que quer e eles querem ser assim é o problema deles”*. Já para as questões 2.A e 2.B, a mesma colaboradora assim expôs: *“Bem, eu tentaria conversar com essa pessoa para ajudar”* (questão 2.A) e *“Se eu fosse, com certeza eu sofreria discriminação e tentaria levar numa boa”* (questão 2.B). Analisando-se as respostas de Berquélio, percebe-se que ela mantém a mesma linha de pensamento de Estrôncio, no momento em que afirma *“eles [os homossexuais] querem ser assim”*. Parece que Berquélio quer passar a impressão de que a homossexualidade não seria algo normal, afinal a aluna acredita que os homossexuais têm sentimentos homoafetivos porque simplesmente querem, sabendo que *“seria errado”*. Verifica-se que Berquélio também parece ter preconceito contra os homossexuais, no momento em que diz: *“tentaria levar numa boa [a discriminação]”* Quer dizer, realizando uma comparação entre as suas respostas, parece que a colaboradora, ao *“tentar conversar com a pessoa para ajudar”* (questão 2.A) e, posteriormente, dizer que *“levaria numa boa”* a discriminação (questão 2.B), deseja mostrar a ideia de que aquele indivíduo que ama outro do mesmo sexo deveria ficar calado diante de uma discriminação, ou seja, Berquélio poderia falar com o colega para *“não levar à sério”*, *“não dar bola”* para as discriminações. Entretanto, no momento em que essa colaboradora faz isso, não deixa de promover uma homofobia implícita para com o colega. Em outras palavras, Berquélio demonstra um falso reconhecimento e, como consequência, deseja abafar a identidade de seu colega e de todo um grupo social.

Mesma análise vale para as questões 2.A e 2.B de Európio. Antes de expô-las, cabe mencionar que Európio é do primeiro ano do Ensino Médio, tem 14 anos, é do sexo feminino e declarou como nível socioeconômico, o médio. Nas indagações, escreveu: *“Conversaria com ele e falaria para ele não se abater e não prestar atenção nas pessoas que o discriminam”* (questão 2.A) e *“Agiria de forma normal, claro que eu não iria gostar de ser excluída, mas penso que cada um tem sua forma de pensar”* (questão 2.B). Analisando-se as respostas de Európio, verifica-se que a colaboradora, de uma maneira implícita, promove a homofobia no momento em que aduz: *“mas penso que cada um tem sua forma de pensar”*. Se levar em consideração tais palavras, o preconceito e o conflito homofóbico sempre irão prevalecer na escola e na sala de aula.

Como já foi exposto em outro momento, se prevalecer a ideia de que cada pessoa tem sua “sua forma de pensar”, então o conflito homofóbico na escola dificilmente será sanado, pois se um aluno que pensa que a homossexualidade é doença, pecado, entre outras opiniões negativas, como fazem Carbono e Flúor, por exemplo, ele sempre se achará no direito de discriminar o colega que é homossexual, posto que a ideia prevalente é a de que todos têm sua “forma de pensar.” Então, quando Európio defende que “todos tem sua forma de pensar”, ela, na verdade, mesmo que implicitamente, comete violência contra os homossexuais. Ainda se percebe que Európio apenas tolera os homossexuais, quando diz, na questão 1.A: *“Eu acho que eles são homossexuais porque escolheram e acho que nenhum deles deve ser discriminado ou excluído por isso.”* Frente a isso, Európio, apesar de dizer que não se deve discriminar nem excluir a pessoa, ela se engana quando afirma que a homossexualidade é uma escolha que, nesse caso, no entendimento da colaboradora, deixa margem para a discriminação, como foi mostrado.

Ideia semelhante tem Cobre. Essa aluna, para a questão 2.A expressou-se dizendo que *“não iria discriminar [o colega homossexual], mas não falaria nada. Porque cada um tem sua opinião. Além de achar que as pessoas devem respeitar as outras, seja qual for seu modo de ser”*. Ao que se refere à indagação 2.B, afirmou que *“em primeiro lugar, não me imagino, mas iria falar o que. Se eu escolhi aquilo deve seguir sem baixar a cabeça”*. Diante disso, há uma contradição nas palavras de Cobre. Se a aluna afirma que não discrimina os homossexuais, por qual motivo ela não ajudaria o colega que, por ventura, estivesse sofrendo discriminação? De outro modo, parece que Cobre demonstra preconceito em suas respostas.

Mesmo pensamento aparece em Césio, que é do sexo feminino, tem 16 anos, é do segundo ano do Ensino Médio e declarou como nível socioeconômico o médio. Ao que tange às questões 2.A e 2.B, a colaboradora escreveu: *“Ajudaríamos a pessoa que estivesse sofrendo a discriminação, dando uma lição de moral, tentando aumentar a auto estima dessa pessoa”* (questão 2.A) e *“Não gostaria de ser excluída pois as pessoas devem ter a consciência de que todos tem sua opção sexual”* (questão 2.B). Césio parece demonstrar preconceito na questão 2.A. Embora diga que *“ajudaria a pessoa que estivesse sofrendo a discriminação”* a aluna continua a frase dizendo que *“daria uma lição de moral”*. Indaga-se: lição de moral em quem? Na pessoa que sofre a discriminação? Ou seja, no homossexual? Se a resposta for positiva, verifica-se que Césio não vê com bons olhos a homoafetividade, afinal, nenhum homossexual precisa de “lição de moral.” Aquela pessoa que ama outra do mesmo sexo não está, em momento algum, equivocada em amar alguém do mesmo sexo. Pelo

contrário, quem necessita de “lição de moral” é o indivíduo que discrimina o homossexual. Esse sim está equivocado ao agir com preconceito.

Já Túlio, o outro aluno escolhido, não foge à análise exposta acima. Ele é do primeiro ano do Ensino Médio, tem 15 anos, é do sexo masculino e pertence ao nível socioeconômico médio. Em resposta para as questões 1.A, 2.A e 2.B, o estudante escreveu:

Questão 1.A: *Acho que cada pessoa tem o direito de ser o que pensa.*
 Questão 2.A: *Não sei, mas acho que não faria nada, nem a favor do homossexual, nem da pessoa que está discriminando ele.*
 Questão 2.B: *Talvez gostasse de ser excluído por algumas outras pessoas, e se alguém passar do limite procuraria meus direitos.*

Mesmo pensamento tem Manganês. Ele diz, nas questões 2.A e 2.B, o seguinte: “*Não sei o que eu faria. Acho que deixaria*” (questão 2.A) e “*Sei lá. Nunca parei para pensar*” (questão 2.B).

Verifica-se esses colaboradores não reconhecem os homossexuais como sujeitos plenos. O mesmo vale para Hólmio. Ela diz, ao que se refere à indagação 2.A, que “*não [se] meteria, ou seja, sendo amigo dele(a). Ficaria no [seu] canto, etc.*” Quando perguntada a respeito da questão 2.B, a estudante diz o seguinte: “*Eu agiria normalmente, não gostaria de ser excluída do grupo porque sou diferente, não muda nada. Só o seu jeito de agir é diferente*”.

Já Itérbio parece se aproximar do pensamento de Európio quando afirma, na indagação 2.A, que somente defenderia os seus amigos e se a pessoa que estivesse sendo discriminada fosse legal. Itérbio acrescenta: “[...] *eu a ajudaria a não se deixar levar pelas conversas dos colegas e seguir sua vida com quem ela gosta*”. Nota-se que Itérbio, em verdade, não defende o colega que sofre discriminação. Mesmo que ofereça ajuda, em nenhum momento Itérbio diz para aquelas pessoas que excluem o colega homossexual não o discriminarem. Essa colaboradora não reconhece os homossexuais. Apenas os tolera.

Tais alunos continuam tomando por base as suas próprias convicções morais, a sua própria lei. Por isso apenas toleram os homossexuais. Com isso, alimentam a homofobia e a violência contra eles. Nesse sentido, há

Uma figura humana universal, ou, ao menos, a figura universal [...] de um povo, como antes [se notaram] a mesma cultura e os mesmos costumes universais. A isso se juntam as circunstâncias particulares e a situação dentro da efetividade universal: aqui essa efetividade particular está como a formação particular de figura do indivíduo. (HEGEL, 2008, p. 222-223).

Por meio desse fragmento, pode-se perceber que, mesmo dentro de uma cultura, uma moral que não veja com bons olhos a homossexualidade, cada indivíduo nasce com suas

particularidades, ou seja, os indivíduos homossexuais sempre vão ser homossexuais e vão “trabalhando” essa característica ao longo da vida. Assim, Hegel (2008, p. 227) aduz para tomar

Primeiro como *interior*, como essência da ação e do destino, a natureza determinada e a particularidade congênita do indivíduo, junto com o que vieram a ser através da cultura. [...] Só *depois* ele se exprimirá *mais* amplamente saindo para o exterior em sua efetividade no mundo.

Com essa passagem, pode-se concluir que, quando o indivíduo (toma-se para o caso em tela, Ômega) tem consciência de suas particularidades, ele “não fica mudo em seu agir exterior, ou em relação à ele; pois esse agir é ao mesmo tempo refletido sobre si”. (HEGEL, 2008, p. 227). Isso aponta que Ômega não irá deixar de agir conforme as suas convicções. Ele sempre irá exteriorizar para o povo a cultura de que faz parte, o seu modo de ser. Em outras palavras, o indivíduo que é homossexual não vai deixar e nem mudar sua orientação sexual. Tal ideia está expressa em Dias (2006, p. 153), quando afirma que a homossexualidade, seja

Fruto de um determinismo psicológico, seja resultado de um condicionamento biológico, indubitável que a identidade sexual é um *atributo inalterável*. Em se tratando de desígnio involuntário, descabe ser taxado como um desvio de conduta ou mera escolha pessoal. Não decorrendo de uma opção livre, não pode ser alvo de marginalização social nem ensejar qualquer reprovabilidade social.

Nesse mesmo viés, Fernandes (2004, p. 31), entende que não se pode

Dizer que a homossexualidade seja uma opção, uma alternativa, escolha, tampouco um desvio da personalidade do indivíduo. Trata-se de uma simples variante natural da expressão sexual humana, uma forma diferente, porém normal de vida, merecedora de todo respeito e compreensão.

Essa mesma autora diz que a homossexualidade “não representa [...] uma questão de ‘escolha’. Muito pelo contrário, [...] a homossexualidade é uma orientação sexual inevitável, e os que são assim, serão assim, inexoravelmente” (FERNANDES, 2004, p. 99), até porque

Se tivessem opção muitos homossexuais prefeririam não o ser – o que é uma boa prova de que não existe opção. Assim como a atração por uma pessoa do mesmo sexo não nasce de um ato de vontade, nada justifica o desrespeito às expressões minoritárias da sexualidade, revelando-se de todo desarrazoada a total indiferença diante da diferença. (DIAS, 2006, p. 41).

Müller (2000, p. 34-35), da mesma forma, entende que “a tendência homossexual também não é resultado de nenhuma decisão consciente. Não é modificável, como tantas decisões momentâneas que se tomam durante a vida”. Desta maneira, a orientação sexual torna-se um

Direito da pessoa, atributo da dignidade. O fato de alguém se ligar a outro do mesmo sexo, [...] e desenvolver os seus afetos, está dentro da prerrogativa da pessoa.

A identidade dos sexos não torna diferente, ou impede, o intenso conteúdo afetivo de uma relação espiritual, enfim, de amor, descaracterizando-a como tal. (PEREIRA, 2000, p. 171).

Já que a orientação sexual de um indivíduo não é passível de mudança, a escola precisa trabalhar com seus alunos que não se deve discriminar um colega por ser homossexual. Diante disso, neste momento, será exposto mais um modo de solucionar conflitos homofóbicos na escola, conforme foi dito no início deste item.

Sabe-se que, a sociedade brasileira se move por alguns princípios elencados na Carta Magna de 1988. Por este fato, a escola, como está inserida nesta sociedade, bem como é responsável pela educação, de alguma maneira ou de outra, das pessoas, ela tem função de trabalhar com a ideia de que, quando Ômega é discriminado por sua orientação sexual, ele também está sendo discriminado por seu sexo.

A Constituição, em seu art. 3º, IV, veda qualquer tipo de discriminação, além da discriminação por sexo, que é o que interessa neste momento. Antes de mostrar como é vedada a discriminação por orientação sexual, é preciso verificar o que diz o artigo magno mencionado.

Art. 3º - Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: [...] IV – Promover o bem de todos, sem preconceito de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Percebe-se, nesse texto legal, que é vedada a discriminação por sexo e nela está também incluída a vedação por orientação sexual. Mas o que é orientação sexual? No entendimento de Dias (2004), pode-se dizer que é a identidade pessoal de alguém que é dirigida para outrem que pode ter o mesmo sexo ou o oposto. Ainda assim, salienta-se que esta identidade está relacionada “ao sexo da pessoa escolhida em relação à pessoa que escolhe” (DIAS, 2004, p. 91). Celich (2011, p. 161-163) esclarece que

Um indivíduo vai ter orientação homossexual se, por exemplo, for homem e dirigir seu desejo para outro homem, pois tem o mesmo sexo que o seu. Do contrário, se este mesmo indivíduo dirigir seu desejo para uma mulher, estará se orientando para o sexo oposto ao seu. Quando ocorrer o primeiro caso, o indivíduo sofrerá discriminação. No entanto, ocorrendo o segundo caso, ele nada sofrerá de discriminação.

É possível afirmar que a discriminação por orientação sexual está incluída no rol de discriminação por sexo, que, como já foi mencionado, é vedado pela Constituição. Mesma ideia tem Fontanella (2006, p. 97), posto que aduz ser “a orientação sexual [...] garantia constitucional em virtude da proibição de discriminação por motivo de sexo e [...] ‘só é passível de distinção diante do sexo da pessoa escolhida’”.

Diante desta exposição, Celich (2011, p. 163) aduz que,

Apesar de existir esta opinião, há outra corrente que afirma que a proteção garantida em face do sexo na Carta Magna não alcança a orientação sexual de alguém. Diz que o *discrimem* não se define em torno do sexo do indivíduo (se homem ou mulher), mas sim, em função da igualdade dos sexos dos partícipes da relação.

Entretanto, Rios (2001) entende que esse pensamento não prospera, afinal não se consegue dar uma definição para a orientação sexual de alguém, sem ter em consideração o sexo dos indivíduos. Por tais motivos, Dias (2006, p. 77) aduz que “a discriminação de um ser humano em virtude de sua orientação sexual constitui, precisamente, uma hipótese (constitucionalmente vedada) de discriminação sexual”. Tal pensamento é mais bem esclarecido por Celich (2011, p. 164), quando diz que:

As pessoas dão muita atenção para a aparência sexual que um ser humano tem, ou seja, seu órgão sexual. Por exemplo, se tal indivíduo é do sexo masculino e se ele se relacionar com uma mulher, será chamado de heterossexual e, portanto, não sofrerá discriminação, pois o sexo da pessoa que escolheu é diferente do seu. Agora, se esse mesmo indivíduo se relacionar com um homem, será chamado de homossexual e, portanto, sofrerá discriminação, pois o sexo da pessoa escolhida é igual ao seu. Nesse sentido, tal indivíduo também está sofrendo discriminação contra o seu próprio sexo. Por isso, é que se pode falar que a discriminação por orientação sexual está incluída na discriminação por sexo.

Resta claro que, perante o art. 3º, IV, da Carta Magna, a discriminação por orientação sexual está incluída no rol da discriminação por sexo e, portanto, é vedada. Mesmo que a orientação sexual não estivesse incluída neste rol exposto pelo referido artigo constitucional, ainda seria possível vedar este tipo de discriminação, visto que resta a cláusula geral de inclusão prevista na Carta Magna, que proíbe quaisquer formas de discriminação. Dessa maneira, Matos (2004) entende que o “art. 3º, na parte final do inciso IV da Carta Magna, permite o ingresso da proibição da discriminação por orientação sexual até por ele não ser um rol taxativo de formas de discriminação”. (CELICH, 2011, p. 164). Dias (2004, p. 53) também tem tal ideia quando aduz que

A proibição da discriminação sexual, eleita como cânone fundamental, alcança a vedação à discriminação da homossexualidade, pois diz com a conduta afetiva e o direito à orientação sexual. A identificação do sexo da pessoa escolhida em relação a quem escolhe não pode ser alvo de tratamento diferenciado. Se todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, aí está incluída a orientação sexual.

Ao finalizar tal discussão, para que a escola possa trabalhar, dialogar, com seus estudantes acerca da homossexualidade, faz-se necessário trazer a ideia de Celich (2011, p. 165) que assim afirma:

Quando se fala em discriminação por ‘sexo’ como já foi exposto, inclui-se também a discriminação por orientação sexual, pois mesmo que existam dois sexos: feminino e masculino, cada mulher e cada homem, para se sentir completo, deve ter sua sexualidade preservada e a salvo de qualquer marginalização. Ou seja, a sexualidade

de cada indivíduo faz parte dele, não devendo importar se é para o mesmo ou para sexo diferente. Por esse motivo é que, quando a Carta Magna aduz que estão proibidas as discriminações por sexo, deve também incluir a vedação por marginalização da orientação sexual de cada ser humano.

Como ficou esclarecido, a Carta Magna ao vedar a discriminação por sexo, veda também a discriminação por orientação sexual, uma vez que a homossexualidade de Ômega faz parte de si mesmo e, quando a exterioriza, é possível dizer que o seu agir exterior “é a presença sensível imediata do espírito individual. A interioridade, que deve ser a verdadeira, é a peculiaridade da intenção e a singularidade do ser-para-si”. (HEGEL, 2008, p. 229).

Frente ao exposto até então, é possível concluir que quando Ômega está sendo discriminado por ser homossexual, também está sofrendo discriminação por seu sexo. Se essa ideia for discutida, exposta e trabalhada em sala de aula, estar-se-á promovendo o respeito para com a diversidade e, como consequência, afastar-se-á a atitude homofóbica de Alfa, podendo servir de solução para o conflito. Tendo em vista essa exposição, é possível trazer as respostas de Magnésio, Tório, Rádio, Lutécio e Xenônio a respeito da indagação 1.A. Embora não fora perguntado se a discriminação por sexo envolve a discriminação por orientação sexual, até por ser uma teoria constitucional, os alunos acima citados, em suas respostas, estão tentando afastar a homofobia, posto que se apegam às ideias científicas acerca da homoafetividade, demonstrando o que realmente ela é. Quando fazem isso, pode-se perceber o avanço de Alfa no reconhecimento de Ômega.

Magnésio é do sexo feminino, tem 19 anos, estuda no segundo ano do Ensino Médio e declarou pertencer ao nível socioeconômico médio. Já Tório, é do terceiro ano do Ensino Médio, tem 19 anos, é do sexo feminino e seu nível socioeconômico é baixo. Rádio também é do sexo feminino, tem 20 anos, é estudante do primeiro ano do Ensino Médio e é da classe média. Lutécio também é da classe média, é do sexo feminino, tem 19 anos e está no primeiro ano do Ensino Médio. Xenônio é da classe média alta, tem 16 anos, está no segundo ano do Ensino Médio, é do sexo feminino. Veja-se as respostas das colaboradoras para a questão 1.A:

É uma questão de cada pessoa. O jeito de cada pessoa pode vir desde a nascença, ou ir se descobrindo com o tempo. Eu acho normal. (Magnésio).

Não tenho preconceito. Para mim homossexualidade é normal. (Tório).

Acho que eles são ótimas pessoas e que eles deveriam ser aceitos na sociedade. (Rádio)

Na minha opinião, os homossexuais são iguais como todos as pessoas, as relações deles são muito mais amigas do que um casal de homem e mulher. (Lutécio).

Deve ser levado como algo normal. (Xenônio).

Se Alfa conseguir entender que esse tipo de discriminação é vedada pela Carta Magna e, principalmente, entender o motivo de tal proibição, tomando por consideração que a homoafetividade não é doença, nem pecado, nem opção, muito menos escolha, e sim, que ela é normal, constituindo-se em uma condição e orientação de um indivíduo, estará havendo a consolidação da relação intersubjetiva, bem como a construção de uma identidade social que possa acolher todas as pessoas e grupos sociais por suas diferenças. O reconhecimento dos sujeitos se dá no nível social. Diz-se de âmbito social e, portanto, de Direito, que é a segunda etapa do reconhecimento para Honneth (2009, p. 82), posto que, no amor,

O espírito subjetivo não é perturbado em princípio por conflitos do tipo que poderia obrigá-lo a refletir sobre as normas abrangentes, gerais, da regulação do relacionamento social; mas, sem uma consciência sobre essas normas universalizadas de interação, ele não aprenderá a se conceber a si mesmo como pessoa dotada de direitos intersubjetivamente válidos.

Nota-se que o primeiro nível de reconhecimento (amor) ocorre mais em termos individuais, enquanto a segunda etapa (direito) dá-se a uma coletividade, bem como nas normas em que esta coletividade está inserida. Como, neste momento, está se falando em Direito, é preciso expor que ele

É a *relação* da pessoa em seu procedimento para com o outro, o elemento universal de seu livre ou a determinação, limitação de sua liberdade vazia. Essa relação ou limitação, eu não tenho por minha parte de maquiná-la ou introduzi-la de fora, o próprio objeto é esse produzir do direito em geral, isto é, da relação que *reconhece*. (HONNETH, 2009, p. 85).

Isso quer dizer que Alfa e Ômega “aprendem a se conceber como pessoas de direito”. (HONNETH, 2009, p. 86), ou seja, Alfa passa a perceber que Ômega é um ser dotado de Direito. Uma pessoa de direito. Em outras palavras, para Honneth (2009, p. 96), seria

A vida social, a relação jurídica representa uma espécie de base intersubjetiva, porque obriga cada sujeito a tratar todos os outros segundo suas pretensões legítimas, pois diferentemente do amor, o direito representa para Hegel uma forma de reconhecimento recíproco que não admite estruturalmente uma limitação do domínio particular das relações sociais próximas. Por isso, só com o estabelecimento da ‘pessoa de direito’ é dada numa sociedade também a medida mínima de concordância comunicativa, de vontade geral, que permite uma reprodução comum de suas instituições centrais, pois, só quando todos os membros da sociedade respeitam mutuamente suas pretensões, eles podem se relacionar socialmente entre si da maneira isenta de conflitos que é necessária para a solução cooperativa das tarefas sociais.

Através dessas palavras, percebe-se que, quando os sujeitos se reconhecerem como pessoas de direitos válidos, em que há o respeito por suas características e essência, também estarão reconhecendo a si mesmos e a um grupo social. No momento em que há o

reconhecimento intersubjetivo no âmbito jurídico, os sujeitos podem se considerar como pessoas de direitos.

Transpondo para as relações escolares, começa-se a perceber que Alfa, enquanto for Mercúrio, Escândio e Cúrio, começa a se preocupar com o reconhecimento social de seu parceiro de interação. Os alunos não apenas são amigos dos colegas homossexuais, mas os defendem perante os outros. Mercúrio, Escândio e Cúrio não se comparam com aqueles colegas que apenas “ofereceriam a amizade” ou, então, diriam para o outro “não dar atenção para a discriminação”. Eles vão mais adiante, eles defendem o colega homossexual, reprimindo a atitude homofóbica do outro. Por esse motivo já conseguem reconhecer, um pouco, o colega no âmbito social. Para isso, passa-se às respostas dos referidos colaboradores, ao que tange à indagação 2.A. Mercúrio é do sexo masculino, tem 15 anos, estuda no primeiro ano do Ensino Médio e declarou como nível socioeconômico o médio. Escândio também tem 15 anos, estuda no primeiro ano do Ensino Médio, é do sexo feminino e é da classe média. Cúrio é do segundo ano do Ensino Médio, tem 16 anos, do sexo feminino e também é da classe média.

Não agiria da mesma forma e falaria particularmente com cada pessoa para ver um modo de parar com isso. (Mercúrio).

Eu mandaria meus colegas parar de discriminar e encher o saco dele, porque ele não tem culpa que nasceu assim. (Escândio).

Pediria que eles não fizessem isso, porque de certo modo a pessoa não tem culpa de gostar de quem ela gosta. (Cúrio).

Ainda assim, é pertinente trazer os questionários de Rádio, Lutécio e Tório. Eles ajudariam o colega homossexual ao que se refere à indagação 2.A:

Tentaria falar com os outros para eles aceitarem. (Rádio).

Eu xingaria aqueles que não tem respeito com a pessoa homossexual, pois eles não tem o direito de discriminar ninguém. (Lutécio).

Defenderia o colega. (Tório).

Verifica-se que é somente no momento em que Alfa tomar Ômega como um cidadão de direito que ele (Alfa) o será. Nesta etapa do reconhecimento, ele deve ser recíproco, afinal, somente quando Alfa aceitar Ômega é que poderá ser reconhecido. Para corroborar tal ideia, traz-se o pensamento de Honneth (2009, p. 136-137), que diz que quando os sujeitos aprendem

A assumir as normas sociais de ação do ‘outro generalizado’, deve alcançar a identidade de um membro socialmente aceito de sua coletividade, então tem todo o sentido empregar para essa relação [...] o conceito de ‘reconhecimento’: na medida em que [...] [o sujeito] reconhece seus parceiros de integração pela via da interiorização de suas atitudes normativas, ele próprio pode saber-se reconhecido

como um membro de seu contexto social de cooperação. [...] [Assim, fala-se] de uma relação de reconhecimento mútuo: ‘é esta identidade que se pode manter na comunidade, que é reconhecida na comunidade, na medida em que ela reconhece as outras; [De outro modo] o termo reconhecimento [também quer dizer] que a compreensão que aquele que aprende a conceber-se [na] perspectiva do outro generalizado tem de si mesmo seja entendida como a compreensão de uma pessoa de direito. Com a adoção das normas sociais que regulam as relações de cooperação da coletividade, o indivíduo em crescimento não aprende só quais obrigações ele tem de cumprir em relação aos membros da sociedade, ele adquire, além disso, um saber sobre os direitos que lhe pertencem, de modo que ele pode contar legitimamente com o respeito de algumas de suas exigências: direitos são de certa maneira as pretensões individuais das quais posso estar seguro que o outro generalizado as satisfará. Nesse sentido, pela concessão social desses direitos, é possível medir se um sujeito pode conceber-se como membro completamente aceito de sua coletividade; é por isso que lhes cabe, no processo de formação do Eu prático, um papel particularmente significativo: ‘se alguém quer manter sua propriedade na comunidade, é da maior importância que ele seja um membro dessa comunidade, uma vez que a adoção da atitude dos outros garante que os próprios direitos sejam reconhecidos [...]. Com isso, recebe-se uma posição, consegue-se a dignidade de ser membro da comunidade.

As palavras mostradas acima permitem um entendimento que, transpostas para a sala de aula, com o intuito de solucionar o conflito homofóbico, proporcionam aos indivíduos envolvidos a tomada de consciência. Diz-se tomada de consciência, pois Alfa começa a ver Ômega como uma pessoa de direitos; alguém que, como ele, faz parte da comunidade escolar. Assim, passa a reconhecê-lo. Quando faz isso, Alfa está no início do espírito,⁶ ou, pelo menos, tem uma ideia dele. Como já foi exposto, para que ocorra a consolidação de relações éticas entre os sujeitos, é necessário abandonar a razão observadora e realizar uma reviravolta sobre si mesmo, afinal “com efeito, só o que é totalmente mau tem em si a necessidade imediata de se converter” (HEGEL, 2008, p. 244) e, para que isso ocorra, Alfa tem de transferir para além de si a essência que faz dele mau.

Por essa extrusão, ele se possibilita um ser-aí superior, no qual vai poder recuperar seu [...] [parceiro de interação]. Um ser-aí mais elevado do que teria, caso houvesse permanecido dentro da imediatez do ser. (HEGEL, 2008, p. 244).

Porém, a evolução da consolidação de tais relações éticas somente pode ocorrer “quanto maior é a oposição da qual [o espírito] retorna a si mesmo”. (HEGEL, 2008, p. 244), ou seja, quanto maior for a troca comunicativa entre os sujeitos, quanto mais cada um se reconhecer no outro.

⁶ Quando se fala em relação intersubjetiva, cabe mencionar que, Hegel, ao elaborar a sua teoria do espírito, retira dele o caráter intersubjetivo e passa a defender um caráter objetivo. Porém, na reatualização do filósofo, o espírito ganha “um delineamento mais dinâmico, relacional, ampliando a configuração da eticidade. Desse modo, o conceito de espírito pode ser relido no sentido de desenvolver um modelo dinâmico de eticidade, deslocando a ênfase de uma estrutura autorreflexiva para as trocas comunicativas da comunidade”. (MELO, 2008, p. 142). Dessa forma, é com esse significado que o espírito será trabalhado nesta dissertação.

A razão que teve de abandonar-se a si mesma para evoluir retorna para si, posto que havia, e ainda há, uma oposição entre sujeito e seu parceiro de interação, e vê que, “de agora em diante, sua própria essência é seu [...] [parceiro de interação]”. (HEGEL, 2008, p. 245). Assim o reconhece. Como já há o início de um espírito (pelo menos uma ideia) e como a consciência-de-si retorna para si mesma,

O [...] [sujeito] a que ela se refere positivamente é uma consciência-de-si; um [...] [sujeito] que está na forma da coisidade, isto é, um [...] [sujeito] *independente*. No entanto, a consciência-de-si tem a certeza de que esse [...] sujeito independente não lhe é nada de estranho, pois sabe que por ele é reconhecida *em si*. Ela então é o *espírito*, que tem a certeza de ter sua unidade consigo mesmo na duplicação de sua consciência-de-si e na independência das duas consciências-de-si [daí resultantes]. Essa certeza agora tem de elevar-se à verdade, para a consciência-de-si: o que para ela vale como *sendo em si*, e em sua certeza interior, deve entrar na sua consciência e vir-a-ser *para ela*. (HEGEL, 2008, p. 249).

O fragmento exposto demonstra a maneira que o sujeito já foi capaz de alcançar o conceito. Ele, “que já sugeriu para *nós* – isto é, a consciência-de-si reconhecida, que tem em outra consciência-de-si livre a certeza de si mesma, e aí precisamente encontra sua verdade”. (HEGEL, 2008, p. 250). Neste caso, como Alfa já conheceu o que a homossexualidade/homoafetividade bem como os homossexuais *é/são*, pode-se aduzir que houve o reconhecimento deste conceito pelo sujeito. Por este motivo, fala-se em consciência universal. Esta existe somente quando a consciência do sujeito se liga com outra. Pode-se aduzir que a razão

Só está consciente de si mesma como de um indivíduo, e enquanto tal deve exigir e produzir sua efetividade em outro. Mas depois, ao elevar sua consciência à universalidade, torna-se razão *universal*, e o indivíduo é consciente de si como razão, como algo já reconhecido e si e para si, que unifica em sua pura consciência toda a consciência-de-si. (HEGEL, 2008, p. 250).

Como, neste momento, já ocorreu o reconhecimento do conhecimento por Alfa, Hegel ainda fala no espírito interior. Isto é, ainda Alfa e Ômega necessitam se comunicarem para consolidar uma relação na qual se forma uma identidade coletiva. Para isso, necessitam entrar no “Reino da Eiticidade”. Porém somente adentram nesse reino porque aderiram, tem em si a consciência universal e, portanto, são capazes de buscarem sua evolução, fazendo com que a consciência-de-si, ainda particular, seja uma consciência de todos (de um povo, por exemplo). É possível dizer que

Esse reino não é outra coisa que a absoluta *unidade* espiritual dos indivíduos em sua *efetividade* independente. É uma consciência-de-si universal em si, que é tão efetiva em uma outra consciência, que essa tem perfeita independência – ou seja, é uma coisa para ela. [Tão efetiva] que justamente nessa independência está cônica de sua unidade com a outra, e só nessa *unidade* com tal essência objetiva é consciência-de-si. (HEGEL, 2008, p. 250).

Por haver o reconhecimento do conceito, diz-se que houve o reconhecimento das particularidades de cada indivíduo que faz parte de um povo. Sua singularidade foi respeitada e, como consequência, Ômega insere-se como sujeito na sociedade onde vive. Honneth (2009, p. 145) entende que, quando um sujeito vê o outro como sujeito, ambos

Procuram, ininterruptamente ampliar a extensão dos direitos que lhes são intersubjetivamente garantidos e, nesse sentido, elevar o grau de autonomia pessoal. [...] [Isso resulta] uma ampliação da relação de reconhecimento jurídico; [e, como consequência] [...] da união de esforços por um tal ‘enriquecimento da comunidade’.

Como se está falando em reconhecimento no âmbito social e, como consequência, para Honneth (2009) também seria no campo do Direito, cabe analisar algumas respostas concedidas nas indagações 3.A e 3.B do questionário. A primeira pergunta foi feita da seguinte maneira:

Questão 3.A – *“Como você pensa que o relacionamento com seus colegas deve ser pautado? Em quais deveres ou valores? Você acha importante respeitar o modo de ser de todos os seus colegas? Por quê?”*

Essa pergunta visa ao entendimento de que é necessário o reconhecimento das diferenças na sociedade, pois é nesse momento que os homossexuais passam a ser vistos por sua diferença dentro da escola e, como consequência, incluídos entre os colegas. Entretanto, para haver essa inclusão, é preciso alguns valores. Dentre eles, primeiramente, poderia estar o conhecimento, o trabalho com os conflitos homofóbicos na escola, porque é através de discussões, de conversas, de diálogos, que se dará o conhecimento do que seja a homoafetividade. Com isso, o respeito, a harmonia e o companheirismo começam a despontar na escola. Em consequência disso, começa a surgir a inclusão da diversidade nessa comunidade. Alfa e Ômega começam a se verem como sujeitos de direitos, ou seja, o parceiro de interação não deixa de ser desigual ao outro. Principia-se por ocorrer o reconhecimento no âmbito do direito, bem como na esfera social. Ao que tange às respostas dos alunos na questão 3.A, escolheram-se os questionários de Gadolínio, Amerício, Cloro, Califórnio, Samário, Frâncio, Urânio, Neodímio, Cério, Alumínio, Berílio e Ósmio para ilustrar o reconhecimento no âmbito social e do direito:

Deve ser legal, tem que ter harmonia, parceria. Claro e ter pessoas com um caráter bom, porque eu detesto falsidade. (Gadolínio).

Para que haja um bom relacionamento com todos deve-se em primeiro lugar manter sempre o respeito, pois somos todos diferentes e para sermos respeitados, devemos respeitar. (Amerício).

No mundo diversificado como o nosso deve existir no mínimo respeito para conseguir conviver com harmonia. (Cloro).

Deve existir diálogo e respeito entre o colega porque cada um é de cultura diferente. (Califórnio).

Respeitando, sim, pois respeitando seremos respeitados. (Samário).

No relacionamento com os colegas deve haver respeito e compreensão. Achamos importante respeitar todos os colegas porque também gostamos de ser respeitados. (Frâncio).

Na minha opinião, devemos respeitar a todos, mesmo sofrendo humilhações, mas eu acho que se uma pessoa está sendo humilhada, ela tem no mínimo o direito de tratar a outra pessoa da mesma maneira que está sendo tratada. (Urânio).

Sim, porque assim todos se respeitando e não haveria problemas. (Neodímio).

Tem que ser respeitado. Eu não tenho nojo de homossexuais. Eu tenho respeito sobre isso. (Cério).

Quando se diz respeito a algo mais íntimo, pessoal, algo em que os outros possam não ter a mesma opinião. Respeito. Sim. Porque cada um tem o direito de fazer suas escolhas. (Alumínio).

O respeito deve existir em qualquer situação: boa ou má. O mesmo deve ser o primeiro princípio de uma pessoa, pois no mundo todos são diferentes. (Berílio).

Baseado principalmente no respeito e na educação, do mesmo que não aceitamos a escolha do seu sexo ou outros, devemos respeito e educação. (Ósmio).

Além desses colaboradores é pertinente mostrar também as respostas de Promécio, Ytrio, Zinco, Disprósio, Cálcio e Rubídio. Os cinco primeiros alunos citados são do primeiro ano do Ensino Médio, enquanto Rubídio é do segundo ano. Promécio é o único do sexo masculino. O restante é do sexo feminino. Todos eles pertencem ao nível socioeconômico médio. Promécio tem 18 anos; Ytrio, Zinco e Cálcio têm 15 anos e Disprósio e Rubídio têm 16 anos. Como resposta para a indagação 3.A, eles assim escreveram:

Deve ter amizade e eu respeito todos os meus colegas, eu brinco com eles, mas eles sabem que é brincadeira. (Promécio).

Deve haver amizade e respeito acima de tudo. É importante respeitar o modo de ser dos outros, porque assim também seremos respeitados. (Ytrio).

Eu acho que deve ter respeito, pois assim como ele quer que eu respeite o jeito de viver dele, ele também deve respeitar o meu. (Zinco).

Acho que sim, cada um deve respeitar o outro. E eu conversaria com ele sim, ter amizade é tudo. (Disprósio).

Eu acho que apenas um respeitando o outro tá bom. (Cálcio).

Sim. Respeitar todos. Não ser melhor amigo tudo bem, mas levar como inimigo, alguém que não te faz mal, não tem sentido. Se a gente não conhece, não julga. (Rubídio).

Como todos os colaboradores expostos acima demonstraram que o relacionamento entre colegas de escola deve ser baseado no respeito, diálogo, parceria, harmonia, compreensão, poderá se perceber, através da indagação 3.B, que eles realmente cumprem esse

dizer quando acolheriam um colega que fosse homossexual. Antes de conferir as respostas dos alunos mencionados, verifica-se o que diz o enunciado da pergunta 3.B.

Questão 3.B – “*Tomando por base a sua resposta na ‘letra a’ [refere-se à pergunta 3.A], desta questão, você incluiria um colega seu que tivesse sentimentos homoafetivos? Por quê?*”

Como respostas, alguns colaboradores assim se posicionaram:

Sim, porque essas pessoas são mais sinceras, mais fiéis. (Gadólíno).

Sim, eu aceitaria um colega que tivesse sentimentos homoafetivos, porque devemos respeitar a todos. (Amerício).

Sim, pois antes de ser homoafetivo essa pessoa é ser humano e, como todo ser humano precisa ter amizades e conviver com o próximo. (Cloro).

Sim, porque ele deve ser uma pessoa educada e compreensiva. (Califórnio).

Sim, porque todos são iguais. (Samário).

Sim, porque temos um amigo homossexual, achamos normal, pois é escolha própria. (Frâncio).

Eu tenho vários amigos que tem esse sentimento, e não vejo nada de diferente neles. Eles me respeitam e eu respeito eles. (Urânio).

Sim, porque ela também tem sentimentos e se fere e só porque eu ando com ela, não quer dizer que também seja. (Neodímio).

Eu seria amiga dele ou dela de qualquer jeito. (Cério).

Sim. Porque todos somos iguais. (Alumínio).

Sim, porque se eu estivesse na mesma situação queria que fizessem o mesmo. (Berílio).

Sim. Sem nenhum problema. Pode ter a mesma capacidade que os outros e muitas vezes essas pessoas pode ter uma mente muito aberta aceitando novas opiniões sem problema. (Ósmio).

Sim. Porque ele tem a opinião dele e eu tenho a minha. Eu não ia o discriminar. (Promécio).

Respeitaria e incluiria no meu grupo de amigos, porque hoje em dia, discriminação não tá com nada. (Ytrio).

Sim, pois ela é igual a mim, só porque ele é de outro sexo, eu não deveria aceitar ela? (Zinco).

Sim, porque cada um é como quer. Ninguém é igual. (Disprósio).

Sim, Até gostaria de ter um amigo homoafetivo, porque eles são até pessoas que compreendem mais os outros. (Cálcio).

Sim, Se ela não me faz mal, é sempre bem vinda como meu amigo(a). E ainda brigaria se alguém o discriminasse. (Rubídio).

Pelas respostas fornecidas, verifica-se que, para haver a inclusão, já é necessário o reconhecimento. Nesse sentido, a cultura, o costume de um povo, de uma sociedade e, até

mesmo de uma escola, passa a ser universal. Isto é, é um costume que acolhe todas as pessoas, respeitando suas diferenças. O sujeito, portanto, sendo

Singular, em seu trabalho *singular*, já realiza *inconscientemente* um trabalho *universal*, assim também realiza agora o [trabalho] universal como seu objeto *consciente*: torna-se sua obra o todo *como todo*, pelo qual se sacrifica, e por isso mesmo dele se recebe de volta. Nada há aqui que não seja recíproco, nada em que a independência do indivíduo não se atribua sua significação *positiva* – a de seu ser para si – na dissolução de seu ser-para-si e na *negação* de si mesmo. Essa unidade do ser para outro – ou do fazer-se coisa – como o ser-para-si, essa substância universal fala sua *linguagem universal* nos costumes e nas leis de seu povo. (HEGEL, 2008, p. 252).

Quando o povo, através de seus representantes, elabora as leis para si, precisa pensar que somente é um povo que tem uma rica cultura quando reconhece, na sua legislação, o outro como a si mesmo; quando deixa o seu oposto ser livre, tal como este oposto quer que o seu contrário também esteja liberto dos seus preconceitos. Tem-se um povo livre, em que todos os indivíduos, com suas particularidades essenciais, possam ser conhecidos e reconhecidos como sujeitos de uma relação ética intersubjetiva. Ou seja, o reconhecimento através do direito, já que se relaciona com o social, como foi exposto anteriormente, expressa “a particularidade do sujeito individual [que] deve obter confirmação”. (HONNETH, 2009, p. 146). Assim, há

Uma semelhante relação na circunstância de que só podemos chegar a uma compreensão de nós mesmos como portadores de direito quando possuímos, inversamente, um saber sobre quais obrigações temos de observar em face do respectivo outro: apenas da perspectiva normativa do ‘outro generalizado’, que já nos ensina a reconhecer os outros membros da coletividade como portadores de direitos, nós podemos nos entender, também, como pessoas de direito, no sentido de que podemos estar seguros do cumprimento social de algumas de nossas pretensões. (HONNETH, 2009, p. 179).

Isso quer dizer que Alfa somente poderá ser considerado pessoa de direito quando ele reconhecer e tiver clareza de que Ômega é uma pessoa de direito e que também quer ter as suas pretensões garantidas, respeitadas e reconhecidas dentro da escola. É importante Alfa e Ômega se reconhecerem, pois

Reconhecer-se [...] como pessoa de direito significa [...] [que] um sujeito é respeitado se encontra reconhecimento [...] não só na capacidade abstrata de poder orientar-se por normas morais, mas também na propriedade concreta de merecer o nível de vida necessário para isso. (HONNETH, 2009, p. 193).

Esta ideia pode muito bem ser aplicada, de maneira análoga à escola. Nesse caso, a sala de aula, bem como a escola, é um lugar de socialização e de muitas particularidades ao mesmo tempo. Com isso, quer-se afirmar que cada estudante tem as suas características, personalidades e o seu modo de ser; constituindo isso nas suas particularidades. A escola é um

lugar de muitas diversidades. Como ela é um lugar de socialização, ela necessita acolher e aconchegar todas as diversidades. Para isso, necessita desenvolver trabalhos, eventos, que façam os alunos conhecerem, bem como reconhecerem que a diversidade de orientações sexuais estão presentes na escola, na sociedade e que todos os indivíduos precisam ser respeitados na sua essência singular. Hegel (2008, p. 252) afirma que a

Imutável essência não é outra coisa que a expressão da individualidade singular que aparenta ser-lhe opostas. As leis exprimem o que cada indivíduo *é e faz*, o indivíduo não as conhece somente como sua coisidade objetiva *universal*, mas também nela se reconhece, ou: [conhece-a] como *singularizada* em sua própria individualidade, e na de cada um de seus concidadãos. Assim, no espírito universal, tem cada um a certeza de si mesmo – a certeza de não encontrar, na efetividade essente, outra coisa que a si mesmo. Cada um está tão certo dos outros quanto de si mesmo.

Sendo assim, Alfa vê Ômega como a si mesmo, ele o reconhece. Os sujeitos da relação ética procuram consolidar esta relação através do reconhecimento, pois se tornam uma unidade universal, ou seja, veem que possuem possibilidade de terem a sua identidade reconhecida pelo outro, assim como conseguem colaborar para o surgimento e reconhecimento de uma identidade social. No entendimento de Hegel (2008, p. 252), Alfa percebe que há muitos sujeitos iguais como aquele que ele observou e experienciou, ele se vê

Em todos eles que, para si mesmos, são apenas esta essência independente, como Eu sou. Neles vejo a livre unidade com os outros, de modo que essa unidade é através dos Outros como é através de mim. Vejo-os como me vejo, e me vejo como os vejo.

Neste estágio da evolução, tem-se o povo livre (ou, para este trabalho, a escola livre). É livre porque os colegas reconhecem cada um com sua essência e diferenças. Pode-se afirmar que é um povo livre, visto que o espírito está presente. Desta maneira, se através da atividade exposta no início deste item, os alunos conseguem compreender e saber o motivo que não se pode discriminar um indivíduo que tem orientação sexual diferenciada da maioria das pessoas, já deram mais um passo para reconhecer e respeitar todas as diferenças. Porém, ainda resta, para Alfa, a efetivação deste conhecimento, ou seja, Alfa agora se preocupa em saber se este conhecimento não está ligado à certeza sensível. Desta maneira, será trabalhada com a ideia do que poderia acontecer, na escola, bem como na sala de aula, se caso prevalecer a ideia homofóbica de alguns alunos para com outros, daí não se procurando solucionar os conflitos.

4.3 Da lei de um coração à lei de todos os corações

Conforme exposto no item anterior, está-se diante da ideia do espírito. Ele, de alguma maneira, é reconhecido na sala de aula. Há uma preocupação dos sujeitos em ampliar as relações éticas das quais fazem parte. Para isso, começam a realizar uma comunicação entre si, no sentido de ampliar os seus direitos perante à comunidade e à sociedade onde vivem. Isso seria a inclusão dos homossexuais, como foi visto nas questões 3.A e 3.B. Com a ampliação de seus direitos, Alfa e Ômega estarão contribuindo para a formação do reconhecimento jurídico entre eles. Porém a escola tem um grande papel na formação dos indivíduos para que esse reconhecimento seja efetivado. Tal papel, como muitas vezes já foi mencionado, é trabalhar e buscar uma solução para os conflitos homofóbicos. Para que isso ocorra, é necessário que Alfa e Ômega procurem pelo conceito, no entendimento de Hegel, mas, antes, deparam-se com a de lei do coração, conforme Hegel. Neste item será visto o que é esta lei do coração, como ela influencia nos conflitos, na homofobia, bem como será mostrado, segundo Honneth (2009), como ocorre a consolidação da relação ética intersubjetiva para o reconhecimento no sentido de poder haver a acolhida de todos os indivíduos e grupos sociais.

Hegel (2008, p. 252) principia expondo que “o indivíduo não apenas encontra sua determinação, isto é, sua essência universal e singular expressa e dada como coisidade, senão que ele mesmo é tal essência e alcançou também sua determinação”. Quando isso ocorre,

A consciência-de-si, que de início é somente o conceito do espírito, toma esse caminho com a determinidade de ser para si a essência como espírito singular. Seu fim é, pois, dar-se a efetivação como espírito singular – e como singular, desfrutar-se nessa efetivação. Na determinação de ser, para si, a essência como algo *para-si-essente*, a consciência-de-si é a *negatividade* do Outro. Assim, ela mesma, em sua consciência, surge como o positivo em contraste com alguma coisa que sem dúvida é, mas que para ela tem a significação de algo não em si essente. Aparece a consciência cindida entre essa efetividade encontrada e o *fim* que implementa através do suprasumir da efetividade, e, antes, faz dele efetividade em lugar dessa. Mas seu primeiro fim é seu *ser-para-si imediato* e abstrato, ou seja: é intuir-se como *este singular* e um outro, ou intuir outra consciência-de-si como a si mesma. A experiência do que é verdade desse fim eleva mais alto a consciência-de-si. A partir de agora é fim para si enquanto ao mesmo tempo é *universal* e tem a *lei imediatamente* nela. Mas, no cumprimento dessa *lei* de seu *coração* faz a experiência de que a essência *singular* aqui não pode manter-se, já que o bem só pode efetuar-se através do sacrifício do singular; e a consciência-de-si torna-se *virtude*. A experiência, que a virtude faz, só pode ser isto: seu fim já foi conseguido em si; a felicidade se encontra no agir, imediatamente; e o agir mesmo é o bem. O conceito de toda essa esfera, a saber, que a coisidade é o *ser-para-si* do espírito, vem-a-ser no seu movimento para a consciência-de-si. Por isso, quando encontrou esse conceito, ela é, para si, realidade, como individualidade que imediatamente se exprime, e não encontra mais nenhuma resistência em uma efetividade oposta; individualidade para a qual somente esse exprimir mesmo é objeto e fim. (HEGEL, 2008, p. 256).

Esse fragmento apresenta a noção de conceito. Entretanto, antes de Alfa alcançar realmente o conceito e, para tanto, construir com Ômega uma relação de eticidade no âmbito dos direitos, é necessário falar em lei do coração. Esta lei há “devido a [...] determinação de estar *imediatamente* no ser-para-si da consciência” (Hegel, 2008, p. 260). Isso significa dizer que esta lei é a própria consciência-de-si dos sujeitos implicados na relação ética intersubjetiva, e o que se tem de buscar é se esta lei do coração, em sua efetivação, irá corresponder ao conceito, ou seja, se será capaz de fazer com que Alfa e Ômega realizem trocas comunicativas entre si, no sentido de cada um reconhecer a diferença do outro na sociedade de direito em que se encontram. Em outras palavras, é relevante aduzir que, anteriormente, expôs que Alfa havia alcançado o conceito do que realmente seria a homoafetividade/homossexualidade e que, assim, o reconhecia. No entanto, o sujeito depara-se agora com a situação de que este conceito formulado ainda está atrelado a uma não-efetivação, isto é, Alfa pode se perguntar se esta lei, este seu conceito que formulou, não está ligado a algo sensível e, conseqüentemente, poderia ser um conceito não verdadeiro sobre a orientação sexual de Ômega. Diante disso, Alfa principia por realizar trocas comunicativas com seu parceiro de interação, pois deseja saber se o seu pensar corresponde ao conceito. Tudo isso para que seja realizado um reconhecimento intersubjetivo, com o intuito de construir uma identidade social que seja própria da sociedade da qual os indivíduos e grupos sociais fazem parte. Pode-se aduzir, portanto, que “frente a esse coração está uma efetividade; pois dentro do coração a lei primeiro é somente *para-si*, ainda não se efetivou, e por isso é também algo *outro* que o conceito”. (HEGEL, 2008, p. 260). Como a lei do coração não é, realmente, o conceito, e sim é “algo outro que o conceito”, esse outro é determinado, no entendimento de Hegel (2008, p. 260-261), “como uma efetividade – que é o oposto do que se tem de efetivar – e sendo assim é a *contradição entre a lei e a singularidade*”.

Esta efetividade, no entendimento de Hegel (2008, p. 261), possui dois lados. Um deles,

É uma lei, pela qual a individualidade singular é oprimida: uma violenta ordem do mundo, que contradiz a lei do coração. De outro lado, é uma humanidade padecente sob essa ordem, que não segue a lei do coração, mas está submetida a uma necessidade estranha.

Ômega possui uma particularidade que se diferencia dos outros, e que, principalmente, pode contradizer o padrão imposto pela sociedade em que vive (que seria a heteronormatividade), pode sofrer opressão, posto que esta ordem da qual Hegel fala não suporta conviver com a diferença. Desse modo, tem-se uma humanidade (ou uma parte dela) que não segue a lei do coração, isto é, não tolera quem é diferente e, assim, permanece longe

de se realizar em uma comunidade ética, sempre levando em consideração o que aprendeu de outrem e também fixado em sua experiência acerca de seu parceiro de interação.

Isso é o que ocorre com 18 colaboradores no que se refere às indagações 3.A e 3.B. Esses alunos ainda se prendem aos pré-conceitos que a certeza sensível proporcionou. Continuam a excluir os homossexuais, mesmo dizendo que a relação entre os colegas precisa ser pautada no respeito. Esse é o caso de Nitrogênio, que, para a questão 3.A, expressou-se dizendo que *“O respeito tem que prevalecer. Sim, porque é escolha de cada um [respondendo se achava importante respeitar o modo de ser de todos os colegas]”*. Entretanto, ao que se refere à pergunta 3.B, Nitrogênio demonstra contradição em relação à indagação anterior. Essa contradição leva ao preconceito. Diz ele, ao ser perguntado se incluiria um colega que tivesse sentimentos homoafetivos: *“Não. Porque não gosto dessa sexualidade”*.

Diante das respostas de Nitrogênio, cabe uma indagação. Se ele afirma que o modo de ser de cada pessoa precisa ser respeitado, de que maneira Nitrogênio exclui um colega homossexual? Ou seja, para quem é o respeito que o aluno expõe? Será que seria para aquelas pessoas que não são homossexuais, como fala o colaborador chamado Enxofre? Enxofre, por exemplo, na questão 3.A, aduz o seguinte: *“Não sei. Depende do modo de ser, mas se é gay então acho que não precisa respeitar”*. Já na questão 3.B, diz que *“Não. Porque eu acho que eu não me acertaria com ele”*.

Esse também é o pensamento de Bromo, que respondeu para as questões 3.A e 3.B: *“Depende da questão. Se a pessoa for ‘normal’, deveria ser respeitado (muitas vezes os outros chamam alguém de gay, mesmo não sendo), se não, acho que deveria sofrer as consequências”* (questão 3.A) e *“Não. Pois isso ia ficar estranho para a sociedade ver colegas com pessoas de outro sexo”* (questão 3.B).

O mesmo vale para Astato. Na indagação 3.A, ele diz: *“Com colegas ‘normais’, relação normal, e com homossexuais, eu nem ia ter relacionamento”*.

O pensamento desses alunos, por exemplo, jamais levariam à formação de uma comunidade ética e universal. São ideias que excluem pessoas e fomentam o preconceito contra os homossexuais. Para haver uma comunidade universal, é preciso que todas as pessoas sejam acolhidas, e isso inclui aquelas pessoas que têm sentimentos homoafetivos. Portanto, pensamento equivocado tem Enxofre e Bromo, pois mesmo que o indivíduo seja homossexual, ele deve ser respeitado. E isso os colaboradores precisam fazer, caso contrário, como a lei de Enxofre e Bromo é excluir os homossexuais, eles estão se excluindo a si mesmos da comunidade universal e reconhecedora das diferenças que Honneth (2009) e Hegel propõem. Principalmente Bromo é totalmente apegado à certeza sensível.

Primeiramente parece que Bromo aduz que uma pessoa homossexual não é normal. Isso é um equívoco. Segundo, o colaborador entende que quem é homossexual não precisa ser respeitado e deve sofrer as consequências. Essa resposta é um pensamento que carece de conceito, afinal a homossexualidade não é escolha, é algo normal e que precisa ser respeitada. Porém, como Bromo não faz isso, não avança para o reconhecimento do outro e, muito menos tem capacidade de ser reconhecido pelo seu parceiro de interação.

Outra colaboradora que não segue a lei universal é Fósforo, pois assim respondeu para as referidas questões: “*O relacionamento de colega tem que ter respeito. Sim. Gostando ou não; aceitando ou não; vamos respeitar*” (questão 3.A) e “*Não. Ou talvez. Dependendo muito, mas muito mesmo da pessoa*” (questão 3.B). Essa aluna demonstra preconceito, pois ainda segrega pessoas.

O mesmo ocorre com Titânio. Ele diz na indagação 3.A, que “*Sim. Porque eu gosto que me respeitem. Eu tenho que respeitar os outros também*”. Já na pergunta 3.B, o aluno diz que “*Depende se eu me desse muito bem com ele*”. Ocorre que, como que um aluno vai incluir uma pessoa, se ele ainda não a conhece? Ou seja, para Titânio e Fósforo incluir um colega eles precisam primeiro conviver com ele para saber se vão se dar bem ou não. As respostas desses alunos tornam-se um pouco vagas e eles acabam por criar sua própria lei. Essa lei, segundo Hegel, é uma lei que acaba excluindo as diferenças e, por fazer isso, não é uma lei reconhedora e muito menos universal.

Outros colaboradores, como, por exemplo, Germânio, Polônio, Boro, Selênio, Manganês e Astató, não incluiriam um colega homossexual, pois se preocupam com o fato de que os outros colegas e amigos vão pensar ou dizer:

Questão 3.A: *Tem que ser companheiro, colegas, e devemos respeitar para sermos respeitados.* (Germânio).

Questão 3.B: *Não, porque é estranho um guri andar com um homossexual.* (Germânio).

Questão 3.A: *Respeito, companheirismo, parceria. Acho importante sim respeitar os colegas. Cada um faz o que quiser.* (Polônio).

Questão 3.B: *Não. Porque eu não vou me sentir bem com ele(a) no meu lado, junto com meus amigos.* (Polônio).

Questão 3.A: *Devemos respeitar pela escolha dos outros, mas também se eu não gostar dessa opção eu não vou ser amigo dele, mas vou responder se algum dia ele pedir alguma coisa.* (Boro).

Questão 3.B: *Não. Ainda há muito nojo, porque quando vê ela pega e se apaixona por alguém do grupo.* (Boro).

Questão 3.A: *Respeitado. Sim. Porque mesmo falando deles, eles não vão mudar.* (Selênio).

Questão 3.B: *Não. Porque se eu estivesse andando com ele rua, as pessoas iam achar que eu era também.* (Selênio).

Questão 3.A: *Sim. Deveria ter respeito, mas quase nunca acontece.* (Manganês).

Questão 3.B: *Não. Isso ia pegar mal.* (Manganês).

Astato, para a questão 3.B, diz que não incluiria o colega homossexual, pois “*Seria capaz de ele [o colega] se engraçar em mim e eu não sou da fruta*”.

Analisando-se as respostas dos colaboradores mencionados, percebe-se que o preconceito, as ideias equivocadas a respeito da homoafetividade internalizam-se nas pessoas e elas acabam por repeti-las. Isso faz com que surja um medo e uma grande preocupação nesses colaboradores acerca do que os outros vão pensar. Quer dizer, quando esses colaboradores dizem que “*pegaria mal um guri andar com um homossexual*” ou, então, “*que é estranho*”, ou alguns parecem que não incluiriam um colega que fosse homossexual pelo medo que ele poderia se “*apaixonar por alguém do grupo*”, ocorre uma violência para com os homossexuais. Essa violência vem pela exclusão. Ou seja, como os colaboradores se apegam aos pré-conhecimentos que a certeza sensível proporciona, como, por exemplo, que a homoafetividade seria pecado, crime, doença, acabam não se dando a chance de conhecer realmente o seu parceiro de interação. Na negação de conhecê-lo, reproduzem o seu preconceito e, como consequência, agem com violência contra os colegas homossexuais. Esses colaboradores afastam-se da lei universal, que seria a inclusão de todas as pessoas. Fixam-se na experiência e, dessa maneira, não conseguem transportar-se para fora de si e reconhecer o outro como a si mesmo.

Quando Alfa faz este caminho, ele também está criando a lei de seu coração. Porém, esta última lei do coração é oposta à lei do coração daquele indivíduo que é o oprimido pela sociedade. Por meio dessas ideias, pode-se aduzir que, como a escola está inserida dentro de uma sociedade em que a maioria dos indivíduos são preconceituosos ao que tange aos homossexuais, não há tolerância com a diversidade sexual. Dessa maneira, estes indivíduos que são preconceituosos, como, por exemplo, Germânio, Polônio, Boro, Selênio e Manganês, se não evoluírem, não conseguirão manter uma relação ética com seus parceiros de interação. Assim, parece que não poderão ter sua diferença protegida e nem reconhecida pelo direito, ou seja, se excluem a diferença do outro ser (que é homossexual), como consequência, eles têm a sua diferença excluída também. Isto é, sempre permanecerão atrelados à certeza sensível. Então, um aluno que, como Alfa, exclui o colega que, como Ômega, é homossexual, sempre poderá ser alguém ligado à sua experiência. O sujeito que segue o padrão da sociedade sem

pensar na necessidade do outro, acaba por fazer parte de uma humanidade que, mesmo pertencendo à ela,

Não vive na unidade bem-aventurada da lei com o coração, mas sim, ou na separação e no sofrimento atroz; ou, pelo menos, na privação do gozo *de si mesma* – no *acatamento* da lei; e na privação de sua própria excelência – na *transgressão* da lei. (HEGEL, 2008, p. 262).

Assim, o sujeito que não aceita a diferença, que possui preconceito para com o outro, parece não viver bem com o coração, posto que aceita, passivamente, o pré-conhecimento que veio de fora dele, sem mesmo se perguntar se este pré-conhecimento é correto ou não. Alfa acata a lei (não a do coração, mas a lei – o pensamento da certeza sensível), ele se priva da comunicação com seu parceiro de interação, do conhecimento, por medo de transgredir o padrão imposto como “correto”. Em outras palavras, seria o medo do que os outros vão pensar e dizer se Alfa seria amigo de um colega homossexual.

Quando isso ocorre, Alfa não está deixando de cumprir a lei do seu coração, mesmo que esta lei seja contrária à lei do coração de outro indivíduo. Por cumprir a lei do seu coração, transforma-se em “*ordem universal*”. Como ocorre esta transformação (efetivação),

A lei de fato escapou do coração e tornou-se, imediatamente, apenas a relação que deveria ser supressumida. Por essa efetivação, justamente, a lei do coração deixa de ser lei *do coração*. Nela recebe, com efeito, a forma do ser, e agora é *potência universal*, à qual *esse coração* é indiferente; de modo que o indivíduo, pelo fato de *estabelecer sua própria* ordem, não a encontra mais como sua. Com a efetivação de sua lei, ele não produz *sua* lei; pois embora, *em si*, seja a sua, para o indivíduo é uma efetivação estranha. O que ele faz é enredar-se na ordem efetiva, como uma superpotência estranha, que aliás não só lhe é estranha, mas inimiga. (HEGEL, 2008, p. 262).

Este fragmento da Fenomenologia parece apontar para o fato de que, se algum dia a lei do coração de Alfa servir para se tornar uma ordem universal, atualmente, a lei que exclui o ser particular, exclui a diferença, ela já é uma lei estranha. E é uma lei estranha para o próprio Alfa. É uma lei estranha para Germânio, Polônio, entre outros colaboradores. Estranha porque não serve mais para a modernidade, afinal, exclui indivíduos e grupos sociais. A citação parece apontar que esta lei, que no momento é universal, acaba sendo uma lei imposta, em que não houve discussão para se construir uma lei que realmente seja lei para todos os corações. Ela, assim, faz com que Alfa se perca na própria ordem criada e não conceba mais a lei como sua, mas sim de um outro. Portanto, como a lei não é de seu coração, Alfa, para não permanecer no estágio em que se encontra, necessita buscar outro conhecimento. Então, o sujeito, para alcançar este conhecimento, precisa libertar-se de si mesmo. Dessa forma, ele realmente irá crescer como universal e reconhecer o outro, bem como ser reconhecido. Surpreendentemente esse é o pensamento de Carbono. Ele, que na

indagação 1.A havia respondido que os homossexuais deveriam ser mortos; que ou são homens, ou são mulheres; agora, ao que tange às indagações 3.A e 3.B, demonstra querer seguir a lei universal, na qual todas as diferenças são acolhidas. Veja-se suas respostas para as referidas indagações: “*Sim, porque ninguém é igual, cada um tem um pensamento*” (questão 3.A) e “*Sim. Porque ele seria diferente de mim*” (questão 3.B).

Honneth (2009, p. 138-139), que concebe o direito como uma forma de reconhecimento, entende que os sujeitos precisam ter sua particularidade reconhecida pela sociedade, isto é, pelo direito, dizendo que

Reconhecer-se reciprocamente como pessoa de direito significa que ambos os sujeitos incluem em sua própria ação, com efeito de controle, a vontade comunitária incorporada nas normas intersubjetivamente reconhecidas de uma sociedade. Pois, com a adoção comum da perspectiva normativa do ‘outro generalizado’, os parceiros da interação sabem reciprocamente quais obrigações eles têm de observar em relação ao respectivo outro; por conseguinte, eles podem se conceber ambos, inversamente, como portadores de pretensões individuais, a cuja satisfação seu defrontante sabe que está normativamente obrigado. A experiência de ser reconhecido pelos membros da coletividade como uma pessoa de direito significa para o sujeito individual poder adotar em relação a si mesmo uma atitude positiva; [...] para tanto se precisaria de uma forma de reconhecimento mútuo que propiciasse confirmação a cada um não apenas como membro de uma coletividade, mas também como sujeito biograficamente individuado. [...] também na constatação de que a relação jurídica do reconhecimento é ainda incompleta se não puder expressar positivamente as diferenças individuais entre os cidadãos de uma coletividade.

A forma do reconhecimento jurídico é incompleta se não abarcar todas as diversidades que há nos corações dos indivíduos, pois o sujeito precisa entender que o conteúdo particular do coração de seu parceiro de interação também vale por universal e, assim, também “não encontra realizada [...] a lei do seu coração, e sim a de *um outro*”. (HEGEL, 2008, p. 263).

Isso quer dizer que enquanto não houver o reconhecimento e um conceito, nenhuma lei do coração servirá, posto que, quando uma delas se tornar universal, ela sempre será excluída porque haverá indivíduos que serão contrários à ela. Assim, para que a lei do coração se torne universal, “*todo coração deve reconhecer-se a si mesmo no que é lei*”. (HEGEL, 2008, p. 263). Pode-se afirmar que, quando ocorre uma supervalorização do indivíduo heterossexual e uma desvalorização do indivíduo homossexual ou vice-versa, a lei que se protege não é realmente uma lei universal na qual todos os indivíduos possam se reconhecer e ser reconhecidos. Percebe-se, neste momento, que quando Ômega é excluído por Alfa, a lei tida por universal, não é, em verdade, universal. Ela somente terá esse caráter quando Alfa reconhecer Ômega e este ser encontrar reconhecimento na lei, pois somente assim poder-se-á falar em lei universal.

Transpondo para a escola, bem como para o tema deste trabalho, as ideias de Hegel e Honneth (2009) expostas acima, tem-se que, o conflito homofóbico ocorre na escola quando Alfa tem em seu coração, que é o seu pensar, uma ideia equivocada acerca da homoafetividade/homossexualidade. Este pensamento, que é seu, pode ser chamado de lei do coração. Mas este é a lei do seu coração, ou seja, do coração de Alfa. Entretanto, deve-se atentar, aqui, para o fato de que esta lei, que corresponde à lei do coração de Alfa, por coincidência, é também a lei que há na sociedade acerca da homossexualidade. Isto é, é o pensamento da maioria das pessoas. Porém, tal pensamento não é universal, posto que não corresponde à lei de todos os corações, ou seja, de todas as pessoas.

Quando ocorre o conflito homofóbico escolar, está-se diante da lei de um coração. Isto é, da lei do coração de Alfa. Assim, se Ômega continuar sendo discriminado no ambiente onde estuda, por seu colega, isso faz com que a lei do coração de Alfa não se torne universal e, ainda, permite que Ômega a derrube e torne a sua própria lei superior à de Alfa. Mas, se isso acontecer, Ômega legitima que a sua lei particular também seja derrubada. Assim, sempre existirá o conflito homofóbico na escola. Desse modo, para que isso não ocorra, é preciso fazer com que os alunos entendam e adquiram a consciência de que, para que sejam respeitados na sua essência tal como são, também necessitam respeitar e reconhecer a essência do outro. É nesse sentido que cabe, para enfatizar, trazer, ainda, mais algumas ideias de Honneth (2009) ao que tange o reconhecimento do direito. Ele diz que a norma “precisa ser entendida [...] como expressão dos interesses universalizáveis de todos os membros da sociedade, de sorte que ele não admita mais, segundo sua pretensão, exceções e privilégios”. (HONNETH, 2009, p. 181).

Interpreta-se tal fragmento no sentido de que a escola, a partir de quando começa a trabalhar e a solucionar os conflitos homofóbicos, passa a criar uma regra (norma), no sentido de que todos os membros da comunidade escolar tenham seus direitos assegurados, ou seja, ninguém poderá maltratar o colega por aquilo que ele tem de diferente dos outros. Quando a escola estiver proporcionando um diálogo que leva os envolvidos no conflito a pensar da maneira exposta, ela estará também procurando fazer com que os membros da comunidade escolar passem a reconhecer os homossexuais não somente no desejo de se verem reconhecidos por sua diferença, através do seu parceiro de interação, mas também que tenham assegurados e protegidos os seus direitos por essa diferença, tanto na escola, quanto na sociedade. Isso leva a refletir que a escola, no momento em que é educadora, necessita educar seus alunos para que estes reconheçam e sejam reconhecidos por aquilo que são. Nesse momento, surge uma

Disposição para a obediência de normas [...] e só pode ser esperada dos parceiros de interação quando eles puderem assentir a elas em princípio como seres livres e iguais, migra para a relação de reconhecimento do direito uma nova forma de reciprocidade, altamente exigente: obedecendo à mesma lei, os sujeitos de direito se reconhecem reciprocamente como pessoas capazes de decidir com autonomia individual sobre normas [...] adaptando-se ao princípio de fundamentação universalista. (HONNETH, 2009, p. 182).

No próximo item, será exposta uma sugestão de atividade para que a turma de alunos possa entender e solucionar os conflitos da melhor maneira possível.

4.4 Reconhecendo a lei universal: respeitando as diferenças

Como foi colocado no item anterior, neste momento, será proposta uma atividade para que os alunos possam reconhecer os colegas como eles são. Foi falado em lei do coração e em lei universal. Sabe-se que, para falar em lei universal, é necessário que ela abarque a lei de todos os corações, sem exceção. Uma lei que é universal jamais poderá desacolher um aluno que tenha sentimentos homoafetivos.

Assim, em sala de aula, pode ser levantada a discussão sobre o que aconteceria se o pensamento, a ideia do outro colega, que é diferente da “minha” prevalecesse. Exposto isso, poderia ser comentado se os alunos gostariam de ter de seguir a ideia do colega, sem poder expor a sua própria. Feito isso, é preciso observar as respostas e, se cada estudante responder que gostaria de ver o seu pensamento respeitado, é necessário, então, que aquele estudante que provocou o conflito homofóbico também saiba compreender e respeitar o seu colega, sem o discriminar.

Quando isso ocorrer, Alfa conseguirá libertar-se de si mesmo e, assim, terá mais condições de fortalecer as relações éticas nas quais está inserido. Ele perceberá que, como a consciência-de-si já se reconheceu em uma outra e reconheceu esta como a si mesma, em sua individualidade e particularidades, ela atingiu o conceito. Assim, quando a consciência-de-si de Alfa percebe Ômega, ela o intui, pelo menos, como um singular. Dessa forma, a consciência-de-si que se elevou do estágio onde se encontrava, percebe a realidade tal qual ela é realmente. Assim, a consciência-de-si do sujeito vê-se, definitivamente, em Ômega. Ela se vê, portanto, “como essência singular em outra consciência-de-si, [...], ela tem a certeza *em-si* esse outro já é ela mesma”. (HEGEL, 2008, p. 256). Desse modo, como a consciência de Alfa alcançou o conceito, ela “deixou para trás a lei do etos, e do ser-aí, os conhecimentos da observação”. (HEGEL, 2008, p. 256). Assim, a consciência do sujeito possui outro saber. Saber este que não mais provém da observação, e sim do reconhecimento do outro. Isso quer

dizer que, quando Alfa percebe que tem condições de evoluir para consolidar a relação ética com Ômega, ele começa a buscar este conhecimento. Alfa percebe que o conhecimento que possuía acerca de Ômega, que era proveniente da experiência que teve para com ele, não lhe dava condições de reconhecer e ser reconhecido pelo seu parceiro de interação.

Alfa consegue refletir sobre esta experiência e, portanto, dialogar e entender Ômega. Nisso, ele busca o reconhecimento e luta por ele, pois sabe que para ter a sua diferença reconhecida, precisa reconhecer a do seu parceiro de interação. Neste sentido, a lei do coração será “somente aquilo em que a consciência-de-si reconhece a si mesma. Porém, através da efetivação dessa lei, a ordem que vigora universalmente se lhe tornou sua própria *essência*, e sua própria *efetividade*”. (HEGEL, 2008, p. 264). Através disso, a lei do coração não é somente a lei de um coração. Mas sim, é a “ordem vivificada pela consciência de todos, e como lei de todos os corações”. (HEGEL, 2008, p. 264).

De acordo com Honneth (2009), trata-se de estima social. No momento em que há uma preocupação com o acolhimento de todos os indivíduos pelas suas diferenças, o reconhecimento do direito se une à estima social, afinal, o primeiro faz com que as pessoas sejam respeitadas, justamente pelo motivo de serem pessoas. Já o segundo (estima social) trata do respeito pelas “propriedades particulares que caracterizam [determinadas pessoas], diferentemente de outras”. (HONNETH, 2009, p. 187).

Nesse momento da consolidação da relação ética intersubjetiva, já se percebe que Alfa e Ômega conseguem se reconhecer mutuamente em seus direitos tanto enquanto estão na escola, quanto na sociedade. Há uma construção da identidade social no âmbito jurídico. Porém ainda deve se atentar para o fato de que, quando a lei universal é a lei de todos os corações, a consciência que quer permanecer contrária à lei universal e evitar sua destruição, acaba projetando

Para fora de si a perversão que é ela mesma, e se esforça por considerá-la e exprimi-la como um Outro. Então, a consciência denuncia a ordem universal como uma perversão da lei do coração e da sua felicidade. Perversão inventada e exercida por sacerdotes fanáticos, por tiranos devassos com a ajuda de seus serviçais, que humilhando e oprimindo procuram ressarcir-se de sua própria humilhação. Em seu desvario, a consciência denuncia a *individualidade* como fonte de seu desvario e perversão; mas uma individualidade *alheia e contingente*. Porém, o coração, ou seja, a *singularidade* - que *pretende ser imediatamente universal* - da *consciência*, é a fonte mesma desse desvario e perversão. (HEGEL, 2008, p. 265).

Esse fragmento traz a ideia de que aquelas pessoas que são preconceituosas e que não querem ver que o outro, mesmo sendo diferente, é tão igual a si, culpa a lei do coração; culpa o indivíduo por sua diferença. Acaba projetando sobre o outro a sua própria perversidade e, assim, oprime a essência do outro. Exclui o outro para fazer com que a sua lei,

a lei do seu coração, somente, seja e continue a ser eleita como lei universal, e não a lei de todos os corações, de todas as pessoas.

Esse é o caso de Oxigênio, Flúor, Ouro, Prata, Tálíio e Túlio. Esses colaboradores, quando não acolhem o colega, parecem ter uma consciência que é contrária à lei universal. E, nesse momento, eles percebem que possuem essa consciência. Então, como diz Hegel, projetam para além de si a ideia negativa que têm acerca dos homossexuais. Culpam o homossexual por ter sentimentos homoafetivos. Oprimem-no dentro da escola e até mesmo na sociedade, para esconder e promover a sua própria homofobia. Assim, Oxigênio, Flúor, Ouro, Prata, Tálíio e Túlio violentam o colega homossexual. Isso pode ser visto nas respostas para as questões 3.A e 3.B:

Questão 3.A: *Com respeito.* (Oxigênio).

Questão 3.B: *Eu não ia.* (Oxigênio).

Questão 3.A: *Não. Porque o sexo dele não me agrada.* (Flúor).

Questão 3.B: *Não. Porque é muito viadinho.* (Flúor).

Questão 3.A: *Respeito. Deve-se respeitar a todos, mas os outros também deveriam se dar o respeito.* (Ouro).

Questão 3.B: *Não. Porque homem deve gostar de mulher e mulher de homem.* (Ouro).

Questão 3.A: *Depende se ele for muito extravagante eu acho melhor me afastar, para não ter que brigar com ele.* (Prata).

Questão 3.B: *Não. Porque eu não gosto muito de homossexuais.* (Prata).

Questão 3.A: *Devemos ter respeito com todos, mesmo não gostando do modo de ser de cada um.* (Tálíio).

Questão 3.B: *Não sei, depende. Conheço alguns gays, mas procuro não ser muito próxima.* (Tálíio).

Questão 3.A: *Sim. Pois nem todas as pessoas pensam da mesma forma e da mesma maneira que eu gostaria de ser respeitado, acredito que as outras pessoas gostariam que eu as respeitasse.* (Túlio).

Questão 3.B: *Não. Acho que não.* (Túlio).

Dessa forma, esta lei não consegue se consolidar em uma relação ética com o parceiro de interação. Nas palavras de Hegel (2008, p. 266), pode-se adicionar que

Na resistência que a lei de um coração encontra na lei dos outros singulares, a ordem universal demonstra ser a lei de todos os corações. As leis vigentes são defendidas contra a lei de um indivíduo, porque não são uma necessidade morta e vazia, carente de consciência, e sim a universalidade e a substância espirituais.

Transpondo-se tais ideias para o ambiente escolar, bem como analisando-se o conflito homofóbico entre Alfa e Ômega perante ao exposto até agora, verifica-se que se Alfa optar por permanecer contrário à lei universal, que agora é acolher todas as diferenças, ele

permanecerá na obscuridade da relação intersubjetiva que tenta construir com Ômega. Porém, para que nenhum outro colega de Alfa perceba que, dentro dele, há este pensamento contrário a então lei universal, ele culpa Ômega. Culpa Ômega ao prolar que ele, por ser homossexual, é que é o perverso; quando, em realidade, quem é perverso, é aquele aluno que humilha seu colega, que o maltrata apenas para esconder a sua mesma humilhação por ter optado pela sua própria lei, e não pela lei universal, sabedor de que é a sua lei a perversa e não a lei que inclui qualquer diferença. É o caso dos alunos que não acolheriam o colega que tivesse sentimentos homoafetivos. É por tais motivos que Alfa, se continuar assim, não conseguirá reconhecer e nem ser reconhecido por Ômega. Aduz-se isso, posto que Alfa vê Ômega como um “forasteiro”, pelo fato de Ômega ser homossexual, portanto, desconhecido de Alfa. Em outras palavras, por Alfa não conseguir construir essa relação ética, ele nega Ômega, tratando-o como um desconhecido, um “forasteiro”. Então, pode-se dizer que a homossexualidade de Ômega causa em Alfa

O medo do desconhecido, mesmo se subliminar, busca desesperadamente escoadouros confiáveis. As ansiedades acumuladas tendem a ser descarregada sobre os ‘forasteiros’, eleitos para exemplificar a ‘estranheza’, a falta de familiaridade, a opacidade do ambiente de vida, a imprecisão do risco e da ameaça em si. Quando se expulsa das casas e das lojas uma categoria selecionada de ‘forasteiro’, o fantasma atemorizante da incerteza é exorcizado por algum tempo – queima-se simbolicamente o monstro assustador da insegurança [...], o estranho é, por definição, um agente movido por intenções que na melhor das hipóteses se poderia adivinhar, mas nunca saber com certeza. O estranho é a variável desconhecida em todas as equações calculadas quanto se tomam decisões sobre o que fazer e como se comportar. E assim, mesmo que não se tornem objetos de agressão ostensiva nem sejam aberta e ativamente ofendidos, a presença de estranhos dentro do campo de ação permanece desconfortável, na medida em que dificulta a tarefa de predizer os efeitos do procedimento e suas chances de sucesso ou fracasso. (BAUMAN, 2004, p. 129-130).

Diante da ideia de Bauman (2004), pode-se dizer que Ômega é visto, em Beta, por Alfa, como um estranho, um desconhecido e, que mesmo estando na escola, ali não deveria estar. Alfa o vê como uma ameaça para si, algo que, portanto, deve ser excluído de seu convívio.

Para ilustrar e trabalhar com essa ideia, trazem-se as respostas de Háfnio, Molibdênio, Cobre, Tungstênio e Irídio. Esses alunos, mesmo incluindo e sendo amigos de colegas homossexuais, expressaram que sempre sentiriam alguma desconfiança em relação a eles. Essa desconfiança parece que provém das ideias da certeza sensível, bem como da falta de conhecimento do que realmente seria a homoafetividade. Isto é, como parece que os alunos citados não têm o devido conhecimento e, como consequência, o reconhecimento da homossexualidade, acabam tratando o colega como um desconhecido. Nesse momento, como

o colega é diverso de si, prevalece o medo, ele é visto como um estranho, e isso causa um desconforto nos referidos colaboradores da pesquisa:

Questão 3.A: *Todos devem ter respeito aos outros, ser solidário, não precisa necessariamente ser amigo, mas também não precisa tratar mal.* (Háfnio).

Questão 3.B: *Inclui. Incluiria, mas ficaria com um pé na frente e outro atrás.* (Háfnio).

Questão 3.A: *Relacionamento, acho que a turma tem que ser unida, com amizades boas, mas se o indivíduo não aceita, 'to nem aí', um não faz diferença, e para mim cada um faz o que quer, desde que não prejudique a mim, porque não farei nada à ninguém.* (Molibdênio).

Questão 3.B: *Sim. Amizade sim, mas com um pé atrás, porque não gosto de homossexualismo, mas não faria nada contra, porque não tenho o direito de prejudicar ninguém e ninguém a mim.* (Molibdênio).

Questão 3.A: *Eu acho que as pessoas devem se respeitar, mesmo que não goste da pessoa e cada um deve respeitar o modo de ser da pessoa, porque ninguém é igual e todos temos um lugar no mundo, seja qual for a sua sexualidade.* (Cobre).

Questão 3.B: *Na sala de aula assim, fora não, porque acho que eu não tenho obrigação de ser amigo fora da sala de aula, mesmo porque é muito sei lá, não dá para conviver, convidar pessoas assim para ir na sua casa.* (Cobre).

Questão 3.A: *Acho importante porque se fosse comigo eu não iria gostar. Deveriam ter mais respeito, carinho.* (Tungstênio).

Questão 3.B: *Colocaria um menino, mas menina, não.* (Tungstênio).

Questão 3.A: *Deve acontecer com respeito acima de tudo, eu acho importante que aja respeito, porque cada um tem seus direitos de fazer suas escolhas.* (Iridio).

Questão 3.B: *Não. Até posso respeitar e não discriminar porque não acho certo, mas não conseguiria conviver com uma pessoa assim.* (Iridio).

Verifica-se, pelas palavras desses colaboradores, que há preconceito contra os homossexuais, afinal, quando dizem que “*ficariam com um pé atrás*”, ou que somente iria “*conviver na escola, mas fora da escola não incluiria o colega*”, ou então, segregar pessoas por sexo (se feminino ou masculino), demonstra comportamento homofóbico e, isso, no entendimento de Celich (2011, p. 31-32),

Ilustra a maneira como os homossexuais [...] são vistos pela grande maioria da sociedade. Eles representam o ‘desconhecido’, o ‘forasteiro’, o ‘estranho’. E, então, por esse motivo – que não é justificável – muitos indivíduos se veem afrontados por pessoas que amam outras do mesmo sexo e que consideram que eles proporcionam um risco e uma ameaça para si. É em razão disso que ocorre a tal insegurança a que Bauman (2004) se refere. Na verdade é uma insegurança que muitos homofóbicos têm frente ao desconhecido. Ou seja, como a homossexualidade/homossexual é o diferente para eles, torna-se o estranho, o desconhecido. E, por se tornar o ‘forasteiro’, há quem agrida o homossexual ou a homossexualidade. Mas tal agressão não provém de alguém ser gay, mas sim porque o que agride sente-se agredido em si próprio, pois ele carrega, em seu inconsciente, o medo de ser aquilo que ele tanto despreza, isto é, ‘eu não concedo direitos iguais aos homossexuais [...] pois tenho medo de ser um deles. Então prefiro agredir.’ Explicando melhor: tal indivíduo tem medo do desconhecido que existe dentro de si mesmo, então ele agride, condena um homossexual para condenar a si próprio. Para que o ‘forasteiro’

que vive dentro de si não se manifeste, não encontre a si mesmo, não encontre a sua própria natureza [...], aquilo que tanto despreza.

Diante disso, é possível retirar a ideia de que muitos homossexuais, assim como Ômega, sofrem discriminações porque são considerados forasteiros, estranhos e, principalmente, um ser desconhecido para Alfa, por exemplo. Entretanto, já que se fala em lei universal, que seria a lei de todos os corações, percebe-se que, se Alfa continuar desconhecendo Ômega, ou tendo-o como forasteiro, ele jamais irá encontrar a lei universal, ou melhor, a lei do coração de Alfa jamais será lei universal. Aduz-se isso visto que, quando Alfa exclui Ômega, ele, em verdade, está se excluindo a si mesmo. Alfa faz isso, pois sabe, tem a intuição que necessita modificar seu pensar, para que aceite todas as pessoas, independente de como elas sejam. Por pressentir que necessita mudar seu pensar, Alfa prefere agredir, prefere não incluir Ômega, exclui-o do convívio, não o convida para ir à casa somente porque é homossexual, conforme disse Cobre, entre outros apontamentos. Entretanto, se Alfa quiser ser reconhecido por Ômega, para poder consolidar a relação de comunicação que há entre eles, deverá procurar pela lei universal (lei de todos os corações). Porém, quando se alcançar a lei de todos os corações, deve-se atentar para o fato de que esta lei não se torne, futuramente, a lei de alguns ou de um só coração, pois Hegel (2008, p. 267) preocupa-se que

A consciência, que estabelece a lei de seu coração, experimenta assim resistência da parte dos outros, pois tal lei contradiz as leis *igualmente singulares* de seus corações. Na sua resistência, nada mais fazem que estabelecer suas próprias leis e fazê-las vigorar. O *universal*, que está presente, é portanto apenas uma resistência universal, uma luta de todos contra todos, em que cada um faz valer sua singularidade própria, mas ao mesmo tempo não chega lá, porque sua singularidade experimenta a mesma resistência e por sua vez é dissolvida pelas outras individualidades. O que parece ser *ordem pública* é assim essa beligerância geral, em que cada um arranca o que pode, exerce a justiça sobre a singularidade dos outros, consolida sua própria singularidade que igualmente desvanece por obra dos outros. Essa ordem é o curso do mundo, aparência de uma marcha constante, mas que é somente uma universalidade ‘visada’, e cujo conteúdo é antes o jogo inessencial da consolidação das singularidades e da sua dissolução.

Isso quer dizer que, como a lei de um coração enfrentou resistência pela lei de outros corações, esta também poderá ter resistência se quiser que somente sua lei vigore. Assim, o que pode ser feito é cuidar para que ambas as leis, mesmo opostas, encontrem um caminho e que este seja conjunto e igual para elas. Caso contrário, sempre uma lei vai desvanecer-se na outra e isso se tornará um ciclo, no qual uma vai prevalecer até que a outra a derrube. Em outras palavras, se alguns alunos, como Oxigênio, Flúor, Ouro, Prata, Boro, Selênio, Bromo, Tungstênio, entre outros, continuarem a excluir o colega homossexual, a lei criada por eles não irá ter prevalência, posto que não é uma lei universal. Sempre haverá uma lei que virá e incluirá as diferenças, derrubando, assim, a lei deles. E esses alunos retornarão para a certeza

sensível e lá ficarão, não sendo reconhecidos pelos outros e nem os reconhecendo. Para que seja encontrada a lei universal, é necessário reconhecer-se por mais uma vez, pois,

O que é objeto para a consciência tem a significação de ser o *verdadeiro*. O *verdadeiro é e vale* no sentido de *ser*, e de *valer em si e para si mesmo*: é a *Coisa absoluta* que já não sofre a oposição entre a certeza e a verdade, entre o universal e o singular, entre o fim e sua realidade. Ao contrário, seu ser-aí é a *efetividade* e o *agir* da consciência-de-si; essa Coisa é portanto, a substância *ética*, e sua consciência, consciência *ética*. Seu objeto vale também para ela como o *verdadeiro*, porque reúne a consciência-de-si e o ser em uma unidade. Vale como o *absoluto* pois a consciência-de-si não pode nem quer mais ultrapassar este objeto, porque ali está junto a si mesma: não *pode*, porque ele é todo o seu ser e todo o seu poder; não *quer*, porque ele é o Si ou o querer desse Si. (HEGEL, 2008, p. 293).

Assim, este caminho único que, por ventura, deve abrigar os lados opostos (Alfa e Ômega), como foi exposto, provém do reconhecimento de ambos. Isso acontecerá quando Alfa não fazer como universal somente a lei de seu coração; isto é, precisará acatar também o coração de Ômega. Porém, isso somente ocorrerá quando ambos os sujeitos perceberem que o outro é como a si mesmo, não precisando ultrapassá-lo, nem colocá-lo abaixo de si mesmo, mas ao seu lado como um igual a si; Isto é, Alfa vê a si mesmo em Ômega, e este também se enxerga como igual em Alfa.

5 RECONHECENDO CONCEITOS: BUSCANDO CONSOLIDAÇÕES

Neste momento, será apresentada a maneira como os sujeitos conseguem consolidar a relação na qual fazem parte. No último item deste capítulo, apresenta-se uma atividade para que eles possam dar mais um passo em busca do (re)conhecimento e da formação bem como do fortalecimento de uma identidade social e coletiva.

5.1 A alienação espiritual

Como Alfa conseguiu compreender que é preciso acatar o pensamento de todos os indivíduos, inclusive o de Ômega, é possível falar que Alfa está consolidando sua relação ética com seu parceiro de interação. O espírito, na releitura pós-metafísica, é tido como “as práticas culturais e lingüísticas da comunidade e as estruturas socialmente instituídas de reconhecimento mútuo”. (MELO, 2008, p. 78-79). É possível dizer, portanto, que Honneth (2009) repensa o espírito de maneira que ele esteja ancorado “nas trocas comunicativas que consolidem as esferas de relacionamento recíproco” (MELO, 2008, p. 138-139). O conceito de espírito, nas obras hegelianas, ganha um novo significado: haverá sempre a preocupação pelo reconhecimento intersubjetivo das identidades, dos indivíduos que pertençam a determinados grupos sociais minoritários. Ainda assim, preza por uma formação da sociedade bastante diversificada, ou seja, parece que a identidade de uma sociedade necessita pautar-se pela diferença.

Tendo em vista essa concepção de espírito, tem-se que ele pode ser um povo, um cidadão desse povo e, até mesmo, grupos sociais minoritários, como Ômega. Para melhor esclarecer essa ideia, muitas vezes é pertinente dizer que muitas práticas culturais e até comunicativas da sociedade, do povo, tem

A determinação de ser algo exterior, o negativo da consciência-de-si. Contudo, esse mundo é essência espiritual, é em si a compenetração do ser e da individualidade. Seu ser-aí é a *obra* da consciência-de-si, mas é igualmente uma efetividade imediatamente presente, e estranha a ela; tem um ser peculiar e a consciência-de-si ali não se reconhece. (HEGEL, 2008, p. 336).

Conforme este fragmento, Hegel parece querer mostrar que, muitas vezes, Ômega não se reconhece em um povo, que devido aos costumes e leis vigentes, não o reconhece

enquanto ser merecedor de reconhecimento. É possível aduzir, já transpondo as ideias do filósofo para este trabalho, que o povo pode ser a sociedade em que Alfa e Ômega vivem, como também ser os colegas da escola onde estudam. Se tomar por este aspecto, como a escola, bem como os alunos que nela estudam, como fazem parte de uma sociedade que possui regras, leis e costumes, irão transpor a ideia dessas leis para dentro da escola. Assim, se alguma destas leis societárias excluir um indivíduo que tem sentimentos homoafetivos e, como consequência, evitar de reconhecê-lo, os colegas de Ômega, por exemplo, poderão agir da mesma maneira. Assim, se tomar Alfa como um povo e Ômega como um cidadão deste povo, mas visto em sua particularidade, ele é alienado da convivência com os colegas, posto que estes não o reconhecem. Ômega se aliena deste mundo porque o mundo, a cultura, está alienada dele. Isto é, parece não respeitam suas diferenças e nem as reconhecem. É possível dizer que esta questão da alienação também pode ser uma “alienação da personalidade” (HEGEL, 2008, p. 336) do indivíduo.

Entretanto, neste estágio das trocas comunicativas, da procura em reconhecer a identidade do outro, entre Alfa e Ômega, a alienação se faz importante. Ela permite fazer com que Alfa e Ômega consolidem a sua relação ética intersubjetiva. Porém, isto somente é possível quando o espírito de Alfa e Ômega extrusarem-se de si mesmos, ou seja, saírem de si mesmo e, olhando a situação onde se encontram, de fora de si, poderão captar o conceito e entenderem-se a si próprios.

Nesse momento, cabe trazer, primeiramente as respostas de Tório, Lutécio, Rádio e Itérbio ao que se refere à indagação 2.B. Embora já tenha sido exposta a respostas desses alunos para a questão 2.A, cabe mencionar que é relevante analisar o pensamento deles, pois Alfa começa a entender que qualquer situação de exclusão não faz com que ele reconheça Ômega e, como consequência, não consiga fortalecer a relação intersubjetiva entre eles. Nesse sentido, os referidos colaboradores responderam:

Eu ficaria na minha e agiria normal, mas provavelmente ficaria cabisbaixa, pois ninguém gostaria de ser vitima de discriminação. (Tório).

Eu tentaria conversar e explicar minhas razões, opiniões de ser, pois não gosto de excluir ninguém, portanto, também, não gostaria que me excluísse. (Lutécio).

Não. Porque, cada um deve ter respeito com os outros. (Rádio).

Não gostaria de ser excluída pela sexualidade. Isso não tem nada a ver. Sendo companheira, uma pessoa que me daria bem. (Itérbio).

Além desses colaboradores, é necessário trabalhar com outros sete alunos, que demonstraram o que é necessário para analisar o ato de Alfa extrusar-se de si e olhar Ômega a partir dele mesmo. Alfa percebe como gostaria de ser tratado. Olhando-se para as respostas de Tório, Lutécio, Rádio e Itérbio, percebe-se que nenhum deles gostaria de ser excluído e

vitimado pela discriminação por sua orientação sexual. A partir disso, Alfa passa a defender Ômega, pois consegue perceber que há muitas outras consciências-de-si e, que cada uma delas possui a sua singularidade. Além de ver a defesa que Alfa realiza para Ômega, é preciso conhecer as respostas dos outros sete colaboradores ao que tange à indagação 2.B:

Não sei qual seria a minha reação se me fecharia ou viveria normal. Acho que só quem vive sabe. (Rubídio).

Tentaria ignorar, pois ninguém tem nada a ver com minha vida. Por causa disso eu não precisaria ser excluído. (Zinco).

Não sei como agiria, mas claro que não gostaria de ser excluída. (Érbio).

Eu iria bater neles, eu não gostaria de ser discriminado. (Germânio).

Não gostaria. Mas ser homossexual no Brasil tem que ser corajoso devido às discriminações. (Cobalto).

Eu iria ficar muito chateado, pois todos temos que ter pelo menos um pouco de consideração e respeitar as escolhas dos outros. (Térbio).

Eu viveria minha vida normalmente, mas ficaria muito magoada se fosse excluída e/ou discriminada. (Xenônio).

Visto essas respostas, cabe expor o que esses mesmos colaboradores expuseram na indagação 2.A. Nessa pergunta, conforme as respostas dos alunos, percebe-se que, pelo fato de conseguirem colocar-se no lugar do parceiro de interação, passam a defendê-lo:

Defenderia sempre, porque não é justo, é a mesma coisa que gritar, bater em uma mulher, quem faz isso é covarde. (Rubídio).

Eu tentaria pedir ajuda a quem entende do assunto, que poderia ajudar a solucionar o problema. (Zinco).

Se eu visse que a pessoa estava sendo humilhada, tentaria ajudar. (Érbio).

Eu iria dizer para os outros colegas deixarem ele quieto. (Germânio).

Iria denunciar as pessoas que estavam o discriminando. (Cobalto).

Eu iria defender, pois não aguento discriminação. (Térbio).

Defenderia ele, pelo menos pediria para os que não aceitam (ninguém é obrigado a aceitar), pelo menos não discriminar. (Xenônio).

Além desses, é necessário trazer o questionário de Platina. Platina é estudante do segundo ano do Ensino Médio, é do sexo feminino, tem 17 anos e é do nível socioeconômico médio. Para a indagação 2.A, ela respondeu que “*tentaria ajudar, porque não acho certo uma pessoa sofrer discriminação por isso*”.

Parece que quando Alfa faz o exercício de se extrusar de si mesmo, ele consegue perceber que há muitas outras consciências-de-si e que cada uma possui as suas peculiaridades. Alfa tem a noção que há uma cultura, um costume vigente e que estes, muitas vezes, não correspondem ao coração, à essência do indivíduo. Quando Alfa alcança este momento, ele percebe que o costume, a lei vigente, exclui aquele indivíduo que é diferente. E,

nesta exclusão, Alfa nota que esta lei que marginaliza Ômega, por exemplo, não pode continuar vigendo, afinal, nenhuma lei pode excluir a essência de alguém, assim como não pode enquadrar um indivíduo dentro de um padrão que não corresponda ao que ele realmente seja. Alfa começa a consolidar sua relação ética com Ômega, pois nota que quando o exclui por ser homossexual, tenta enquadrar Ômega em um padrão que exclui a sua identidade. Desta forma, Alfa e Ômega tentam buscar o reconhecimento.

5.2 O encontro do conceito através das potências do bem e do mal

Conforme mencionado no item anterior, para Alfa e Ômega reconhecerem-se mutuamente e consolidarem a relação ética que formavam, eles necessitam alienarem-se de si mesmos. Quando realizam este exercício, Alfa começa a perceber que estava equivocado em excluir seu colega, e Ômega passa a se sentir reconhecido pelo outro, reconhecendo-o também. Assim, Alfa conseguiu alcançar a consciência de que percebe seu erro. Ao fazer isso, surge, para Alfa, duas potências espirituais: o bem e o mal. Estas potências são reconhecidas pela consciência-de-si e passam a julgar, pois a

Consciência-de-si é, além disso, a relação do pensado com a essência objetiva: é essencialmente o *juízo*. Na verdade, para os dois lados da essência efetiva, já resultou através de suas determinações qual é o bom e qual é o mau. [...] contudo, esse primeiro juízo não pode ser considerado um juízo espiritual, pois nele um lado se determinou somente como o em-si-essente ou o positivo, e o outro só como o para-si-essente, e o negativo. (HEGEL, 2008, p. 344).

Portanto, mesmo que Alfa se extruse de si mesmo, ele parece carregar e fazer um bom ou um mal juízo acerca daquilo que ele tem como conceito até o momento. Porém, Hegel alerta que fazer juízo não significa que ele seja correto e muito menos que seja um juízo que, na reatualização de Honneth (2009), sirva para que a relação intersubjetiva entre Alfa e Ômega venha a se consolidar cada vez mais para haver o reconhecimento recíproco. Entende-se que quando o sujeito julga, ele realiza um juízo bom, avaliando aquilo que seu parceiro de interação tem de igual a si. E acha mal aquilo que ele tem de contrário a si. Nas palavras de Hegel (2008, p. 344-345),

Para a consciência-de-si é bom e em si aquele [...] [outro] no qual encontra a si mesmo; e mau, [...] [sujeito] em que encontra o contrário de si. O *bem* é a *igualdade* da realidade objetiva com ela; o *mal*, porém, é sua *desigualdade*. Ao mesmo tempo, o que é bom e mau *para ela*, é bom e mau em si; pois a consciência é justamente aquilo em que os dois momentos do *ser-em-si* e do *ser-para-si* são o mesmo: - ela é o espírito efetivo das essências objetivas, e o juízo é a demonstração de seu poder sobre elas, que faz delas o que são *em si*.

Pensando dessa maneira e colocando essas ideias para o caso fictício inicialmente apresentado, percebe-se que somente o que é igual a Alfa é o correto, o bom e o que é diferente dele é desigual, mal ou incorreto. Esse é o caso de Carbono, Cloro, Flúor, pois aduziram, na indagação 1.A, que já foi exposta para esses alunos, que a homoafetividade seria errado, anormal, entre outras características pejorativas. Pode-se entender, assim, que as trocas comunicativas e a formação de uma identidade que acolha as diferenças entre os sujeitos não se consolidaram. Os sujeitos não conseguem transcender a si mesmos e nem retornarem para si mesmos como seres mais compreensivos e reconhedores das diferenças. Parece, portanto, que, neste momento, “a relação que *encontra-igualdade* da consciência é o bem; a que *encontra-desigualdade*, é o mal; e essas duas modalidades da relação devem ser retidas, daqui em diante, como *figuras diversas da consciência*”. (HEGEL, 2008, p. 346). De outro modo, Alfa vê Ômega como desigual, por ser diverso de si. E, por vê-lo como seu desigual, tem-no como mal. Portanto, Alfa ainda permanece com uma visão preconceituosa de Ômega por reconhecer, em sua consciência-de-si, as duas potências já antes mencionadas.

Quando Alfa encontra-se nesta alienação, ele parece que deve procurar o retorno para si, procurar reconhecer Ômega como a si mesmo. Para isso, portanto, ele realiza um sacrifício, no qual

Ele se abandona tão completamente como na morte, porém mantendo-se igualmente nessa extrusão: assim se torna efetivo como o que é em si, como unidade idêntica a si mesmo, e de si como o oposto. (HEGEL, 2008, p. 350).

Hegel (2008, p. 350) alerta para o fato de que essa alienação encontra-se na linguagem, nas trocas comunicativas entre os sujeitos, bem como nos próprios conflitos. Diga-se linguagem, pois esta é a maneira que os indivíduos fazem para se expressar, para mostrar quem são e como são. A linguagem enquanto “força do falar como um [falar] tal que desempenha o que é para desempenhar”, leva ao reconhecimento do outro. Isto é, parece que levará ao reconhecimento da identidade dos sujeitos implicados na relação ética. Assim, a “linguagem é o *ser-aí* do puro Si, como Si; pela linguagem entra na existência a *singularidade para si essente* da consciência-de-si”. (HEGEL, 2008, p. 350). Cabe mencionar que a singularidade expressa acima, no entender de Hegel, é o ser reconhecido.

Se através da linguagem, da comunicação, bem como essas trocas comunicativas e do conflito, é possível reconhecer um indivíduo em sua essência, pode-se aduzir que “a linguagem contém o Eu em sua pureza; só expressa o *Eu*, o Eu mesmo. Esse *ser-aí* do Eu é, como *ser-aí*, uma objetividade que contém a verdadeira natureza dele. O *Eu* é *este Eu*, mas é igualmente o *Eu universal*”. (HEGEL, 2008, p. 351). Dessa maneira, o parceiro de interação de Alfa que se expressa e mostra a sua essência, ele também é escutado. Quando ele é ouvido,

o outro ser (Alfa, para este trabalho), que está alienado, consegue retornar para si, posto que conseguiu reconhecer seu parceiro tal como ele é, ou seja, um igual para si. Pode-se afirmar que “ser *escutado* [...] *expira* imediatamente seu *ser-aí* mesmo: esse seu ser-outro retornou a si, e justamente isso é seu ser-aí como [um] *agora* consciente-de-si”. (HEGEL, 2008, p. 351). Nesse sentido, por causa da alienação, o “espírito entra no ser-aí como espiritualidade”. (HEGEL, 2008, p. 351). Alfa começa a ver Ômega de outra maneira. Passa a ver seu parceiro de interação como alguém diverso de si, mas que é igual a si ao mesmo tempo. Nessa igualdade e diferença Alfa, através dos colaboradores Promécio, Cúrio, Césio, Neptúnio e Escândio, passa a perceber que Ômega, ao que se refere à indagação 1.A, é:

Eu não sou contra, os seres humanos que decidem sobre sua vida. (Promécio).

Não tenho nada contra, cada um escolhe sua vida sexual. (Cúrio).

Não tenho nada contra, respeitaria a opção de cada um, também não teria motivos para não ser amigo(a) de uma pessoa homossexual. (Neptúnio).

Acho que é uma questão de cada pessoa, pois na maioria das vezes, as pessoas já nascem com isso e não tenho preconceito quanto a isso. (Césio).

Eu não sou contra os homossexuais, porque eu acho que cada um tem que saber o que faz e de que sexo gosta. (Escândio).

Pode-se dizer que,

O espírito é, [...], o meio-termo, que pressupõe aqueles extremos, e é produzido pelo ser-aí deles; mas é igualmente o todo espiritual que irrompe entre os extremos, que neles se fraciona, e só através desse contato produz cada um deles para [formarem] o todo em seu princípio. O fato de que os dois extremos já estejam *em si* supressumidos e dissociados faz surgir sua unidade, a qual é o movimento que conclui os dois conjuntamente, permutando suas determinações, e na verdade concluindo-se juntas *em cada extremo*. Essa mediação põe assim o *conceito* de cada um dos dois extremos em sua efetividade, ou seja, eleva ao seu *espírito* o que cada um é *em si*. (HEGEL, 2008, p. 352).

Ou seja, para haver o reconhecimento, é preciso que haja diálogo, trocas comunicativas entre os sujeitos a partir de um conflito social, em que cada um possa compreender e reconhecer o outro da maneira que é; o espírito acaba sendo esse processo. Também se pode dizer que ele é a busca pela consolidação da identidade de uma sociedade, em que todos os grupos sociais são acolhidos e reconhecidos. Para Hegel, já que o espírito é essa unidade de extremos, é um movimento que procura unir opostos. Para Honneth (2009), na reatualização que faz do primeiro filósofo, são as trocas comunicativas entre os sujeitos a buscar por uma identidade ou o reconhecimento de todas as identidades sociais. Daí se falar

que essa comunicação leva ao reconhecimento intersubjetivo, e isto nada mais é do que a integração dos opostos.

Neste momento de sua evolução, Alfa consegue encontrar uma espécie de “conceito”. O que não significa que é o que Ômega realmente é e, como consequência, o que a homossexualidade é. Porém, este conceito é “precisamente esse movimento de passar ao seu contrário”. (HEGEL, 2008, p. 354). Dessa forma, elencaram-se os colaboradores que, ao se colocarem no lugar do parceiro de interação não gostariam de serem excluídos por sua orientação sexual. Isso se torna importante para entender e resolver os conflitos, pois cada pessoa consegue olhar a situação conflituosa a partir do ponto de vista do outro colega. Com isso, é possível mudar o pensamento e reconhecer o outro. Para analisar a importância de entender o outro, tem-se a resposta de Gálio à pergunta 2.B. A aluna percebe essa relevância de visualizar como o parceiro de interação se sente e, a partir disso, formula sua resposta: *“Acho que só estando em uma situação assim para ter uma resposta exata. Mas eu tentaria ser amiga de todos e não gostaria de ser excluída”*.

A partir disso, é necessário trabalhar com as respostas de Plutônio, Promécio e Magnésio. Plutônio é do sexo masculino, estuda no terceiro ano do Ensino Médio, tem 20 anos e é do nível socioeconômico médio. Esses alunos conseguem visualizar-se na situação do colega que sofre a discriminação. A partir disso, criam a condição para que o conceito seja encontrado e compreendido. Dizem eles para a questão 2.B:

Eu não gostaria de ser excluído. (Promécio).

Eles devem me aceitar do jeito que sou. (Plutônio).

Não gostaria de ser excluída, porque ninguém é perfeito. Ficaria muito triste com a falta de respeito. (Magnésio).

Por meio disso, aprende-se que

O ser-para-si tem seu ser-para-si por objeto, como algo simplesmente Outro; e ao mesmo tempo, de modo igualmente imediato, como si mesmo; [tem por objeto a] si como um Outro, não que esse tenha um outro conteúdo, mas o conteúdo é o mesmo Si na forma de absoluta oposição, e de um ser-aí indiferente completamente próprio. Assim está aqui presente o espírito [...] consciente de si em sua verdade e [consciente] de seu conceito. (HEGEL, 2008, p. 359).

No momento em que Alfa passa ao seu contrário e retorna para si, já reconhecendo o outro, ele adquire o conceito. Porém, é necessário aduzir que Alfa também se vê na relação intersubjetiva como o outro. Ele se vê como Ômega e, nesse sentido, surge uma oposição dentro de si. Esta oposição consiste no abandono dos antigos padrões colocados na

consciência de Alfa, enquanto ele era um ser influenciado pela certeza sensível. Em outras palavras, ele parece que deixa para trás os seus pré-conceitos. Neste estágio de sua evolução, é capaz de reconhecer e de saber o que é bom e mal realmente, pois “os *pensamentos* dessas essências, do *bem* e do *mal*, invertem-se também nesse movimento: o que é determinado como bom, é mau; o que é determinado como mau, é bom”. (HEGEL, 2008, p. 359).

Como este trabalho tem por objetivo encontrar uma solução para os conflitos homofóbicos que, na escola, ocorrem com base na teoria do reconhecimento, encontra-se na ideia de potências de bem e mal um momento em que pode haver o reconhecimento de que os homossexuais são indivíduos como quaisquer outros. Isso provém desde a linguagem. Menciona-se que o conflito homofóbico, se bem trabalhado, proporciona trocas comunicativas entre os sujeitos da relação ética, no sentido do reconhecimento do outro, do reconhecimento da identidade do outro, pois quando Ômega se expressa ele se utiliza da linguagem. Esta pode ser a fala, um gesto, um comportamento ou a palavra escrita. Ao fazer isso, há a troca comunicativa entre ele e Alfa. Portanto, neste momento, se o professor permite que o aluno se expresse e mostre a sua essência, Alfa, que já sofreu a alienação do espírito, consegue escutar e dialogar, sem conflitar, com Ômega. Quando Alfa realiza este momento, consegue ser consciência-de-si e, como consequência, encontra o conceito. Isso ocorre no momento em que o bem e o mal são invertidos no movimento de Alfa passar para o seu oposto. Tudo aquilo que era considerado mal passa a ser bom, ou seja, se Alfa possui a ideia de que Ômega era perverso, doente, sem-vergonha, ele passa a deixar de lado este conceito e consegue ver que a homoafetividade é tão igual quanto a heteroafetividade. Do contrário, portanto, por Alfa achar que a homossexualidade teria mesmo as características negativas expostas acima, ele tinha um preconceito acerca da homoafetividade e dos homossexuais. E, assim, achava seu pensamento correto e, portanto, bom. Alfa não tinha consciência de que este seu pensar se constituía em preconceito.

Entretanto, como na passagem para os opostos há a inversão destes opostos – aquilo que é bom passa a ser mal, e aquilo que é mal passa a ser bom –, o sujeito que possuía o preconceito e que achava que era bom, vê, neste momento o preconceito como algo mal. Esse é o caso de Mercúrio e Disprósio, ao que se refere à indagação 2.B:

Acho que pessoas que pensam dessa forma, são atrasadas em relação ao mundo e é algo ridículo para o mundo em que vivemos. (Mercúrio)

A sociedade é muito chata, pensam que todos precisam ser iguais, mas eu não concordo. (Disprósio).

Alfa somente consegue ter esse pensamento porque, anteriormente, ele passou a ver que as características negativas imputados aos homossexuais não correspondiam à essência do que realmente é a homossexualidade. Sabendo que a homossexualidade e os homossexuais não possuem as características negativas que Alfa lhe imputou, ele percebe que quem as tem como certa é alguém que não conseguiu dialogar com seu parceiro de interação. Isto é, não conseguiu realizar as trocas comunicativas com ele, conforme propôs Honneth (2009). Assim não alcança o reconhecimento e nem a compreensão do que é diverso de si. Por esses motivos é que Alfa passa a entender que o preconceito seria algo que não encontra constituição.

Como Alfa consegue, na passagem para o oposto, reconhecer que o seu anterior pensar constituía-se em preconceito, ele percebe que, em verdade, isso é que é o mal. Alfa nota que ter preconceito e agir com preconceito contra Ômega representa o mal. Ele transfere sua essência para o seu parceiro de interação, mas ela se torna Si e perece. Nas palavras de Hegel (2008, p. 368), é possível dizer que esta essência transfere-se

No ser para Outro: sua igualdade-consigo-mesma se torna a essência absoluta efetiva que se sacrifica: torna-se o Si, mas o Si precívél. Por isso [...] o retorno desse Si alienado [...] à sua simplicidade.

Desta forma, é que o espírito está realmente presente. Em outras palavras, há diálogo e comunicação entre os sujeitos; existe a busca para se consolidar a relação ética, a identidade diversificada de um povo. Assim, Alfa, ao passar por este movimento e retornar para si, consegue construir uma ideia própria, pois ele consegue pensar e refletir sobre Ômega e seu próprio pensamento e, portanto, dialogar com ele. Ao ocorrer isso, a escola estará cumprindo realmente o seu papel de educar. Ela estará trabalhando em prol de procurar solucionar os conflitos que ocorrem em seu interior. Parece que, se os professores procurarem trabalhar com seus alunos através do diálogo, com conversas e questionamentos sobre a homoafetividade/homossexualidade, eles estarão colaborando para que a sociedade e a sua comunidade acolha e respeite a diversidade. Uma possibilidade para que isso aconteça é utilizar da teoria do reconhecimento para solucionar os conflitos, pois ela permite que entre os alunos haja diálogo e trocas comunicativas. Além disso, os alunos podem pensar sobre sua ação e, como consequência, compreender melhor seu(s) colega(s). Neste momento, fala-se em inteligência. Antes de adentrar no próximo item, é importante analisar a reflexão que Alfa, enquanto é Plutônio, Disprósio, Ytrio, Argônio, Lítio, Tório, Rubídio, Urânio e Ósmio, realiza. Para isso foi considerado o que esses colaboradores responderam na questão 4, afinal, ele se preocupa com a importância da reflexão acerca de sua própria ação, bem como do próprio pensamento.

Antes de adentrar em suas respostas ao que se refere à quarta indagação, cabe mencionar que nenhum desses alunos disse achar a homoafetividade algo doentio ou pecador, entre outras características da certeza sensível. Isso pode ser percebido nas respostas da pergunta 1.A de Argônio, Lítio, Tório, Urânio e Ósmio, que já foram expostas nesse trabalho. Ao que se refere aos outros colaboradores, tem-se que expor que eles seguem o mesmo pensamento. Por exemplo, Rubídio aduz que “*Eu não tenho nenhuma forma de preconceito, eles são mais carinhosos, não são agressivos*”. No entendimento de Plutônio, os homossexuais “*têm direito de seguir suas escolhas*”. Disprósio entende que “*cada um faz da sua vida o que bem entende. Ninguém tem nada a ver com a vida dos outros*”. Já Ytrio fala que “*a homossexualidade é de cada um. O importante é que a pessoa se sinta bem*”.

Tomando por base tais respostas, é importante fazer uma indagação: de onde provém esse pensamento que os alunos escreveram na indagação 1.A? Como resposta, tem-se que olhar para a pergunta 1.B. Embora haja alunos que responderam que o pensamento proveio, por exemplo,

Na escola, pois aprendemos desde o início que, independentemente da cor, jeito [...] somos todos iguais. (Argônio).

Eu aprendi com muitas conversas, com os professores, meus pais e meus amigos. (Disprósio).

Aprendi pela mídia, pelos professores, pelos pais. (Lítio).

Outros colaboradores aduziram que aprenderam através de si mesmos, o que seria a reflexão, a troca com o outro, o diálogo, a comunicação. Nesse caso, aparecem os alunos Rubídio, Tório, Plutônio e Ytrio. O primeiro deles afirma que, “*vem de mim mesmo, a minha forma de ver, tenho também familiares homossexuais*”. Ao que tange aos outros colaboradores, assim se expressaram, ao que se refere à pergunta 1.B:

Não aprendi com ninguém. Esse é o meu modo de pensar e respeito o modo de pensar de terceiros. (Tório).

Meu próprio primo é homossexual, tenho uma relação normal como qualquer primo do mesmo sexo. (Plutônio).

Eu mesma formulei a minha opinião. Porque a gente não deve ir atrás do que os outros pensam. Cada um deve ter e sustentar sua própria opinião. (Ytrio).

Tendo por base essas respostas, percebe-se que realmente esses alunos realizaram trocas comunicativas com seu parceiro de interação ou, pelo menos, começaram a fazer isso. Cabe mencionar que, mesmo que alguns deles responderam terem “aprendidos de si mesmos”

o conceito da homoafetividade, os colaboradores, de algum modo, precisaram ter ouvido ou visto alguma ideia a respeito disso. É o que aconteceu com Plutônio e Rubídio, por exemplo. Porém, o que interessa nesse momento é como eles refletiram sobre isso. De que maneira interagiram com o outro para chegarem ao pensamento que formularam acerca da homoafetividade. Para isso, se faz relevante a quarta indagação do questionário. Em resposta a essa pergunta, cada um dos colaboradores mencionados para essa etapa da evolução de Alfa escreveu que já pensou e concluiu que seu pensamento em relação à homoafetividade não estaria equivocado. De fato, eles estão corretos, por suas próprias justificativas, como se pode perceber:

Já procurei refletir, acho que não estou com meu pensamento equivocado. Respeitar os outros é o mínimo que as pessoas deveriam fazer. (Lítio).

Acho que estou certo, porque não tenho preconceito com as pessoas diferentes que eu. (Ósmio).

Eu acho que meu pensamento não é equivocado, porque eu aceito a homossexualidade de uma maneira bastante normal e acho que se fosse eu ter essa orientação sexual também não iria gostar de ser excluída da sociedade por causa disso. (Urânio).

Já. Porque as pessoas ao meu redor são preconceituosas. Aí pensei: será que eu não estaria errada? E eu estava. Do meu ponto de vista isso é coisa de gente ignorante. (Rubídio).

Acho que penso certo. Se todos pensassem assim, o mundo com certeza melhorará. (Tório).

Ele não está equivocado. Porque penso que se aceitam qualquer pessoa pelo que ela é, vão aceitar qualquer uma. (Plutônio).

Meu pensamento é correto, porque não adianta discriminar os outros, ninguém está livre de ter um(a) filho(a) ou pessoa bem próxima homossexual. (Ytrio).

Já parei para pensar sim. E acho que penso certo, pois não precisa existir discriminação. (Disprósio).

Não está equivocado. Porque não seria justo com eles, discriminá-los e para que chegássemos à essa conclusão tivemos que refletir muito. (Argônio).

Visto isso, percebe-se que muitos alunos já conseguiram refletir e se comunicar com o parceiro de interação. Já analisaram se a ideia provinda da certeza sensível era correta ou não, entre outras questões. Dessa maneira, no próximo item, será visto como o conceito pode se realizar, utilizando-se da inteligência.

5.3 A confissão

Neste momento do trabalho acerca da solução dos conflitos homofóbicos no ambiente escolar, verificou-se que os alunos possuem capacidade de consolidar a relação

intersubjetiva com seus colegas. Sabem refletir sobre seu pensar e também no que é relevante para haver a já exposta consolidação. Para tanto, é possível falar em inteligência ou, pelo menos, em seu surgimento. Embora Alfa já tenha alcançado o conceito querido até então, que seria o de conhecer seu parceiro de interação na passagem dos opostos, retornando para si e se reconhecendo no outro, ele necessita desta inteligência surgida, para poder realizar este conceito encontrado. Aduz-se que Alfa pode realizar o conceito, uma vez que ele tem consciência que este conceito é “o conceito absoluto, que não tem oposição em um [...] [outro], nem é limitado nele mesmo”. (HEGEL, 2008, p. 370). Traz-se as palavras de Platina ao que se refere à indagação 1.A: “*cada um tem o direito de fazer o que quer e de ser o que quer. Não discrimino. Cada um tem seu gosto*”. O mesmo vale para Cálcio ao que se refere à mesma pergunta: “*cada um é cada um. Cada qual faz o que quiser da sua vida. Se as pessoas são homossexuais, não é problema. Preconceito não leva à nada*”. Mesmo pensamento tem Rutênio, pois diz que “*cada pessoa tem seu gosto, tem o direito de escolher o que desejar*”.

Tomando por base o pensamento de Hegel, pode-se falar em diversidade. Para ele, quando o sujeito faz uso de sua inteligência e consegue refletir sobre sua própria ação, consegue dialogar com o outro, reconhecendo-se em seu parceiro de interação. A diferença passa a ser algo qualitativo, posto que este pensar (reflexão) acaba por eliminar qualquer unilateralidade que possa ser prejudicial para que os sujeitos não fortaleçam sua relação ética. Assim, tendo Alfa se reconhecido em Ômega, há a conservação desse reconhecimento. Desta maneira, a consciência-de-si se dá conta “*desta sua singularidade ou do agir; como inversamente, sua individualidade é aí igual a si mesma e universal*”. (HEGEL, 2008, p. 371).

Como já foi explicitado em outra oportunidade acerca do princípio da igualdade, verifica-se que, neste momento das trocas comunicativas entre os sujeitos, bem como do reconhecimento da identidade dos grupos sociais, ele se faz mais presente ainda, afinal,

A consciência, fazendo-se desse modo igual ao-que-opera, e que é julgado por ela, é reconhecida por esse como lhe sendo idêntica. O que-opera encontra-se não só apreendido por aquela consciência como um estranho e desigual a ela, mas antes acha a consciência igual a ele por sua própria estrutura. Contemplando essa igualdade e *proclamando-a, confessa-se* a ela, e espera igualmente que o Outro, como se colocou de fato no mesmo nível que ela, repita também sua *fala*, exprima nela sua igualdade; e que se produza o ser-aí reconhecido. Sua confissão não é uma humilhação, vexame, aviltamento perante o Outro, uma vez que esse declarar não é a declaração unilateral, pelo qual pusesse sua *desigualdade* com o Outro; ao contrário, a consciência operante só se declara por causa da intuição da igualdade do outro com ela; de sua parte enuncia sua igualdade na confissão, e a enuncia porque a linguagem é o *ser-aí* do espírito como Si imediato. Espera assim, que o Outro contribua com o seu para esse *ser-aí*. (HEGEL, 2008, p. 371 – 372).

De acordo com o fragmento, parece que quando Alfa procura consolidar com Ômega a relação intersubjetiva, reconhecem-se um no outro como a si mesmos. Portanto, Ômega

passa a ser si próprio. Alfa consegue ter a consciência de que Ômega é igual a si mesmo, embora possa ser diverso, mas nunca é desigual. Esse pensamento é exposto por Escândio, Tório, Lítio, Radônio e Gálio ao que se refere à pergunta 3.B. Como se verá em suas respostas, os alunos apontaram, mesmo sem terem escrito com as palavras, que é importante preservar a igualdade entre os membros da sociedade. Para isso, eles disseram ser relevante acolher as diferenças. Com isso, indiretamente, não deixariam de incluir um colega que tivesse sentimentos homoafetivos em seu grupo de amizades. Dessa forma, os alunos disseram:

Sim. Não tem porque não incluir. Mesmo ele sendo homossexual, ele é um ser humano. (Tório).

Sim. Porque cada um tem que aceitar as diferenças dos outros. (Escândio).

Sim. Porque as pessoas não são inferiores ou superiores por sua opção sexual. (Neônio).

Percebe-se que a resposta de Neônio é a que mais expressa a questão da igualdade e diversidade. Se há pessoas que têm sentimentos heteroafetivos e outras sentimentos homoafetivos, elas são apenas diferentes, mas isso não faz delas inferiores ou superiores entre si. Apenas são iguais. Tomando por base esse pensamento, isso faz com que os referidos colaboradores acolham o colega homossexual e conseguem reconhecer a diferença no âmbito social. Para isso, também é importante demonstrar as respostas dos outros três alunos citados anteriormente, ao que se refere à indagação 3.B:

Porque cada um tem comportamento diferente, sentimentos diferentes. Mas somos todos seres humanos e se fôssemos todos iguais, não teria graça. (Gálio).

Sim. Porque todo mundo é igual, somente temos pensamentos e escolhas diferentes. (Radônio).

Eu incluiria, porque se a pessoa sabe que é amigo, que mal teria? Nenhum. (Lítio).

Esses últimos colaboradores, quando se referem à igualdade, estão se referindo, dentro do campo da diversidade. Ou seja, eles não se referem que todas as pessoas deveriam seguir apenas uma orientação sexual, como fizeram Carbono, Flúor, Bromo e Fósforo, por exemplo. Os alunos analisados neste momento querem dizer que, se há orientações sexuais diferentes na natureza humana, isso não torna uma pessoa desigual à outra. Pode-se dizer que, quando há essa concepção entre os sujeitos, entre os diferentes grupos sociais, é possível aduzir que o reconhecimento jurídico entre eles está se construindo e fortalecendo-se. Honneth (2009, p. 193), expõe que

O princípio da igualdade embutido no direito moderno teve por consequência que o *status* de uma pessoa de direito não foi ampliado apenas no aspecto objetivo, sendo dotado cumulativamente de novas atribuições, mas pôde também ser estendido no

aspecto social, sendo transmitido a um número sempre crescente de membros da sociedade.

Isso significa que, após a primeira forma de reconhecimento (amor), há para os sujeitos a tentativa de um reconhecimento social, um reconhecimento de seus direitos, o acolhimento dessas pessoas tanto na escola, quanto na sociedade. É por isso que a segunda forma de reconhecimento só ocorrerá quando houver o entendimento de que Alfa e Ômega são iguais na diversidade, até porque é o princípio insculpido no art. 5º, *caput*/CF que concede esse reconhecimento. Segundo Honneth (2009, p. 193) esse princípio atinge um grande número de pessoas na sociedade, por isso,

Marshall sintetiza o resultado de seu apanhado histórico nesta tese [...]: ‘O impulso adiante pelo caminho assim traçado é o impulso em direção a uma medida maior de igualdade, a um enriquecimento da substância de que é feito o *status* e a um aumento do número daqueles a quem é conferido o *status*’.

Ocorre que, quem realiza esse enriquecimento é o Direito. A lei necessita acolher todos os membros de uma sociedade. Em outras palavras, ela existe para acolher os indivíduos e não para enquadrá-los dentro de determinadas regras. Nesse momento, o espírito, além de ser tido como um processo de trocas comunicativas entre os sujeitos, bem como a consolidação da relação para que ocorra o reconhecimento entre eles, também pode ser entendido como a acolhida daqueles grupos sociais que são desfavorecidos pela sociedade, como os homossexuais. Nesse contexto, Honneth (2009, p. 193-194) explica que

O direito ganha [...], em conteúdos materiais, através dos quais também as diferenças nas chances individuais de realização das liberdades socialmente garantidas encontram uma crescente consideração jurídica; Ao contrário [disso], a relação jurídica [também pode ser entendida no sentido de ser] universalizada no sentido de que são adjudicados a um círculo crescente de grupos, até então excluídos ou desfavorecidos, os mesmos direitos que a todos os demais membros da sociedade.

Afirma-se que “o sujeito [...] obtém a possibilidade de conceber sua ação como uma manifestação da própria autonomia, respeitada por todos os outros, mediante a experiência do reconhecimento jurídico”. (HONNETH, 2009, p. 194). Assim, Alfa, por conhecer e compartilhar desta igualdade, confessa que seu pensar, anteriormente ao reconhecimento, estava equivocado. Esse é o caso de Hélio. Como foi analisada, a questão 1.A desta aluna fala em respeito, e ela diz que não tem nada contra os homossexuais, afirmando, inclusive, que tem “conhecidos homossexuais”. Diante disso, ao que se refere à pergunta 4, Hélio diz que “já refleti. E tenho certeza sobre meus pensamentos”. Acrescenta, ainda, que “já vi maus exemplos, situações de rejeição da sociedade para com os homossexuais. Pensando sobre isso, não é certo a discriminação”.

Outro aluno que consegue reconhecer que seu pensamento estava equivocado é Titânio. Como foi visto, na pergunta 1.A, ele dizia achar *“um pouco estranho [a homoafetividade]”*. Entretanto, na indagação 4, aduz que tem dúvidas se realmente o que expôs na pergunta 1.A é correto. Diz ele: *“Não sei se está certo o que eu penso”*. Partindo dessa dúvida de Titânio, ele mesmo, ao se perguntar sobre o que seria realmente a homoafetividade, acaba, nas questões 2.A e 2.B, por exemplo, dizendo que *“tentaria defender”* (Questão 2.A) o colega que estivesse sofrendo discriminação, até porque se a marginalização fosse com ele, Titânio *“tentaria se defender. Ser excluído pelos outros, ninguém gosta”* (Questão 2.B).

Nesse sentido, Alfa começa a perceber, através de Xenônio, que a *“discriminação é algo que aprendi que não se deve ter. [...] Em relação aos homossexuais vem de mim mesmo, onde junto o conceito de discriminação com a escolha que cada um tem seu direito”*. Frente a isso, Xenônio acredita que deve ser levado em consideração *“o respeito e a ética de cada um”*, ao que se refere à quarta pergunta.

É possível falar que, quando Alfa reconhece que possuía preconceito, que isto é mal e que ele era mal e estava equivocado em seu agir, o sujeito confessa esta sua ação; confessa e expõe seu pensar anterior. Quando faz isso, Alfa pode até pensar que está se humilhando perante Ômega, afinal, agora trata como igual a si, alguém que havia humilhado com seu agir. Entretanto, essa confissão, como expõe Hegel, não é uma humilhação ou vergonha. Alfa jamais deve se sentir humilhado por reconhecer que estava equivocado ao agir com preconceito contra Ômega. Pelo contrário, quando confessa, evolui. Trata-se de uma evolução para o reconhecimento, posto que ele tomou como igual a si Ômega. Isto é, foi capaz de reconhecer e de ter a consciência que o seu parceiro de interação, mesmo diverso de si, é igual a si mesmo. Nesse sentido, cabem as palavras de Estrôncio ao que se refere à pergunta 1.B. Diz a aluna que a sua opinião acerca da homoafetividade vem *“do meu pensamento mesmo, porque eu me coloco no lugar deles [os homossexuais] e percebo as dificuldades que eles tem, então eu acho que tem que respeitar e aceitar eles”*.

Dessa forma, é possível dizer que houve perda da essência, da consciência do sujeito quando se igualou e reconheceu o seu parceiro de interação, posto que

Ela não se põe [como] perdida e negada no [...] [outro], mas antes a ele se fia, quer dizer, encontra-se precisamente [...] [parceiro de interação] como esta consciência, ou como consciência-de-si. Eu confio naquele cuja *certeza de si mesmo* é para mim, a *certeza de mim* mesmo: conheço meu ser-para-mim nele, conheço que ele o reconhece, e que para ele é fim e essência. [...] Além disso, já que para mim é [...] [sujeito] aquilo em que reconheço a mim mesmo, eu estou nele para mim ao mesmo

tempo, em geral, como *outra* consciência-de-si, isto é, como uma consciência-de-si que no [outro] se alienou de sua singularidade particular, ou seja, de sua naturalidade e contingência. (HEGEL, 2008, p. 379).

Assim, o conceito absoluto tem o significado de que “o saber e o [...] [outro]do saber são o mesmo. Assim, o que a pura inteligência enuncia como o seu outro [...] não pode ser outra coisa que ela mesma”. (HEGEL, 2008, p. 377). Portanto, quando Alfa fica atrelado à certeza sensível em relação a Ômega, não consegue dialogar, nem interagir intersubjetivamente com seu parceiro de modo a reconhecê-lo. Ele não evolui, pois fica ligado a algo que não parece ser racional (o preconceito, por exemplo) e não consegue consolidar a relação com Ômega, pois “o que não é racional não tem *verdade*, ou seja, o que não é concebido, não é”. (HEGEL, 2008, p. 377).

Quando a escola possibilita o trabalho para poder solucionar os conflitos homofóbicos, percebe que, ao chegar no estágio atual das trocas comunicativas entre os sujeitos na busca pela identidade reconhecida e consolidada que leva ao reconhecimento jurídico, estará fazendo com que seus estudantes, através da inteligência, consigam compreender que o colega, vítima do referido conflito, é igual como qualquer outro. E, por entender tal igualdade, faz com que Alfa passe a ver que os indivíduos não devem ter preconceito para com os homossexuais. Alfa percebe e aceita Ômega como ele é. Por isso a sua confissão de dizer que estava equivocado ao excluir e maltratar Ômega. No momento em que os alunos conseguem perceber e realizar esta confissão, eles passam a ser indivíduos participantes na solução dos conflitos, afinal, podem expressar as suas ideias e ajudar outros colegas que se encontram nessa mesma situação.

Isso poderá ser mais bem percebido no próximo item, no qual será apresentada uma maneira de solucionar conflitos, por meio de uma ideia acerca da fé para Hegel, em conjunto com a inteligência.

5.4 Fé e inteligência: exercitando questionamentos

Conforme mencionado no item anterior, nesta parte do trabalho será apresentada uma atividade para buscar solução para o conflito homofóbico na escola. De acordo com o exposto, sabe-se que, no entendimento de Hegel, aquilo que não for racional, não é verdadeiro. Sabendo que o preconceito não é a verdade, diz-se que não é racional. Segundo Hegel (2008, p. 389),

Em contraste com a fé, mostra-se como pura inteligência, justamente porque, por ocasião de um momento *determinado*, vê o todo e assim evoca o *oposto* que se refere àquele momento; e invertendo um no outro, produz [...] o conceito. [...] [O] *Outro* é igualmente essencial, e, na verdade, está presente na própria consciência crente – só que ela não pensa nisso, mas o tem em um lugar qualquer.

Isso quer dizer que, quando Alfa utiliza-se da inteligência, da razão, da comunicação com seu parceiro de interação, ele passa a pensar sobre a crença, a fé que lhe foi dada. Fé esta que proveio da certeza sensível. Fé que lhe foi dada sem o uso do pensar e discutir em cima.⁷ Nesse sentido, parece ser possível dizer que esta crença é o preconceito. Ou seja, o pensamento e as ideias equivocadas que os indivíduos têm a respeito dos homossexuais. Desta maneira, Alfa, quando pensa, é capaz de questionar esta fé. Questiona se o preconceito é correto ou não. Assim, ele passa a se distanciar de outros indivíduos que ainda permanecem atrelados à certeza sensível, pois o sujeito que não reconhece o outro, não pensa e não reflete nem questiona a sua experiência tida com seu parceiro de interação. Porém, se Alfa realiza tais questionamentos sobre o seu próprio conhecimento, começa a ver o todo, isto é, principia por entender a totalidade de Ômega e enxerga-o como realmente é. Porém Alfa somente consegue fazer este exercício quando chama o oposto para si e inverte-se nele, ou seja, coloca-se em seu lugar e o toma para si, produzindo o conceito. Quando Alfa consegue fazer esta reflexão e transposição de se colocar no lugar do outro, ele percebe que Ômega é igualmente essencial a si mesmo. Diante disso, Alfa percebe que a sua verdade não era a verdade, mas algo dado, não refletido e, portanto, um preconceito.

Dessa maneira, a atividade que pode ser feita nesse momento é a de provocar o aluno a refletir sobre a ideia que possuía quando estava ligado à certeza sensível. Para tanto, é possível que o professor ou até mesmo os alunos que já passaram por esta etapa do reconhecimento consigam explicar, indagar os colegas se realmente a ideia que faziam dos homossexuais, bem como da homoafetividade/homossexualidade era correta. Para isso, dão-se algumas perguntas como sugestão:

- Será que a crença exposta anteriormente pode ser tida como correta?
- Será que o ato de excluir um colega por ser homossexual está movido pela certeza sensível e não por um pensamento refletido?
- Sabendo que a diversidade representa igualdade e não desigualdade e, tendo consciência de que a homossexualidade é apenas diversa da heterossexualidade e, portanto, representa igualdade na diferença, será que

⁷ Esta fé não significa que é uma fé religiosa ou de uma crença religiosa, mas a fé significa o fato de crer em algo que foi falado, sem refletir se aquilo que proveio de outros indivíduos é correto ou não. Isto é, o sujeito apenas toma este conhecimento que veio de fora de si como verdadeiro.

“eu”, enquanto sujeito, não preciso expressar tal conhecimento ao invés de perpetuar minha crença equivocada (preconceito) prejudicando meu colega?

Além dessas indagações muitas outras podem ser realizadas na tentativa de solucionar conflitos em sala de aula. Para demonstrar que isso é possível, traz-se, para a discussão, as respostas de Háfnio, Criptônio, Rutênio, Cálcio, Magnésio, Európio, Césio, Lutécio, Neptúnio, Chumbo e Potássio para a quarta pergunta do questionário. Sabendo que esses alunos, enquanto eram Alfa da certeza sensível, estiveram atrelados aos pensamentos de Oxigênio, Carbono, Flúor e Fósforo, por exemplo, neste momento isso já não é mais possível. Os colaboradores estão conseguindo reconhecer aquele colega e até mesmo um grupo social como diferentes de si. Eles conseguem refletir e acolher o outro, respeitar e reconhecer o parceiro de interação. Para isso, Alfa, enquanto for Háfnio, começa a ter dúvidas acerca de sua atitude com Ômega na certeza sensível. Háfnio responde, para a questão 4: *“Eu poderia ser mais acessível que sou”*.

Verifica-se, pelas palavras de Háfnio que ela gostaria de ser “mais acessível” do que é. Desse modo, olhando para sua resposta na indagação 1.A, a aluna afirma que *“respeita os homossexuais, mas que não era muito a favor”*. Então, se Háfnio se considera que poderia ser “mais acessível”, ela gostaria de ser mais a favor dos homossexuais. Essa ideia, para este trabalho, representa a dúvida, o início de uma reflexão para Alfa. Dessa maneira, Háfnio começa a colaborar para que o conflito homofóbico seja resolvido. Portanto, Alfa avança em seu pensar sobre Ômega e, como consequência, no reconhecimento de seu parceiro de interação. Para isso, trazem-se as respostas dos colaboradores já antes mencionados, ao que se refere à pergunta 4:

Já parei para pensar e é correto, pois eu vejo coisas mais importantes em uma pessoa que a questão sexual. (Criptônio).

Sim. Muitas vezes. Pois na verdade não gosto de injustiça. (Rutênio).

Sim. Eu acho que meu pensamento não está equivocado, porque eu apenas respeito a opinião sexual do outro. (Cálcio).

O meu pensamento está certo, porque todos nós somos diferentes. (Magnésio).

Sim e sei que os homossexuais são pessoas normais e que gostar de pessoas do mesmo sexo não é defeito. É só questão de opinião. (Európio).

Sim, pois gostaríamos de ser tratados como tratamos todos. (Césio).

Meu pensamento é esse. Acho errado discriminar os outros, independentemente de suas escolhas. (Lutécio).

Creio que estou certa no modo de pensar, cada um tem direito de escolher, e é dever nosso respeitar. (Neptúnio).

Sim. Pelo fato de que isso iria acontecer para nós. (Chumbo).

Eu penso que essas pessoas são iguais a qualquer outra e as vezes muito melhor. Não é porque é homossexual que não merece respeito. (Potássio).

Além desses colaboradores, ainda é pertinente trazer o pensamento de outros quatro alunos, a começar por Laurêncio. Ela, na indagação 4, respondeu que “*penso assim sempre e tenho certeza que não vai mudar a minha opinião, pois eu gosto de justiça*”. Cabe mencionar que essa aluna afirmou, na questão 1.A, que as pessoas devem aceitar as diferenças e que, por isso, não se deve discriminá-las. Percebe-se, portanto, que Alfa consegue modificar seu pensamento acerca da homoafetividade bem como dos homossexuais através da reflexão, do diálogo, do trabalho com o conflito em sala de aula. O mesmo serve para Hólmio, Bário e Zinco. Esses três últimos alunos também disseram que “*os homossexuais são pessoas como todas as outras*”; “*que não tem preconceito*” e “*que, por isso, os outros deveriam aceitá-los*”. Tendo em consideração esse pensamento, é seguro dizer que, possivelmente, tais alunos refletiram. Suas respostas para a indagação 4 coincide com as palavras da pergunta 1.A. Esses colaboradores afirmaram, ao que tange à quarta indagação:

Sim. Porque eu posso ser diferente e ela(e) também. Cada um tem um modo diferente. (Hólmio).

Sim. Meu pensamento para o futuro vai ser sempre o mesmo. Eu já refleti bastante. (Bário).

Eu já parei sim para pensar a respeito disso e acho que não é equivocado o que penso. (Zinco).

Diante disso, parece que a atividade poderá possibilitar que os estudantes reconheçam os homossexuais no âmbito do Direito, desde que questionem o seu próprio modo de pensar, não aceitando que ele venha pronto para si. Ao fazer isso, pode-se dizer que, no exemplo dado no início do trabalho, Alfa consegue realizar outras trocas comunicativas, outros diálogos, e partir para outros conflitos que possam levar ao reconhecimento, ao fortalecimento da identidade própria, seja de pessoas seja de grupos sociais. Disso retira-se, no entendimento de Hegel, que a essência da “pura inteligência [...] é o conceito [e] se torna primeiro para si mesma como um absolutamente Outro. [...] Assim, contra a fé, a inteligência é a *força* do conceito”. (HEGEL, 2008, p. 390). Daí se falar que a inteligência e o conhecimento afastam a crença, fazendo com que os indivíduos acolham os outros da maneira como são, porque a consciência crente, aquela ligada à certeza sensível,

Emprega dois pesos e duas medidas, tem dois tipos de olhos e de ouvidos, dois tipos de língua e de linguagem; tem duplicadas todas as representações, sem pôr em confronto essa ambigüidade. Ou seja: a fé vive em percepções de dois tipos: - uma, a

percepção da consciência *adormecida*, que vive puramente em pensamentos carentes-de-conceito; outra, a da consciência *desperta*, que vive puramente na efetividade sensível. (HEGEL, 2008, p. 394).

Tomando por base o que foi exposto anteriormente acerca da fé e da inteligência com as recentes palavras acima, é possível mencionar que o sujeito que tem por base a crença vinda da certeza sensível, sem reflexão, acaba, portanto, por analisar Ômega de duas maneiras: se o parceiro de interação é igual a si, ele utiliza de “tal” argumento para se relacionar com ele; se ele for diverso, o sujeito possui outro argumento para se relacionar com o colega. Para explicar através do caso fictício exposto de Alfa e Ômega em Beta, afirma-se que, se Alfa não evoluir, todos os indivíduos ou grupos sociais que forem heterossexuais ou que pensem da mesma maneira que si serão tratados de forma que possam se sentirem acolhidos. Agora, com relação aos indivíduos que forem homossexuais ou grupos sociais que pensem diferente de si, Alfa não os verá como iguais a si, mas sim como diferentes, devendo, para Alfa, receberem tratamento diverso daquele indivíduo que pensa da mesma maneira de si. É por isso que se pode falar que a fé (ou o preconceito, neste caso) tem uma “percepção adormecida” e é, portanto, “carente de conceito”, já que não é capaz de pensar e refletir acerca de suas próprias ideias e nem de que se utiliza de “dois pesos e duas medidas” para se relacionar com indivíduos que, mesmo diversos, são iguais na essência e no espírito. Porém, o pensamento crente, que ainda não se consolidou na relação com o outro, pode se consolidar e encontrar o conceito. Para isso ocorrer, Alfa necessita fazer uso da inteligência como já foi exposto, pois é somente ela que, sendo conceito absoluto, é capaz de ser

Um diferenciador de diferenças que já não são tais; de abstrações ou puros conceitos, que já não se sustentam a si mesmos, mas que só têm apoio e diferenciação mediante *o todo do movimento*. Esse diferenciador do não-diferente consiste precisamente em que o conceito absoluto faz de si mesmo seu objeto, e se contrapõe como a essência àquele *movimento*. (HEGEL, 2008, p. 395).

Quando Alfa consegue buscar a consolidação da relação que mantém com Ômega, ele consegue dialogar com o outro, perceber as diferenças que há no mundo, mas as vê como algo igual, e não desigual. Assim, a homoafetividade/ homossexualidade e/ou homossexuais passam a ser iguais a heteroafetividade/heterossexualidade e/ou heterossexuais no entendimento de Alfa. Ele não vê os diferentes indivíduos como desiguais, mas sim como iguais e apenas diversos em suas essências. A ideia (preconceito) que provinha da certeza sensível, para Alfa, já não se sustenta mais como conceito, e ele deixa de se utilizar da fé, que dá “dois pesos e duas medidas” para se relacionar com Ômega. Dessa forma, Alfa, tendo apreendido o conceito, se torna também objeto de si próprio e já não faz mais diferença entre

os iguais. A consciência-de-si passa a ser um “movimento em conceitos puros”. (HEGEL, 2008, p. 396).

Realizada esta consolidação para que a sociedade acolha todos os grupos sociais, as trocas comunicativas bem como o fortalecimento da identidade deles representam a

Liberdade absoluta; é a consciência-de-si que se compreende de modo que sua certeza de si mesma é a essência de todas as ‘massas’ espirituais, quer do mundo real, quer do suprassensível; ou, inversamente, de modo que a essência e a efetividade são o saber da consciência sobre si mesma. Ela é consciente de sua pura personalidade, e nela de toda a realidade espiritual: e toda a realidade é só espiritual. Para ela, o mundo é simplesmente sua vontade, e essa é vontade que se põe no assentimento tácito ou representado, mas é a vontade realmente universal, vontade de todos os Singulares enquanto tais. (HEGEL, 2008, p. 402).

Portanto, através da atividade proposta, das perguntas realizadas, das indagações e discussões em sala de aula sobre o assunto, Alfa consegue encontrar o conceito verdadeiro. Ele percebe que a certeza que tem agora é a certeza de muitos outros sujeitos, bem como tem a certeza de que alcançou a verdade e reconhece que a verdade que ele pensava ser verdade não é realmente a verdade enquanto conceito.

Alfa percebe a realidade espiritual como ela é realmente e vê que, antes de alcançar esta verdade, ele possui uma verdade equivocada. Ele passa a ver que o mundo deve ser formado pela vontade universal, isto é, a vontade de todos os grupos sociais, respeitando as suas individualidades.

Os professores, diretores, enfim, a comunidade escolar deveria procurar trabalhar os conflitos homofóbicos exposto no caso fictício de Alfa e Ômega, de maneira que possa haver uma consolidação das relações sociais, para que haja o acolhimento, a aceitação e o reconhecimento de todas as singularidades que estão presentes na essência de todos os indivíduos, porquanto não deixam de ser formadores de grupos sociais. Isto é, ao realizar este trabalho, todas as pessoas que, como Ômega, sofrem ou já sofreram algum tipo de preconceito por causa de sua orientação sexual podem ser respeitadas por sua singularidade. Entretanto, embora Alfa já tenha chegado neste patamar de reflexão acerca do que conhecia até então, ele não é considerado consciência moral, pois está apegado, ainda, a um dever.

Assim, no próximo capítulo, tratar-se-á acerca da moralidade ao que tange aos conflitos homofóbicos, com o intuito de procurar avançar para a próxima etapa do reconhecimento de Ômega por Alfa, que é a solidariedade, de acordo com Honneth (2009).

6 A MORAL

Este capítulo abarcará ideias acerca da moral. Será exposto que os sujeitos parecem respeitar o outro somente porque há um dever para cumprir. No entanto, conforme sua evolução, começam a perceber que o seu oposto também possui uma moral. Diante disso, é trabalhada a maneira que eles conseguem chegar ao dever puro e, percebendo tal situação, realizam uma mudança dentro de si mesmos. Por fim, é exposta uma atividade para que haja a compreensão das diversidades existentes e, até, como consequência, para que a escola consiga formar cidadãos reconhecedores das diferenças.

6.1 A representação da consciência moral

Como foi explicitado ao final do capítulo anterior, neste momento, será trazida a questão da moral. Sabe-se que, para Hegel (2008, p. 411), a consciência está atrelada a um dever moral, assim

A consciência-de-si sabe o dever como a essência absoluta. Só está ligada pelo dever, e essa substância é sua própria consciência pura, para a qual o dever não pode assumir a forma de algo estranho. Mas encerrada desse modo em si mesma, a consciência-de-si moral ainda não é posta nem considerada como consciência. [...] Essa consciência-de-si tem em seu conceito a relação para com um *ser-outro*, e é consciência. Para ela esse ser-outro, de um lado, é uma efetividade completamente *privada-de-significações*, pois o dever constitui seu único e essencial fim e objeto.

Sabe-se que tanto na sociedade quanto na escola muitos indivíduos respeitam o outro somente pelo fato de saberem que excluir um ser humano pelas características que possui é uma atitude tida como errada. Quando realizam este ato, fazem-no por causa de um dever. Daí se retira que, neste momento, Alfa reconhece Ômega, visto que ele está submetido a este dever. Para ilustrar o dever de que algumas pessoas somente tratam bem e respeitam o colega por saber que é errado agredir o outro, trazem-se os questionários de Potássio, Zircônio, Iodo, Níquel, Praseodímio, Cádmiio, Cúrio, Gálio e Escândio, ao que se refere à pergunta 3.A do questionário. Os alunos, mas principalmente Zircônio, como se poderá perceber, agem, ao que se refere ao reconhecimento do parceiro de interação, apenas porque há um dever a ser cumprido: o de respeitar e tolerar. Nesse sentido, pode-se dizer que “o respeito ao outro como diferente acaba não tendo todo o valor moral que seria devido. Em resumo, presta-se muito mais atenção às diferenças do que à pessoa do outro”. (CORTELLA; LA TAILLE, 2005, p. 27). A partir disso, seguem as respostas dos alunos:

Respeito. Sim, porque as pessoas não devem invadir a privacidade das outras pessoas nem mesmo se meter na vida delas. (Potássio).

Relacionamento entre os colegas deveria ser respeitoso, nem se eu não gosto da pessoa devo respeitá-la. Os deveres são iguais para todos, um respeitar o outro. (Zircônio).

Claro que devemos respeitar, mas tudo tem limite. Se ele não ficar quieto, eu excluo e dou tunda. (Iodo).

Não sei, desde que não me agarre ou venha de frescura para cima de mim, não iria fazer nada de mal para ele. (Níquel).

Acho que devemos respeitar todos. O modo de ser, etc. O importante é não haver discriminação. (Praseodímio).

Acho que todos devem tratar os outros de forma que querem ser tratados, principalmente o respeito porque temos que respeitar as pessoas independente de como são. (Cádmio).

Deve ter respeito com todos, não precisa gostar e ter amizade com todos, mas saber respeitar opiniões. (Cúrio).

Deve haver o respeito em primeiro lugar, ninguém gosta de ser discriminado(a), excluído(a). (Gálio).

Eu acho que a gente deve respeitar um e o outro mesmo havendo diferenças entre a gente. Na minha opinião eu acho que entre um relacionamento é importante um respeitar o outro. (Escândio).

Analisando-se as respostas dos alunos, parece que eles respeitam o colega homossexual apenas pelo fato de que veem que isso é necessário. Ou seja, os colaboradores respeitam, acolhem o colega, conversam somente porque lhes foi ensinado que todas as pessoas precisam ser, no mínimo respeitadas, independente do seu modo de ser. Obviamente que essa ideia do respeito é correta. Mesmo que um colega não goste do outro, como expôs Zircônio, é necessário haver o respeito. Entretanto, esse fato, para a teoria do reconhecimento, é visto como dever. Isto é, o respeito e a amizade do parceiro de interação são entendidos como uma obrigação que precisa ser cumprida, e não como um reconhecimento. Exemplo disso é o que Potássio respondeu na questão 3.B, pois ela disse que incluiria o colega homossexual “*apesar do que os outros iriam pensar*”.

Nesse sentido, cabe trabalhar com a ideia da tolerância, afinal, tolerar não é reconhecer. Busca-se validade nas palavras de Cortella e La Taille (2005, p. 28), que dizem que a palavra “tolerância produz quase um seqüestro semântico, pois, quando alguém a usa, está querendo dizer que *suporta* o outro. Afinal, tolerar é suportar” Analisando-se as respostas dos colaboradores acima mencionados, conclui-se que eles apenas suportam e respeitam o colega homossexual pelo fato de terem aprendido que é errado maltratá-lo, entretanto não o reconhecem. Dessa maneira, Cortella e La Taille (2005, p. 29) continuam afirmando que isso está baseado na indiferença e acrescentam:

Eu o suporto, agüento. Você não é como eu, aceito isso, mas continuo sendo eu mesmo. Não quero ter contato, só respeito a sua individualidade. Em vez de utilizar a palavra ‘tolerância’, tenho preferido uma outra: ‘acolhimento’. Há uma diferença entre *tolerar* que você não tenha as mesmas convicções que eu [...] e *acolher* suas convicções. Porque acolher significa que eu o recebo na qualidade de alguém como eu. [...] [Mais adiante, aduzem eles]: Eu aguento você, tudo bem. Ora, essa expressão é muito ruim e, hoje, ela aparece na escola com muita força. Atualmente está disseminada a noção de que é preciso ter políticas de tolerância, quando no meu entender, deveria se trabalhar de fato com políticas de acolhimento, em que o ‘outro’ tem o mesmo *status* que ‘eu’.

Por tais motivos é que Alfa não pode, ainda, ter seus conceitos considerados como consciência. Outro fator de Alfa estar ligado ao dever moral restringe-se ao fato de que ele ainda não se reconheceu em Ômega, posto que ainda não percebe que a essência dele é moral, assim como a sua. Ele vê Ômega como um ser natural, um ser sensível. Nesse sentido, cabe trazer as respostas de alguns colaboradores ao que se refere à pergunta 3.B. A escolha por trabalhar essa pergunta, bem como algumas respostas de alguns alunos, deu-se pelo fato de que ainda há, por detrás da amizade, do acolhimento do colega, uma leve percepção de que os homossexuais poderiam assediar sexualmente os outros colegas (com isso não se quer dizer que uma pessoa homossexual estaria livre de não ser culpada por assédio. Pelo contrário, há na sociedade tanto pessoas heterossexuais quanto homossexuais que poderiam praticar esse crime. Assim, como há indivíduos tanto hetero quanto homo que jamais assediariam sexualmente uma outra pessoa. Portanto, o fato de falar que todos os homossexuais, sem exceção, assediariam ou poderiam assediar um colega de aula, encontra-se um tanto equivocado. O mesmo valeria dizer se todos os heterossexuais, sem exceção, pudessem assediar os colegas. Por tais motivos é que parece que alguns colaboradores acolheriam o colega homossexual por puro dever, ainda remanescendo uma ideia preconceituosa). Quer dizer, no momento em que alguns colaboradores pensam que um colega homossexual iria assediar os outros, parece que há um leve temor de reconhecê-lo. Diante disso, pelo que se pode perceber nas respostas, que serão expostas a seguir, é que parece que os colaboradores acolhem e aceitam ter amizade somente pelo fato de que não se deve discriminar nem excluir os outros, isto é, apenas por dever, por obrigação de acolher o outro. Desse modo, passa-se às respostas, ao que se refere à indagação 3.B:

Sim. Mas ela saberia que eu não sou lésbica e ela teria que me respeitar. (Cádmio).

Acho que não. Até incluiria se ele não viesse me agarrando ou de frescura. (Níquel).

Sim, mas desde que essa pessoa se mantenha ‘na sua’, seja amigo e tudo, mas que não faça mais nada do que ser um simples amigo. (Ferro).

Sim. Eu trataria essa pessoa como qualquer outro amigo ou amiga que eu tiver, desde que não falaria nada de mim, que eu gosto ou sei lá. (Bário).

Sim, desde que ela não se passasse do limite comigo, me respeitando. (Laurêncio).

Sim. Desde que ele não iria expressar esse sentimento para nós. (Chumbo).

Sim. Mas deixaria claro que é só amizade, mas conversaria com ela normalmente, seria amiga dela. (Európio).

Sim. Incluiria a pessoa, andaria com ela, mas desde que ela respeitasse a minha opção. (Rutênio).

Sim. Se essa pessoa não estivesse apaixonada por mim, aceitaria. (Berquélío).

Pode até ser, e se ele se passar comigo, eu falo que não gosto de pessoas do mesmo sexo e pronto. (Cobalto).

Eu incluiria sim, mas eu iria impor limites, desde que não me assediasse e tenha respeito sobre a minha escolha. (Mercúrio).

Sim, se ela não me afetasse, porque não aceitar? (Platina).

Sim, desde que não me ‘cantasse’. (Estrôncio).

Sim. Se ele não se passasse para o meu lado, estaria tudo bem. (Plutônio).

Parece, portanto, que esses colaboradores somente acolheriam o outro por puro dever. Assim, cabe uma indagação: de qual maneira esses mesmos alunos expostos acima agiriam se fosse para acolher um colega que tivesse sentimentos heteroafetivos? Será que eles responderiam a mesma pergunta da mesma forma? Ou seja, também falariam no temor do colega poder assediá-los se esse colega fosse heterossexual? Na possibilidade de que se o(a) colega(a) estivesse apaixonado(a) não iria aceitar a amizade dele(a)?

O ideal seria realizar essas indagações para os colaboradores. Entretanto, pode-se retirar uma ideia de que se as respostas para a pergunta acima não fossem as mesmas para o que se refere à pergunta 3.B, então, parece que fica claro que os colaboradores citados realmente acolheriam um colega homossexual por dever e não pelo fato de reconhecê-lo em seu modo de ser. Afirma-se que esses colaboradores estão sendo apenas tolerantes para com Ômega. Aponta-se isso pelo fato de que, para Comte-Sponville (2004, p. 175), a tolerância somente “surge nas questões de opinião”. Isso significa dizer que há indivíduos que aceitam a homoafetividade e outros que a negam. É, portanto, desse modo que a tolerância está presente. Ela “surge com tanta frequência, e quase sempre. Ignoramos mais do que sabemos, e tudo o que sabemos depende, direta ou indiretamente, de algo que ignoramos”. (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 175).

É possível dizer que aqueles colaboradores, expostos anteriormente, somente vão saber e reconhecer o colega homossexual, se eles conhecerem sobre aquilo que ignoram. Isto é, precisam conhecer da sua própria ignorância e se abrir para conhecer aquilo que ignoram. A partir disso, Comte-Sponville (2004) traça uma comparação entre a tolerância e a liberdade de espírito. Esta última possui relação com o pensamento de cada pessoa acerca da

homoafetividade, por exemplo. Em outras palavras, cada pessoa e grupo social é livre para pensar o que quiser, desde que tenha conhecimento. Sendo assim, o filósofo pergunta:

Qual a diferença em relação à tolerância? [fazendo uma comparação com a liberdade de espírito]. É que a tolerância só intervém na falta de conhecimento; [enquanto que] a liberdade de espírito seria antes o próprio conhecimento, enquanto nos liberta de tudo e de nós mesmos. (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 175).

Isso quer dizer que quando um colaborador aceita o colega homossexual, utilizando-se de restrições, faz isso porque o tolera somente e jamais por reconhecer a sua diferença. Pois esta faz-se através do conhecimento e não por ideias da certeza sensível. É por isso que “a tolerância [...] funda-se assim nessa fraqueza teórica, isto é, na incapacidade em que estamos de alcançar o absoluto”. (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 182). Por isso é que se pode mencionar que alguns colaboradores, quando dizem respeitar e ser amigo do colega que tem sentimentos homoafetivos, fazem-no pelo simples fato de enxergarem isso por dever e, portanto, toleram esse colega. Toleram posto que ainda não o (re)conhecem, afinal, entendem que a homoafetividade é algo a ser condenado. De outra forma, pode-se dizer que “tolerar é aceitar o que poderia ser condenado, é deixar fazer o que se poderia impedir ou combater. Portanto, é renunciar a uma parte de seu poder, de sua força, de sua cólera”. (COMTE-SPONVILLE, 2004, p. 176). Entretanto, nesse momento das trocas comunicativas entre os sujeitos, quando Alfa tolera Ômega, acredita que criou “um mundo perfeito dentro de si, [que chegou] à própria individualidade; é um Todo autônomo de leis peculiares, como também um curso independente e [uma] efetivação livre dessas leis”. (HEGEL, 2008, p. 412).

Quando um colega acolhe o outro na escola, está fazendo isso por causa do dever. Nessa etapa das trocas comunicativas, bem como na consolidação de uma relação baseada no reconhecimento da identidade de grupos sociais, como também o conflito exposto por Honneth (2009), que movimenta essa relação entre os sujeitos, cabe mencionar que, para o total reconhecimento, é necessário trabalhar com o entendimento de que os alunos, precisam entender que aquele colega que tem sentimentos homoafetivos também possui uma moral, ou seja, necessitam entender que a homossexualidade também é algo moral. Mas até Alfa chegar neste entendimento, ele pensa que a

Visão moral do mundo, que consiste na *relação* entre o ser-em-si-e-para-si *moral* e o ser-em-si-e-para-si *natural*. Serve de fundamento a essa relação não só a total *indiferença* e *independência* própria da *natureza*, e dos fins e atividade *morais* reciprocamente, mas também, de outra parte, a consciência da exclusiva essencialidade do dever, e da completa dependência e inessencialidade da natureza. A visão moral do mundo contém o desenvolvimento dos momentos que estão presentes nessa relação de pressupostos tão completamente conflitivos. (HEGEL, 2008, p. 412).

Para Alfa reconhecer que a moral de Ômega é igualmente a sua moral, ele parece que tem de deixar de lado o ser-em-si-e-para-si que é natural. Essa naturalidade (natureza) que Hegel expõe é o conhecimento que está em conjunto com a certeza sensível, a observação, a experiência. Para avançar no conhecimento de si e de seu parceiro de interação, ele precisa transpor a sua ideia de moral, reconhecendo que a moral de Ômega também é correta. Essa ideia é reatualizada por Honneth (2009), quando expõe que o sujeito “ao se colocar na perspectiva normativa de seu parceiro de interação, o outro sujeito assume suas referências axiológicas morais, aplicando-as na relação prática consigo mesmo.” (HONNETH, 2009, p. 133).

Para que esta transposição ocorra, é preciso pensar que há uma outra consciência que abarque estes pensamentos

Ou que os saiba e queira como deveres. A primeira consciência contém o dever puro, *indiferente* a todo o *conteúdo determinado*; e o dever é somente essa indiferença para com o conteúdo. Mas a outra consciência contém a relação igualmente essencial para como o agir e a *necessidade* do conteúdo *determinado*. [...] Por conseguinte, essa consciência é uma consciência em que o universal e o particular são simplesmente um; e seu conceito é, assim, o mesmo que o conceito da harmonia da moralidade e da felicidade. Com efeito, essa oposição exprime igualmente a separação da consciência moral, *igual a si mesma*, e da efetividade, que, como *ser multiforme*, colide com a essência simples do dever. Mas, se o primeiro postulado só exprime a harmonia *essente* da moralidade e da natureza, porque ali a natureza é o negativo da consciência-de-si, é o momento do *ser*; - agora, ao contrário, esse *Em-si* é posto essencialmente como consciência, porque agora o essente tem a forma do *conteúdo* do *dever*, ou seja, é a *determinidade* no *dever determinado*. O *Em-si*, portanto, é a unidade desses termos que como *essencialidades simples* são essencialidades do pensar e por isso só estão em uma consciência. Essa consciência, de agora em diante, é assim um senhor e soberano do mundo que produz a harmonia da moralidade e da felicidade, e que ao mesmo tempo consagra os deveres como *múltiplos*. Isso significa que, para a consciência do *dever puro*, o dever determinado não pode ser imediatamente sagrado; mas porque, em virtude do agir efetivo – que é um agir determinado – é igualmente *necessário*, então essa necessidade incide fora daquela consciência, em uma outra: que desse modo é a mediadora entre o dever determinado e o dever puro, e a razão de que o dever determinado tenha valor também. (HEGEL, 2008, p. 416-417).

Diante do fragmento exposto, Alfa irá conseguir transpor a ideia de que somente a sua moral está correta, quando perceber que, na verdade ele e Ômega são apenas um, isto é, uma unidade. Para isso, o sujeito necessita ver que a consciência que exprime o dever puro e que parece não abarcar outras consciências se equivoca. Quando Alfa percebe este pensamento, ele passa a sair de si e ver que a moral de Ômega está correta, posto que é multiforme. Para demonstrar esse estágio do reconhecimento entre Alfa e Ômega, tem-se que analisar alguns questionários ao que se refere à indagação 2.A e 2.B. Muitos alunos, nesse momento, ao se colocarem no lugar do colega que, por ventura, esteja sofrendo discriminação, acabam por perceber que quando ajudam o colega e ao mesmo tempo dizem que não

gostariam de ser excluídos, conseguem notar que a moral apresenta um aspecto multiforme. É por isso que Alfa se sente acolhido pela moral de Ômega, pois ela representa a diversidade. Para verificar essa análise, apresentam-se alguns colaboradores ao que se refere à indagação 2.A:

Todos tem um modo diferente. Agiria em ajudar, dar alguma opinião. Porque para ser excluído é algo ruim e chato e ninguém gosta. (Magnésio).

Eu tentaria ajudá-lo, fazer amizade, conversar. (Cálcio).

Eu o respeitaria. Daria conselhos, falaria com a turma. Não ia discriminá-lo. (Paládio).

Eu o trataria bem, pois na minha sala, eles dizem que meu colega é gay e ele vive comigo e eu não trato ele mal só por isso. (Disprósio).

Não deixaria de ser amigo dele, só pelo fato comportamento dos outros. (Gálio).

Tentaria conversar com a turma. (Tungstênio).

Eu agiria com ele como eu agiria com os outros, não seria mal educada com ele, até porque todos tem os mesmos direitos, independente da sexualidade. (Ytrio).

Percebe-se que Alfa, enquanto for os alunos expostos acima, começa a perceber que realmente o parceiro de interação tem uma moral que lhe é própria. Portanto, Alfa acaba deixando de lado aquela moral que não era determinada e que havia se apegado à natureza sensível. Isso ocorre, pois ele também deseja que o seu pensamento seja acolhido pela sociedade. Esse pensamento já é algo em que o sujeito realmente consiga se sentir na situação do parceiro de interação. Isto é, há a ideia de que Alfa não quer ser discriminado, nem excluído se tivesse a orientação sexual de Ômega. Isso pode ser conferido nas respostas dos seguintes colaboradores ao que se refere à pergunta 2.B:

Agiria normalmente. Não gosto de ser excluído. (Ytrio).

Eu ficaria no meu canto, cuidando da minha vida, e eu não gostaria de ser excluído. (Escândio).

Não gostaria. (Cúrio).

Eu ia ver quem era meu amigo. Pois só meus amigos me entendem e me ajudam. (Praseodímio).

Não gostaria de ser excluído. (Cloro).

Ninguém quer ser excluído. (Paládio).

Eu agiria normalmente como qualquer outra pessoa. Não gostaria de ser excluído, eu respeitaria a opinião deles e eles tinham que respeitar a minha. (Cálcio).

Desta forma, se Alfa já está sabendo que a moral do parceiro de interação é multiforme, podendo abarcar muitos outros pensamentos, ele consegue se reconhecer nesta moral e, nesse sentido, Alfa e Ômega são apenas um. É possível mencionar que

A visão moral do mundo está consumada. De fato, no conceito da consciência-de-si moral estão postos em *uma unidade* os dois lados, dever puro e efetividade; e por

isso, um como o outro, não como essente em si e para si, mas como *momento* ou como suprassumido. (HEGEL, 2008, p. 418).

Entretanto, embora exista esta unidade, ainda não se pode falar que houve um reconhecimento, um conceito, afinal, este, é “o único que compreende o *ser-outro* como tal, ou que compreende seu contrário absoluto como a si mesmo”. (HEGEL, 2008, p. 419). Isso quer dizer que, realmente, ainda não há uma consciência moral, mas somente uma representação de uma consciência moral e que não necessariamente é verdadeira. É importante atentar para o fato de que a moral parece estar unida com o Direito e, portanto, aos aspectos sociais. Se Alfa ainda se mantém preso à certeza sensível e nega o conflito, nega a comunicação, as trocas de ideias com Ômega, e como consequência, o fortalecimento da relação ética que visa ao reconhecimento. Assim, o desrespeita, segundo Honneth (2009), pois entende que o parceiro de interação não tem direito a ter direitos. Se Alfa negar o direito de Ômega ter sua orientação sexual respeitada e reconhecida pela sociedade,

Então está implicitamente associada a isso a afirmação de que não lhe é concedida imputabilidade moral na mesma medida que aos outros membros da sociedade. Por isso, a particularidade nas formas de desrespeito como as existentes na privação de direitos ou na exclusão social, não representa somente a tramitação violenta da autonomia pessoal, mas também sua associação com o sentimento, de não possuir o *status* de um parceiro da interação com igual valor, moralmente em pé de igualdade; para o indivíduo, a denegação de pretensões jurídicas socialmente vigentes significa ser lesado na expectativa intersubjetiva de ser reconhecido como sujeito capaz de formar juízo moral; nesse sentido, de maneira típica, vai de par com a experiência da privação de direitos uma perda de autorrespeito, ou seja, uma perda da capacidade de se referir a si mesmo como parceiro em pé de igualdade na interação com todos os próximos. (HONNETH, 2009, p. 216-217).

Assim, nos próximos itens, ver-se-á que Alfa consegue alcançar o que pretende, deixando de lado a representação.

6.2 A dissimulação

Como foi visto, parece que o entendimento de Alfa a respeito da moral é somente uma representação. Porém, esta representação não lhe parece a moral verdadeira, pois ainda mantém alguma característica provinda da experiência. Para que Alfa possa alcançar uma consciência moral verdadeira, parece que ele deve eliminar de si todos os impulsos e inclinações da sensibilidade. Entretanto, não é isso que ele faz, e sim transforma esta sensibilidade conforme a razão. Nas palavras de Hegel (2008, p. 424), pode-se aduzir que:

A consciência-de-si moral estabelece seu fim como puro, como independente dos impulsos e inclinações, a ponto de ter eliminado dentro de si os fins da sensibilidade. Mas ela distorce mais uma vez essa proposta supressão da essência sensível. [...] Portanto não leva a sério o suprimir das inclinações e impulsos, pois precisamente

eles [é que] são a *consciência-de-si que se efetiva*. Mas tampouco devem ser *reprimidos*, e sim apenas *conformes* a razão.

Por tais motivos, a consciência-de-si consegue cessar “o conflito entre a moralidade e a sensibilidade”. (HEGEL, 2008, p. 425). Porém, isso ainda não dá para a consciência uma verdade, mas somente “uma pretensa verdade”. (HEGEL, 2008, p. 430).

Entretanto, Hegel (2008, p. 426) alerta para o fato de que isso é novamente uma dissimulação da Coisa. A dissimulação é “o estado-intermediário da moralidade imperfeita, que se apresentou como o essencial, [e] mostra claramente que essa percepção e pretendida experiência é apenas uma dissimulação da Coisa”. Dessa forma, a “consciência moral conhece portanto sua moralidade como não perfeita, porque está afetada de uma sensibilidade e natureza que lhe é oposta”. (HEGEL, 2008, p. 429). Então, mesmo que os alunos demonstrem não discriminar os colegas homossexuais, até dizendo que não gostariam de ser excluídos por sua orientação sexual, parece que eles ainda estão presos a uma ideia sensível. Entretanto, essa ideia sensível já é oposta à natureza desses alunos, ou seja, eles sabem que discriminar alguém não é correto. Mas, sabem que não é pelo fato de que o parceiro de interação é igual a si, embora seja diverso, dentro dessa igualdade. E, Alfa sabe que Ômega não é desigual a si, entretanto, esta

Consciência-de-si moral deixa livre certamente sua universalidade, de modo a tornar-se uma natureza própria, e igualmente a retém dentro de si como supracomunada. Mas ela é somente o jogo dissimulado da alternância dessas duas determinações. [É] como boa-consciência [que] tem primeiro em sua *certeza-de-si-mesma* o *conteúdo* para o dever anteriormente vazio, assim como para o direito vazio e [para] a vazia vontade universal; e como essa certeza-de-si é igualmente o *imediatamente*, [nela, a consciência-de-si moral tem] o ser-aí mesmo. (HEGEL, 2008, p. 432).

Isso significa dizer que a consciência-de-si de Alfa percebeu que a sua moral era dissimulada por causa das inclinações e dos impulsos sensíveis. Ela tem consciência de que sua moral não era verdadeira e que seu conteúdo era vazio. Afirma-se que Alfa parecia pensar que a sua ideia, o conceito que possuía acerca da homoafetividade, bem como dos homossexuais, era a moral correta. Entretanto, esta era uma moral concebida a partir da certeza sensível, ou seja, da experiência que teve ao ver Ômega. Como Alfa, em outras ocasiões já conseguiu deixar para trás seus preconceitos adquiridos na certeza sensível, ele, neste momento, percebe que a sua moral, tida como correta para si, em verdade, não está certa, posto que está imbuída de conceitos do mundo sensível, ou seja, de preconceitos sobre Ômega. Assim, a moral de Alfa é vazia. Por tais motivos é que se falou que a consciência-de-si do sujeito possuía uma pretensa verdade. Para ilustrar e analisar essa ideia nos questionários aplicados aos colaboradores, trazem-se as respostas de Cério, Neodímio, Potássio, ao que se

refere à questão 1.B. Por outro lado, esse mesmo pensamento aparece na indagação 3.A do questionário de Lítio.

Cério, por exemplo, aponta que “*há pessoas que ficam sempre falando por trás das pessoas homossexuais*”. Diz o aluno, ainda, que “*isso não é certo. Homossexualidade é normal*”. Por outro lado, Neodímio aponta que “*na família tem gente que discrimina os homossexuais*”. “*Aprendi isso*”, diz a aluna. “*Mas eu trato igual todo mundo, e não devia ser tratado diferente só porque é gay*”. Já Potássio, diz que se deu “*por conta sozinha, por ver que as pessoas discriminam os homossexuais, sem saber que são pessoas como elas próprias*”. Lítio, no mesmo sentido de Potássio, afirma que “*meus colegas tem um certo preconceito com algumas pessoas, é importante nós respeitarmos as pessoas como são, porque se fossem todos iguais, que graça teria?*”

Desse modo, quando Alfa reconhece que, na realidade, possuía uma inverdade, ele chega à verdade de que ele privava Ômega de ser reconhecido por sua orientação sexual. Nesse ponto, ele faz com que a “consciência-de-si moral abandona, ou melhor, suprassume dentro de si mesma, a separação donde nascera a dissimulação” (HEGEL, 2008, p. 432), posto que esta é que levava o sujeito para fora da realidade moral. Assim, Alfa faz com que sua consciência-de-si retorne para si mesma e percebe que

É o espírito moral *concreto* [as trocas comunicativas, a busca pelo reconhecimento da identidade], que na consciência do dever puro não adota para si um padrão-de-medida vazio, que fosse oposto à consciência efetiva. Ao contrário: o dever puro, tanto como a natureza a ele oposta, são momentos suprassumidos. O espírito moral é [os diálogos entre os sujeitos são, o reconhecimento por sua identidade], em unidade imediata, essência *moral que-se-efetiva*; e a ação é figura moral imediatamente *concreta*. (HEGEL, 2008, p. 432).

Desta maneira, o sujeito deixa de lado a sua dissimulação e passa a ver a moral de Ômega como algo concreto, que se efetiva. Alfa procura somente cumprir o dever puro e, diz que

A boa-consciência renuncia a todas essas colocações e dissimulações da visão moral do mundo ao renunciar à consciência que apreende como contraditórios o dever e a efetividade. Segundo essa última consciência, eu ajo moralmente quando para mim estou *consciente* de cumprir só o dever puro e não *outra coisa* qualquer; quer dizer, de fato, *quando eu não ajo*. Mas quando ajo efetivamente, eu sou consciente de um *outro*, de uma *efetividade* que está presente, e de uma que quero produzir. Tenho um *determinado* fim e cumpro um dever *determinado*; nisso já há algo *outro* que o dever puro, o qual somente deveria ser colimado. (HEGEL, 2008, p. 434).

Isso quer dizer que a boa-consciência fica livre de todas as dissimulações e age de acordo com o dever puro. Entretanto, este dever puro não pode ser qualquer dever, mas algo que sirva para todos os seres. Isto é, não pode, por certo, excluir nenhum indivíduo, nenhum grupo social. Nesse aspecto, faz-se presente a questão 3.B ao que se refere aos colaboradores

Itérbio, Criptônio, Magnésio, Lutécio, Hidrogênio, Xenônio, Érbio, Paládio, Sódio. A escolha por eles, nesse momento, significa a inclusão de todas as pessoas, seja na escola, seja na sociedade. Essa inclusão somente ocorre porque Alfa já percebe que há uma moral universal, que tem por objetivo abarcar todos os indivíduos. É uma moral que já não se apegava mais às ideias da certeza sensível, mas um pensamento refletido a partir da interação, do diálogo com o parceiro de interação. Os alunos afirmam:

Sim. Sendo legal, companheiro, uma pessoa que me faria bem, eu incluiria. Por que não? (Itérbio).

Sim. Pois eu já tive uma amiga e agora nós perdemos um pouco o contato, mas tenho um carinho muito grande por ela. (Criptônio).

As pessoas terão que ter respeito com todos, por ser ou não homossexuais. (Magnésio).

Sim, pois os sentimentos deles é o mesmo que o nosso. (Lutécio).

Sim, pois faço o possível para incluir a todos. (Hidrogênio).

Sim. Ela não será uma ameaça para mim. Apenas terá algumas escolhas diferentes. (Xenônio).

Sim. Não teria problema. (Érbio).

Sim. Porque também devemos respeitar, independente dos sentimentos deles. (Paládio).

Seria porque não aceitar eles? Só porque é homo não quer dizer nada. (Sódio).

Pode-se notar, nas respostas dos colaboradores, que todos eles incluiriam um colega que fosse homossexual. E, nesse momento, não apontam nenhuma restrição, como fizeram Cádmio, Zircônio, Níquel, por exemplo. Alfa faz isso, se ele tomar por correta somente a sua moral, ela não será uma moral verdadeira, já que não abarca todas as morais. O mesmo vale para a moral do parceiro de interação. Porém, como Alfa, chegou a um momento em que foi deixado de lado todas as dissimulações e seu agir é de acordo a um dever puro. A consciência-de-si já possui o conhecimento da moral de Ômega e a toma para si também. Portanto, poder-se-ia aduzir que ela já está apta a seguir o puro dever. Mas Hegel (2008, p. 434) alerta que esta boa-consciência pode ser a consciência que “enuncia o *dever puro* como essência de seu agir”. Nesse sentido, ela seria, novamente uma dissimulação. Sendo assim, tem-se de cuidar que, se a boa-consciência

For considerada segundo a oposição da consciência, é a própria *singularidade* imediata, o conteúdo do agir moral e sua *forma* é precisamente esse Si como puro movimento, quer dizer, como o *saber* ou como a *convicção própria*. (HEGEL, 2008, p. 434).

Isso quer dizer que se torna “perigoso” adotar somente uma singularidade como correta. Nesse caso, somente incluir colegas heterossexuais ou que possuem ideias da certeza sensível; excluindo colegas que são homossexuais ou que o defendam, posto que ela se torna,

tal qual a anterior, uma futura dissimulação de si mesma. Isso é o que ocorre com Iodo ao responder a indagação 3.B: “*Não. Porque ele é ele. E eu não teria sentimentos assim. E ainda falaria para os meus colegas, ou eu, ou o puto*”.

As palavras de Iodo são claras ao dizer que somente aceitaria colegas, em seu grupo de amizades, que não fossem homossexuais. Isso demonstra a prevalência de uma única moral, e não da diversidade. É por esses motivos que Hegel (2008, p. 435) prefere dar outra consideração para a boa-consciência, que consiste em considerar

Mais de perto [...] sua unidade e [...] significação dos momentos, [vemos que] a consciência moral só se apreendeu como o *Em-si* ou *essência*; mas como boa-consciência apreende seu *ser-para-si* ou o seu *Si*. A contradição da visão moral do mundo *dissolve*; isto é, a diferença, que lhe serve de base, se revela não ser diferença alguma, e colapsa na pura negatividade.

Pode-se dizer que aquele aluno que pensar da mesma maneira que Iodo, como foi demonstrado acima, encontra a negatividade de si mesmo e, com isso, começa a perecer frente aos outros que aceitam a diversidade. Utilizando-se desta segunda consideração exposta pelo filósofo, Alfa e Ômega avançam no reconhecimento intersubjetivo de suas identidades. Ainda assim, conseguem procurar pelo fortalecimento de uma identidade que seja comum para a sociedade. Algo onde todos os grupos sociais possam ser compreendidos, reconhecidos e acolhidos por suas diferenças. Dessa forma, o primeiro toma como evolução a unidade e deixa de lado aquilo que ele considerava como desigual a si; isto é, não há diferença alguma entre o sujeito e seu parceiro de interação. Ambos são iguais.

6.3 O agir: a mudança

Até o item anterior foi visto que Alfa conseguiu perceber que a moral do parceiro de interação, a homoafetividade, também é algo a ser valorizado e, como consequência, tomada como igual à heteroafetividade, mesmo sendo diversa. Deste modo, Alfa percebe a universalidade com Ômega e, o Si, para eles

Tanto é saber *puro* quanto é saber de si como *desta* consciência *singular*. Esse Si constitui portanto o conteúdo da essência antes vazia, pois é o *Si efetivo*, que não tem mais a significação de ser uma natureza estranha à essência e independente nas leis próprias. Como o negativo, é a *diferença* da pura essência – um conteúdo, e na verdade de um conteúdo que é válido em si e para si. (HEGEL, 2008, p. 435).

Esse pensamento de Hegel faz com que o sujeito avance nas convicções acerca do outro. O referido Si, sendo um puro saber e sendo igual como é a si mesmo, é “algo *pura e simplesmente universal*, de modo que precisamente esse saber, *como seu próprio* saber, como

convicção, é o *dever*”. (HEGEL, 2008, p. 435). Isso parece significar que Alfa e Ômega estão alcançando o que necessitam. Conseguem se reconhecer mutuamente em sua moral e, com isso, construir uma identidade, tanto pessoal, quanto coletiva. Percebem o outro tal como ele é realmente e assim o reconhecem, ou seja, passam a perceber que a lei moral vem para acolher o outro indivíduo e não para enquadrá-lo dentro de uma lei que não lhe é sua essência. É por isso que quando se está diante de uma lei moral, deve-se olhar se esta moral abarca todas as morais, de todos os indivíduos, de todos os grupos sociais. Isso se deve ao fato que a escola necessita “alcançar todas as áreas oprimidas pela sociedade, incluindo-se a homossexualidade, bem como os homossexuais”. (DANI, 2009, p. 92, 1ª parte). Entretanto, esta inclusão não é somente a matrícula na escola. É, na mesma medida, realizar um trabalho no qual os alunos que têm sentimentos homoafetivos possam se sentir acolhidos, respeitados por sua orientação sexual, longe da exclusão, para que cresçam e desenvolvam suas características e personalidade em um ambiente digno de se estar. A escola pode dizer que “é necessário haver mais respeito, mais igualdade, mais dignidade entre as pessoas. É preciso entender que, no mundo, não há padrões de comportamento, de amor, de sentimento, porque a riqueza da humanidade está na diferença”. (DANI, 2009, p. 93, 1ª parte). Nas palavras de Praseodímio, poder-se-ia dizer que “*o mundo é muito maior do que ele pensa*”, quando se refere à inclusão de um colega homossexual.

Dessa maneira, se dentro da escola for observada, trabalhada, uma moral que abarque a essência de todas as pessoas, que busque construir e fortalecer o reconhecimento, estar-se-á frente a uma lei que existe em função do indivíduo, dos grupos sociais, e não diante de pessoas que se enquadram em uma lei. Nas palavras de Hegel (2008, p. 435):

Agora é a lei que é por causa do Si, e não o Si por causa da lei. Contudo a lei e o dever têm, por isso, não só significação do *ser-para-si*, mas também a do *ser-em-si*: pois esse saber, em razão de sua igualdade-consigo-mesmo, é justamente o *Em-si*. Dentro da consciência, esse *Em-si* se separa também daquela unidade imediata com o *ser-para-si*; contrapondo-se assim, ele é *ser, ser para Outro*.

Quando Alfa chega a este momento de sua evolução, ocorre também o reconhecimento jurídico e, como consequência, social da consciência-moral do outro, afinal, “a boa-consciência é o elemento comum das consciências-de-si; elemento que é a substância em que o ato tem *subsistência e efetividade*: o momento do *tornar-se reconhecido* pelos outros”. (HEGEL, 2008, p. 436).

Diante disso, anteriormente foi explicitado que, para Alfa conseguir perceber que a sua moral não é a única correta, ele precisava transpor a ideia de que somente havia uma moralidade exata e que esta era a sua. Isso o sujeito, segundo Hegel, realiza através do seu

agir, da sua ação, uma vez que é somente o agir de Alfa, frente ao parceiro de interação, que irá fazer com que essa transposição ocorra e aconteça o reconhecimento, levando à unidade de Alfa e Ômega. Fala-se, portanto, que

O agir é somente o trasladar de seu conteúdo *singular* para o elemento *objetivo*, onde o conteúdo é universal e reconhecido: e isso justamente – o fato de ser reconhecido – faz que a ação seja efetividade. Reconhecida, e portanto efetiva, é a ação porque a efetividade aí-essente se vincula imediatamente com a convicção ou [com] o saber; ou seja, o saber de seu fim é imediatamente o elemento do ser-aí, o universal reconhecer. (HEGEL, 2008, p. 436).

Partindo-se da ideia de que é através da ação que os sujeitos participantes da relação intersubjetiva evoluem para a unidade, Hegel expõe que, se o indivíduo guardar para si suas convicções, elas se tornarão vazias. Assim, faz-se necessário expor e lutar por elas, de maneira que todas as morais possam ser abarcadas, buscando a unidade, o reconhecimento. Nas palavras de Hegel (2008, p. 438),

O espírito certo de si mesmo repousa, como boa-consciência, dentro de si; e sua universalidade *real*, ou seu dever, repousa em sua pura *convicção* do dever. Essa pura convicção é, como tal, tão vazia quanto o *dever* puro: puro no sentido de que nada nele – nenhum conteúdo determinado – é *dever*. Mas, agir é preciso: algo tem de ser *determinado* pelo indivíduo; e o espírito certo de si mesmo, no qual o Em-si adquiriu a significação do Eu consciente-de-si, sabe que tem essa determinação e esse conteúdo na *certeza* imediata de si mesmo. Essa é, como determinação e conteúdo, a consciência *natural*, isto é, os impulsos e inclinações. A boa-consciência não reconhece conteúdo algum como absoluto para ela, porque é a absoluta negatividade de tudo que é determinado.

Frente a isso, para Alfa realizar esta transposição e alcançar a unidade, ele necessita agir. É em sua ação que irá evoluir. Entretanto, Alfa não pode guardar para si a sua convicção, ele precisa expressá-la. Essa expressão parece que não pode ser conforme as ideias sensíveis, e sim ser proveniente das trocas comunicativas entre os sujeitos com vistas a consolidar a relação, construindo uma identidade.

Para o tema deste trabalho, como Alfa de alguma maneira já evoluiu no reconhecimento de Ômega, ele necessitava defender Ômega. Esta defesa pode significar o momento em que o sujeito não mais age com preconceito contra Ômega e expressa a opinião de que estava equivocado em seu agir preconceituoso. Outro entendimento de uma expressão pode ser o momento em que Alfa exprime diante de terceiros que, se estes agirem da mesma maneira que agiu contra Ômega, estarão incorrendo em um agir que provém da certeza sensível (portanto, pode ser um agir com preconceito) e não da construção de uma relação ética. Esse é o caso dos colaboradores Promécio e Háfnio. O primeiro aduz que “*defenderia. Eu iria falar para ele não dar bola para o que os outros falam ou pensam e, ainda diria para a turma não discriminar*” (Questão 2.A). Já Háfnio, na mesma linha, afirma para a pergunta

2.A que “*chamaria a atenção daqueles que estivessem discriminando o colega*”. Sendo assim, Alfa aduz que a opinião proveniente da certeza sensível, nada mais é do que vazia, carente de diálogo e, como consequência, carente de consolidação. Quando faz isso, o sujeito vê que necessita expressar-se, já que, agora, a sua opinião sobre Ômega provém da interação, dos conflitos, das trocas comunicativas que teve com ele. E isso Alfa tenta dizer para aqueles terceiros que insistem na opinião preconceituosa, afinal, esta ideia carece de pensamento. Assim, defende Ômega, reconhece que há várias morais possíveis e corretas e consegue fortalecer a relação intersubjetiva. Com isso,

A convicção individual não é outra coisa que a consciência da vacuidade do dever puro, e de que o dever puro é só um momento; que sua substancialidade é um predicado que tem seu sujeito no indivíduo, cujo arbítrio lhe dá o conteúdo. (HEGEL, 2008, p. 439).

Assim, Alfa que já evoluiu para chegar até o momento em que se encontra, não deseja retornar para trás. Ele percebe que aquele dever que considerava como correto pode não ser mais. Pode existir outra moralidade e esta pode ser correta também. Por isso, seu dever puro é somente um momento, um vazio, algo passageiro. Desta maneira, o sujeito necessita optar por um conteúdo que preencha este vazio. E esta opção ele somente pode realizar se reconhecer o outro. Para que este reconhecimento ocorra, é preciso saber que “o dever se cinde na oposição em geral, e por isso na *oposição da singularidade e universalidade*”. (HEGEL, 2008, p. 440). Isso quer dizer que, na relação intersubjetiva, na busca pelo reconhecimento mútuo, haverá, no campo moral, uma moral universal (que é de todos os indivíduos) e uma moral singular (de um ou de poucos indivíduos). Hegel (2008, p. 440) aduz que, se a moral fosse universal, já teria havido o reconhecimento mútuo entre os sujeitos implicados na relação ética, pois,

Aquele dever, cujo conteúdo é o universal mesmo, possua imediatamente nele a natureza do dever puro. Com isso, forma e conteúdo se ajustariam totalmente de modo que, por exemplo, a ação pelo bem-maior universal seria preferível à ação individual.

Entretanto a moral não parece ser universal, e sim singular, pois muitos indivíduos que têm sentimentos homoafetivos, ainda vivem marginalizados pela sociedade, posto que o que ainda prevalece, atualmente, é a moral de poucas pessoas. Neste caso, uma moral que ainda não vê com bons olhos que a homoafetividade é algo normal. Prova disso encontra-se em Cechin (2006, p. 36-37) quando aduz que, em uma pesquisa realizada

Com aproximadamente dois mil homens e mulheres brasileiros, constatou-se um persistente mal-estar diante da homossexualidade. Apesar de 50% dos entrevistados e entrevistadas concordarem que convivam diariamente com homossexuais – no trabalho, na vizinhança ou em outros ambientes sociais que freqüentam – 56%

admitiram que alterariam seu comportamento em relação a um colega se descobrissem que ele fosse homossexual. Um em cada cinco reconheceram que romperiam a relação com essa pessoa. Dos sujeitos inquiridos, 36% afirmaram que não empregariam uma pessoa se soubessem que ela é gay, mesmo que esta fosse a mais qualificada para o cargo; 79% não gostariam que seu filho saísse com um amigo homossexual. Em nossa cultura, os meios de comunicação, a família, a escola, as religiões apresentam a relação homem/mulher como a única orientação afetivo-sexual possível, evitando mencionar a existência de outras práticas.

Para corroborar tal prova, é possível aduzir que o Brasil é um dos países que mais rejeita os homossexuais, posto que

78% da população geral rejeita os homossexuais enquanto esse índice chega a 82% entre os formadores de opinião (incluídos nesta categoria políticos, juristas, executivos, comunicadores e membros da Igreja). Em uma pesquisa encomendada pela Revista Época ao Instituto Mori Brasil em 1998 [...] foram entrevistadas pessoas de ambos os sexos, entre 16 e 70 anos, em cinco capitais brasileiras. Os resultados demonstram o preconceito existente contra homossexuais na população brasileira: 47% dos entrevistados considera a homossexualidade pecado ou um distúrbio psicológico, enquanto 28% acredita ser uma doença física; 56% não apoiariam a opção de um filho que decidisse se unir a outra pessoa do mesmo sexo biológico. O preocupante, é que o preconceito contra homossexuais é admitido abertamente. [...] Nestes casos, os homossexuais são frequentemente taxados de anormais, imorais, pecadores, marginais, pedófilos, promíscuos, doentes, efeminados, complicados e pouco confiáveis. (CECHIN, 2006, p. 37-38).

Nota-se que ainda há uma moral singular (a moral daqueles indivíduos que possuem preconceito) que prevalece sobre a universal (de todos os indivíduos). Esse é o caso de Molibdênio ao que se refere à pergunta 2.A. Diz ele que “*não faria nada para ajudar [o colega homossexual]. O problema não é meu*”. Porém, para mudar esta visão e alcançar o reconhecimento, é preciso que o dever de um singular esteja em consonância com o universal; isto é, longe de convicções individuais, a não ser que esta convicção individual seja para o bem de todos. Isso quer dizer que o pensar de um indivíduo que não aceita, que exclui um estudante homossexual do ambiente escolar, por exemplo, não pode prevalecer, uma vez que esta é uma convicção individual, presa à certeza sensível. Do contrário, se a convicção individual é para todos, isto é, se é uma convicção que procura acolher todos os indivíduos, independente de suas características particulares, então, ela vale como universal. Assim, o sujeito que cumpre o dever consigo mesmo, cumpre também “o dever para com o universal”. (HEGEL, 2008, p. 441). Dessa forma, o sujeito que deixou para trás a sua convicção negativa acerca de Ômega adquire uma nova convicção acerca dele e pode exprimir esta nova convicção, posto que,

É só nessa convicção que a ação é dever. Também só *vale* como dever porque a convicção é *expressa*. Com efeito, a consciência-de-si universal é livre da ação *determinada apenas essente*; esta, como *ser-aí*, não vale para a consciência-de-si, e sim, a *convicção* de que a mesma ação é dever, essa convicção é efetiva na linguagem. (HEGEL, 2008, p. 444).

Quando Alfa expõe seu pensamento sobre Ômega ele está cumprindo um dever. Esse dever, mesmo que seja, ainda ele (singular), Alfa, tem a consciência de abarcar todas as pessoas, sem excluir nenhuma, ele passa a fazer com que o seu dever se torne uma moral universal. Entretanto, quando o sujeito excluir algum indivíduo de suas convicções que adquiriu, ele corre o risco de ter sua moral marginalizada, posto que ela não irá se tornar lei universal, ou melhor, moral universal. Isso quer dizer que aquele estudante, por exemplo, já que se está falando em relações entre colegas na escola, que excluir um colega por ser homossexual, sempre terá a sua convicção marginalizada. Portanto, aquele que age com preconceito (excluindo homossexuais), não age de acordo com a moral universal.

Se Alfa tem a consciência de que necessita para abarcar todas as morais ou agir de modo que a sua moral se torne lei universal, ele precisa reconhecer Ômega como seu igual. É somente na universalidade que Alfa e Ômega saberão e serão o puro saber universal, isto é, um saber que é sabido e reconhecido por eles como uma verdade. Desse modo, Alfa passa a saber-se e a perceber-se como si mesmo, e é um momento da consciência. Portanto, somente com o reconhecimento é que, para Alfa, ocorre a “contemplação de si [e que é] seu ser-ai objetivo, e esse elemento *objetivo* é o enunciar de seu saber-e-querer, como de um *universal*”. (HEGEL, 2008, p. 446). Sendo moral universal, o respeito, a amizade, o acolhimento que Alfa passa a ter por Ômega, já não é visto apenas por um dever, apegado à ideia sensível. Esse acolhimento ao parceiro de interação é tido como uma regra universal. Algo que abarque toda a diversidade e que os diferentes se reconheçam como iguais. Para isso, foram escolhidos oito questionários ao que se refere à indagação 3.A. Os colaboradores expostos a seguir tem competência para ilustrar o referido acolhimento e, como consequência, o que seria pensamento universal em uma sociedade e, até mesmo, na escola. Dizem os alunos:

Eu acredito que em primeiro lugar deve haver respeito, pois isso é a base de tudo, pois devemos respeitar as decisões de todos, pois assim, é que temos amizade verdadeira. (Criptônio).

Sim. Acho muito importante o respeito. É fundamental para cada pessoa. (Itérbio).

Com meus colegas, o relacionamento deve ser franco, respeitoso, aberto à opiniões... Em relação ao modo de ser, com certeza é muito importante respeitar cada um, porque cada um tem um jeito de agir e pensar e deve ser respeitado. (Cromo).

Deve ser respeitado. Se a pessoa não estiver prejudicando com seus pensamentos. (Hélio).

Eu acho que devemos respeitar nossos colegas, não importando a sua opção sexual. (Neônio).

Respeito. Vale para todos, pois cada um que quer ser respeitado, também deve respeitar. (Argônio).

Acho que é importante sim, pois se você desrespeitar alguém todos vão começar a desrespeitar também. Então, se tiver uma relação de amizade, é bem melhor. (Térbio).

Respeitar, como gostaria que fosse respeitado. (Silício).

Entretanto, Hegel preocupa-se com o indivíduo que não consegue alcançar este reconhecimento e que insiste em fazer com que a sua moral, que é singular, e, portanto, não abarca o pensamento de todos os outros seres, seja a universal. De outro modo, o indivíduo mencionado acima é aquele que age com preconceito. Nesse sentido,

Se a má consciência renega-se frente à consciência do dever, e afirma, como um agir conforme à lei interior e à boa-consciência, o que essa declara como maldade, como desigualdade absoluta em relação ao universal – mesmo assim permanece ainda, nessa afirmação unilateral da igualdade, sua desigualdade com o Outro: porque ele não acredita nela nem a reconhece. (HEGEL, 2008, p. 450).

Como a consciência não consegue reconhecer uma outra como seu igual, para agir de acordo com o dever, ela passa a ser uma consciência má, porque somente está seguindo a sua lei interior, e não a lei universal. Ela ainda vê o outro (neste caso Ômega) como desigual a si, não crê nele e não o reconhece. O indivíduo que assim age confessa, através de seu agir, que é maligno. Esse é o caso de Carbono, Flúor, Oxigênio, Iodo, Cloro, Astatina, Nitrogênio, Enxofre, Fósforo, Bromo, por exemplo, pois ao que tudo indica, permaneceram com as ideias da certeza sensível, ou seja, continuam a não ver com bons olhos a homoafetividade. E, por não reconhecerem o outro, maltratam-no. Dizem que matariam os homossexuais, que a homossexualidade é uma falta de vergonha, que o homem deve, obrigatoriamente, se relacionar com a mulher e esta com aquele, entre outras questões. Para isso, tem-se que

O mal confessa-se, de fato, como mal pela afirmação de que opera segundo sua interior lei e boa-consciência, em oposição ao universal reconhecido. Com efeito, se essa lei e boa-consciência não fosse a lei de sua singularidade e arbitrariedade, não seria algo de interior, de próprio; mas o universal reconhecido. Portanto, quem diz que age contra os outros segundo sua lei e boa-consciência, diz de fato que os maltrata. (HEGEL, 2008, p. 450).

Esses indivíduos que usam a sua lei particular para legitimar suas ações sobre o outro também implicitamente fazem com que este outro legitime sua lei individual sobre os indivíduos referidos. Afinal,

Uma [lei] entra em oposição com a outra, e por isso [se mostra] como uma lei particular. Não tem, pois, nenhuma vantagem sobre a outra, mas antes a legitima; [...] Assim fazendo, confere à outra o igual direito do ser-para-si. (HEGEL, 2008, p. 451).

No momento em que um indivíduo usa a sua própria lei interior, usa a própria convicção para legitimar a sua ação, ele está permitindo que o outro também o faça. Entretanto, quando o sujeito utiliza o dever, a lei universal, que é a do reconhecimento, para justificar sua ação, ele estará fazendo com que a lei interior do outro perca seu valor e legitimidade. Desta maneira, se Alfa optar por reconhecer como igual a si Ômega, ele estará concretizando a comunicação entre eles, estará fortalecendo a relação intersubjetiva para que, conseqüentemente, ocorra o reconhecimento pela solidariedade, de acordo com Honneth (2009). De outro modo, diz-se que ele “chega à sua própria contemplação de si mesmo outra consciência”. (HEGEL, 2008, p. 451). Transpondo estas últimas ideias para o caso em tela, percebe-se que, se Alfa não tivesse alcançado a consciência de que há muitas morais corretas e que é preciso abarcar todas elas, para alcançar a lei universal, ele sempre seria uma moral singular. Seria sempre uma moral como Fósforo, Flúor, Carbono, entre outros colaboradores. Isto é, se Alfa se mantivesse preso às suas convicções que excluía Ômega, por este ser homossexual, por exemplo, ou por não compartilhar das mesmas ideias do sujeito, Alfa sempre, de alguma maneira, estaria atrelado à certeza sensível. Visto isso, no próximo item deste capítulo, será exposta uma sugestão de atividade para que os alunos possam reconhecer e ter consciência de promover através de suas ações, do seu próprio agir, o respeito e o acolhimento da diversidade, pois somente assim estar-se-á ampliando as formas de reconhecimento entre os sujeitos e, como consequência, as normas que regem a sociedade.

6.4 Agir para reconhecer: uma atividade

Conforme exposto neste capítulo, inicialmente, os sujeitos acabam reconhecendo por uma representação. Alfa acolhe Ômega por puro dever, pois ainda está apegado à certeza sensível. Neste caso, então, o professor, poderia trabalhar com seus alunos alguma maneira de deixar de lado esta representação, posto que nem sempre ela é verdadeira. Para isso, ele pode expor as ideias já trazidas durante a explanação deste capítulo, bem como trabalhar com elas. Um exemplo disso seria o agir, a ação.

Frente a isso, pode ser realizada uma comparação com a ação do sujeito quando ainda estava atrelado à certeza sensível, isto é, se na certeza sensível, quando Alfa se deparou com Ômega, ele promoveu um conflito homofóbico, ou seja, exclui seu colega por ele ser homossexual. Diante disso, se o sujeito já conseguiu evoluir em seu pensar, como foi visto durante o trabalho, ele, agora, que aprendeu, realizou trocas comunicativas, interagiu com Ômega, consegue agir de outra maneira, bem como consolidar a relação intersubjetiva.

Assim, se Alfa consegue mudar seu comportamento perante Ômega, ele já não pode mais excluir, nem maltratar, de forma alguma, seu colega. O que Alfa aqui precisa fazer é respeitar Ômega. E isso se dá de duas maneiras. A primeira é expor sua opinião acerca de Ômega. Em outras palavras, pode-se dizer que Alfa age de modo a defender Ômega da exclusão de terceiros. A outra maneira é não excluir mais o parceiro de interação, procurando acolhê-lo com as características que possui.

Desse modo, se for trabalhado com os alunos uma maneira para que eles tomem consciência de que desrespeitar alguém por ser homossexual é equivocado, então, a escola estará cumprindo com seu papel de educadora. Porém, deve-se cuidar para que a tomada de consciência não seja repetir e prolar a ideia aprendida de terceiros. Pelo contrário,

A hipótese evolutiva assim traçada, porém, só pode se tornar a pedra angular de uma teoria da sociedade na medida em que ela é remetida de maneira sistemática a processos do interior da práxis da vida social: são as lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades. (HONNETH, 2009, p. 156).

De outro modo, fala-se que é necessário mudar-se interiormente, na alma. É sentir e reconhecer a mudança em si mesmo, para assim, mudar o modo de agir para com os outros. Afinal, somente assim a comunidade escolar estará promovendo e formando indivíduos para reconhecer a diversidade que existe na realidade.

7 A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE ESPIRITUADA

No presente capítulo, será mostrado como os sujeitos trabalham a mudança dentro de si. Quando há o afastamento do preconceito, as pessoas começam a perceberem-se como construtores de sua própria realidade e conseguem caminhar para a última etapa do reconhecimento do outro e de si próprios.

7.1 A revolta

Conforme tudo o que fora visto até o presente momento, Alfa passa a agir conforme a sua convicção, ou seja, a partir de uma moral, que agora serve tanto para ele quanto para seu parceiro de interação. Entretanto, se ele preferisse excluir Ômega, passaria a ser uma consciência má, pois, para Alfa, Ômega é seu desigual. Porém quem assim age, isto é, quem marginaliza outro por sua orientação sexual, por mais que possa dizer que não é preconceituoso, acaba confessando que é.

Ao que se refere à ideia exposta acima, cabe traçar uma comparação entre as questões 1.A e 4 do questionário de alguns colaboradores. Primeiramente, trazem-se os questionários de Manganês, Oxigênio e Érbio. A escolha desses deu-se pelo fato de que, na indagação de nº 4, os alunos disseram que não iriam refletir acerca do que escreveram na pergunta 1.A. Embora já tenha sido trabalhada a questão 1.A para esses alunos, é necessário retomá-la, pois é através dela, juntamente com a quarta pergunta, que se verá que esses estudantes não reconhecem o colega homossexual por sua diferença.

Manganês responde, para a pergunta 1.A, que “*os homossexuais não gostam da mesma coisa que ele*”. Pensando dessa maneira, esse aluno não incluiria o colega (pergunta 3.B), pois “*pegaria mal*”. Desse modo, quando foi realizada a pergunta 4, Manganês diz: “*Não e nem quero*”. No momento em que esse colaborador não deseja saber, nem acolher, nem se abrir ao diálogo com o parceiro de interação, ele acaba demonstrando que tem preconceito contra os homossexuais. O mesmo vale para Oxigênio. Ele responde, na indagação 1.A, que os homossexuais “*são viados*”. Por isso, assim como Manganês, o aluno excluiria o colega que fosse homossexual. Se Oxigênio age dessa forma e, na questão 4, responde que “*Não. Nunca parei para pensar. Nem quero parar para pensar*”, ele, de alguma maneira, externa seu preconceito, posto que decide permanecer na ideia da certeza sensível, pensando que os homossexuais “*são viados*”.

Ideia semelhante traz Érbio. Diz a aluna que, embora “*não tenha nada contra, mas também nada a favor*” para a indagação 1.A. Entretanto, ela diz que “*nunca pensou*” se a ideia estava correta ou não. Portanto, se ela afirma que não tem nada a favor, parece significar que, de alguma maneira, Érbio tem um pouco de preconceito.

Outros colaboradores que, comparando as questões 1.A ou, então 3.B e até 2.A do questionário com a quarta pergunta, disseram ter pensado, refletido, entretanto, essa reflexão que eles alegam terem feito, em verdade, não pode ser considerada como reconhecidora das diferenças. Alguns colaboradores, em suas respostas para a pergunta 4, disseram que “*pensam de acordo com o que eles acham certo ou não*”. Para ilustrar esse pensamento, tem-se o questionário de Cádmió, por exemplo. A aluna, na pergunta 2.A, que já foi trabalhada, responde, entre outras coisas, “*que cada um tem que saber o que é certo ou errado*”. Ela, por exemplo, não defenderia o colega homossexual que estivesse sofrendo discriminação, mas também não o excluiria. Para a pergunta 1.A, a aluna diz “*não tem nada contra os homossexuais*”, mas também não diz que não tem preconceito para com eles. Na pergunta 4, Cádmió afirma: “*Sim. Acho que eu não penso da forma errada. Eu penso de acordo com o que eu acho certo*”. Analisando a resposta colocada por Cádmió, pode-se dizer que o pensamento que a colaboradora “*acha certo*” pode não ser aquilo que mais se aproxima do reconhecimento das diferenças entre os sujeitos. Por exemplo, Cádmió diz que não defenderia o colega que estivesse sofrendo discriminação (questão 2.A) e que deixaria bem claro que não é lésbica no momento em que fosse incluir uma colega em seu círculo de amigas (questão 3.B). Se ela, mesmo que não exclua o colega homossexual, no momento em que não o defende, torna-se omissa e colabora para que a discriminação ganhe visibilidade. Mesmo que Cádmió possa dizer que não é preconceituosa, acaba sendo, através de sua ação para com o outro colega. Assim, não tem condições de reconhecê-lo.

Outro colaborador que segue a mesma linha de Cádmió é Molibdênio. Ele diz que não ajudaria o colega que tem sentimentos homoafetivos, nem iria discriminá-lo. Molibdênio afirma, ainda, que incluiria o colega homossexual, mas ficaria “*com um pé atrás*”, pois não gosta de homossexuais. No momento em que expõe isso, antes de mostrar a resposta da questão 4 do colaborador, é importante mencionar o que ele escreveu na pergunta 2.B, afinal, ainda não fora discutida sua resposta. Logo após, passa-se à questão 4 desse aluno:

Questão 2.B: *Acho que para saber o que eu faria ou como agiria, só sentindo na pele, mas se eu fosse discriminado sendo de qualquer forma, não taria nem aí, eu vivo para ser feliz e não ligo para o que falam de mim, porque quem me conhece sabe como sou.* (Molibdênio).

Questão 4: *Eu aprendi a gostar do sexo contrário, meu caso mulheres. Não estou equivocado porque homossexualismo me dá nojo, mas cada um faz o que quer da vida e eu cuido da minha.* (Molibdênio).

Diante das respostas de Molibdênio é possível perceber o seu preconceito. Primeiramente quando expõe “*porque quem me conhece sabe como sou*”, parece que o aluno quer dizer que quem é homossexual, em verdade, é um ser perverso, mau, pecador, nojento, entre outras características da certeza sensível. E que, enfim, as pessoas que conhecem Molibdênio sabem que ele não tem (ou teria) essas características e, portanto, não seria homossexual. No mesmo sentido, o aluno ainda demonstra preconceito e não consegue reconhecer seu parceiro de interação, no momento em que afirma: “*eu aprendi a gostar do sexo contrário*”. Cabe mencionar que ninguém aprende a gostar de homem ou de mulher. São simplesmente sentimentos e, isso não se aprende. Desse modo, parece que Molibdênio, embora possa acolher um colega homoafetivo em suas amizades, não o reconhece em sua diferença. Parece que apenas tolera o outro. Assim, o aluno continua pensando de uma maneira equivocada e, nisso, mesmo sem ser explícito, ainda marginaliza os homossexuais.

O mesmo acontece para os alunos Samário, Prata, Cobre e Paládio. Para começar, Samário diz, na pergunta 1.A e, posteriormente, na pergunta 2.A, que “*não se meteria*” para defender o colega homossexual “*porque a turma pensaria outras bobagens*” e ele diz que “*acha certo*” ao que se refere à pergunta 4, Samário mesmo que possa dizer que não é preconceituoso, pois acolheria colega homoafetivo na pergunta 3.B, em verdade, suas ações demonstram que tem preconceito para com a homoafetividade.

Prata parece que também demonstra preconceito, quando acredita que as pessoas que têm sentimentos homoafetivos são assim por “*influência dos amigos*”. Desse modo, ela não defenderia o colega que estivesse sofrendo discriminação (questão 2.A) e, na pergunta 4, aduz que, embora não tenha pensado, acredita que não falou “*nada de errado*”. Nesse momento, discorda-se de Prata, afinal, quando entende que uma pessoa é homossexual porque foi influenciada pelos amigos, a estudante demonstra certo preconceito e, com isso, em sua ação para com o colega, prefere não se envolver no conflito homofóbico. Dessa maneira, não colabora para com o reconhecimento das diferenças na sociedade.

Já Cobre aduz que acha “*estranho duas pessoas do mesmo sexo*”. Nessa resposta para a pergunta 1.A, ela demonstra um pouco de preconceito, que se fortifica ao que se refere à pergunta 2.A, posto que a estudante diz que “*não falaria nada*” se presenciasse um colega homossexual sendo discriminado. O mesmo vale para a questão 3.B. Ela diz que, em sala de aula, conviveria com um colega homoafetivo. Porém, fora da escola, não. Agora, ao que se refere à pergunta 4, Cobre responde que “*pode ser que sim, mas imagina eu perder meu*

namorado para outro homem seria o cúmulo. É nojento ver duas pessoas do mesmo sexo se beijando, nada contra, nem a favor”.

Analisando as respostas de Cobre diante da teoria do reconhecimento, percebe-se que existem contradições entre as palavras da colaboradora com o seu próprio agir. No momento em que afirma que *“acha estranho, nojento”* duas pessoas do mesmo sexo juntas, mas afirma que não tem *“nada contra”* ela demonstra a sua contradição. Se ela não tem *“nada contra”* os homossexuais, de que maneira pode dizer que *“acha estranho”* os homossexuais? Quem diz que acha estranho e, ao mesmo tempo, *“não tem nada contra”* tenta demonstrar que não tem preconceito, mas esse seu agir denuncia que tem. Esse agir, para Cobre, se verifica quando ela diz que *“não falaria nada contra”* quem discriminasse um colega homossexual. O mesmo vale quando a aluna diz que na escola aceitaria conviver com um colega que amasse alguém do mesmo sexo e, fora dela, a resposta se mostra negativa. Esse comportamento de Cobre é considerado a sua ação que, de alguma forma, exclui pessoas, e pode ser entendido como preconceito e, por consequência, não reconhecadora das diferenças.

Ao que tange à aluna Paládio, ela diz achar estranho e meio esquisito os homossexuais. Ao observar o que a referida colaboradora expôs na pergunta 4, tem-se que, embora ela aduza que ainda *“não parou para pensar e acredita que por vezes não pensa direito”* ela diz que *“respondeu [ao questionário] conforme o que aprendeu e sabe o que é errado”*. No momento em que expôs esse pensamento, Paládio, ao afirmar que *“sabe o que é errado”*, parece que está dizendo que a homoafetividade é *“errada”*, posto que fala que é *“esquisita”*. Quando faz isso, a estudante, em suas palavras e, como consequência, até em seu agir, como diria Hegel, confessa que tem preconceito para com os homossexuais.

Semelhante pensamento tem Gadolínio. A estudante, para a questão 1.A, aduziu que é *“estranha a personalidade dos homossexuais”*. No momento em que foi indagada sobre a sua reflexão a respeito desse pensamento, exposto na pergunta 1.A, ela respondeu que *“não acha o seu pensamento equivocado. Cada um é cada um”*. Se ela acha estranha a personalidade daquelas pessoas que amam outras do mesmo sexo e aduz que o seu pensamento *“não é equivocado”*, em verdade, ela está um tanto enganada, porque quando aduz que acha *“estranha a personalidade”*, o seu pensamento está equivocado, afinal, como todos os outros alunos, Gadolínio, pelas palavras expostas nesse momento, possui preconceito e não acolhe nem reconhece as diferenças de um colega homoafetivo. Apenas tolera o colega.

No momento em que os alunos aqui expostos continuarem a pensar de maneira que forneceram nas respostas, podem legitimar Ômega para agir como bem entender, já que o que vale, neste momento, é a convicção particular de cada um. Assim, se Alfa agir da maneira

descrita acima, sua convicção perde o valor e, como consequência, a legitimidade. Agora, se Alfa reconhecer Ômega como seu igual, evolui e contempla a si mesmo, dessa forma, Ômega, em relação à Alfa, consegue o reconhecimento, pois a consciência do parceiro de interação é reconhecida pelos sujeitos como igual a si. Assim, se Alfa resolver seguir a lei universal, na qual todas as consciências estão abarcadas, ele se eleva, reconhece Ômega e este também o reconhece. Quando há este reconhecimento, o sujeito consegue perceber que seu parceiro de interação é igual a si mesmo e que, ainda, Ômega também o toma como seu igual. Assim, o reconhecimento não se torna humilhação, nem vexame, como já foi mostrado em outra oportunidade. Pelo contrário, o que lhe é humilhante é o sujeito não reconhecer o outro, tal como ele é em sua essência. Isto é, para concluir com o caso exposto: o que é humilhante é Alfa não reconhecer Ômega.

Entretanto, Alfa, que presente esta mudança dentro de si mesmo, isto é, que deva aceitar Ômega tal como ele é, revolta-se. Isto é, Alfa, quando exclui Ômega devido ao seu pensamento preconceituoso de que aquela certeza sensível lhe proporcionou, tem consciência de que esta sua ação era equivocada, ele irá se revoltar. Mas Alfa não irá se revoltar porque terá que respeitar e reconhecer Ômega como ele é. De outra maneira, afirma-se que há a revolta de quem é preconceituoso, visto que não consegue reconhecer e admitir para si mesmo que estava equivocado em relação àquele indivíduo que tem sentimentos homoafetivos, bem como não reconhece que este indivíduo, ao expressar sua orientação sexual, não possui nada daquelas características negativas que inicialmente foram expostas acerca de homoafetividade/homossexualidade e/ou homossexuais. Transpondo para o caso Alfa e Ômega, ver-se-á que tal revolta poderá ocorrer quando forem trabalhadas e discutidas as ideias acerca do respeito, da acolhida dos homossexuais, bem como da solução para os conflitos homofóbicos que ocorrem na sala de aula. Assim, por vezes, poderá parecer um pouco difícil e complicado trabalhar com tais questões, pois poderá ter alunos que não irão admitir que estivessem equivocados em seu pensar acerca da homossexualidade. Entretanto, se desistir de solucionar os referidos conflitos, a escola estará prejudicando e marginalizando os alunos que têm sentimentos homoafetivos e colaborando para que a homofobia se perpetue não somente na escola, mas também na sociedade.

Ainda assim, é necessário atentar-se para o fato de que poderá ocorrer outra revolta, posto que Alfa contempla o seu saber em Ômega e nota que este (o parceiro de interação) é quem está correto. Esse pode ser o caso de Neônio, Escândio e Rádio. Os três estudantes parecem que passam por esse momento na teoria do reconhecimento. Para analisar, cabe dizer que Neônio, na pergunta 1.A, respondeu que “*as pessoas tem direito de gostar de pessoas do*

mesmo sexo”. Afirmou, ainda, que “ninguém pode obrigar alguém a gostar de uma pessoa do sexo oposto”. O mesmo vale para Escândio, afinal, a aluna entende que “não é contra os homossexuais, pois cada um sabe o que faz”. Ao que se refere à Rádio, há o entendimento de que os homossexuais “são ótimas pessoas e que deveriam ser aceitos na sociedade”.

Transpondo para o caso de Alfa e Ômega, isso significa dizer que o primeiro percebe que o segundo não tem as características que pensava que tinha quando se tratou na certeza sensível. Agora Alfa percebe que ele estava equivocado em seu pensamento a respeito de Ômega e se revolta, pois percebe que o parceiro de interação, ao pronunciar sua diferença, estava correto em seu pensar. Quando Alfa diz que os homossexuais deveriam ser “aceitos na sociedade”, pois “são ótimas pessoas”, bem como “agora sabe que não se pode obrigar alguém a gostar do sexo oposto”, como ele fazia enquanto era Carbono e Fósforo, ele acredita que perdeu sua essência, que o espírito lhe abandonou.

Entretanto, Alfa somente consegue entender esse movimento quando consegue refletir. Para tanto, dizem os alunos em sua resposta na pergunta 4, que:

Sim. Já refleti sobre isso e acho que não estou equivocado, pois as pessoas devem escolher o que querem para sua vida sem interferência dos outros. (Neônio).

Eu acho que estou tendo um pensamento legal, porque eu acho que todos deveriam pensar assim. (Escândio).

Sim. Porque cada um tem que ter a sua escolha e ninguém deve questionar a sua escolha. (Rádio).

Desse modo, como foi exposto, Alfa sente-se abandonado pelo espírito e o renega. Quando faz isso, o sujeito não deixa que ocorra o retorno do espírito para si e cria uma desigualdade com Ômega. Nas palavras de Hegel (2008, p. 454), pode-se dizer que Alfa,

Mostra-se, assim, como consciência abandonada pelo espírito, e que renega o espírito, já que não reconhece que o espírito, na certeza de si mesmo, é o senhor de todo o ato e efetividade. [...] Portanto é ela mesma que impede o retorno do Outro, desde o ato ao ser-aí espiritual do discurso e à igualdade do espírito: e por essa dureza produz a desigualdade que ainda está presente.

Essa ideia de Hegel leva ao pensamento de que, como Alfa permanece nesta revolta e desigualdade em relação a Ômega, ele não pode alcançar a unidade e, como consequência, reconhecer o outro e ser reconhecido. Já que não consegue extrusar-se de si mesmo, Alfa permanece no que Hegel chama de “igualdade negativa”, isto é, o ser (sujeito) é carente-de-espírito, não consegue se comunicar com seu parceiro de interação e nem consolidar a relação intersubjetiva ao nível da solidariedade. Ele encontra o nada, o vazio. Aquele que exclui alguém por alguma diferença torna-se carente-de-espírito. Não encontra a unidade espiritual. Se isso ocorrer, cabe mencionar que a escola deve estar atenta para o fato de que, se houver algum aluno que marginaliza o colega por este ser homossexual, perpetuando ideias pré-

concebidas, ele correrá o risco de ser excluído por uma sociedade que aceita(rá) a diversidade. Este aluno será um ser-carente-de-espírito e ficará sempre apegado à certeza sensível. É possível dizer que,

Enquanto o espírito, certo de si mesmo como bela alma, não possui a força da extrusão do saber de si mesmo que se mantém em si, não pode alcançar a igualdade com a consciência rejeitada, e sim tampouco a unidade contemplada dele mesmo no Outro, nem o ser-aí. Portanto, a igualdade só se efetua negativamente, como um ser carente-de-espírito. A bela alma, carente-de-efetividade, vive na contradição entre seu puro Si e a necessidade que ele tem de extrusar-se para [tornar-se] ser e converter-se em efetividade, na *immediatez* dessa oposição consolidada; uma *immediatez* que é só o meio-termo e a reconciliação da oposição elevada à sua abstração pura, e que é o puro ser ou o vazio nada. Essa bela alma portanto, como consciência dessa contradição de sua *immediatez* não-reconciliada, é transtornada até à loucura, e definha em tísica nostálgica. Com isso abandona, de fato, o duro obstinar-se do *seu ser-para-si*; mas produz somente a *unidade* - carente-de-espírito - do ser. (HEGEL, 2008, p. 454-455).

Porém, se o desejo de Alfa é seguir adiante, continuar a comunicação, bem como a construção da identidade e o posterior reconhecimento com o parceiro de interação, para que se busquem a última etapa do reconhecimento, que é a solidariedade, ele necessita exercer o perdão. Tal exercício, para tanto, será visto no próximo item.

7.2 No panteísmo de espíritos, ninguém quer ser animal

Como os sujeitos querem seguir adiante na etapa para o reconhecimento, foi explicitado que eles precisam utilizar-se do perdão, pois, quando fazem isso, deixam de lado a sua essência inefetiva; isto é, Alfa renuncia ao conceito antecipado (preconceito) que possuía de Ômega. Assim, o que Alfa entendia como mal, ele passa a entender, agora, como bem e bom. Esse pensamento pode ser corroborado com as respostas de Berílio e Estrôncio ao que se refere à pergunta 4. Para demonstrar que Alfa vê a diferença de Ômega como bem e boa, ele passa a pensar que os homossexuais “*são pessoas como qualquer outra e por isso devem ser respeitados*” (questão 1.A de Berílio). Quando faz isso, ele reflete e tem certeza de que essa ideia está condizente com o reconhecimento das outras pessoas. Aduz Berílio, na questão 4: “*Nós achamos que o pensamento está certo*”.

O mesmo vale para Estrôncio, quando expõe: “*Eu acho que é chato alguém ser discriminado por coisas que podem ser evitadas. E eu sei que isso é certo*”. Analisando essa posição da aluna, verifica-se que ela se aproxima do reconhecimento, posto que afirma e tem consciência de que a discriminação não condiz com a teoria de Hegel e Honneth. Alfa percebe que o ato de marginalizar o colega que é diferente de si pode ser evitado se levar em

consideração o conhecimento acerca da homoafetividade. Esse conhecimento não se coaduna com a ideia de pecado, crime, sem-vergonhice, como expuseram os colaboradores Carbono, Nitrogênio, Fósforo, entre outros que ainda insistem em permanecer na certeza sensível. O conhecimento, nesse momento, precisa ser entendido que, assim como a heteroafetividade é algo bom, a homoafetividade também é. São duas formas diversas de amor, porém, ambas tem o mesmo valor e igualdade. Quando Alfa tem esse pensamento, como fazem Estrôncio e Berílio, por exemplo, ele realmente sabe que o seu conceito não é equivocado e Alfa, dessa vez, pode afirmar isso sem estar errado. Quando assim age, ele está apto a contemplar o saber que ele tem, seja em si mesmo ou no outro (Ômega) e, desta maneira consegue estimar tanto a si quanto ao outro dentro da relação intersubjetiva que leva ao reconhecimento mútuo. Isso quer dizer que Honneth (2009, p. 198), ao reatualizar as ideias de Hegel entende que

Os sujeitos humanos precisam ainda, além da experiência da dedicação afetiva e do reconhecimento jurídico, de uma estima social que lhes permita referir-se positivamente a suas propriedades e capacidades concretas. [Assim], o conceito de 'eticidade' [serve] para designar uma semelhante relação de reconhecimento própria de estima mútua.

Assim, entre Alfa e Ômega não há mais a negatividade da consciência. Argumento este, que Hegel (2008, p. 455-456) assim expõe:

O perdão, que concedeu à primeira [consciência], é a renúncia a si mesma – à sua essência *inefetiva*, à qual equipara a outra consciência que era o agir *efetivo*. [Agora] reconhece como bem o que era chamado mal, pela determinação que o agir recebia no pensamento; ou melhor dito, abandona [tanto] essa diferença do pensamento determinado como seu juízo determinante para-si-essente, assim como a outra consciência abandona o determinar, para-si-essente, da ação. A palavra da reconciliação é o espírito *ai-essente*, que contempla o puro saber de si mesmo, como da essência universal em seu contrário, - no puro saber de si como *singularidade absoluta*, [ou seja, essa capacidade de um sujeitos estimar o outro por sua diferença na reatualização de Honneth]. [...] O primeiro saber é a continuidade pura do universal: ele sabe que a individualidade, sabedora de si como a essência, é o nulo, é o mal. Ao contrário, o segundo saber é a discrição absoluta, que sabe a si mesma absoluta em seu puro Uno, e sabe aquele universal como o inefetivo, [como] o que é só *para Outros*. Os dois lados são refinados até essa pureza, onde neles não há mais nenhum ser-ai carente-de-Si, nenhum negativo da consciência.

Diante da ideia exposta acima, teme preciso atentar-se para o fato de que, embora Alfa tenha alcançado esta estima ao que se refere ao parceiro de interação, ele ainda parece não possuir a consciência-de-si deste espírito (desse movimento da última etapa do reconhecimento proposta por Honneth). Dessa maneira, Alfa sabe que o seu pensamento anterior acerca da homossexualidade (que era o que se conhece por preconceito) estava equivocado. Tanto é que ele afirma que os homossexuais são pessoas como quaisquer outras e, quando faz isso, reconhece que ele estava equivocado em seu conceito. O sujeito agora

reconhece que a homoafetividade nada tem de errado e que é somente uma forma de amor, do mesmo modo que a heteroafetividade. Sabendo isso, Alfa exercita o perdão. Porém, ainda, não aparece “a essência absoluta *em si e para si* mesma, não [aparece] a consciência-de-si do espírito”. (HEGEL, 2008, p. 458). Isso parece que significa que, até então, o espírito é apenas consciência e não consciência-de-si. Aduz ser apenas consciência, pois ele ainda não se confrontou com o mundo, bem como, não se reconheceu como tal, isto é, não é consciência-de-si como espírito. Mas para Alfa seguir adiante, faz-se necessário que o espírito se reconheça como consciência-de-si. Para que isso ocorra, Hegel adentra na chamada, por ele, “religião”. No entanto, parece que, para o filósofo, a religião não seria religião tal como é entendida atualmente, e sim traz a ideia de uma re-ligação, de uma re-união; ou seja, traz em si a alma, a essência dos sujeitos que estão envolvidos na relação ética e, portanto, sendo a essência, é o caminho para o reconhecimento. Diante disso, Alfa terá que percorrer um caminho até perceber

Que o espírito no seu mundo, e o espírito consciente de si como espírito – ou o espírito na religião – são o mesmo, a perfeição da religião consiste em que os dois espíritos se tornem iguais um ao outro; não apenas que a efetividade seja compreendida pela religião, mas inversamente, que o espírito – como espírito consciente de si – se torne efetivo e *objeto de sua consciência*. (HEGEL, 2008, p. 460).

Como o objetivo da escola, nesse momento, como já se sabe que os sujeitos se estimam mutuamente, é fortalecer a relação intersubjetiva de Alfa e Ômega através dos laços da solidariedade, Honneth (2009, p. 210-211) elege a solidariedade como sua última forma de reconhecimento, pois ela

Está ligada ao pressuposto de relações sociais de estima simétrica entre sujeitos individualizados (e autônomos); estimar-se simetricamente nesse sentido significa considerar-se reciprocamente à luz de valores que fazem as capacidades e as propriedades do respectivo outro aparecer como significativas para a práxis comum. Relações dessa espécie podem se chamar ‘solidárias’ porque elas não despertam somente a tolerância para com a particularidade individual da outra pessoa, mas também o interesse afetivo por essa particularidade: só na medida em que eu cuido ativamente de que suas propriedades, estranhas a mim, possam se desdobrar, os objetivos que nos são comuns passam a ser realizáveis.

De outro modo, é possível dizer que a solidariedade leva os sujeitos a perceberem que as características dos outros também colaboram e servem para a aceitação das diferenças, tanto na escola, quanto na sociedade. Dessa forma trazem-se os questionários de Cério, Tércio e Gálio ao que se refere à pergunta 4. A escolha por esses questionários dá-se pelo fato de que, na indagação 1.A, os alunos mostraram-se favoráveis aos homossexuais, pois disseram

que eles são “normais, e não tenho preconceito com [eles]” (Cério), bem como que “são pessoas como qualquer outra” (Térbio) e “pessoas iguais” (Gálio).

Nesse momento, os alunos parecem demonstrar o reconhecimento pelos homossexuais e, como consequência, aceitar as diferenças. Para isso, eles precisaram conversar, dialogar e conviver com o parceiro de interação e também conseguiram, através da convivência, deixar de lado as ideias pré-concebidas que possuíam. Nas palavras dos colaboradores, ao que se refere à pergunta 4:

O meu pensamento não está equivocado. (Cério).

Estou certa. Procuro compreender as pessoas. Penso que se você tem respeito pelo homossexual, ele terá respeito por você também. (Térbio).

Sim. Eu não acho que meu pensamento está equivocado, porque a convivência com as outras pessoas também pode mudar o nosso comportamento. (Gálio).

Dessa maneira, Alfa caminha para reconhecer Ômega tanto individual quanto social e juridicamente. Fala-se, portanto, em solidariedade. Ainda se diz que ela é simétrica, pois, como ensina Honneth (2009, p. 211),

Todo sujeito recebe a chance, sem graduações coletivas, de experienciar a si mesmo, em suas próprias realizações e capacidades, como valioso para a sociedade. É por isso também que só as relações sociais [...] com o conceito de ‘solidariedade’ podem abrir o horizonte em que a concorrência individual por estima social assume uma forma isenta de dor, isto é, não turvada por experiências de desrespeito.

Assim, é a última forma de reconhecimento exposta por Honneth (2009) que fará com que Alfa consiga estimar a si próprio em sua diferença, da mesma maneira com que estima Ômega por sua diferença. Para Alfa fazer isso, ele precisa suprassumir a negatividade (Si) que ainda existe dentro de si mesmo. Se não fizer isso, não haverá a estima mútua entre os sujeitos, posto que Alfa ainda necessita se colocar no lugar de Ômega e depois retornar para si, para poder compreender seu parceiro de interação. Fala-se que

Esse *ser*, que é preenchido pelo conceito do espírito, é assim a figura da relação *simples* do espírito para consigo mesmo, ou a figura da ‘carência-de-figura’. [...] O conteúdo que esse puro *ser* desenvolve – ou seja, seu perceber – é portanto um jogo carente-de-essência naquela substância, que apenas *vem à tona*, sem *ir a fundo* dentro de si mesmo, sem tornar-se sujeito e sem consolidar suas diferenças por meio do Si. Suas determinações são atributos apenas, que não adquirem independência, mas que só permanecem [como] nomes do Uno plurinominal. (HEGEL, 2008, p. 468).

Para que Alfa e Ômega possam lançar mão do reconhecimento, é relevante que percebam que há uma diversidade de indivíduos, de grupos sociais, o que significa que há características diferentes em cada pessoa, em cada grupo social. Pode-se afirmar, portanto, que “é a religião da *percepção* espiritual em que o espírito se desagrega na pluralidade

inumerável de espíritos, mais fracos e mais fortes, mais ricos e mais pobres”. (HEGEL, 2008, p. 469).

Porém, para este trabalho, pode-se dizer que, como há várias características do espírito (há vários indivíduos e grupos sociais com personalidades diversas). Uns reconhecem e aceitam as diferenças, outros não; que uns são mais fracos, outros mais fortes e assim por diante. Frente a isso, pode-se aduzir que os sujeitos estão diante de um “panteísmo” (HEGEL, 2008, p. 469) de espíritos. Por estar frente a outros indivíduos que tenham características diferentes das suas, como, por exemplo, a orientação sexual, Alfa se percebe como mais fraco ou mais forte, mais rico ou mais pobre e se revolta contra si próprio.

Isso parece que pode ser entendido da seguinte maneira: como Alfa, ao longo do trabalho, foi procurando se informar, conhecer e saber o que é a homossexualidade/homoafetividade bem como os homossexuais, ele foi deixando de lado as ideias provindas da certeza sensível, da experiência e da observação. Desse modo, Alfa foi compreendendo, reconhecendo e consolidando a relação intersubjetiva que possui com Ômega para que juntos pudessem reconhecer a identidade do outro e, assim, formar uma identidade coletiva que respeite e reconheça as diferenças. Quando fazia isso, evoluía e passava a reconhecer o parceiro de interação como um igual a si. Assim, acolhia-o.

Em razão disso, Alfa percebe que, dentre todos os indivíduos, seus colegas de aula, por exemplo, há pessoas que reconhecem e respeitam Ômega e outros não. Isso, agora, revolta Alfa, pois ele sabe que estava equivocado quando agiu com preconceito para com Ômega. Pode-se afirmar que a tranquilidade que estava dentro de si passa a ser uma vida guerreira e de destruição. Isso quer dizer que aquela certeza sensível, que provinha da sensibilidade, e que era estável, já não há mais dentro de Alfa. Isso ocorre quando os colegas respeitam e acolhem aquele outro que tem sentimentos homoafetivos. Por isso é importante verificar os questionários de Tório, Ferro, Rádio, Neptúnio, Césio, Cromo e Argônio. Para começar, apresentam-se as respostas de Tório (*“Acho que primeiro de tudo deve existir respeito entre os colegas e união. Acho importante isso, pois ninguém precisa ser igual aos outros”*) e Ferro (*“Iria respeitar o modo de ser dos meus colegas porque se eles fizeram essa escolha eu deveria tentar aceitar e ser solidário”*) ao que tange à pergunta 3.A.

Diante das respostas e, posteriormente, como será mostrado através dos outros alunos as perguntas 3.A e 3.B, verifica-se que Alfa por ter conseguido alcançar o conhecimento que a convivência e as trocas comunicativas podem proporcionar, consegue afastar de si as ideias da certeza sensível e acolhe os outros. Esse é o caso de Rádio, Neptúnio e Césio:

Questão 3.A: Sim. Porque ter uma boa educação e também ser companheiros e amigável e ter um bom respeito. (Rádio).

Questão 3.B: Sim. Porque ele seria uma pessoa confiável. Por exemplo, eu tenho um amigo. (Rádio).

Questão 3.A: Acho importante respeitar para ser respeitado. Todos temos direito de escolher e fazer o que quisermos, e não cabe ao outro julgar se é certo ou errado. (Neptúnio).

Questão 3.B: Sim. Porque é direito deles escolher a opção sexual, assim como nós podemos escolher a nossa. Além disso, não devemos julgar as pessoas pela cor da pele, ou até condição econômica, porque todos somos humanos, iguais nos direitos. (Neptúnio).

Questão 3.A: Sim. Porque todos tem um modo diferente de viver e de se comportar. Temos que respeitar a todos de maneira que são. (Césio).

Questão 3.B: Sim. Porque é humano e tem sentimentos. (Césio).

Tomando por base as respostas colocadas acima e que Alfa, agora, já conhece Ômega, descobrindo que a homoafetividade não está imbuída das características da certeza sensível, ele não consegue permanecer calado. Alfa passa a respeitar Ômega. Entende que entre eles há uma diferença, e não desigualdade. É por isso que Alfa se revolta contra si mesmo. Ele quer expulsar de si o pensamento sensível e nisso acolhe como amigo e reconhece Ômega. Portanto, enquanto Alfa é Tório e Ferro, ele respeita e tenta conviver e ser solidário com Ômega. E, mais adiante, quando Alfa é Rádio, Neptúnio, Césio e, como consequência, Cromo e Argônio, como se verá a seguir o que eles expuseram na pergunta 3.B, Alfa acolhe e reconhece Ômega como um ser dotado de direitos e, por isso, solidariza-se com ele perante aqueles que ainda não o reconhecem:

Sim. Havendo o devido respeito não tem porque não aceitá-lo(a). (Argônio).

Tenho colegas que são homoafetivos. Eu incluo. Mas tem outros que não concordam muito com a homossexualidade. (Cromo).

Analisando as últimas palavras de Cromo, pode-se verificar que ela tem colegas que discriminam os homossexuais. Segundo a teoria do reconhecimento, quem assim continua pensando e excluindo o parceiro de interação, acaba se destruindo por si mesmo. Destrói-se por si mesmo, pois permanece com as ideias da certeza sensível. Dessa forma, as pessoas e grupos sociais que aceitam e reconhecem as diferenças uma das outras seguem adiante, tornando-se espíritos ricos. Quando isso ocorre, o preconceito acaba sendo destruído por si mesmo. Isso faz com que os espíritos mais fracos e pobres se isolem, porque eles permanecem com as ideias da certeza sensível. Isso é o que ocorre com Carbono, Flúor, Fósforo e Astató, por exemplo. E, ao fazerem isso, afastam-se da universalidade. Para entender melhor, trazem-se as palavras de Hegel (2008, p. 469), quando ele afirma que

Esse panteísmo, de início a *tranquila* subsistência desses átomos-de-espírito, converte-se no movimento *agressivo* dentro de si mesmo. A inocência da *religião das flores*, que é somente a representação carente-de-si do Si, passa à seriedade da vida guerreira, à culpabilidade da *religião dos animais*; a tranquilidade e impotência da individualidade contemplativa passam ao ser-para-si destruidor. De nada serve ter retirado, às coisas da percepção, *a morte da abstração*, e tê-las elevado à essência da percepção espiritual; a animação desse reino-dos-espíritos tem nela essa morte, pela determinidade e a negatividade que invadem sua inocente indiferença. Por meio delas, a dispersão em uma multiplicidade de tranquila figuras vegetais torna-se um movimento agressivo, em que as faz inchar de ódio de seu ser-para-si. A consciência-de-si *efetiva* desse espírito disperso é uma multidão de espíritos-de-povos, isolados e insociáveis, que em seu ódio se combatem até a morte e se tornam conscientes de figuras animais determinadas como de sua essência, porque não são outra coisa que espíritos animais, vidas animais que se isolam conscientes delas sem universalidade.

Esse pensamento parece apontar para que, como há espíritos (toma-se aqui, grupos sociais) com características diferentes, como já foi exposto, há uma revolta, na qual o espírito mais fraco, que parece ter características mais animais, tenta suprasumir os espíritos mais fortes, posto que não os consegue reconhecer. Em outras palavras, aquele indivíduo (ou até mesmo várias pessoas, grupos sociais) que não respeita, não acolhe, não entende e não concede os mesmos direitos aos homossexuais, não consegue chegar à universalidade. Ele sempre terá características destrutivas e, por isso, como não consegue ser igual ao espírito mais forte, tenta suprasumi-lo, fazer com que ele desapareça. De tal modo, como o espírito mais pobre é capaz de fazer a guerra e isolar os outros, ele não alcança a universalidade e deixa um “caminho aberto” para que, aquele espírito forte possa adentrar nessa consciência e, através da calma e tranquilidade, reconhecer o outro e sobreviver. Isso é o que irá acontecer com aqueles colaboradores que acolhem o colega homossexual, não levando em consideração a sua orientação sexual. Para demonstrar esse acolhimento, trazem-se os questionários de Hélio, Cúrio, Tércio, Hólmio e Estanho ao que tange à pergunta 3.B. Dizem eles:

Sim. (Hélio).

Sim. Não tenho preconceito. A pessoa homossexual não será ameaça para mim. (Cúrio).

Sim, porque ele também pode oferecer uma amizade verdadeira. (Tércio).

Sim. Porque é a amizade que importa e não o seu modo de ser. (Hólmio).

Sim. Sentimentos homoafetivos. Nada contra ele gostar de outro cara, ou gostar da sua amiga. (Estanho).

Trazendo tais ideias para o caso determinado, pode-se aduzir que Alfa percebe que no “panteísmo de espíritos”, ou melhor, na sociedade e até mesmo na escola e dentro da sala de aula onde estuda, há muitos indivíduos, grupos sociais, com diferentes personalidades e características. Alfa nota que aqueles que tem convicções preconceituosas e atitudes que excluem os colegas são espíritos mais fracos e mais pobres, tais como aqueles que se prendem

à sua própria experiência que tiveram com o parceiro de interação. Alfa percebe também que esses espíritos atrelados à negação do que é diferente de si não atingem a universalidade, preferindo isolarem-se. Assim, utilizando-se do entendimento de Hegel, parece que os grupos sociais homofóbicos têm características animais e abrem o caminho para que os espíritos fortes (aqueles que não têm preconceito e que já evoluíram para a universalidade) possam se manifestar, como é o caso dos alunos mencionados anteriormente. Portanto,

Nesse ódio desgasta-se a determinidade do ser-para-si puramente negativo, e, através desse movimento do conceito o espírito entra em uma outra figura. O *ser-para-si suprassumido* é a *forma do objeto* que foi produzido por meio do Si; ou melhor: é o Si produzido, desgastando-se: quer dizer, convertendo-se em coisa. Acima desses espíritos animais que só [se] dilaceram, o artesão mantém sua superioridade; sua ação não é apenas negativa, mas sim tranquila e positiva. (HEGEL, 2008, p. 469).

Nesse fragmento Hegel fala no artesão. Para entender melhor o que o artesão significa, é preciso firmar a ideia de que o espírito animalesco, que não possui a universalidade, desgasta-se na revolta que ele mesmo causa e, quando faz isso, percebe que criou e produziu um ser-para-si que foi suprassumido, isto é, o espírito descobre-se como o outro, como um parceiro de interação. Nessa descoberta, Alfa recorre ao artesão na esperança de que ele o faça espírito, tal qual como se faz a si mesmo. Alfa recorre ao artesão, pois não deseja a sua própria destruição. Em outras palavras, o sujeito quer ser um espírito rico, quer acolher o outro, afinal, já compreendeu que Ômega é como a si mesmo. Diante disso, no próximo item, será visto como Alfa modifica-se a si próprio, sendo o artesão.

7.3 O Artesão constrói o cristal

Como explicitado no item anterior, Alfa deseja ser não mais um espírito pobre e animalesco, atrelado à certeza sensível, onde não consegue construir e nem fortalecer uma relação ética com Ômega. O sujeito quer ser rico, quer reconhecer e ser reconhecido pelo outro, quer alcançar a universalidade, a consolidação de uma relação ética com seu parceiro de interação. Nesse momento, Alfa percebe que a experiência, a certeza sensível, é “em si incompleta, pois ela só pode instruir o sujeito a respeito de sua possibilidade de produzir categorialmente o mundo, mas não acerca da possibilidade de produzi-lo praticamente, em seu ‘conteúdo’”. (HONNETH, 2009, p. 73). Porém, quando o sujeito consegue deixar para trás esse lado, ele depara-se com a obra. Em outras palavras, com o “artesão que constrói o cristal”. Nesse sentido,

Hegel considera a ‘obra’ o resultado da atividade do trabalho mediada pelo uso do instrumento; nela o sujeito experiência agora, pela primeira vez, que não só é capaz de construir a realidade categorialmente, mas que, além disso, ‘o conteúdo enquanto tal é por meio dele’. (HONNETH, 2009, p. 75).

Para isso, Alfa recorre ao artesão para que este o ajude a consolidar a relação ética que possui com Ômega de maneira que a identidade dos vários grupos sociais coexista de forma pacífica, sendo reconhecida umas pelas outras. Portanto,

A primeira forma, por ser a imediata, é a forma abstrata do entendimento, e a obra não está ainda, nela mesma, preenchida pelo espírito. Os cristais das pirâmides e dos obeliscos, simples combinações de linhas retas com superfícies planas e proporções iguais das partes – em que é eliminada a incomensurabilidade da curva – [tais] são os trabalhos desse artesão da rigorosa forma. Devido à mera inteligibilidade da forma, ela não é sua significação nela mesma; não é o Si espiritual. As obras, assim, só recebem o espírito; ou o espírito em si, como um espírito estranho e separado, que abandonou sua compenetração viva com a efetividade, e [como é] ele mesmo morto, se aloja nesses cristais desprovidos de vida; ou então, as obras se referem externamente ao espírito; - como a um espírito que ‘é-aí’ exteriormente, e não como espírito; como a luz nascente que projeta sobre as obras sua significação. (HEGEL, 2008, p. 470).

Isso significa que o espírito (a tentativa de consolidar a relação, a própria estima social), neste caso, como Alfa o renegou, revoltou-se contra si mesmo e ainda não está manifestado em sua totalidade. O sujeito ainda vê que, mesmo nessa revolta, de nada parece adiantar; o artesão não é outra pessoa, é ele mesmo, isto é, é o próprio Alfa que, ao moldar o cristal, ao moldar a si mesmo, percebe que a sua revolta nada tem de espiritual. Assim, ele parece ter dentro de si um espírito estranho e exterior à si, ou seja, um espírito que não pertence a si. Como Alfa mudou seu conceito acerca da homossexualidade, acha seu espírito estranho a esta nova ideia. Por tais motivos Alfa necessita ser artesão, pois somente ele tem dentro de si a capacidade de querer evoluir para não ficar atrelado às suas ideias preconcebidas e equivocadas acerca de Ômega, isto é, é na alma de Alfa, na consciência que a mudança deve acontecer. E essa mudança é a solidariedade, o reconhecimento através da estima social que deve haver entre Alfa e Ômega. Afinal,

A estima social se aplica às propriedades particulares que caracterizam os seres humanos em suas diferenças pessoais. [Assim, esta] forma de reconhecimento requer um médium social que deve expressar as diferenças de propriedades entre sujeitos humanos de maneira universal, isto é, intersubjetivamente vinculante. (HONNETH, 2009, p. 199)

Aduz-se isso, posto que

Enquanto a obra se aproxima de si mesma em seus lados, com isso sucede ao mesmo tempo também outra coisa; aproxima-se da consciência-de-si que trabalha, e esta chega na obra ao saber de si, tal como é em si e para si. Mas desse modo a obra só constitui o lado abstrato da *atividade* do espírito, que em si mesmo não sabe ainda o seu conteúdo, mas sabe-o em sua obra, que é uma coisa. O próprio artesão – o

espírito total – não se manifestou ainda; mas é a ainda íntima e recôndita essência, que só se faz presente como todo, cindida na consciência-de-si ativa e em seu objeto produzido. (HEGEL, 2008, p. 471).

Quando Alfa consegue realizar o processo de ser o artesão, ele percebe que

Galgou por seu esforço até à cisão de sua consciência, onde o espírito se encontra com o espírito. Nessa unidade do espírito consciente-de-si consigo mesmo, na medida em que o espírito é para si figura e objeto de sua consciência, se purificam pois suas combinações com o modo carente-de-consciência da figura imediata da natureza. (HEGEL, 2008, p. 473).

Quando o espírito é artesão de si mesmo e, portanto, consegue chegar à unidade de ser consciente-de-si mesmo, ele se percebe como o outro de si mesmo. Porém, para isso acontecer, o espírito necessita

Mover-se [saindo] do modo imediato e objetivo em direção da consciência-de-si; enquanto essa, por outro lado, procede a suprasumir no culto a diferença que primeiro ela se atribui em relação a seu espírito, e a produzir, assim, a obra de arte nela mesma vivificada. (HEGEL, 2008, p. 476).

Isso significa que, quando Alfa se vê como o seu parceiro de interação, ele sai de si mesmo e caminha para ter a consciência-de-si. Entretanto, quando Alfa realiza esta caminhada, ele, ao mesmo tempo, deixa para trás todas as más convicções que possuía a respeito do parceiro de interação (isto é, deixa para trás suas ideias preconcebidas sobre Ômega, deixa para trás sua revolta e a fraqueza de espírito). O sujeito começa a “moldar seu cristal” para saber o conteúdo do espírito e fortalecer a relação intersubjetiva que mantém com seu colega de interação. Nesse sentido, aparece Zinco, quando aduz, na pergunta 1.A, que “*por mais que eles sejam homossexuais nós devemos aceitar*”. Quando faz isso, Alfa, nas palavras de Hegel (2008, p. 477),

Despoja-se da figura animal com que estava mesclada; o animal é [...] apenas uma roupagem contingente; passa ao lado de sua figura verdadeira, e não vale mais por si mesmo, mas foi rebaixado à significação de um Outro; a mero símbolo.

Essas palavras parecem apontar para o fato de que, como o sujeito necessita mover-se para fora de si mesmo, ele começa a deixar para trás todas as suas ideias animais, preconceituosas, das quais estava vestido. Ao realizar este ato, Alfa também principia por ir em direção à consciência de si mesmo e, como consequência, reconhece Ômega e tem em si a unidade. Tomando por base tais ideias de Hegel, ver-se-á que Honneth (2009), na reatualização que realiza do referido filósofo, parece querer dizer que a solidariedade é justamente essa unidade, onde Alfa e Ômega se reconhecem mutuamente, posto que a solidariedade faz com que os sujeitos se sintam estimados a pertencerem a um grupo social e saibam que esse grupo é reconhecido pelos demais membros da sociedade, bem como pelos

demais grupos sociais. Justifica-se que Alfa começa a se moldar como o artesão molda o cristal. Ao realizar este exercício, o sujeito

Chega [...] à unidade que é o conceito da essência divina. [...] se proporciona a consciência da descida de essência divina desde o seu além até ele: desse modo, a essência divina que anteriormente é o inefetivo e somente objetivo, adquire a efetividade própria da consciência-de-si. (HEGEL, 2008, p. 482).

Embora Alfa já realize este exercício de ter um pouco em si a essência divina, deve-se atentar para o fato de que ela ainda é um essente, isto é, uma alma que purificou sua exterioridade, mas que ainda não “se sabe como o mal”. (HEGEL, 2008, p. 482). Alfa, tendo um pouco da essência divina, começa a se perguntar acerca desta inefetividade, pois deseja ser uma consciência-de-si pura e ter efetividade. Para isso, o sujeito começa a sacrificar em si mesmo este seu lado inessencial, seu lado animalesco, e, com isso, alcança a efetividade pura. Isso pode ser entendido pelo sujeito como o abandono do preconceito que possuía em relação à Ômega. Então, o sujeito, percebendo-se que errado estava, deixa de lado este seu pensamento. Nesse caso, cabe trazer as respostas da pergunta 3.A. É importante analisar algumas respostas, pois quando Alfa percebe que estava equivocado em relação à Ômega, ele também passa a respeitá-lo e acolhê-lo. Nesse caso, Paládio expõe que “*tendo respeito tá bom. Eu acho importante porque ninguém é melhor que ninguém. Todos erramos*”.

Quando a colaboradora fala que “*todos erramos*” parece que se refere à questão de que Alfa percebe, a si mesmo, que tinha preconceito contra Ômega e que agora ele não quer mais para si. Paládio deseja reconhecer e ser reconhecida pelo parceiro de interação, para poder consolidar a relação ética. Entretanto, é somente ela quem poderá fazer, afinal, os próprios colaboradores são o artesão de si mesmos. Ao fazerem a obra, passam a ver Ômega de outra maneira, de forma que afasta de si as más convicções que possuía acerca do parceiro de interação. Nesse momento, Alfa, através de Magnésio, Érbio, Bário, Hólmio e Estanho, responde ao que se refere à pergunta 3.A, que:

Acho que principalmente em respeito. É importante pois devemos tratar os outros como queremos que nos tratem. (Érbio).

Terá que ter respeito, pois eles também são humanos. (Magnésio).

Sim. O que importa mesmo é nos respeitarmos. A vida de cada um, cada um é o que quer ser. (Bário).

Sim. Porque cada um tem seu jeito de ser e de agir, ninguém é igual, todos nós somos diferentes. Os homossexuais são apenas como nós. (Hólmio).

Respeito todos. (Estanho).

Verifica-se que eles conseguem ser o Alfa que afasta de si a homofobia. Mesmo que Hólmio diga que “*ninguém é igual, todos nós somos diferentes*”, ele está querendo dizer que entre as pessoas há diversidade (nesse sentido as palavras “ninguém é igual”), mas que essa

diversidade não traz prejuízo para a vida social. Por isso as diferenças devem ser reconhecidas.

Quando Alfa passa a pensar desse modo, ele exerce uma comparação com a sua convicção sensível e percebe que estava equivocado ao excluir o colega homossexual. Esse exercício que o sujeito faz pode ser visto por Hegel (2008, p. 483) “como o puro abandono de uma posse, que o dono aparentemente descubra como de todo inútil para ele ou faz evolir-se em fumaça”. Alfa renuncia ao seu antigo pensar (renuncia à sua posse sobre este pensar), pois, para o sujeito, é inútil agir com preconceito. Esse é o caso de Plutônio, que assim respondeu a pergunta 3.A: “*sim, porque todos tem seus defeitos e qualidades*”. Ao falar sobre a questão 2.A, Plutônio percebe que não deve excluir o colega homossexual, pois nota que o preconceito é inútil, ou seja, agir com homofobia, marginalizar, somente leva à sua própria destruição, e não à destruição da homoafetividade. Desse modo, Plutônio assim responde a essa pergunta: “*Se ele não for preconceituoso não daria a mínima [no sentido de discriminar os homossexuais]. Caso contrário, ele está mesmo em dívida do que seguir*”. Frente a isso, quando Alfa deixa de agir com homofobia para com Ômega, percebe que

A essência já consumou *em si*; o Si operante apresenta no ser-aí, e para a sua consciência; e substitui essa efetividade imediata essência pela efetividade superior, a saber, pela *efetividade de si mesmo*. (HEGEL, 2008, p. 483).

Como Alfa alcança, desse modo, a efetividade, ele começa a ter a essência divina dentro de si. Com isso, Ômega, tal como ele é, já não é estranho para o sujeito, ou seja, a homossexualidade de Ômega não mais ameaça Alfa, não é desconhecida nem estranha. Alfa se sente bem e aconchegado, posto que sabe que abandonou o seu pensar eivado de preconceito. Dessa maneira,

O que a consciência-de-si intui é que nela, o que assume frente a ela a forma da essencialidade, antes se dissolve e se abandona em seu pensar, ser-aí e agir; é o retorno de todo o universal à certeza de si mesmo, e, por conseguinte, essa completa ausência de temor e de essência, de tudo o que é estranho. É um bem-estar e um abandonar-se ao bem-estar da consciência. (HEGEL, 2008, p. 502).

Isso quer dizer que Alfa percebe que aquilo que ele considerava como essencial para si, já não o é mais. Por isso, ele abandona o seu pensar e, ao fazer isso, retorna para si mesmo. E, quando faz isso, ele sente um bem-estar por este abandono e também fica bem com Ômega que, até então, era seu oposto. Como exemplo disso, traz-se a resposta de Laurêncio para a pergunta 3.A. Ela diz que Alfa abandonou o seu preconceito, que procura tratar os colegas “*de forma que todos se sintam bem devido a sua maneira de viver. Sim, pois todos tem a sua preferência e tenho certeza que não vai afetar os outros ao seu redor*”.

Desse modo, Alfa já tem para si uma consolidação da relação ética com Ômega, reconhece a identidade do outro, assim como é reconhecido na sua. Alfa e Ômega começam a entrar “em conformidade com o seu conceito”. (HEGEL, 2008, p. 493). Eles passam a serem conscientes-de-si que sabem

Dizer seu direito e seu fim; [É] artista que não exprime o exterior de suas decisões e empreendimentos de modo inconsciente, natural e ingênuo. [...] Exterioriza a essência interior demonstra o direito de seu agir; e afirma refletidamente e exprime determinadamente, em sua individualidade universal, o ‘pathos’ a que pertence – livre das circunstâncias causais e do particularismo das personalidades. O ser-aí desses caracteres é enfim homem efetivo, que assume os personagens dos heróis, e os apresentam em linguagem efetiva, não narrativa, mas própria. (HEGEL, 2008, p. 493).

Isso quer dizer que o sujeito, como percebe, ao deixar de lado o preconceito que possuía, vê a essência divina dentro de si. Alfa é alguém que conhece o seu direito e, como consequência, o direito de seu igual (no caso, Ômega). Ele não se permite mais que um terceiro venha e diga para si o que é seu parceiro de interação e como é ele, como ocorria na certeza sensível. Alfa mesmo consegue se comunicar e reconhecer o outro na busca do conhecimento acerca dele, assim como é reconhecido por Ômega. E, ao fazer isso, quando se relaciona com Ômega não apresenta mais um pensamento de outro indivíduo, isto é, não narra mais e repete o que os outros falavam para si. Dessa forma, não age mais de maneira homofóbica contra Ômega, mas exprime o seu próprio pensar, o reconhecimento, a sua própria comunicação com o outro e, fazendo isso, alcança, mais uma vez, a essência divina que está em si mesmo. Esse é o caso de Sódio e Európio. Ambos os colaboradores, para a pergunta 1.B, disseram ter aprendido o seu conceito acerca da homoafetividade por eles mesmos:

Opinião própria. (Sódio).

Eu descobri sozinho. Vi que não tem motivo ou razão para ver os homossexuais de maneira diferente na sociedade. (Európio).

Entretanto, o fato de eles terem respondido que “aprenderam” por “opinião própria” ou “sozinho” não quer dizer que não tenham refletido, nem dialogado com o parceiro de interação. Pelo contrário. Para eles terem chegado nessa resposta, viram ou ouviram falar sobre homossexuais, mas também foram capazes de formular o seu próprio pensar acerca da homoafetividade. Quando fizeram isso, é pelo fato de que conseguem reconhecer o parceiro de interação, saber que ele é diverso de si, mas não é superior nem inferior a si mesmo. É igual. Para melhor explicar, nas palavras de Hegel (2008, p. 506), pode-se aduzir que o sujeito espiritual, tem em si, dois lados, um deles,

É a *substância* [que] se extrusa de si mesma, e se torna *consciência-de-si*; o outro, ao contrário, é que a *consciência-de-si* se extrusa de si, e se converte em coisidade ou em Si universal. [...] A extrusão da substância, seu converter-se em *consciência-de-si*, exprime a passagem ao oposto: a passagem, carente-de-consciência, da *necessidade*; ou seja, exprime que a substância é *em-si* *consciência-de-si*. Inversamente, a extrusão da *consciência-de-si* exprime que ela é *em-si* a essência universal, ou – porque o Si é o puro ser-para-si, que em seu contrário permanece junto a si – [exprime] que *é para o Si* que a substância é *consciência-de-si*, e justamente por isso é espírito.

Isso quer dizer que, para ser espírito, a substância de Alfa é *consciência-de-si* quando ele passa ao seu oposto e percebe que há algo diverso nela, mas que não é desigual. Agora, quando a *consciência-de-si* se extrusa, ela percebe a essência universal, posto que reconhece o outro como ele é e abandona os seus preconceitos. Isso é o que se pode retirar das palavras de Európio e Sódio, que foram expostas anteriormente. Quando os alunos colocam-se no lugar do outro, já sabem que o colega homossexual é igual a si e merece ser acolhido. É por isso que se fala em universalidade. Assim, é possível dizer que a *consciência-de-si* é espírito, que há a consolidação de uma relação ética intersubjetiva e, como consequência, o reconhecimento mútuo entre os sujeitos.

Entretanto, mesmo que tenha abandonado seus preconceitos e Alfa tenha entrado “no ser-aí como sua unidade” (HEGEL, 2008, p. 507), ele, verdadeiramente, ainda não veio a ser para a *consciência-de-si*, tal como ele é. Pelas palavras de Hegel (2008, p. 507), entende-se que

Na medida em que a *consciência-de-si* unilateralmente só apreende *sua própria* extrusão – quando para ela seu [...] [parceiro de interação] já é tanto ser quanto Si, e ela sabe todo o ser-aí como essência espiritual – contudo, nem por isso o espírito verdadeiro ainda veio-a-ser para ela. Quer dizer: na medida em que, em si, o ser em geral ou a substância, de seu lado, igualmente não se extrusou dele mesmo, e se converteu em *consciência-de-si*. Porque então todo o ser-aí só é essência espiritual do *ponto de vista da consciência*, e não em si mesmo. Dessa maneira, o espírito está no ser-aí só [como] *imaginário*.

Isso quer dizer que, para a *consciência* de Alfa, ainda tem de receber e conceber a relação intersubjetiva que tem com Ômega o espírito em sua realidade, e não somente na sua ideia. No próximo item será visto como Alfa conseguirá realizar esse processo.

7.4 A realidade espirituada

Neste momento, como Alfa tem a ideia do espírito, isto é, o espírito é para ele algo imaginado, não real, o sujeito buscará trazer o espírito para a sua realidade, ou seja, consolidar a relação ética de maneira que ela possa ser efetivada, trabalhada, para que os sujeitos possam

ser respeitados perante os outros, nas relações diárias entre os membros da sociedade. Assim, é que Alfa tocará a divindade. Para Hegel (2008, p. 508-509), é possível afirmar que

O momento do *ser imediato* está presente no conteúdo do conceito de modo que o espírito [...], no retorno de toda a essencialidade à consciência se tornou um Si positivo *simples*. [...] O Si do espírito aí-essente tem, por isso, a forma da perfeita imediatez; não se põe nem como pensado ou representado, nem como produzido – como é o caso do Si imediato [...]. Ao contrário, [...] vem-a-ser imediatamente como Si, como um efetivo homem singular, sensivelmente intuído; só assim ele é consciência-de-si.

Percebe-se, nesse fragmento, que, mesmo que Alfa tenha retornado para si, ele ainda é imediato. Porém, ele virá-a-ser quando for efetivo e consciência-de-si. Entretanto somente alcançará isto quando se ver no outro como em si mesmo. Em outras palavras,

A essência é sabida como espírito; vale dizer, [...] é sua consciência, sobre si mesma, de ser espírito. Com efeito o espírito é o saber de si mesmo em sua extrusão: *é a essência que é o movimento de preservar no seu ser-outro a igualdade consigo mesmo*. (HEGEL, 2008, p. 509).

Quando Alfa vir que precisa reconhecer Ômega como ele é, “a essência divina é *revelada*”. (HEGEL, 2008, p. 509). Este reconhecer significa aceitar e respeitar Ômega da maneira como ele é; não podendo agir com preconceito para com ele. No entanto, como foi exposto, ela somente será conhecida “enquanto é conhecida como espírito – como essência que é essencialmente *consciência-de-si*”. (HEGEL, 2008, p. 509). Alfa começa a perceber que somente tem uma ideia de sua consciência-de-si; de seu espírito consciente-de-si-mesmo. É ideia, posto que ele ainda acha que Ômega é um outro e que é estranho para ela, e, portanto, não o reconhece como a si mesmo. Esse movimento, diga-se assim, vai cessar quando Alfa

É objeto da consciência a essência absoluta como espírito, porque assim o objeto está em sua relação com a consciência como [um] Si. Em outras palavras: a consciência se sabe imediatamente nele, ou seja, a consciência é manifesta em si no objeto. Ela mesma só é manifesta a si na certeza própria de si, [ora], aquele objeto é o Si; mas o Si não é algo estranho, e sim a unidade inseparável consigo, o universal imediato. É o puro conceito, o puro pensar ou o *ser-para-si*; o ser imediato, e por isso, o *ser-para-Outro* e, como *esse ser para Outro*, imediatamente retornado a si e junto a si mesmo; é, assim, o que só e verdadeiramente é revelado. (HEGEL, 2008, p. 509).

Disso deduz-se que Alfa, para reconhecer Ômega e sair do estado de ideia no qual se encontra, precisa ver que está como o outro da consciência ou como um si. Quando isso ocorre, o sujeito percebe que este si não lhe é estranho e com ele se encontra em uma unidade. Por tais motivos é que Alfa passa a afirmar, enquanto é Lutécio, Rutênio e Európio, que o colega que tem sentimentos homoafetivos já não lhe é estranho. Alfa, nesse aspecto, sabe e tem consciência das diferenças que existem na sociedade. Por esse motivo, enxerga a homoafetividade como o modo de ser do seu parceiro de interação, como a sua essência e,

portanto, não pode ser modificada. Lutécio entende, ao que se refere à pergunta 3.A, que “o relacionamento entre colegas deve ser com respeito, obedecendo os valores da amizade”. Diante disso, a aluna afirma que “todo o modo de ser de cada um deve ser respeitado”. Porém, aqui, a estudante aduz isso, posto que percebe que não se pode modificar a essência de Ômega. Nota que se trata de uma diferença e, por isso, merece ser acolhida por si mesma. E Lutécio faz isso. O mesmo acontece com Rutênio e Európio. Eles dizem, na questão 3.A, que a convivência com os colegas precisa ser feita:

De forma que todos se sintam à vontade, devido as suas maneiras de vida. Sim, pois cada pessoa é diferente e tem gostos diferentes. (Rutênio).

Acho que o mais importante em uma relação entre colegas é o respeito. Devemos respeitar todos independente do seu modo de ser. (Európio).

Entretanto, mesmo que os alunos digam que os colegas que têm sentimentos homoafetivos precisam ser respeitados, independente do seu modo de ser, isso ainda pode ser entendido como um pensamento universal imediato, porque Alfa parece que ainda não se viu que ele, em relação a Ômega, é também um parceiro de interação. Embora isso aconteça, Alfa tem o ser retornado para si e junto de si mesmo. Pode-se pensar em um exemplo: tanto Alfa, quanto Ômega, obviamente, podem possuir características (ser homossexual ou heterossexual). Essas características, no dizer de Hegel, são predicados dos indivíduos e, portanto, “momentos universais”. Por tal motivo é que Alfa e Ômega são apenas conhecidos, pois o fato de eles possuírem tais características não significa que estão manifestadas neles; portanto, isto é revelado como Si, afinal, é apenas o interior dos indivíduos que está sendo refletido. Neste momento, ocorre a revelação do conceito, a consolidação das trocas comunicativas, da relação intersubjetiva, bem como a formação e construção da identidade dos sujeitos. Nesse momento da evolução de Alfa, ele percebe que o fato de um indivíduo ter sentimentos homoafetivos ou heteroafetivos é algo que faz parte da essência deste indivíduo. De outro modo, Alfa compreende que, se Ômega é homossexual, é porque sua essência é assim, seu interior é desse jeito e não há como modificá-lo. Alfa intui isso de Ômega e também nota que não pode modificar a sua essência. Diante disso, verifica-se que “a sexualidade é inerente à pessoa humana e, que, portanto, a homossexualidade faz parte do indivíduo”. (DANI, 2009, p. 124, 1ª parte). Quando o sujeito entende isso, seu espírito é conhecido como consciência-de-si, mesmo que somente *intuído*. Para entender melhor, tomam-se as palavras de Hegel (2008, p. 509-510), pois enquanto as características são conhecidas,

Ainda não está manifesto o *sujeito* mesmo, seu fundamento e essência; e igualmente, [esses predicados] são as *determinações* do universal, não *este universal* mesmo. O *sujeito* mesmo, e por isso também este *universal puro*, é revelado como *Si*, porque ele é precisamente esse interior refletido sobre si, que ‘é-aí’ imediatamente e que é a certeza própria daquele *Si*, para o qual ‘é-aí’. Ora, ‘ser o revelado segundo o seu *conceito*’ é assim a verdadeira figura do espírito; e essa sua figura, o conceito, é igualmente apenas sua essência e substância. O espírito é conhecido como consciência-de-si, e é imediatamente revelado a esta por ser ela mesma. A natureza divina é o mesmo que a humana, e é essa unidade que é intuída.

Como Alfa tem a intuição da consciência-de-si, ou melhor, “a maneira como a essência é para a consciência”, ele tem, portanto, a capacidade do “pensar puro”, isto é, ele percebe o “conceito da essência”. (HEGEL, 2008, p. 510). Alfa percebe que tanto a heteroafetividade quanto a homoafetividade são características das pessoas. Esse é o caso de Xenônio. A aluna responde, para a pergunta 3.A, que tanto a heteroafetividade quanto a homoafetividade são o modo de ser de cada pessoa e demonstram a sua orientação sexual. Sabendo que é a essência de cada pessoa e até mesmo de grupos sociais, a colaboradora aduz que “*o relacionamento entre colegas deve ser algo respeitoso e onde todos aceitam as escolhas de cada um. Acho muito importante respeitar o modo de ser, pois ninguém precisa ser idêntico ao outro*”.

Diante disso, Alfa, por meio de Xenônio, percebe que Ômega, apesar de ser diverso de si, é digno de receber respeito e tratamento igualitário, longe de discriminações. Mais do que igualdade, é necessário falar no Princípio da Dignidade da pessoa humana para haver o total reconhecimento dos sujeitos, pois a escola, como instituição-“chave” na educação dos indivíduos, necessita tornar cada aluno digno de ser reconhecido pelo seu colega e de reconhecê-lo. Assim, construir esta dignificação é realizar atividades em que os alunos possam se informar e conhecer sobre determinado tema. Portanto, quando foi trabalhado um modo de conhecer o que seria a homoafetividade/homossexualidade bem como os homossexuais, nos capítulos iniciais desta dissertação, depois pensado, refletido, discutido e dialogado a respeito do assunto, promoveram-se dois saberes. Um deles é que a homoafetividade fosse encarada como algo positivo e o outro que o preconceito para com ela fosse tido como algo negativo. Para isso, foi realizada uma quinta pergunta aos colaboradores. Tal indagação é de múltipla escolha e foi exposta da seguinte maneira:

Questão 5 – “*O que é homofobia para você?*”

() *Discriminação contra homossexuais.*

() *Não sei/desconheço o termo.*

() *Aquele indivíduo que não tem preconceito contra homossexuais.”*

Embora seja uma indagação que tenha uma resposta correta, foi verificado, como se verá logo a seguir, que nem todos os colaboradores marcaram a primeira alternativa. Desde já se percebe que há um pouco de desconhecimento ou um conhecimento equivocado a respeito da homofobia. Antes de adentrar nessa discussão, cabe analisar os dados fornecidos no questionário.

Como se sabe, 86 alunos responderam a pesquisa. Ao que se refere à quinta pergunta, 56 alunos (representando aproximadamente 66% do total) disseram que homofobia é discriminação contra os homossexuais. Por outro lado, 21 colaboradores (24%) responderam que “não sei/desconheço o termo” e nove alunos (10%) disseram que homofobia é aquele indivíduo que não tem preconceito contra os homossexuais.

Sendo assim, a análise que se faz ocorre a partir da resposta dos alunos fornecidas na questão 5, com a ação (comportamento) que eles fariam ou teriam diante do colega que tem sentimentos homoafetivos. Nesse caso, também foram levadas em consideração as questões 2.A, 2.B e 3.B.

Para iniciar, como foi exposto, 56 alunos marcaram a alternativa nº 1 (discriminação contra homossexuais). Desses, 40 colaboradores são do sexo feminino, representando 71%, e 16 do sexo masculino, somando 29%. A maioria deles tem 16 anos (33%, 19 colaboradores). São seguidos por aqueles de 17 anos (23%, 13 alunos); 15 anos (16%, 9 colaboradores); 14 anos (6%, 3 alunos); 18 anos (9%, 5 alunos); 19 anos (6%, 3 colaboradores); 20 anos (6%, 3 alunos) e 21 anos (1%, 1 colaborador). Ao que se refere ao nível socioeconômico, a maioria, somando 51 alunos (91%) declararam pertencer à classe média, enquanto os outros 5 colaboradores (9%) declararam pertencer à classe baixa.

No que tange à teoria do reconhecimento e do conhecimento, verifica-se que 41 alunos, dos 56 que acertaram a resposta, agem e comportam-se com atitudes preconceituosas para com os homossexuais. Em algum momento eles disseram que não iriam defender o colega homossexual que estivesse sofrendo discriminação ou, então, que não iriam acolhê-lo no grupo de amigos, por exemplo. Assim, mesmo sabendo que a homofobia é discriminação contra os homossexuais, esses 41 colaboradores⁸ não conseguem visualizar que o seu agir é preconceituoso. Como não percebem, acabam não reconhecendo os homossexuais por sua diferença. Dessa forma, não podem também ser reconhecidos pela sua própria diversidade.

⁸ Estanho, Alumínio, Cloro, Itérbio, Bário, Cádmiio, Escândio, Flúor, Mercúrio, Praseodímio, Zinco, Térbio, Hólmio, Tungstênio, Zircônio, Urânio, Cromo, Polônio, Platina, Oxigênio, Manganês, Molibdênio, Chumbo, Silício, Germânio, Ouro, Enxofre, Paládio, Estrôncio, Rubídio, Tálío, Disprósio, Amerício, Fósforo, Neodímio, Magnésio, Gálio, Califórnio, Berquélio, Cobre e Plutônio.

Há, ainda, aqueles alunos que disseram “não saber e/ou desconhecer” o significado da palavra homofobia. Como foi exposto, eles representam 21 colaboradores. Dez (47%) são do sexo feminino e 11 (53%) do sexo masculino. No que se refere à idade, oito alunos (38%) tem 15 anos; dez alunos (47%) tem 16 anos; um colaborador tem 18 anos (5%), um tem 17 anos (5%) e um tem 20 anos (5%). Quanto ao nível socioeconômico, a maioria (18 alunos representando 85%) declarou pertencer à classe média; dois colaboradores (10%) declararam pertencer à classe baixa e um colaborador (5%) à classe alta.

Entre todos os alunos que responderam “não saber ou desconhecer” o que significa a homofobia, apenas o colaborador Rádio não agiria com discriminação em relação a um grupo de pessoas homossexuais. Os outros 20 colaboradores, em algum momento de suas respostas anteriores, parecem permanecer com o preconceito, bem como com as ideias equivocadas a respeito da homoafetividade. Isso pode ser percebido nas respostas das perguntas 2.A e 3.B, por exemplo.

Há, ainda, nove colaboradores que disseram que a homofobia significa o “não preconceito para com os homossexuais”. Embora dois deles (Neônio e Cério), marcaram essa alternativa, não agiriam com preconceito para com um colega que tivesse sentimentos homoafetivos. O restante dos colaboradores, de alguma maneira, fizeram alguma restrição no acolhimento dos homossexuais e, como consequência, não o reconhecem. Cabe mencionar, ainda, que todos os alunos declararam pertencer ao nível socioeconômico “médio”; quatro deles (45%) são do sexo masculino e cinco (55%) do sexo feminino. Além disso, a maioria tem 16 anos (4 alunos, 44%), seguidos daqueles que tem 18 anos (3 colaboradores, 33%), 14 anos (1 aluno, 11%) e 15 anos (1 aluno, 11%).

Percebe-se que, por menos que seja, há colaboradores que veem e entendem a homofobia como algo negativo, pois se comportam de maneira a reconhecer a diversidade sexual existente na sociedade. Assim, quando a escola educa o aluno para que ele tenha esse conhecimento é que se pode falar na questão da dignidade, porque é a dignidade da pessoa humana juntamente com a solidariedade que sustenta o reconhecimento. É ela que permite que um ser seja reconhecido e que reconheça o outro, pois é somente através da dignidade e do reconhecimento que Alfa conhecerá os direitos de Ômega. Isto é, Ômega deve estar seguro de que Alfa lhe garantirá respeito e reconhecimento dentro da escola e/ou sala de aula. Quando isso ocorre, começa a se falar na terceira etapa do reconhecimento exposta por Honneth (2009), que é a solidariedade. Ela terá por objetivo a consolidação da última etapa do reconhecimento proposta por Honneth (2009). Mais adiante, no próximo capítulo, será visto que ela faz com que haja, entre os sujeitos, o sentimento de fazer parte de um grupo social, no

qual todos os outros grupos sociais se solidarizam e o reconhecem. Além disso, há o entendimento de que cada um precisa do outro para ser reconhecido, até porque, nesse momento, cada sujeito estimará o outro por sua diferença, assim como será estimado por ele. Entretanto, nesse momento, será visto que, se caso isso não ocorrer, ambos os sujeitos parecem que não são dignos. Deste modo, é importante mencionar que, com a dignidade, um indivíduo

Se vê dotado no momento em que ele, pela concessão de direitos, é reconhecido como um membro da sociedade; pois com a expressão está implicitamente associada a afirmação sistemática de que corresponde à experiência de reconhecimento um modo de autorrelação prática, no qual o indivíduo pode estar seguro do valor social de uma identidade. (HONNETH, 2009, p. 137).

Para que qualquer aluno fique longe de exclusão, é preciso seguir o que informa art. 1º, III da Carta Magna: "A República Federativa do Brasil, [...] constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos: [...] III – a dignidade da pessoa humana. [...]" (BRASIL, 2009).

Diante de tal princípio magno, Matos (2004) entende que, para um indivíduo viver bem, estar e se sentir bem dentro da escola, ele necessita ter o seu desenvolvimento pessoal tutelado e protegido. Isto é, um ser como Ômega, quando está inserido no ambiente escolar, deve ser respeitado por sua orientação sexual, e esta não pode ser tolhida por ninguém, nem mesmo por Alfa. Tal ideia está exposta em Celich (2011, p. 113), quando aduz que

Desrespeitar um ser humano por causa da orientação sexual que tem, é tratá-lo de forma indigna. Afinal, a orientação sexual de alguém possui relação com o princípio da dignidade da pessoa humana. Esse é um dos motivos pelos quais todos os cidadãos têm direito à proteção [de sua essência].

Mesma ideia é encontrada em Dias (2006), posto afirmar que este princípio é a norma mais importante da Constituição, pois engloba o princípio da igualdade e da liberdade e “se caracteriza como uma *categoria axiológica aberta*.”. (GIRARDI, 2005, p. 52). Portanto,

No momento em que a Constituição concede proteção para todas as pessoas, vedando qualquer tipo de discriminação, por causa dos princípios constitucionais, aí está a base para assegurar direitos e tutela [...] a qualquer cidadão. (CELICH, 2011, p. 112).

Quando se está frente a um princípio que é tomado, no entendimento de todos os grupos sociais, como base para a construção, formação, educação de futuros cidadãos, faz-se necessário acolher Ômega com todas as suas particularidades, ou seja, entende-se que ele deva ser respeitado em sua orientação sexual e jamais marginalizado por ser homossexual.

Diante disso, se o Estado e a escola, que nele está inserida, fazem parte da sociedade, é preciso prezar

Que os princípios e garantias fundamentais devem ser aplicados a todos os cidadãos, sem discriminação de qualquer natureza. [Assim], nada se justifica tratar de forma diferenciada [os homossexuais], que em nada se diferenciam dos [heterossexuais], a não ser no objeto de escolha sexual, o que não deve ser motivo para a não [acolhida e proteção deles, dentro da escola]. (CELICH, 2011, p. 112).

Tal ideia acerca da dignidade também é apontada por Silva (2001, p. 48), quando indaga:

Porque os homossexuais não têm direito a esta dignidade? Levando uma vida a margem da sociedade, vivendo às escondidas, sem poder expor seu modo de ser, sendo vítimas da repressão, violência e discriminação, o indivíduo certamente não estará levando uma vida digna.

Quando se fala em princípio da dignidade, é possível traçar uma relação com as gerações (ou dimensões) do direito, até porque elas também estão, de alguma maneira ou de outra, ligadas com a solidariedade, posto que, para Ômega ser totalmente acolhido e respeitado na escola devido a sua orientação sexual, os professores podem trabalhar e expor essas questões em Beta. Por isso, Schäfer (2005) entende que os direitos de primeira geração são os direitos individuais. Nesse caso, tais direitos estabelecem uma relação direta com seu titular, na qual este tem a pretensão de vê-lo atendido. Assim, Celich (2011, p. 160) afirma que, “se alguém tem orientação sexual para outrem do mesmo sexo, essa pessoa não pode ser inibida de usufruir da orientação sexual que possui, pois tal constitui uma liberdade inerente à própria pessoa humana”.

Além disso, pode-se dizer que a proteção aos homossexuais também se inclui nos direitos difusos, isto é, da segunda geração de direitos. Estes, de acordo com Schäfer (2005), relacionam-se com a solidariedade quando não puderem ser exercidos de uma maneira individual. Em outras palavras, quando é mais de um homossexual, ou seja, um grupo de pessoas homossexuais que sofrem discriminações, a orientação sexual desses indivíduos inclui-se no rol de direitos difusos. Transpondo para o ambiente escolar, quando Alfa discrimina Ômega por este ser homossexual, não é somente a Ômega que Alfa atinge; mas a um grupo de pessoas. Nas palavras de Celich (2011, p. 161-162), os direitos difusos

São os direitos de grupos sociais determinados, como os homossexuais, por exemplo. Fala-se que eles devem estar incluídos nessa dimensão do direito, até porque a discriminação que sofrem não atinge um único indivíduo, mas sim todo um determinado grupo social.

Frente a estas dimensões do direito, Dias (2004, p. 47) diz que

As normas constitucionais que consagram o direito à igualdade proíbem discriminar a conduta afetiva no que respeita à inclinação sexual. Portanto [...] rejeitar [...] [os homossexuais] é afastar o princípio insculpido no inciso IV do art. 3º da Constituição Federal: é dever do Estado promover o bem de todos, vedada qualquer discriminação, não importando de que ordem ou tipo.

Ainda assim, traz-se a ideia da diferença ou diversidade. Fontanella (2006) entende que ela “surge a partir de uma condição natural que está presente no indivíduo, como, por exemplo, a orientação sexual”. (CELICH, 2011, p. 201). Por isso, é que a diferença deve ser protegida “pelo Estado de Direito como condição indispensável de promoção da dignidade da pessoa em todas as suas dimensões”. (FONTANELLA, 2006, p. 2). Ainda assim, é possível aduzir que a

Orientação sexual de um indivíduo em nada desmerece seu valor ou caráter, devendo o Estado Democrático de Direito respeitar sua condição, garantir seus direitos e o pleno desenvolvimento em sociedade. [...] Do Princípio da Dignidade da Pessoa Humana decorre diretamente a proteção da orientação sexual, a ser respeitada a partir do reconhecimento da diversidade de indivíduos e pluralidade de expressões. No Estado Democrático de Direito as diferenças devem ser respeitadas e as desigualdades sociais eliminadas, a fim de que as promessas formuladas como mandamento constitucional sejam efetivadas nos níveis normativos inferiores. (FONTANELLA, 2006, p. 119).

Frente a isso, é necessário trabalhar com o tema homofobia/ homossexualidade na escola tomando por base o princípio da dignidade, bem como as dimensões do direito, pois facilita para que um estudante compreenda e reconheça o seu colega. Deste modo, realizar essas discussões e atividades torna o aluno um indivíduo mais acolhedor da diversidade. É possível falar em ampliação e antecipação de tais direitos, posto que, para ocorrer o acolhimento dos homossexuais, é necessário que o sujeito (Alfa) “se volte de uma sociedade estrita e limitada para uma mais abrangente, mais abrangente no sentido lógico de que há nela mais direitos que são menos restritos” (HONNETH, 2009, p. 142), posto que é somente em uma escola na qual se trabalhe de maneira positiva os conflitos que um indivíduo poderá ser feliz e, como consequência, será dada

Condições de uma ‘autoafirmação’, isto é, de uma defesa das pretensões de seu ‘Eu’ em face do meio social. [...] [Assim, fala-se em] reconhecimento intersubjetivo, sem o qual [...] não [se] pode preservar a identidade pessoal. (HONNETH, 2009, p. 143).

Quando se está frente a esse reconhecimento, pode-se dizer que uma sociedade evoluiu, pois aponta para a autonomia pessoal dos sujeitos. Mead (apud HONNETH, 2009, p. 129) traça uma compreensão entre uma sociedade que não aceita a diferença, a individualidade, com outra que aceita. Diz ele que:

[...] ‘Uma das diferenças entre uma sociedade humana primitiva e uma civilizada é que na sociedade primitiva a identidade individual é determinada, em relação a seu pensamento e comportamento, de uma maneira muito mais ampla pelo padrão geral da atividade social organizada desenvolvida pelo respectivo grupo social do que é o caso na sociedade civilizada. Em outras palavras, a sociedade humana primitiva oferece menos espaço para a individualidade – para o pensamento e o comportamento original, único por parte da identidade individual dentro dela – do que a sociedade civilizada. De fato, a evolução se deve em grande parte à liberação

social progressiva da identidade individual e de seu comportamento, às modificações e refinamentos do processo social que resultaram daí e que foram possibilitadas por essa liberação.

Frente a isso, quando ocorre o acolhimento das diferenças, surge uma unidade entre o ser e o pensamento, a compreensão dos sujeitos. Esta unidade é a consciência-de-si. No dizer de Hegel (2008, p. 511), “essa unidade do ser e pensar é a consciência-de-si, e ela mesma ‘é-aí’; ou seja, a unidade pensada tem ao mesmo tempo essa figura do que ela é”. Neste momento das trocas comunicativas, bem como da formação de uma identidade social e coletiva que leve ao reconhecimento dos sujeitos, há a colaboração para que mais uma etapa rumo ao reconhecimento possa se cumprir. Para isso, o referido filósofo afirma que

Viver sem direitos individuais significa para o membro individual da sociedade não possuir chance alguma de construir um autorrespeito: ‘ter direitos nos capacita a ‘manter-nos como homens’, a olhar os outros nos olhos e nos sentir, de uma maneira fundamental, iguais a qualquer um. Considerar-se portador de direitos não é ter orgulho indevido, mas justificado, é ter aquele autorrespeito mínimo, necessário para ser digno de amor e da estima dos outros. De fato, o respeito por pessoas [...] pode ser simplesmente o respeito por seus direitos, de modo que não pode haver um sem o outro; e o que se chama ‘dignidade humana’ pode ser simplesmente a capacidade reconhecível de afirmar pretensões’. (HONNETH, 2009, p. 196).

Diante disso, é possível interpretar que se fala de grupos sociais e, neste caso, incluem-se os homossexuais. Quando Alfa consegue alcançar este entendimento, bem como o autorrespeito, ele consegue reconhecer Ômega, para esta etapa de suas trocas comunicativas que levam à construção e consolidação de uma relação pessoal e coletiva, pois sabe que o parceiro de interação também tem respeito por si próprio.

Diante disso, como Ômega estima a sua orientação sexual, tem autorrespeito por si mesmo e isso lhe dá legitimidade para exigir de Alfa que reconheça, a sua pretensão de querer ser reconhecido na escola por ser homossexual. Quando isso acontece, há um mútuo respeito entre os sujeitos. Por um lado, Ômega respeita a si mesmo e à Alfa e quer dele o mesmo tratamento. Agora, se Ômega não se respeitar e negar seu próprio modo de ser, não pode exigir o mesmo do outro, pois perdeu a sua legitimidade para fazer isso. O mesmo serve para Alfa, ou seja, se Alfa não respeitar Ômega, como fazia enquanto era Carbono, Cloro, Flúor, ele estará legitimando o parceiro de interação para não o respeitar em suas pretensões, pois perdeu o autorrespeito. Desse modo, servem as palavras de Berquélío, Sódio e Radônio, ao que se refere à pergunta 3.A:

Se eles me respeitassem, também iria respeitá-lo. (Berquélío).

Sim. Porque cada um é cada um e devemos respeitar do jeito que é. (Sódio).

Dentro de um relacionamento com os colegas, o respeito, a amizade, a união são importantes; pois se há tudo isso, não há motivos para discriminações, afinal, não temos o direito de julgar ninguém. (Radônio).

Entretanto, no entendimento de Hegel, o saber que o sujeito alcançou para ter, neste momento, essa consolidação da identidade é um saber apenas especulativo, isto é, ligado ao Si negativo de si mesmo. Por isso se faz importante, no próximo capítulo, trabalhar com a solidariedade. Antes, cabe mencionar que, mesmo que o sujeito ainda esteja ligado ao Si, ele fica feliz, posto que, consegue contemplar a essência absoluta e se encontrar nela mesmo. Então,

*Essa alegria vem-a-ser para a consciência-de-si e abrange o mundo inteiro para se contemplar na essência absoluta, pois ela é espírito, é o movimento simples desses momentos puros, que exprime isto mesmo: que a essência é sabida como espírito somente quando é contemplada como consciência-de-si *imediata*. (HEGEL, 2008, p. 511).*

Entretanto, Alfa ainda não possui o conceito verdadeiro, posto que este conceito a que ele chegou, ou seja, que sabe que tem o poder de consolidar a relação, bem como construir uma identidade social que abarque todas as identidades particulares, é imediato e, portanto, não desenvolvido. Dessa maneira, o sujeito tem uma consciência-de-si *singular*, e não *universal*. É possível mencionar que aquilo que Alfa refletiu sobre a homossexualidade de Ômega, por exemplo, é o seu pensamento individual, isto é, a sua consciência-de-si singular. Por tais motivos, Alfa já sabe que se marginalizar Ômega e não respeitá-lo, estará agindo com o pré-conhecimento que a certeza sensível lhe havia trazido. Porém, Alfa ainda não tem a consciência-de-si universal, ou seja, ainda permite que terceiros, que não ele, maltratem Ômega. Alfa ainda é um ser singular e não universal, visto que deixa o preconceito prevalecer sobre sua relação com Ômega. Assim, para que isto não ocorra, é preciso que a consciência-de-si de Alfa passe a ser universal e deixe de lado qualquer negatividade.

8 A RECONCILIAÇÃO

Esta parte da dissertação trata acerca da morte dos sujeitos. Eles morrem porque não desejam mais ter más atitudes em relação ao seu oposto. Assim, será estudado que os sujeitos renascem para um novo começo. Relembrem o que passaram, seguem se solidarizando com seu oposto e, como consequência, alcançam a última etapa do reconhecimento.

8.1 O representar

Como foi visto anteriormente, para que a consciência-de-si deixe de ser singular, ela necessita excluir de si qualquer negatividade, por isso ainda se faz importante manter a comunicação entre os sujeitos, para que eles possam construir uma identidade social e coletiva, além de ter a sua própria identidade reconhecida pelos outros. Verifica-se isso, posto que,

O espírito, enquanto é este Si *singular*, ainda não ‘é-aí’ igualmente como Si universal, como todo Si. Em outras palavras, a figura não tem ainda a forma do *conceito*, isto é, do Si universal, do Si que em sua imediata efetividade é também Si suprassumido, é pensar, é universalidade, sem perder na universalidade a efetividade. (HEGEL, 2008, p. 511 – 512).

Ou seja, Hegel (2008, p. 512) diz que

Este homem singular portanto, como o homem que a essência absoluta se revelou ser, consoma nele enquanto Singular o movimento do *ser sensível*. Ele é [...] imediatamente presente: assim, o seu ser passou para o *ter sido*. A consciência, para a qual ele tem essa presença sensível, deixa de vê-lo, de ouvi-lo; ele o *tinha* visto e ouvido – e só porque o *tinha* visto e ouvido, torna-se ela mesma consciência espiritual. Ou seja, como antes ele nasceu para ela como *ser-aí-sensível*, agora ressurgue no *espírito*.

Dessa forma, a consciência-de-si é apenas imediata, ou seja, ela sabe o “Singular objetivo, mas não [sabe] a si mesma”. (HEGEL, 2008, p. 512). Em outras palavras, para os sujeitos continuarem sua evolução, necessitam (re)conhecerem a si mesmos, pois poderão partilhar do reconhecimento no âmbito de sua relação intersubjetiva. Fazendo isso, reconhecem-se e estimam-se mutuamente pelo fato de Ômega e Alfa serem iguais e, ao mesmo tempo, diversos um do outro. Sendo assim, os colaboradores Chumbo, Platina e Estrôncio demonstraram acolhimento pelo colega que é homossexual. Isso pode ser percebido nas respostas relativas à pergunta 3.A:

Com todo o respeito, ser sincero. Acolher. (Chumbo).

O colega me respeitando, eu o respeitarei... (Platina).

Em valores como respeito e educação. Temos que respeitar sim. Mas, em salas de aula existem pessoas que não sabem o que fazem ou falam. Isso machuca com palavras. Temos que respeitar os homossexuais. Somos iguais. (Estrôncio).

Quando isso acontecer, Alfa aprende que Ômega é como a si mesmo, pois o singular que ainda não se reconhece perante os outros (comunidade universal, que Hegel fala) precisa ser elevado à forma do representar, ou seja, constituir-se

A determinidade em que o espírito se torna consciente de si nessa sua comunidade. Ainda não é a consciência-de-si do espírito, que avançou até o seu conceito como conceito. [...] Há assim nessa união do ser e pensar o defeito de estar a essência espiritual ainda afetada por uma cisão, não-reconciliada, em um aquém e além. O conteúdo é o verdadeiro, mas todos os seus momentos, postos no elemento do representar, têm caráter de não serem conceituados, mas de aparecerem como lados totalmente independentes, que se relacionam exteriormente um com o outro. Para que o verdadeiro conteúdo receba também sua verdadeira forma para a consciência, faz-se mister a mais alta formação dessa consciência: há que elevar ao conceito sua intuição da substância absoluta, igualar, *para ela mesma*, sua consciência com sua consciência-de-si. (HEGEL, 2008, p. 513).

Desse fragmento deduz-se que, para os sujeitos chegarem ao conceito ou à reatualização, segundo Honneth (2009), para se verem confirmados em sua diferença por seus parceiros de interação como realmente são, eles precisam igualar sua consciência com a consciência-de-si porque, neste momento, os sujeitos já conhecem o conteúdo verdadeiro, mas eles ainda não conceituaram, verdadeiramente, o conceito, ou seja, ainda lhes falta consolidar a última etapa do reconhecimento. Eles conhecem realmente o que é a homoafetividade/homossexualidade bem como os homossexuais. Porém, ainda não os conceituaram de maneira verdadeira. Fala-se que

O espírito absoluto é *conteúdo*: assim é, na figura de sua *verdade*. Ora, sua verdade é não apenas ser a substância da comunidade ou o em-si da mesma, nem ainda somente sair dessa interioridade para a objetividade do representar; – mas é tornar-se o Si efetivo, refletir-se dentro de si, e ser o sujeito. (HEGEL, 2008, p. 513).

Quando Hegel fala em “ser sujeito”, parece que está querendo dizer que o fato de Alfa conseguir alcançar a igualdade da consciência com a consciência-de-si para, posteriormente, consolidar a relação intersubjetiva que tem com Ômega, ele aduz que o sujeito é um ser que possui a capacidade de trocas comunicativas com o outro, a capacidade de se relacionar intersubjetivamente com o parceiro de interação e, a partir disso, constrói uma identidade social em que todas as diferenças possam ser reconhecidas. Dessa forma, Alfa consegue, já que sabe o conteúdo de Ômega como verdadeiramente é, refletir sobre aquilo que conhece e formular o conceito verdadeiro. Assim, Alfa está mostrando que é sujeito. Esse é o caso de Cúrio. Se levar em consideração a sua resposta na questão 1.A, sabe-se que a aluna diz que “*não tem nada contra e cada pessoa escolhe sua vida sexual*”. Se olhar para a

indagação 2.A, ela afirma defender os homossexuais. Ao que tange a pergunta nº 4, Cúrio afirma: “*já pensei. Acredito que está certo ao meu ponto de vista*”. Ainda assim, percebe-se que essa colaboradora não gostaria de ser excluída (questão 2.B) e aceitaria os homossexuais como amigos. Percebe-se que seu pensamento não está equivocado e ela já consegue formular o conceito verdadeiro. Tenta buscar a síntese e reconhecer o seu oposto. Diz-se que Alfa começa a alcançar a síntese, a união com seu oposto (Ômega), onde ele torna-se outro. Por isso,

O espírito é conteúdo de sua consciência, inicialmente na forma da *substância pura*; ou, é conteúdo de sua consciência pura. Esse elemento do pensar é o movimento que desce ao *ser-aí* ou à singularidade. O meio-termo entre eles é sua união sintética, a consciência do tornar-se-Outro, ou o representar como tal. (HEGEL, 2008, p. 514).

Frente a isso, Alfa, enquanto faz parte de uma relação ética com seu parceiro de interação, necessita estimá-lo socialmente, para que também seja reconhecido por Ômega. Ele precisa formular o conceito. Para isso, é necessário trazer a ideia de que,

O espírito, representado primeiro como substância no *elemento do puro pensar*, é por isso, imediatamente, a *essência* eterna, simples e igual a si mesma, mas que não tem essa *significação* abstrata da essência, e sim a *significação* do espírito absoluto. Porém o espírito consiste em ser, não *significação*, não o interior, mas o efetivo. Portanto, a eterna essência simples seria espírito somente segundo uma palavra vazia, se permanecesse na representação e na expressão da eterna essência simples. Mas, a essência simples por ser a abstração, de fato é o *negativo em si mesmo*, e, na verdade a negatividade do pensar, ou a negatividade como ela é em si na *essência*. Quer dizer: a essência simples é a *diferença* absoluta de si, ou seu puro tornar-se-Outro. Como essência, é somente *em-si* ou para nós; mas enquanto essa pureza é precisamente a abstração ou a negatividade, ela é *para si mesma*, ou seja, é o *Si*, o *conceito*. (HEGEL, 2008, p. 515).

Isso quer dizer que, para Alfa alcançar esse conceito do qual Hegel fala, e para reatualizá-lo, poder-se-ia aduzir que é essa estima social que conduz para a solidariedade entre os sujeitos, ele necessita reconhecer Ômega, pois um sujeito que não interage, que não pensa, que somente reproduz um pensamento dado, permanece somente para si, ou seja, é vazio e possui uma essência simples e que será eterna. Isto é, aquele indivíduo que somente repete o que aprendeu dos outros sobre a homossexualidade e/ou homossexuais é um ser sem vida, que vive no vazio, na ilusão e no engano que a própria certeza sensível proporciona. Isso é o que ocorre com aqueles colaboradores que não conseguiram refletir, dialogar, conversar com o parceiro de interação. Para isso, verifica-se a resposta negativa à quarta questão.

Não precisa pensar sobre isso. (Sódio).

Não. (Califórnia).

Nunca parei para pensar. (Neodímio).

Nunca parei para pensar. (Promécio).

Nunca refleti sobre... (Mercúrio).

Nunca pensei. (Polônio).

Entretanto, essa essência da qual Hegel fala é abstrata, pois não lhe foi dada a oportunidade de tornar-se outro. Assim, ela é negativa e, como consequência, é a negatividade do pensar ou a negatividade na essência. Diante desse pensamento, para Hegel (2008, p. 515), há três momentos diversos:

[1] – o da *essência*; [2] – o do *ser-para-si* que é o ser-outro da essência, e para o qual é a essência; [3] – o do *ser-para-si*, ou do saber a si mesmo *no Outro*. A essência só contempla a si mesma em seu ser-para-si; nessa extrusão está somente junto de si. O ser-para-si que se exclui da essência é o *saber de si mesma* da essência; [...] Assim as diferenças que se fazem dissolvem-se tão imediatamente quanto são feitas, e tão imediatamente se fazem quanto se dissolvem.

Frente a isso, o momento da essência já foi explicitado (é o sujeito que reproduz). O segundo momento parece representar a passagem de Alfa para seu parceiro de interação; isto é, o momento no qual Alfa irá perceber que Ômega também possui uma essência, mesmo que esta essência percebida seja diferente da sua. Porém, aqui, Alfa se junta a esta essência diferente e adentra no terceiro momento, ou seja, encontra-se a si mesmo em Ômega. Alfa sente a sua essência em Ômega. O sujeito percebe que a homoafetividade e a heterossexualidade são apenas orientações sexuais que, embora diversas, em nada se desiguam. Assim, Alfa pode ser Ômega e este pode ser Alfa, sem perder suas características quando se expressam ao mundo. Quando isso ocorre, as diferenças se dissolvem, isto é, Alfa passa a ver Ômega como um igual a si mesmo, embora este outro seja diverso de si. Neste momento, a diferença se faz novamente; mas, agora, não como algo desigual, e sim como diverso e, principalmente, igual.

Quando Alfa está frente a isso, tem-se a etapa do reconhecimento chamada de solidariedade. Diz-se solidariedade, posto que ela faz com que os sujeitos se estimem socialmente e, assim, se reconheçam. A solidariedade

Se apresenta como uma síntese dos dois modos precedentes de reconhecimento [amor e direito], porque ela partilha com o ‘direito’ o ponto de vista cognitivo do tratamento igual universal, mas com o ‘amor’, o aspecto do vínculo emotiva e da assistência. (HONNETH, 2009, p.153).

Frente a isso, como Alfa está conseguindo deixar de lado o seu preconceito, percebendo que necessita respeitar Ômega em sua particularidade, é possível falar em estima social. Afirma-se isso porque “a estima social se aplica às propriedades particulares que caracterizam os seres humanos em suas diferenças pessoais. [...] de maneira universal”. (HONNETH, 2009, p.199). Percebe-se, nesse fragmento, que Alfa e Ômega estão conseguindo se reconhecer e não há mais o conflito homofóbico na escola. Quando há o

reconhecimento através da solidariedade, existe também, entre os sujeitos, uma autorrelação, na qual surge neles

Um sentimento de orgulho do grupo [alunos, por exemplo] ou de honra coletiva; o indivíduo se sabe aí como membro de um grupo social que está em condições de realizações comuns, cujo valor para a sociedade é reconhecido por todos os demais membros. (HONNETH, 2009, p. 209).

Isso quer dizer que, quando Ômega é reconhecido, ele se sente honrado e também sente orgulho de participar de um grupo que o reconhece. Da mesma maneira, Alfa sente-se honrado e orgulhoso por saber que evoluiu e que tem capacidade de reconhecer o seu oposto e, por este motivo, também ser reconhecido pelo mesmo grupo por sua diferença. No momento em que os sujeitos estão nesta situação, ela toma o caráter de solidária, pois

Na relação interna de tais grupos, as formas de interação assumem nos casos normais o caráter de relações solidárias porque todo membro se sabe estimado por todos os outros na mesma medida; pois por ‘solidariedade’ pode-se entender [...] [que [e], uma espécie de relação interativa em que os sujeitos tomam interesse reciprocamente por seus modos distintos de vida, já que eles estimam entre si de maneira simétrica. Essa proposta explica também a circunstância de o conceito de ‘solidariedade’ se aplicar até o momento precipuamente às relações de grupo que se originam na experiência da resistência comum contra a repressão política; pois aqui é a concordância no objetivo prático, predominando sobre tudo, que gera de súbito um horizonte intersubjetivo de valores no qual cada um aprende a reconhecer em igual medida o significado das capacidades e propriedades do outro. (HONNETH, 2009, p. 209).

A solidariedade traz e promove o reconhecimento intersubjetivo entre Alfa e Ômega, promove a construção de uma sociedade que se preocupa em fortalecer a identidade de todos os seus grupos sociais e, assim, é deixada para trás qualquer negatividade que ainda possa existir na relação entre os sujeitos. Para isso, haverá a tentativa de unir sua consciência com a consciência-de-si, para que ocorra a união dos opostos.

8.2 Da Morte ao novo Espírito

Como foi explicitado, os sujeitos precisam buscar unir a consciência com a consciência-de-si. Porém, Alfa já tem o conteúdo de Ômega como ele é. Deste modo, antes de alcançar o objetivo, ele está apto a conceituar, pois

Nesse *simples* contemplar a si mesmo no Outro, portanto, não é posto o *ser-outro*, como tal; ele é a diferença que no pensar puro imediatamente *não é diferença alguma*: é um reconhecer *do amor*, em que os dois não *se opõem* segundo sua essência. (HEGEL, 2008, p. 517).

Para Hegel, parece que Alfa, ainda, possui, dentro de si, a abstração. Há, ainda, a oposição para o sujeito, posto que ainda tem a negatividade – o Si – ligado à si mesmo. Hegel

(2008, p. 520) traz a ideia do bem e do mal para tentar sanar esta oposição e as diferenças negativas que se apresentam:

O *bem* e o *mal* eram as determinadas diferenças do pensamento que se apresentavam. Por não ter sido resolvida ainda sua oposição, e se representarem como essências do pensamento cada uma das quais é independente para si, então é o homem o Si carente-de-essência e o terreno sintético de seu ser-aí e de sua luta. Mas essas potências universais igualmente pertencem ao Si; ou seja, o Si é efetividade delas. Acontece, pois, segundo esse momento – como o mal não é outra coisa que o adentrar-se-em-si do ser-aí natural do espírito – que o bem, inversamente entra na efetividade e aparece como uma consciência aí-essente.

Isso parece significar que a luta do sujeito em não reconhecer o outro ou, mesmo que saiba seu conteúdo, relutar em não produzir o conceito, em não consolidar a relação intersubjetiva que mantém com o outro, faz com que permaneça uma oposição entre Alfa e Ômega. Hegel se refere aos diferentes pensamentos que podem tanto pender para o bem quanto para o mal, entretanto, deve-se cuidar que essas potências universais (bem e mal) pertencem ao Si. Porém, como são opostas, o bem já é uma consciência, enquanto o mal entra na relação de Alfa e Ômega, pois não há a consolidação desta relação.

Para que isso ocorra, Alfa necessita captar este mal que há em sua essência e não adianta querer permanecer com ele. É preciso desligar-se deste mal, isto é, é necessário conhecê-lo, reconhecê-lo como mal para poder abandoná-lo, senão o movimento entre os opostos sempre permanecerá no si negativo e nunca alcançará a consolidação. Esta ideia pode ser entendida no sentido de que Alfa, para alcançar o conceito acerca de Ômega, precisa conhecer o mal que está dentro de si. Esse mal que acomete Alfa é o preconceito; a ideia provinda da certeza sensível de que os homossexuais são doentes e pecadores, por exemplo. Portanto, Alfa precisa conhecer que este preconceito (mal) está dentro dele e que, para evoluir, necessita reconhecê-lo como mal, pois somente assim poderá abandoná-lo e ser um espírito livre, alcançando o conceito verdadeiro. Assim, para que Alfa não permaneça neste si negativo, ele necessita contar-se como essência, afinal, ocorre

O momento que se extrusa a si mesmo, vai à morte e por isso reconcilia a essência absoluta consigo mesmo. Com efeito, nesse movimento ele se apresenta como *espírito*. [...] Esta [sua] morte é portanto seu ressurgir como espírito. (HEGEL, 2008, p. 521).

Diz-se que esse movimento são as trocas comunicativas, a formação da identidade social dos sujeitos entre todos os grupos sociais. É o conflito que se acalma e retorna para a relação intersubjetiva em busca do reconhecimento. Alfa passa a se reconhecer como mal. Nas palavras de Hegel (2008, p. 524),

Esse lado é o *espírito natural*: o Si tem de retirar-se dessa naturalidade e adentrar-se em si – o que significa tornar-se *mau*. Ora, esse lado já é *em si* mau; o adentrar-se

em si consiste em convencer-se de que o ser-aí natural é o *mal*. Incidem na consciência representativa tanto o aí-essente ‘fazer-se mau’ e o ‘ser-mau’ do mundo, com a *aí-essente* reconciliação da essência absoluta. Mas na *consciência-de-si*, como tal, esse representado só recai segundo a forma, como momento suprassumido; pois o Si é o negativo, portanto é o *saber*: - um saber, que é um puro agir da consciência dentro de si mesma.

Esse fragmento parece apontar para o fato de que Alfa está se vendo como mal quando age com preconceito, quando exclui Ômega, isto é, quando permanece na essência negativa. Ele sabe-se como mal e sabe também que agiu maldosamente, pois tinha apenas a ideia dentro da sua consciência mesma. Diante disso,

Na consciência [...], o *interiorizar-se* da consciência-de-si natural era o *mal aí-essente*, [então] o *interiorizar-se* no elemento da consciência-de-si é o *saber* sobre o *mal*, como um mal que *em si* está no ser-aí. Assim, esse saber é evidentemente um vir-a-ser do mal, mas só [um] vir-a-ser do *pensamento do mal*; e é por isso reconhecido como o primeiro momento da reconciliação [...], mas um ser natural que é ao mesmo tempo sabido como mal. (HEGEL, 2008, p. 525).

Desse modo, fica claro que Alfa se reconhece como mal e parece que, para Hegel, ele torna-se outro e vem, dentro de si, o ser espiritual. Desta maneira, Alfa pode dizer que é universal, isto é, no entendimento de Hegel (2008, p. 525),

O movimento – ou o tornar-se-Outro – deve portanto, aparecer ainda em sua forma mais peculiar. [...] O compreender [...] exprime agora mais precisamente o que antes era denominado nela o ressurgir espiritual, ou o converter-se de sua consciência-de-si singular na universal.

Isso significa que o sujeito tem uma morte, que, na verdade, é o deixar para trás seu erro, seu ser maldoso, ou seja, aqui Alfa sente a morte de sua certeza sensível, definitivamente. Ele, que conhecia o conteúdo de Ômega para si, isto é, conhecia, finalmente, o que é a homoafetividade/homossexualidade bem como os homossexuais enquanto ser singular, passa a conhecer e reconhecer em sua universalidade. Pode-se afirmar que Alfa reconhece que quando exclui Ômega, por este ser homossexual, agiu equivocadamente. Assim, Alfa, ao reconhecer este seu erro, converte a sua consciência-de-si singular em universal e, ao fazer isso, mata o preconceito que havia dentro de si; mata o mal de si mesmo. Assim,

A morte perde essa significação natural na consciência-de-si espiritual, ou seja, torna-se seu conceito. [...] a morte daquilo que imediatamente significa, do não-ser *deste Singular* se transfigura na *universalidade* do espírito. (HEGEL, 2008, p. 526).

Hegel (2008, p. 526) aduz que “a morte [...], apreendida pelo Si, é o suprassumir de sua *objetividade* ou de seu *ser-para-si particular*. Esse *ser-para-si particular* tornou-se consciência-de-si *universal*”, porém esta morte, para Alfa, não é fácil. Hegel diz que ela é

dolorida, posto que, o sujeito perde o seu pensar, percebe que estava equivocado a respeito de Ômega. A morte, portanto,

É o sentimento dolorido da consciência infeliz. [...] Essa dura expressão do simples saber de si mais íntimo, o retorno da consciência às profundezas da noite do 'Eu=Eu', que nada mais distingue nem sabe fora dela. Assim, esse sentimento é de fato a perda da *substância* e de seu contrapor-se à consciência; mas é, ao mesmo tempo, a pura subjetividade da substância, ou a pura certeza de si mesma que faltava à substância – seja enquanto objeto, seja enquanto o imediato, seja enquanto pura essência. Esse saber é, pois, a animação pela qual a substância se tornou sujeito. Morreu sua abstração e carência-de-vida, e assim a substância se tornou consciência-de-si simples e universal. (HEGEL, 2008, p. 527).

Este pensamento de Hegel pende para o fato de que Alfa morre porque reconhece seu equívoco. Quando isso ocorre, o sujeito passa da sua singularidade para a universalidade. Esta morte não é a morte do corpo físico, mas a morte do preconceito, do mau. Em outras palavras, Alfa reconhece que agiu com preconceito contra Ômega, pois estava preso às ideias que a certeza sensível lhe proporcionava. Assim, agora informado e sabedor acerca do que a homoafetividade bem como o que Ômega é realmente (um indivíduo como qualquer outro), Alfa sabe que possuía o mal dentro de si mesmo. E, reconhecendo isso, deixa que a morte o leve. Portanto, ao morrer, torna-se consciência-de-si universal. Ao perceber a universalidade, há também a percepção de que, através da estima social, todos os grupos sociais conseguem se reconhecer uns nos outros, bem como na sociedade. Desta maneira, quando há essa estima, os sujeitos, como Alfa encontram um

Espírito que se sabe a *si mesmo*: ele se sabe; o que para ele é objeto, é. Ou seja, sua representação é o verdadeiro *conteúdo* absoluto; exprime, [...] o espírito mesmo. Ao mesmo tempo, não é somente *conteúdo* da consciência-de-si, nem é somente objeto *para ela*, mas é também *espírito efetivo*. (HEGEL, 2008, p. 527).

Através disso, percebe-se que Alfa consolidou-se na relação intersubjetiva, posto que se sabe a si mesmo; isto é, tem conhecimento de si e do seu parceiro de interação. Assim, o reconhece e é reconhecido pelo outro também. Quando fazem isso, há um renascimento do espírito, ou seja, existem, entre Alfa e Ômega, novas trocas comunicativas, novos diálogos e disso surge uma nova relação entre os sujeitos. Relação esta que faz com que um estime e reconheça o outro por sua diferença, até porque há o reconhecimento intersubjetivo da identidade pessoal e coletiva dos sujeitos (ou grupos sociais) participantes da relação ética.

8.3 Da rememoração à infinitude

Conforme visto até o item anterior, houve entre os sujeitos uma nova relação a partir do reconhecimento, porém, por vezes, parece que quando adentram neste momento, submergem na

Noite de sua consciência-de-si; mas nela se conserva seu ser-aí que desvaneceu; e esse ser-aí suprassumido – o [mesmo] de antes, mas recém-nascido [agora] do saber – é o novo ser-aí, um novo mundo e uma nova figura-de-espírito. (HEGEL, 2008, p. 544).

Isso quer dizer que os sujeitos, sendo novos espíritos, acham que perderam toda a aprendizagem que adquiriram até então, ou seja, acham que ela se desvaneceu, que morreu quando Alfa reconheceu que agia de maneira preconceituosa para com Ômega. Entretanto isso não é verdade, posto que há a rememoração, que conserva para o passado a sua aprendizagem. Conserva a comunicação, o diálogo, o conflito que tiveram na memória bem como o reconhecimento de suas identidades. Assim, o sujeito pode partir para um novo começo. No entendimento de Hegel (2008, p. 544), diz-se que

A *re-memoração* [...] os conservou; a rememoração é o interior, e de fato, a forma mais elevada da substância. Portanto, embora esse espírito recomece desde o princípio sua formação, parecendo partir somente de si, ao mesmo tempo é de um nível mais alto que [re]começa.

Alfa lembrou seu movimento, recordou o que viveu na relação com Ômega. Assim, tem a consciência própria de que evoluiu, de que se sabe, conhece a si mesmo e a Ômega, que agora também é ele mesmo. Alfa deixa para trás as suas negatividades e faz com que se religuem ao Si e lá fiquem.

Nesse momento cabe analisar a sexta pergunta do questionário, que é de múltipla escolha. Os colaboradores se deparam com a pergunta e, posteriormente, deveriam optar por uma das três alternativas apresentadas. Para melhor compreensão, segue a questão:

Questão 6 – *“Se você tivesse colega que fosse homossexual na mesma escola e/ou sala de aula em que estuda, como você se comportaria em relação a este colega?”*

Trataria da mesma maneira como os outros colegas, isto é, respeitaria e seria amigo(a).

Evitaria de conviver com ele, mas também não o desprezaria nem o excluiria.

Não sei/ desconheço a minha reação.”

Como já foi explicitado, 86 alunos responderam ao questionário, entretanto, Itérbio não respondeu a pergunta nº 6 (não marcou nenhuma alternativa). Dos 85 colaboradores que responderam a indagação, 27 deles, representando aproximadamente 32%, disseram que “evitariam de conviver com o colega que fosse homossexual”, escolhendo, portanto, a segunda alternativa. Desses 27 alunos, cabe mencionar que os colaboradores do sexo masculino são mais preconceituosos, pois somam 21 alunos (78%). Já as colaboradoras (sexo feminino) totalizam seis alunas (22%). Ao que tange à idade, 41% (11 alunos) têm 16 anos; seis (23%) têm 15 anos; cinco colaboradores (18%) têm 17 anos; quatro alunos (15%) têm 18 anos e um colaborador (3%) tem 20 anos. A maioria deles (24 alunos) declarou pertencer à classe média, representando 89%. Já dois alunos (8%) disseram pertencer à classe baixa e um colaborador (3%), à classe alta.

Levando-se em consideração que Alfa precisa deixar de lado o seu preconceito para com Ômega, ele, enquanto fornecer como resposta que evitaria e seria indiferente com seu parceiro de interação, não o reconhece. Quando não o reconhece, mesmo sabendo como deveria agir para com Ômega, Alfa permanece com as características negativas e padece. Portanto, Alfa não segue adiante enquanto for representado por aqueles 27 colaboradores que disseram “evitar de conviver com os homossexuais”. De outro modo, pode-se dizer que esses 27 alunos não reconheceram que estavam equivocados ao agir com preconceito e maltratar Ômega. Dessa maneira, diante dos outros que reconhecem seu parceiro de interação, como se verá mais adiante, eles “morrem”, isto é, como o mal, a ideia de que os homossexuais são pecadores, sem-vergonha, entre outras características negativas, ficam superadas, as pessoas e os grupos sociais que assim insistem em continuar pensando e agindo morrem por si mesmos. Ou seja, a homofobia e o conflito homofóbico “matam” a si próprios, pois onde há uma comunidade que reconhece as diferenças, não há espaço para eles. É por isso que os 27 colaboradores acabam se religando ao Si de Alfa, à sua negatividade e permanecem nesse lugar.

Por outro lado, 53 alunos, representando, aproximadamente 63% do total de colaboradores, marcaram a primeira alternativa e apontaram que tratariam o colega homossexual da mesma maneira que os outros colegas. Iriam respeitá-lo e ser amigo(a). Nesse momento, também se pode perceber que os colaboradores do sexo masculino (seis alunos, 11%) são mais preconceituosos do que as mulheres (47 alunas, 89%). Ao que se refere à idade, a maioria tem 16 anos (21 alunos, 39%), seguido daqueles que têm 15 anos (nove alunos, 16%), 17 anos (nove alunos, 16%), 18 anos (quatro alunos, 9%), 20 anos (três alunos,

6%), 21 anos (um aluno, 2%). Quanto ao nível socioeconômico, 49 colaboradores (92%) disseram pertencer à classe média e quatro alunos (8%), à classe baixa.

Entretanto, embora muitos colaboradores tenham dito que tratariam bem o colega, que iriam respeitar e ser amigo(a), eles não o reconhecem. Isso, em verdade, é uma ausência de reconhecimento ou, até mesmo, um falso reconhecimento. Obteve-se essa conclusão, analisando as respostas 1.A, 2.A, 2.B e 3.B dos colaboradores que marcaram a alternativa em questão. Mesmo que tratassem bem o colega e o respeitassem, em algum momento, Cloro, Alumínio, Bário, Európio, Cádmiu, Cúriu, Laurêncio, Estrôncio, Paládio, Gadolínio, Háfnio, Potássio, Disprósio, Cálcio, Rubídio, Amerício, Silício, Zinco, Térbio, Hólmio, Ferro, Cálcio, Tungstênio, Ytrio, Chumbo, Frâncio, Urânio, Cromo, Polônio, Platina, Gálio, Plutônio e Magnésio, disseram achar “estranha” a homoafetividade ou, então, que “não viam com bons olhos”, “não interferindo se um colega estivesse sofrendo discriminação” ou aceitando o colega no grupo de amigos com ressalvas, não demonstram reconhecer o colega homossexual em sua particularidade e diferença. Dessa maneira, esses colaboradores também têm o mesmo destino daqueles colegas que disseram que “evitariam de conviver com o colega homossexual”. Isto é, parece que terão as suas ideias suprimidas por aqueles que reconhecem verdadeiramente a diversidade de grupos sociais. O mesmo vale para outros quatro alunos que, na pergunta 6, marcaram a terceira alternativa: “Não sei/desconheço a minha reação”. Esses quatro colaboradores representam um total de 5% dos que responderam a pergunta. Desses quatro alunos, dois são do sexo feminino (50%) e dois do sexo masculino (50%). Dois têm 15 anos, um deles tem 16 anos e o outro 18 anos. Três deles (75%) declararam pertencem à classe média e um deles à classe baixa.

Como os colaboradores que, por ventura, tenham se contradito nas respostas, não conseguem reconhecer o colega homossexual, bem como a todo um grupo social, há outros que, em suas respostas, apresentaram coerência e semelhança forte com a teoria do reconhecimento. Esses alunos, conhecidos por Hélio, Argônio, Xenônio, Criptônio, Radônio e Neônio, realmente reconhecem os homossexuais por sua diferença. Se tomar por base tais colaboradores, percebe-se que Alfa e Ômega alcançam sua meta, que é o reconhecimento por suas particularidades, é saber que fazem e fizeram parte de uma relação intersubjetiva. É saber que, nesse momento, Ômega é reconhecido e estimado socialmente como também é Alfa. Percebem que há outros indivíduos que passaram por este mesmo processo; e neles se conhecem e reconhecem como iguais a si mesmo. Desta maneira, a ciência do saber está manifestada nos sujeitos.

Do contrário, se Alfa não tivesse reconhecido e nem sido reconhecido, ele “seria a solidão sem vida” (HEGEL, 2008, p.545), continuaria a ter dentro de si o mal e a viver nas noites escuras da alma. Isto é, seria, ainda, um ser ligado à certeza sensível, maltratando e conflituando com Ômega. Isto é o que ocorreu com aqueles colaboradores que marcaram alternativa a 2 (evitaria de conviver com o colega homossexual) ou que possuem um falso e ausente reconhecimento. Porém, como Alfa e Ômega consolidaram sua relação intersubjetiva, cada um tem sua essência reconhecida por si mesmo, assim como reconhece a essência do outro como um igual a si. Para Honneth (2009, p. 154) a solidariedade, portanto, vem a ser

O gênero de relação social que surge quando o amor, sob a pressão cognitiva do direito, se purifica, constituindo-se em uma solidariedade universal entre os membros de uma coletividade; visto que nessa atitude todo sujeito pode respeitar o outro em sua particularidade individual, efetua-se nela a forma mais exigente de reconhecimento recíproco.

Assim, é possível afirmar que “as relações [...] da sociedade devem ser sucessivamente liberadas das unilaterizações e particularizações ainda existentes: eis a ‘existência da diferença’ [...] levando a uma unidade do universal e do particular”. (HONNETH, 2009, p. 44). Tem-se o reconhecimento, o movimento do reconhecimento. Diz-se movimento, pois, segundo Honneth (2009, p. 47), isso representa

A estrutura de uma tal relação de reconhecimento recíproco. [...] [Daí] na medida em que se sabe reconhecido por um outro sujeito em algumas de suas capacidades e propriedades e nisso está reconciliado com ele, um sujeito sempre virá a conhecer, ao mesmo tempo, as partes de sua identidade inconfundível e, desse modo, também estará contraposto ao outro novamente como um particular.

Além disso, outra razão que se diz “movimento” é porque

Os sujeitos, no quadro de uma relação já estabelecida [...], vêm sempre a saber algo mais acerca de sua identidade particular, pois trata-se em cada caso até mesmo de uma nova dimensão de seu Eu que veem confirmada, eles abandonam novamente a etapa [...] alcançada, também de modo conflituoso, para chegar de certa maneira ao reconhecimento de uma forma mais exigente da individualidade; nesse sentido, o movimento de reconhecimento que subjaz a uma relação [...] entre sujeitos consiste num processo de etapas de reconciliação e de conflito ao mesmo tempo, as quais subsistem umas às outras. (HONNETH, 2009, p. 47).

Frente a isso, quando os sujeitos realizam tal processo, “terão chegado de modo conseqüente ao ponto final, em que o espírito se diferenciou completamente e, nesse sentido, alcançou [a consolidação da relação intersubjetiva]”. (HONNETH, 2009, p. 70). Isso quer dizer que, para Hegel, no entendimento de Honneth (2009, p. 272), que o reconhecimento, a relação intersubjetiva faz com que os sujeitos cheguem “a novas formas de autorrelação positiva”. Como a autorrelação entre os sujeitos também constitui uma relação solidária entre eles, pois criou-se espaço para o reconhecimento intersubjetivo da

Identidade pessoal: os indivíduos se constituem como pessoas unicamente porque, da perspectiva dos outros que assentem ou encorajam, aprendem a se referir a si mesmos como seres a que cabem determinadas propriedades e capacidades. A extensão dessas propriedades e, por conseguinte, o grau da autorrealização positiva crescem com cada nova forma de reconhecimento, a qual o indivíduo pode referir a si mesmo como sujeito: desse modo, está inscrita na experiência do amor a possibilidade da autoconfiança, na experiência do reconhecimento jurídico, a do autorrespeito e, por fim, na experiência da solidariedade, a da autoestima. (HONNETH, 2009, p. 272)

Por tais motivos, Alfa e Ômega têm em si – e sabem dentro de si – a infinitude de seu mundo. Em outras palavras, é possível dizer que “do cálice desse reino dos espíritos, espuma até ele sua infinitude” (HEGEL, 2008, p. 545), ou seja, Alfa e Ômega, embora diversos, são iguais. Alcançam a unidade espirituada, onde cada um é si próprio e são, ao mesmo tempo, um só. Alfa um momento, Ômega outro. Porém, Alfa caminhou até Ômega, “recomeça de um nível mais alto”, mas não deixa de ser Alfa quando está em Ômega. Do mesmo modo, Ômega não deixa de ser ele mesmo, quando Alfa está em si. Alfa é o princípio e o fim, e Ômega é o fim e o princípio da infinitude. É a fusão dos opostos e Ouroboros está presente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homofobia e, como consequência, o conflito homofóbico desencadeado na escola, se analisados pela teoria do reconhecimento, causam, nos indivíduos prejudicados, uma forte experiência de desrespeito. Quando isso acontece, a imagem positiva que os homossexuais tinham adquirido de si próprios adoece, pois Honneth concebe três formas de reconhecimento intersubjetivo, pelas quais os sujeitos precisam passar para serem estimados por sua particularidade: elas são o amor, o direito e a solidariedade. Porém, o próprio filósofo afirma que, para cada forma de reconhecimento, também há o seu correspondente negativo, isto é, aquele lado que causa o desrespeito pela particularidade dos grupos sociais.

Assim, quando os homossexuais não são amados por sua orientação sexual (primeira forma do reconhecimento), Honneth entende que há maus tratos e violação para com eles. Saavedra (2007, p. 108) aduz que

Nesta forma de desrespeito o componente da personalidade atacado é aquele da integridade psíquica, ou seja, não é diretamente a integridade física que é violentada, mas sim o auto-respeito que cada pessoa possui de seu corpo e que é adquirido por meio do processo intersubjetivo de socialização originado através da dedicação amorosa.

Mais adiante, ao que tange à segunda maneira de reconhecimento que é o direito, Honneth argumenta que a sua forma de desrespeito seria a privação de direitos. Saavedra (2007, p. 108) diz que:

Nesta esfera do reconhecimento, o componente da personalidade que é ameaçado é aquela da integridade social. Também aqui o desrespeito se refere a um tipo específico de auto-relação, a saber, o auto-respeito. Central para a análise feita por Honneth das formas de desrespeito é o fato de que todo o tipo de privação violenta da autonomia deve ser vista como vinculada a uma espécie de sentimento. O sentimento de injustiça ocupa um papel importante na análise que Honneth faz do direito. Porém, apesar de Honneth ressaltar em um primeiro momento o papel do sentimento de injustiça, logo em seguida a sua análise passa a considerar um tipo de respeito cognitivo da capacidade de responsabilidade moral, que um ator social vivência numa situação de desrespeito jurídico. Portanto, o que significa ser uma capacidade para responsabilidade moral de uma pessoa deve ser medido no grau de universalização e também no grau de materialização do direito.

Já a terceira forma de reconhecimento é a solidariedade. A sua forma negativa, relacionada ao desrespeito, é a

Degradação moral e a injúria. Honneth entende que a dimensão da personalidade ameaçada é aquela da dignidade. A experiência de desrespeito deve ser encontrada na degradação da auto-estima, ou seja, a pessoa aqui é privada da possibilidade de desenvolver uma estima positiva de si mesma. (SAAVEDRA, 2007, p. 108-109).

Essas formas de desrespeito, as quais Honneth afirma que causam, nos indivíduos e, como consequência nos grupos sociais afetados, um sentimento de injustiça

Devem ser vistas como o estopim *par excellence* da luta por reconhecimento. [Assim], Honneth procura mostrar que uma experiência social de desrespeito atua como uma forma de freio social que pode levar à paralisia do indivíduo ou de um grupo social. Por outro lado, ela mostra o quanto o ator social é dependente do reconhecimento social. [...] A experiência do desrespeito, então, deve ser tal que forneça a base motivacional da luta por reconhecimento, porque essa tensão [...] só pode ser superada quanto o ator social estiver em condições de voltar a ter uma participação ativa e sadia na sociedade. (SAAVEDRA, 2007, p. 109).

Diante das formas negativas (desrespeito), foi possível trabalhar com a certeza sensível hegeliana e verificar que qualquer atitude na qual se exponha que a homoafetividade e os homossexuais são pecadores, doentes, estranhos, entre outras características desse teor, são consideradas preconceituosas e/ou homofóbicas. Como essa ideia não foi discutida, nem trabalhada, pois proveio sem os sujeitos interagirem, pode ser considerada como uma falsa verdade ou um pensamento sensível. Assim, uma das questões da pesquisa indagava acerca da formação do preconceito. Partindo disso, pode-se afirmar que ele é proveniente da certeza sensível, de uma ideia não refletida, não conhecida e nem reconhecida pelos sujeitos. Sendo assim, é que aflora a homofobia na escola bem como na sociedade. Ela ocorre em forma de conflito prejudicando aquele que tem sentimentos homoafetivos ou alguém que defenda o reconhecimento dos homossexuais.

Desse modo, há a procura por tentar solucionar o conflito homofóbico na escola. Essa tentativa de solução pode ser feita através da teoria do reconhecimento. Para isso, os sujeitos (aqueles que agredem, bem como aqueles que são agredidos) precisam interagir entre si para que possam ter a sua identidade particular reconhecida pelo outro. Daí se falar em amor, que é a primeira forma de reconhecimento. Para isso, há a preocupação com o fato de que, no momento em que um sujeito se coloca no lugar do outro, pode começar a compreender o seu parceiro de interação.

Contemplando tal pensamento, verifica-se que, quando os sujeitos que agredem o colega homossexual passam a ver o conflito do ponto de vista desse colega, conseguem compreender que a homoafetividade também é uma orientação sexual, tal qual a heteroafetividade, porém o objeto de desejo e atração para as pessoas é diverso. Desse modo, os sujeitos conseguem amar uns aos outros como a si mesmos. Amam a particularidade do outro, para terem a sua diversidade amada. Com isso, o conflito homofóbico começa a ser compreendido e, como consequência, afastado da comunidade escolar no momento em que um começa a se colocar no lugar do outro.

A partir disso, os sujeitos começam a buscar o reconhecimento mútuo no âmbito jurídico e, como consequência, na sociedade, entre os vários grupos sociais. Desse modo, para Honneth há

Uma espécie de mudança estrutural na base da sociedade, à qual corresponde também uma mudança estrutural nas relações de reconhecimento: ao sistema jurídico não é mais permitido atribuir exceções e privilégios às pessoas da sociedade em função de seu status. Pelo contrário, o sistema jurídico deve combater estes privilégios e exceções. O direito então deve ser geral o suficiente para levar em consideração todos os interesses de todos os participantes da comunidade [...]. [A partir disso] a luta por reconhecimento deveria então ser vista como uma pressão sob a qual permanentemente novas condições para a participação na formação pública da vontade vêm à tona. [...] [Assim] reconhecer-se reciprocamente como pessoas jurídicas significa hoje muito mais do que no início do desenvolvimento do direito: a forma de reconhecimento do direito contempla não só as capacidades abstratas de orientação moral, mas também as capacidades concretas necessárias para uma existência digna; em outras palavras, a esfera do reconhecimento jurídico cria condições que permitem ao sujeito desenvolver auto-respeito. No caso da forma de reconhecimento do direito são postas em relevo as propriedades gerais do ser humano. (SAAVEDRA, 2007, p. 104-106).

Desse modo, quando o sujeito passa a entender que o seu parceiro de interação é digno dos mesmos direitos que lhe são conferidos, há um reconhecimento no âmbito jurídico. Isso tem consequências na esfera social, pois “são postas em relevo as propriedades que tornam o indivíduo diferente dos demais, ou seja, as propriedades de sua singularidade”. (SAAVEDRA, 2007, p. 106). Diante disso, começa a construção de uma identidade social baseada na diversidade, em que a particularidade daqueles sujeitos que são oprimidos por outros possam ser reconhecidos em seus direitos. Começa um fortalecimento e uma consolidação da identidade social e coletiva.

Sendo assim, começa a mencionar a terceira forma do reconhecimento, que vem para afastar a sua correspondente no campo do desrespeito. Fala-se, portanto, em solidariedade. Honneth entende que a solidariedade traz um novo tipo de

Individação que não pode ser negada. [...] [Ela] deveria dar vista, então, como um meio social a partir do qual as propriedades diferenciadas dos seres humanos venham à tona de forma genérica, vinculativa e intersubjetiva. (SAAVEDRA, 2007, p. 106).

Desse modo, essa individuação traz em si a autoestima, portanto, a “solidariedade está vinculada [...] à condição de relações sociais simétricas de estima entre indivíduos autônomos e à possibilidade de os indivíduos desenvolverem a sua auto-realização”. (SAAVEDRA, 2007, p. 107). Essa simetria possibilita que os vários sujeitos vivenciem o reconhecimento de suas particularidades, como consequência, tal afirmação parece conceder

resposta à terceira questão secundária,⁹ que se encontra expressa nas questões de pesquisa. Ela possibilita pensar que, quando cada pessoa ou grupo social se coloca no lugar do outro, consegue reconhecê-lo e tem esse objetivo porque os sujeitos estimam-se de maneira simétrica e se solidarizam com os outros. Ocorre que, para se chegar a esse nível de reconhecimento e abandonar as ideias e o preconceito que a certeza sensível proporcionava, foi preciso os sujeitos interagirem entre si e procurarem uma solução para aquele conflito que os incomodava. Essa solução parece estar atrelada ao modo como a escola trabalha com os conflitos (quarta questão secundária¹⁰). Para isso, foram propostas algumas atividades que podem permitir uma tentativa de responder essa questão e que, talvez, possam ajudar na solução dos conflitos homofóbicos.

Diante disso, ainda pode-se pensar em uma última questão: “de qual modo a teoria do reconhecimento pode contribuir para compreender e solucionar os conflitos homofóbicos na escola?” Possivelmente a resposta já tenha sido demonstrada, mesmo que de maneira implícita. Entretanto, é importante frisar que quando se está no campo da teoria do reconhecimento, Honneth “parte do princípio que uma pessoa desenvolve a capacidade de sentir-se valorizada somente quando as suas capacidades individuais não são mais avaliadas de forma coletivista”. (SAAVEDRA, 2007, p. 106-107). Em outras palavras, pode-se dizer que as capacidades individuais, como, por exemplo, a homoafetividade não pode ser tomada de modo coletivista para ser reconhecida. Isto é, não se pode ficar esperando proteger os homossexuais dos conflitos homofóbicos quando todos os membros de uma sociedade os aceitarem e reconhecerem. É preciso protegê-los e dar assistência no momento em que a sua identidade ainda não é aceita pela maioria das pessoas, bem como pela maioria dos grupos sociais. Afirma-se isso, pois, somente assim haverá

Uma abertura do horizonte valorativo de uma sociedade às variadas formas de auto-realização pessoal. [...] [Isto é], há uma busca individual por diversas formas de auto-realização [...] que permita o desenvolvimento da concepção de um pano de fundo moral que sirva de ponto de referência para avaliação social da moralidade faz da sociedade [...] uma espécie de arena na qual se desenvolve ininterruptamente uma luta por reconhecimento: os diversos grupos sociais precisam desenvolver a capacidade de influenciar a vida pública a fim de que sua concepção de vida boa encontre reconhecimento social e passem [...] a fazer parte do sistema de referência moral que constitui a autocompreensão cultural e moral da comunidade em que estão inseridos. (SAAVEDRA, 2007, p. 107).

Isso faz com que se pense que é acolhendo e, principalmente, reconhecendo os homossexuais, no momento em que eles sofrem o preconceito (o ato de desrespeito), que a

⁹ Quando um indivíduo sai de si, coloca-se no lugar do outro e retorna para si modificado, pode-se dizer que houve o reconhecimento do outro?

¹⁰ De que modo a escola pode trabalhar com os conflitos homofóbicos, na tentativa de solucioná-los, utilizando-se da teoria do reconhecimento?

escola estará contribuindo para a formação de uma sociedade que ame, reconheça direitos e se solidarize com a diversidade.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO. **Novo dicionário eletrônico**. Curitiba: Positivo, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BELMAR, Alejandro Muñoz. O jogo de papéis: recurso metodológico para a resolução de conflitos escolares. In: VINYAMATA, Eduard (Org.). **Aprender a partir do conflito**: conflitologia e educação. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 99-112.

BRASIL. Constituição de 1988. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 05 de outubro de 1988. Atualizada até a Emenda n. 57, de 18-12-2008. Disponível em: <<http://www.presidencia.gov.br/legislacao>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

BURGUET, Marta. Diante do conflito: uma aposta na educação. In: VINYAMATA, Eduard (Org.). **Aprender a partir do conflito**: conflitologia e educação. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 41-49.

BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. **Parcerias homossexuais**: aspectos jurídicos. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2002.

CECHIN, Andréa Forgiarini. **Vivências em espaços educativos**: constituição de identidades homossexuais em homens adultos. 2006. 156f. Tese (Doutorado em Educação)–Curso de Pós-Graduação em Educação–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CELICH, Grasiela Cristine. **A possibilidade jurídica do casamento homoafetivo no Brasil**. Santa Maria: AGBook, 2011.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola**: como os sociólogos franceses abordam essa questão. In: Revista Sociologias. Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 432-443, jul./dez. 2002.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno tratado das grandes virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CORTELLA, Mário Sérgio; LA TAILLE, Yves de. **Nos labirintos da moral**. São Paulo: Papirus, 2005.

DANI, Grasiela Cristine Celich. **A possibilidade jurídica do casamento homoafetivo no Brasil**. 2009. 1ª parte, 143f. Monografia (Graduação em Direito)–Faculdade de Direito de Santa Maria, Santa Maria, 2009.

_____. Lúcia Salete Celich (Org). **Cenas e cenários**: reflexões sobre educação. Santa Maria: Palloti, 1999.

_____. **A relação pedagógica e suas imbricações na construção da personalidade moral**. 2003. 228f. Tese (Doutorado em Educação)–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2003.

DARINO, Marta Susana; OLIVEIRA, Mirta Gomez. **Resolución de conflictos en las escuelas: proyectos y ejercitación.** Buenos Aires: Espacio Editorial, 2007.

DIAS, Maria Berenice. **Conversando sobre homoafetividade.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2004.

_____. **União homossexual: o preconceito & a justiça.** 3. ed. rev. atual. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2006.

FERNANDES, Taísa Ribeiro. **Uniões homossexuais: efeitos jurídicos.** São Paulo: Método, 2004.

FONTANELLA, Patrícia. **União homossexual no direito brasileiro: enfoque a partir do garantismo jurídico.** Florianópolis: OAB/SC, 2006.

GIRARDI, Viviane. **Famílias contemporâneas, filiação e afeto: a possibilidade jurídica da adoção por homossexuais.** Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

HEGEL. G.W.F. **Fenomenologia do espírito.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

HOMOFOBIA. <http://pt.wikipedia.org/wiki/homofobia>. Acesso em 03 de agosto de 2010.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

JOCA, Alexandre Martins. **Diversidade sexual na escola: um “problema” posto à mesa.** 2008. 182f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

LONGARAY, Deise Azevedo. **“Eu já beijei um menino e não gostei, aí beijei uma menina e me senti bem”:** um estudo das narrativas de adolescentes sobre homofobia, diversidade sexual e gênero. 2010. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Programa de Pós-Graduação em Ciências: Química da Vida e Saúde – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande – RS, 2010.

LOPES, José Reinaldo de Lima. O direito ao reconhecimento para gays e lésbicas. In: GOLIN, Célio; POCAHY, Fernando Altair; RIOS, Roger Raupp (Org.). **A justiça e os direitos de gays e lésbicas: jurisprudência comentada.** Porto Alegre: Sulina, 2003. p. 13-36.

MATOS, Ana Carla Harmatiuk. **União entre pessoas do mesmo sexo: aspectos jurídicos e sociais.** Belo Horizonte: Del Rey, 2004.

MAYA, Beatriz Muñoz. Educar para a administração alternativa de conflitos como via de aprofundamento da democracia. In: VINYAMATA, Eduard (Org.). **Aprender a partir do conflito: conflitolgia e educação.** Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 75-83.

MELO, Filipe Augusto Barreto Campelo de. **A reestruturação da eticidade: a atualização do conceito hegeliano de eticidade na teoria do reconhecimento de Axel Honneth.** 2008. 155f. Dissertação (Mestrado em Filosofia)–Programa de Pós-Graduação em Filosofia–Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

MELLO, Celso Antônio Bandeira de. **Conteúdo jurídico do princípio da igualdade**. 3. ed. São Paulo: Malheiros, 2004.

NÓBREGA, Francisco Pereira. **Compreender Hegel**. 5. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MÜLLER, Wunibald. **Pessoas homossexuais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. **A sexualidade vista pelos tribunais**. Belo Horizonte: Del Rey, 2000.

QUARTIERO, Eliana Teresinha. **A diversidade sexual na escola; produção de subjetividade e políticas públicas**. 2009. 146f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)– Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

QUERA, Pilar. O conflito: escutar, aprender e criar. In: VINYAMATA, Eduard (Org.). **Aprender a partir do conflito: conflitolgia e educação**. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 125-144.

RIESENFELD, Rinna. **Papai, mamãe, sou gay: um guia para compreender a orientação sexual dos filhos**. São Paulo: Summus, 2002.

RIOS, Roger Raupp. **A homossexualidade no direito**. Porto Alegre: Livraria do Advogado Editora & Esmafe, 2001.

SAAVEDRA, Giovanni Agostini. A teoria crítica de Axel Honneth. In: SOUZA, Jessé; MATTOS, Patrícia. (Org.). **Teoria crítica no século XXI**. São Paulo: Annablume, 2007. p. 95-11.

SCHÄFER, Jairo. **Classificação dos direitos fundamentais: do sistema geracional ao sistema unitário: uma proposta de compreensão**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

SILVA, Rosane R. da. A união entre pessoas do mesmo sexo: uma relação marginal às portas da esfera jurídica. In: BRAUNER, Maria Cláudia Crespo (Org.). **O direito de família: descobrindo novos caminhos**. São Leopoldo: Edição da autora, 2001. p. 42-60.

_____. Cláudio Roberto da. **A igualdade ainda vai chegar: desafios para a construção da “cultura do respeito” aos direitos de cidadania do segmento LGBTT em uma escola pública do município de São Paulo**. 2010. 200f. Tese (Doutorado em Educação)– Programa de Pós-Graduação em Educação–Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SOUZA, Leonardo Lemos de. **Modelos organizadores, gênero e moral na resolução de conflitos entre jovens na escola**. 2008. 219f. Tese (Doutorado em Educação)– Programa de Pós-Graduação em Educação–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

WERLE, Denilson Luis; MELO, Rúrion Soares. Reconhecimento e justiça na teoria crítica da sociedade em Axel Honneth. In: NOBRE, Marcos (Org.). **Curso livre de teoria crítica**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2008. p. 183-198.

ANEXO A

Questionário

Idade: ____ Sexo: Feminino () Masculino () Nível Socioeconômico _____

Questão 1)

- a) Qual o seu pensamento, sua opinião acerca dos homossexuais, bem como sobre a homoafetividade/homossexualidade?

- b) Tomando por base a sua resposta na “letra a”, exponha, agora, de onde ou de quem você aprendeu o seu pensamento, a sua opinião acerca dos homossexuais bem como da homoafetividade/homossexualidade.

Questão 2)

- a) Se você tivesse, seja em sua sala de aula, ou até mesmo em sua escola um colega seu, que fosse homossexual e que estivesse sofrendo discriminações por parte de outros colegas, como você agiria?

- b) Agora, suponha que fosse você quem sofresse discriminações, por causa de sua orientação sexual, dentro da escola. Perguntasse: o que você faria? Como você agiria? Você gostaria de ser excluído por causa de sua orientação sexual?

Questão 3)

- a) Como você pensa que o relacionamento com seus colegas deve ser pautado? Em quais deveres ou valores? Você acha importante respeitar o modo de ser de todos os seus colegas? Por quê?

- b) Tomando por base a sua resposta na “letra a” desta questão, você incluiria um colega seu que tivesse sentimentos homoafetivos? Por quê?

Questão 4 - De acordo com a sua resposta, colocada na questão nº 1, letras “a” e “b”, você já procurou refletir acerca de seu próprio pensamento e/ou ideia? Já pensou se o seu pensamento está equivocado ou não? Por quê? Justifique sua resposta.

Questão 5 - O que é homofobia para você?

- () Discriminação contra homossexuais
- () Não sei/desconheço o termo
- () Aquele indivíduo que não tem preconceito contra homossexuais

Questão 6 - Se você tivesse colega que fosse homossexual na mesma escola e/ou sala de aula em que estuda, como você se comportaria em relação a este colega?

- () Trataria da mesma maneira como os outros colegas, isto é, respeitaria e seria amigo (a).
- () Evitaria de conviver com ele, mas também não o desprezaria nem o excluiria. (seria indiferente)
- () Não sei/desconheço a minha reação.

ANEXO B

TERMO DE ESCLARECIMENTO DA PESQUISA

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Prezada Senhora Diretora (nome da diretora da escola)

Este termo tem por objetivo esclarecer e solicitar a sua autorização para que os alunos do Ensino Médio da sua escola participem da pesquisa para a dissertação de mestrado intitulada “OS CONFLITOS HOMOFÓBICOS NA ESCOLA E A TEORIA DO RECONHECIMENTO”, sob a orientação do Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM).

A pesquisa tem como objetivo principal discutir de qual modo a teoria do reconhecimento de Friederich Hegel e Axel Honneth pode contribuir para compreender e solucionar os conflitos homofóbicos na escola, entre alunos do Ensino Médio.

A partir disso, será aplicado um questionário para os alunos, contendo seis indagações. Quatro dissertativas e duas de múltipla escolha. Tendo sido realizada a coleta de dados, essas respostas serão analisadas e, posteriormente, serão organizadas e apresentadas a todos os interessados por esses temas e, principalmente, à comunidade escolar para que tenham melhores condições de trabalhar e solucionar os conflitos homofóbicos que por ventura possam ocorrer na escola.

Cabe ressaltar que o questionário preservará o anonimato do(a) colaborador(a). Serão solicitados apenas dados que possam contribuir para a compreensão e interpretação das

informações coletadas, como nível socioeconômico, sexo e idade do(a) colaborador(a). Além disso, o(a) aluno(a) não é obrigado a responder a pesquisa.

O questionário será aplicado no período de aula, pela professora (nome da professora), responsável pela disciplina (nome da disciplina) no Ensino Médio de sua escola.

Esperando ter informado Vossa Senhoria do projeto “Os conflitos homofóbicos na escola e a teoria do reconhecimento”, agradeço e me coloco a disposição para mais informações ou esclarecimentos através do e-mail (endereço do e-mail da autora da dissertação).

Atenciosamente,

Grasiela Cristine Celich Dani

Acreditando ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações que li ou que foram lidas por mim, descrevendo a pesquisa de dissertação: “Os conflitos homofóbicos na escola e a teoria do reconhecimento”.

Santa Maria, 11 de abril de 2011

(nome e assinatura da diretora da escola)

Declaro que obtive de forma apropriada o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) Diretor(a) da escola para a coleta de dados para minha pesquisa.

Santa Maria, 11 de abril de 2011

Grasiela Cristine Celich Dani

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

CENTRO DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Prezada Senhora Diretora (nome da diretora da escola)

Este termo tem por objetivo esclarecer e solicitar a sua autorização para que os alunos do Ensino Médio da sua escola participem da pesquisa para a dissertação de mestrado intitulada “OS CONFLITOS HOMOFÓBICOS NA ESCOLA E A TEORIA DO RECONHECIMENTO”, sob a orientação do Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (PPGE/UFSM).

A pesquisa tem como objetivo principal discutir de qual modo a teoria do reconhecimento de Friederich Hegel e Axel Honneth pode contribuir para compreender e solucionar os conflitos homofóbicos na escola, entre alunos do Ensino Médio.

A partir disso, será aplicado um questionário para os alunos, contendo seis indagações. Quatro dissertativas e duas de múltipla escolha. Tendo sido realizada a coleta de dados, essas respostas serão analisadas e, posteriormente, serão organizadas e apresentadas a todos os interessados por esses temas e, principalmente, à comunidade escolar para que tenham melhores condições de trabalhar e solucionar os conflitos homofóbicos que por ventura possam ocorrer na escola.

Cabe ressaltar que o questionário preservará o anonimato do(a) colaborador(a). Serão solicitados apenas dados que possam contribuir para a compreensão e interpretação das

informações coletadas, como nível socioeconômico, sexo e idade do(a) colaborador(a). Além disso, o(a) aluno(a) não é obrigado a responder a pesquisa.

O questionário será aplicado no período de aula, pela professora (nome da professora), responsável pela disciplina (nome da disciplina) no Ensino Médio de sua escola.

Esperando ter informado Vossa Senhoria do projeto “Os conflitos homofóbicos na escola e a teoria do reconhecimento”, agradeço e me coloco a disposição para mais informações ou esclarecimentos através do e-mail (endereço do e-mail da autora da dissertação).

Atenciosamente,

Grasiela Cristine Celich Dani

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Dissertação: Os conflitos homofóbicos na escola e a teoria do reconhecimento.

Autora da Dissertação: Grasiela Cristine Celich Dani

Orientador: Prof. Dr. Phil Jorge Luiz da Cunha

Instituição: Universidade Federal de Santa Maria/Centro de Educação/Programa de Pós-Graduação em Educação.

Eu, (nome da diretora da escola), diretora da Escola Estadual (nome da escola), declaro ter tomado conhecimento do projeto de dissertação “Os conflitos homofóbicos na escola e a teoria do reconhecimento” e dos procedimentos metodológicos relacionados as entrevistas que serão realizadas na disciplina (nome da disciplina) sob responsabilidade da professora (nome da professora), em turmas do Ensino Médio, tendo-as autorizados.

Santa Maria, 11 de abril, 2011.

(nome e assinatura da diretora da escola)